

TEMAS PASTORAIS



SELEÇÃO DE TEXTOS

ECCLESIA - 2024

SUMÁRIO

Os «Credos Ecumênicos»	6
Credo Apostólico (Séc. VI)	6
Credo Niceno-Constantinopolitano (381)	7
Credo de «Atanásio»	8
Guia Pastoral	13
1. Jejum	13
2. A Santidade da Vida Humana	16
3. Instruções para matrimônios, divórcios, batismos, exéquias e responsos	20
O jejum	27
A Oração e o Jejum	35
O Jejum e a Abstinência	38
O jejum e a unidade	40
O Jejum na Igreja Ortodoxa	44
Regras para a vida cristã-ortodoxa	52
1. Sobre o Sacramento do Matrimônio	52
3. Sobre o Sacramento da Penitência	56
4. Sobre a Unção dos Enfermos	57
5. Sobre as Exéquias ou Ofício Fúnebre	58
6. Ofícios em intenção dos falecidos	59
7. A Cremação	59
8. O Suicídio	60
9. O Aborto	60
10. O Suicídio assistido - eutanásia	61
11. Sobre os Sacramentos do Batismo e da Crisma	61
CONTRACEPÇÃO: O que nos ensina a Igreja Ortodoxa	66
Controle de natalidade vs. Contracepção	66

O propósito do sexo	67
Ensinos da Igreja Ortodoxa sobre contracepção	68
A igreja condena o controle de natalidade hormonal se houver uma razão médica?	69
Conclusão	70
O Batismo	71
O nome	71
Quando se dá o nome	73
A bênção no «Rito de Imposição do Nome»	74
O «Ofício de Imposição do Nome»	75
Por que celebramos as festas	76
O conteúdo da festa cristã na Igreja	76
A dimensão eucarística da festa	77
Por que honramos aos santos	78
Os ícones de nossos santos	79
Sobre o casamento na Igreja.....	81
Quem pode se casar na Igreja Ortodoxa?	81
O Santo Sacramento do Matrimônio	88
Amor, sexualidade e casamento	91
1. Encontro do ser amado e encontro de Cristo	92
A oração oficial da Igreja Ortodoxa	97
Parte I	97
Ofícios Divinos da Igreja Ortodoxa	97
Comportamento no templo	105
Sobre a Bênção	106
Sobre o canto na Liturgia	106
Das pessoas que celebram os Ofícios Divinos	107
Paramentos litúrgicos e vestes eclesíásticas	108
Paramentos e insígnias.....	111
Parte II	114
Diversas partes dos Ofícios Divinos públicos fixos	114
Sobre o Dízimo.....	145

O «Demônio» nos textos das Escrituras Sagradas e na Santa Tradição	158
Possessão diabólica.....	161
A tentação	164
O exorcismo.....	166
O «Diabo», segundo a Doutrina da Igreja	169
Sobre a Maçonaria	172
O que separa ortodoxos e católicos-romanos?	181
Diferenças culturais.....	183
Viver de acordo ao que se diz crer.....	186
Por que católicos romanos e ortodoxos celebram a Páscoa em datas diferentes?	189
Temos o mesmo Deus que os não-cristãos?	192
Os Ortodoxos e os Calendários – Juliano e Gregoriano.....	199
O Calendário juliano.....	199
O Calendário gregoriano	199
Quaresma	202
QUARESMA: Outono do Tempo Litúrgico	204
Perdão e Semana Santa.....	210
Luz e Ressurreição.....	212
A Festa da Páscoa	216
A Sexta Feira Santa.....	217
O Sábado Santo.....	217
A Noite Pascal	218
O Sinal da Cruz.....	219
A Cruz Ortodoxa.....	221
Sobre a «Metanóia».....	223
Por que acendemos velas?	225

Por que acender velas?	230
O uso do véu na Igreja Ortodoxa	235
Por que os cristãos ortodoxos ficam de pé durante os ofícios litúrgicos?.....	242
O Incenso	247
O Canto Litúrgico Bizantino.....	255
A Procissão	257
O uso do Manjerição na Liturgia da Igreja Ortodoxa	261
O «cantinho dos ícones» no lar ortodoxo	263
Literatura, cultura e a alma ocidental.....	267
A Tradição da Igreja	280
O Sinaxário na Tradição da Igreja	282
A participação do homem na sua salvação.	286
América Latina, Justiça social e Santos Padres I..	290
América Latina Justiça social e Santos Padres II..	293
América Latina Justiça social e Santos Padres III..	299
«Pensamento Social na Igreja Ortodoxa»	299
O Natal entre os ucranianos	302
«Foi Deus quem me escolheu».....	311
Deus não negocia!.....	316
Cristianismo e Comunismo	321



Os «Credos Ecumênicos»

Fonte: Presbyterian Church of Portugal

Credo Apostólico (Séc. VI)

Creio em Deus, Pai todo-poderoso,
criador do céu e da terra.
Creio em Jesus Cristo,
seu único Filho, nosso Senhor,
o qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo,
e nasceu da Virgem Maria.
Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos;
foi crucificado, morto e sepultado;
desceu ao lugar dos mortos;
ressuscitou ao terceiro dia;
subiu aos céus;
e está sentado à direita do Pai.
Voltará para julgar os vivos e os mortos.
Creio no Espírito Santo,
na santa Igreja católica,
na comunhão dos santos,
na remissão dos pecados,
na ressurreição do corpo,
e na vida eterna. Amem.

Credo Niceno-Constantinopolitano (381)

Creio em um só Deus, Pai *omnipotente*,
Criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis.

E em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho Unigênito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:

Luz da luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado não criado,
consubstancial ao Pai.

Por Ele todas as coisas foram feitas.
E, por nós, homens, e para a nossa salvação,
desceu dos céus:

e encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria,
e se fez homem.

E por nós foi crucificado
sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.

E ressuscitou ao terceiro dia,
conforme as escrituras;

E subiu aos céus,
onde está sentado à direita do Pai.
E de novo há de vir, em sua glória,
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu reino não terá fim.

E no Espírito Santo,
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai;
e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos profetas.
E na Igreja una, santa, católica e apostólica.
Professo um só batismo
para remissão dos pecados.
Espero a ressurreição dos mortos;
e a vida do mundo que há de vir. Amém.

Credo de «Atanásio»

Este Credo data do século IX e, portanto, não foi escrito por Atanásio [falecido em 373]; é também chamado "*Quicumque*" (*Quicumque vult salvus esse...*)

Todo o que quiser se salvar,
deve mais do que tudo ter a fé católica.
Aquele que não a guardar pura e inteira,
de certo perecerá eternamente.
A fé católica, pois, é esta:

Adoramos um Deus em Trindade
e a Trindade em Unidade.
Sem confundirmos as Pessoas ou dividir a substância.
Porque uma é a Pessoa do Pai,

outra a do Filho,
outra a do Espírito Santo.
Mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo
têm uma só divindade,
Glória igual e coeterna Majestade.
O que o Pai é, tal é o Filho e tal o Espírito Santo.
O Pai é increado, o Filho é increado
e o Espírito Santo é increado.
O Pai é imenso, o Filho é imenso
e o Espírito Santo é imenso.
O Pai é eterno, o Filho é eterno
e o Espírito Santo é eterno.
No entanto, não são três eternos, mas Um.
Bem como não há três imensos, nem três increados,
mas Um Increado e Um Imenso.
Semelhantemente o Pai é *Omnipotente*,
o Filho *Omnipotente*
e o Espírito Santo *Omnipotente*.
E contudo não são três *Omnipotentes*,
mas um *Omnipotente*.
Assim também o Pai é Deus,
o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus.
Do mesmo modo o Pai é Senhor,
o Filho é Senhor e o Espírito Santo é Senhor.
E apesar disso, não são três Senhores,
mas Um só Senhor.
Porque, como a verdade cristã nos obriga a confessar
que cada uma das Pessoas por si só é Deus e Senhor,

assim a religião católica proíbe-nos dizer
que há três Deuses ou três Senhores.
O Pai não foi feito por ninguém,
nem foi criado, nem gerado.
O Filho é do Pai somente;
não foi feito, nem foi criado, mas gerado.
O Espírito Santo é do Pai e do Filho;
não foi criado, nem gerado,
mas, deles procede.
Há, pois, um só Pai, e não três Pais;
um só Filho, e não três Filhos;
um só Espírito Santo, e não três Espíritos Santos.
E nesta Trindade não há primeiro nem último;
nem um é maior ou menor do que o outro;
mas as três pessoas são justamente
de uma mesma eternidade e igualdade.
De sorte que no todo como já se disse,
cumpre adorar a Unidade na Trindade
e a Trindade na Unidade.
Aquele, pois, que quiser salvar-se,
deve assim pensar e crer na Trindade.
Além disto é necessário,
para alcançar a salvação eterna,
crer fielmente na Encarnação
de nosso Senhor Jesus Cristo.
A verdadeira fé, pois, consiste em crermos
e confessarmos que nosso Senhor Jesus Cristo,
Filho de Deus, é Deus e Homem:

Deus, gerado do Pai antes do tempo ser tempo;
nascido em seu tempo da substância de sua Mãe.
Deus perfeito, e Homem perfeito:
com alma racional e carne humana.
Ele é igual ao Pai segundo a sua Divindade
e inferior ao Pai segundo a sua Humanidade.
O qual, apesar de ser Deus e Homem,
não é dois, mas um só Cristo.
Um, não pela conversão da Divindade em carne,
mas pela assunção da sua Humanidade em Deus.
Ele é inteiramente um, não por mistura de Substâncias,
mas porque é uma só Pessoa.
Porque assim como a alma racional
e a carne é um homem:
assim Deus e Homem é um Cristo.
O qual padeceu para nossa salvação,
desceu ao Hades,
ao terceiro dia ressurgiu dos mortos.
Subiu ao Céu
e está sentado à mão direita de Deus, Pai *Omnipotente*;
de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
A cuja vinda
todos os homens ressuscitarão com os seus corpos
e darão contas das suas próprias obras.
E os que tiverem trabalhado bem,
irão para a vida eterna;
e os que mal, para o fogo eterno.
Esta é a fé católica,

na qual o que não crer fielmente,
não poderá salvar-se.



Guia Pastoral

1. Jejum

Tal como há tempo para festejar, também há tempo para deixar tais coisas de lado e jejuar. Durante estes períodos, certos tipos de alimentos são proibidos. Estes são, por ordem de frequência da proibição: carne (incluindo aves), laticínios, peixes, azeite de oliva e vinho. Frutas, vegetais, grãos e mariscos são permitidos durante todo o ano.

Certamente, a Igreja Ortodoxa nunca reduz a prática de jejuar a um cumprimento legalista de regras dietéticas. O jejum que não é acompanhado por oração intensa e atos de caridade, chega inevitavelmente a ser fonte de orgulho. A Igreja também reconhece que nem todos podem jejuar da mesma forma e assume que o fiel cristão guardará o jejum que lhe é prescrito por seu pai espiritual.

1.1 - Dias e períodos de Jejum

- ✦ Todas as quartas e sextas-feiras, com algumas exceções.
- ✦ Dia anterior à Festa da Teofania (5 de janeiro).
- ✦ Semana do Queijo (a última semana antes do início da Quaresma quando a carne e o peixe são proibidos, mas os produtos lácteos são permitidos, inclusive nas quartas e sextas-feiras).

- ✦ Grande Quaresma (da segunda-feira do início da Quaresma (*Καθαρά Δευτέρα*) até a sexta-feira, antes do Sábado de Lázaro. Azeite de oliva e vinho são permitidos aos finais de semana).
- ✦ Grande Quaresma e Semana Santa (note-se que a Grande Quaresma e o Sábado Santo é um tempo de estrito jejum, durante o qual os fiéis se abstém de azeite de oliva e vinho).
- ✦ Jejum dos Santos Apóstolos (da segunda-feira após o Dia de Todos os Santos até 28 de junho, inclusive).
- ✦ Jejum da Festa da Dormição da Theotokos (de 1º a 14 de agosto, exceto o dia 6 de agosto, quando o peixe, o vinho e o azeite de oliva são permitidos).
- ✦ Jejum do dia da Decapitação de São João Batista (29 de agosto).
- ✦ Jejum do dia da Exaltação da Santa Cruz (14 de setembro).
- ✦ Quaresma da Natividade (de 15 de novembro ao dia 24 de dezembro: peixe, vinho e azeite de oliva são permitidos, exceto nas quartas e sextas feiras, até o dia 17 de dezembro).

1.2 - Os dias de Jejum nos quais o peixe, vinho e azeite de oliva são permitidos

- ✦ Na Festa da Anunciação da Theotokos (25 de março).

Obs.: Quando este dia cair fora do tempo da Grande Quaresma, qualquer alimento será permitido.

- ✦ No Domingo de Ramos.
- ✦ Na Festa da Transfiguração (6 de agosto).
- ✦ Na Festa da Entrada da Theotokos no Templo (21 de novembro).

1.3 - Dias em que todos os alimentos são permitidos

- ✦ Na primeira semana do Triódion (do Domingo do Fariseu e Publicano até o Domingo do Filho Pródigo, inclusive quartas e sextas-feiras).
- ✦ Na Semana da *Diakenisimos* (Semana Radiante - a semana após o Domingo de Páscoa).
- ✦ Na semana seguinte ao Domingo de Pentecostes.
- ✦ Na Festa da Natividade do Senhor (25 de dezembro) até 04 de janeiro.
- ✦



2. A Santidade da Vida Humana

Rev. Dr. Stanley S. Harakas, Professor de Teologia Ortodoxa
Escola Teológica Ortodoxa Santa Cruz
Trad: Pe. Pavlos Tamanini e Pe. André [Sperandio]

Um significativo e crescente interesse da Igreja surge de seu compromisso com Deus, o doador da santidade à vida humana. Alguns dos avanços de manipulação biológica da vida humana prometem incríveis sucessos terapêuticos; porém, também isto pode ser entendido como fator de enfraquecimento ao respeito à integridade da existência humana. Outros avanços poderiam ser vistos como provedores de novos meios para sanar enfermidades humanas. Discernir a diferença é o desafio que a Igreja enfrenta ao desenvolver seus ensinamentos nestes novos e emergentes assuntos.

2.1 - Vida Humana

O ensinamento da Igreja acerca da vida humana está baseado na Santa Tradição, incluindo as Escrituras, como fonte primária; o progressivo ensinamento e a interpretação da Fé ortodoxa. A vida é dom de Deus, na formação do mundo criado. Toda vida é preciosa, porém a vida humana é a única criada por Deus feita a sua imagem e semelhança. A vida humana, assim merece ser tratada com profundo respeito e, cada ser humano individual, deve ser tratado de acordo com sua inerente dignidade humana. Por isso, o racismo, os

preconceitos no trato do homem e da mulher, o genocídio, as formas de exploração sexual, a violência doméstica, o abuso às crianças, a violação, o roubo ou a destruição da legítima propriedade privada, o engano e a fraude, a contaminação ambiental e outras condutas de manipulação, violam a dignidade humana. A vida humana, como dom de Deus, deve ser respeitada. Alguns temas específicos que tratam do assunto.

2.2 - Doação de órgãos

Apesar de que, na Tradição Ortodoxa, nada refira-se que os fiéis doem seus órgãos, esta prática pode ser considerada como um ato de amor e, como tal, é aceita. A decisão de doar um órgão duplicado, como um dos rins, por exemplo, quando ainda se está vivo, requer profunda consideração e deve ser feita sob consulta e avaliação médica, como também pelo pai espiritual. A doação do órgão de uma pessoa falecida é também um ato de amor que possibilita ao receptor ter uma vida mais longa e íntegra. Estas doações são aceitas, se esta era a vontade do falecido, ou se seus parentes vivos assim permitirem, supondo que tal decisão esteja de acordo com a vontade de quem faleceu. Estas ações são aceitas quando forem expressão de amor e determinação do doador. Em todos os casos, porém, deve ser garantido o respeito ao corpo do doador. O transplante de órgãos não deve ser, em nenhuma hipótese, comercializado ou forçado ou ser feito sem o pleno consentimento do doador. Tão pouco a morte do doador deva ser antecipada para se conseguir órgãos para transplantar em outras pessoas.

2.3 - Cremação

A Fé ortodoxa afirma a bondade da Criação como sua nota fundamental e entende que o corpo é parte integral da pessoa humana, templo do Espírito Santo, e que espera a ressurreição dos mortos. A Igreja Ortodoxa considera que a cremação é uma profanação deliberada e uma destruição daquilo que Deus fez e ordenou para nós. A Igreja insiste que o corpo seja enterrado para que o processo natural da decomposição física tenha seu lugar. A Igreja não admite realizar ofícios fúnebres em seus templos, funerárias, ou em outro lugar específico, às pessoas que escolheram ser cremadas. Nestes casos, o Ofício religioso com o Tropário com ‘Koliva’ não é permitido, uma vez que, por semelhança, o ‘grão de trigo’ e o ‘corpo’ foram intencionalmente destruídos.

2.4 - Avanços medicinais e a Igreja

Frequentemente, novos avanços na área das ciências biológicas aparecem em nossa avançada cultura. A Igreja dá boas-vindas aos esforços e técnicas que contribuem para a cura das enfermidades humanas. Porém, muitos destes avanços aumentam os questionamentos morais. Algumas das respostas dadas pela Igreja a estes avanços estão baseadas em eventos passados dos quais a Igreja já tem um guia claro e inequívoco. Outras respostas não são tão evidentes. Assim, muitos destes avanços constituem desafios, sob os aspectos espirituais e valores morais, aos cristãos ortodoxos. Em muitos casos, a Igreja ainda está em processo de clarificação de respostas. No que segue indica-se as posições gerais e a orientação do pensamento da igreja Ortodoxa.

2.5 - Sexualidade

A Igreja Ortodoxa reconhece o Matrimônio como único contexto moral adequado às relações sexuais. Assim, outras formas de prática sexual como fornicação, adultério, homossexualidade, lesbianismo, pornografia, e todas as múltiplas formas de prostituição e comportamentos similares são considerados pecados, como também atitudes inadequadas aos cristãos ortodoxos. O único matrimônio reconhecido e abençoado pela Igreja Ortodoxa é aquele entre um homem e uma mulher. Casamentos entre pessoas do mesmo sexo não são aceitos nem permitidos pela Igreja Ortodoxa.

2.6 - Aborto

Desde os primórdios de sua existência, a Igreja busca proteger a vida intrauterina e, em sua teologia e cânones, considera o aborto como uma forma de assassinato. Cristãos ortodoxos estão advertidos de não fomentar nas mulheres o pensamento à prática do aborto, tão pouco ajudar a cometê-lo. Aqueles que assim o fazem, estão cometendo um ato imoral e são chamados ao arrependimento.

2.7 - Suicídio

O suicídio, tirar a sua própria vida, é uma forma de assassinato contra si mesmo e, como tal, é pecado. Acima de tudo, o suicídio evidencia a falta de fé em nosso Deus que nos ama, perdoa e nos sustenta. Se uma pessoa cometeu suicídio acreditando que esta ação é resultado de uma decisão baseada na razão, e eticamente defensável, a Igreja Ortodoxa

lhe nega o funeral, já que tais crenças e ações separam a pessoa da comunidade de fé. Por outro lado, a Igreja mostra compaixão com aqueles que tiraram sua própria vida, como resultado de enfermidade mental ou por um grave stress emocional, em que tal patologia possa ser atestada por um médico.

2.8 - Autópsia

Quando uma pessoa morre por razões desconhecidas um médico perito pode, com a permissão da família, realizar a autópsia para determinar a ‘causa-mortis’. Em alguns casos, isto é exigência legal. Não obstante, em todos estes casos, a Igreja Ortodoxa espera que o corpo do falecido seja tratado com respeito e dignidade.

3. Instruções para matrimônios, divórcios, batismos, exéquias e responsos

3.1 - Matrimônios

Para que a união de um homem e uma mulher seja reconhecida como sacramentalmente válida pela Igreja Ortodoxa, devem-se cumprir as seguintes condições:

- a. O Sacramento do Matrimônio deve ser celebrado por um sacerdote ortodoxo de uma jurisdição ortodoxa canônica, de acordo com a tradição litúrgica da Igreja Ortodoxa, em uma Igreja Ortodoxa canônica e com a autorização do Bispo diocesano.

- b. Antes de pedir autorização ao Bispo para celebrar o Matrimônio, o sacerdote deve verificar que:
 - a. Nenhuma das partes em questão esteja atualmente casada com outra pessoa neste país ou em outro lugar.
 - b. Que as partes em questão, não sejam parentes entre si no grau que constitua impedimento.
 - c. Se uma das partes ou ambos forem viúvos, devem apresentar a certidão de óbito do(a) falecido(a).
 - d. Se uma das partes ou ambos já forem anteriormente casados numa igreja ortodoxa com outra pessoa, deve apresentar a certidão do Divórcio Eclesiástico e Civil.
 - e. Se uma das partes ou ambos forem membros de outra paróquia, deverão apresentar uma Declaração de Regularidade com sua respectiva paróquia, do ano em curso.
 - f. Apresentar a Certidão do Matrimônio Civil expedida pelo Cartório.
 - g. Somente por extrema «*oikonomia*», a permissão para um terceiro casamento é outorgada.
 - h. Em casos de Matrimônio entre cristãos ortodoxos e não ortodoxos, o último deve ter sido batizado na água, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. A Igreja não pode abençoar o matrimônio entre um cristão ortodoxo com um não-cristão.

- i. Os padrinhos devem apresentar uma declaração de membros regulares de uma igreja ortodoxa; a pessoa que não pertence a uma paróquia ortodoxa ou que pertença a uma paróquia sob jurisdição de um Bispo que não esteja em comunhão com a Arquidiocese Ortodoxa Grega, ou alguém que seja casado, mas que seu matrimônio não foi abençoado pela Igreja Ortodoxa, ou se é divorciado, mas não recebeu o divórcio eclesiástico, não pode ser padrinho ou madrinha. Uma pessoa não-ortodoxa pode ser convidada para o matrimônio, porém não pode participar do «rito das trocas das coroas» e alianças.

3.1.1 - DIAS EM QUE O MATRIMÔNIO NÃO É PERMITIDO

- a. Matrimônios não podem ser celebrados em dias de jejum ou durante os períodos de jejum, inclusive no período da Grande Quaresma e Semana Santa.
- b. Entre 1º e 15 de agosto.
- c. No dia 29 de agosto (Comemoração da Decapitação de São João Batista).
- d. No dia 14 de setembro (Comemoração da Exaltação da Santa Cruz).
- e. Entre 13 e 25 de dezembro.
- f. Nenhum matrimônio pode ser celebrado no dia anterior ao dia das grandes Festas do Senhor, incluindo a Teofania (5 e 6 de janeiro), Páscoa, Pentecostes e Natividade (24 e 25 de dezembro).

Matrimônios podem ser celebrados nestes dias somente com a autorização expressa do Bispo diocesano.

3.1.2 - MATRIMÔNIOS ENTRE CRISTÃOS

É fato que, quanto mais um casal tem em comum, maior é a probabilidade de viverem juntos em paz e em harmonia.

Compartilhar a fé e as tradições ajuda o casal e seus filhos, como também seus familiares, a superar muitos problemas e, ainda mais, ajuda a fortalecer os laços entre eles. A Igreja Ortodoxa abençoa matrimônios entre ortodoxos e não ortodoxos sempre que:

- a. O cônjuge não ortodoxo seja um cristão batizado na água, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.
- b. O casal deve estar disposto a batizar seus filhos na Igreja Ortodoxa, criá-los e educá-los de acordo com a Fé Ortodoxa.

Uma pessoa batizada na Igreja Ortodoxa cujo matrimônio não tenha sido abençoado pela Igreja Ortodoxa não está em «estado regular» com a Igreja e não poderia receber os Sacramentos da Igreja, incluindo a Santa Comunhão, como também ser padrinho de batismo, matrimônio ou crisma.

O fato de um cristão não-ortodoxo se casar com um ortodoxo não o faz membro da Igreja Ortodoxa, e não poderia por isso, receber os Santos Sacramentos, incluindo o da Santa

Comunhão, o sepultamento eclesiástico, ocupar função no Conselho Paroquial ou votar nas assembleias quando houver eleições.

Para participar na vida da Igreja é necessário que se tenha sido recebido pelo Sacramento do Batismo ou, no caso de pessoas batizadas com água e em nome da Santíssima Trindade, após um período de adequada instrução na Fé Ortodoxa, ela é recebida pelo Sacramento da Crisma.

3.1.3 - MATRIMÔNIOS COM MEMBROS DE OUTRAS RELIGIÕES

Razões canônicas e teológicas impedem à Igreja Ortodoxa de realizar o Sacramento do matrimônio entre casal em que um dos pares seja ortodoxo e o outro seja um não-cristão. Por isso, os cristãos ortodoxos que escolhem estes matrimônios, comprometem a boa relação com a sua Igreja, tornando-se incapazes de participar ativamente na vida eclesial. Apesar de esta postura parecer confusa e rígida, é guiada pelo amor e pela intenção da Igreja Ortodoxa em zelar pelo bem-estar religioso e espiritual de seus membros.

3.1.4 - MATRIMÔNIOS PROIBIDOS

Os seguintes tipos de relações constituem impedimentos para o casamento religioso:

1. Pais com seus próprios filhos, netos ou bisnetos; afilhados com seus respectivos padrinhos ou madrinhas.
2. Cunhados e cunhadas.

3. Tios e tias com seus respectivos sobrinhos ou sobrinhas respectivamente.
4. Entre primos irmãos.
5. Pais adotivos com seus filhos adotivos ou filhos adotivos com os pais adotivos.
6. Padrinhos ou Madrinhas com os seus afilhados.
7. Padrinhos ou madrinhas com os pais de seus afilhados.

3.2 - Divórcio

O sacerdote paroquial deve fazer todos os esforços para reconciliar o casal e afastar a possibilidade de divórcio. No entanto, se o sacerdote falhar na reconciliação, depois que se tenha obtido o divórcio civil, o sacerdote transmitirá o pedido de divórcio eclesiástico do casal, com a certidão de divórcio civil, ao Tribunal Espiritual da Diocese. O pedido deve incluir os nomes e sobrenomes do esposo e da esposa, o sobrenome da esposa antes do casamento, endereços, o nome do sacerdote que celebrou o matrimônio, a data e o local do matrimônio. O solicitante deve ser membro em «estado regular» da paróquia em que pede o divórcio.

Cristãos ortodoxos da Arquidiocese Ortodoxa Grega que tenham obtido o divórcio civil, sem ainda ter o divórcio eclesiástico, não poderão participar de nenhum sacramento, nem servir como membro do Comitê da Paróquia ou ser membro do Conselho Diocesano ou Arquidiocesano, até que este seja concedido pela Igreja.

3.3 - Batismos

Uma pessoa que queira ser padrinho num Batismo ou Crisma deve ser um ortodoxo em «estado regular» e um membro colaborador com sua paróquia ortodoxa. Uma pessoa não poderia ser padrinho se seu matrimônio não fora abençoado pela Igreja; ou, mesmo divorciado civilmente, não lhe tenha sido concedido o divórcio eclesiástico; ou por alguma outra razão que ele ou ela não esteja em comunhão com a Igreja Ortodoxa.

Batismos não podem ser celebrados do Dia de Natividade até a Festa da Teofania (25 de dezembro a 06 de janeiro); durante toda a Semana Santa ou no dia das Grandes Festas do Senhor.

3.4 - Exéquias

Os serviços funerais são permitidos durante todos os dias do ano, exceto aos domingos e na Sexta-Feira Santa, exceto quando houver autorização do bispo.

3.5 - Responsos (Memoriais)

Serviços de responsos (Memorial) não podem ser cantados do *Sábado de Lázaro* até o *Domingo de Tomé*; em nenhuma das *Grandes Festas do Senhor* ou no dia de *Festa da Theotokos*.



O jejum

Vladimir Serguievich Soloviov,
Em: »*Os fundamentos espirituais da vida*«, Plantín, 1953, pp. 86-
92. Disponível no site de Mosteiro da Transfiguração.

O grande pensador russo, compôs entre os anos de 1882 e 1884 uma obra ascética intitulada *Os fundamentos espirituais da vida*. Reproduzimos aqui algumas páginas deste belo livro referentes ao jejum, que certamente servirão de reflexão em nosso caminho para a Quaresma.

Sabemos que não é apenas a alma humana, mas também o corpo do universo que caiu sob o poder do pecado e da morte. Não é em vão que se disse que "*todo o mundo jaz no mal*". O mal consiste em que a alma resiste a Deus e o corpo à alma. Nossa alma se recusa a reconhecer o domínio de Deus; por isso não pode exercer seu domínio nem sobre o corpo que lhe está unido, nem sobre o corpo do universo, ou seja, o mundo material. Convinha a Deus dominar livremente nossa alma, atraindo-a pela virtude de sua perfeição e comunicando-lhe a virtude de sua onipotência sobre o mundo exterior.

Deus, em quem tudo é unidade e harmonia, é para nossa vontade o bem supremo; para nossa inteligência, a verdade absoluta; e, para nossos sentimentos, a beleza perfeita. Admitindo, como termo de nossas aspirações, pensamentos e sentimentos, esta plenitude da perfeição,

chegamos ao "verdadeiro infinito". No entanto, nós queremos outro "infinito"¹

Tendo o direito de possuir tudo aderindo à Fonte primeira de tudo, queremos, em vez disso, ser nós mesmos essa fonte de tudo e, separando-nos de tudo, dominar tudo de forma exterior. Queremos estabelecer-nos como princípio e, na realidade, tornamo-nos um princípio de pecado, de mal e de morte. Em vez de aspirar apenas ao Bem supremo, que contém tudo em Si, e no qual todos são unidos moralmente e solidarizados entre si, desejamos diversas espécies de bem, e isso para nós mesmos; separamo-nos de todos, buscando, em tudo, o que nos é próprio pessoalmente sem poder deter-nos em nada. Em vez de contemplar a Verdade total, na qual todos os objetos e todas as ideias são unidos por um vínculo racional, nossa razão considera objetos isolados, faz sua análise, os descompõe, não para captar melhor sua unidade pelo que os distingue, não para agrupá-los mais intimamente em nosso conhecimento, mas para não focar o conjunto, para dividir e fragmentar cada vez mais o real, transformando o universo em uma acumulação morta de partículas infinitesimais sem nenhum vínculo interno.

Enfim, nossa alma sensível, em vez de servir de apoio e instrumento à ação do espírito, em vez de encarnar no domínio dos sentidos o conteúdo do bem e da verdade, a imagem do belo, entrega-se, pelo contrário, às tendências cegas e desordenadas da carne, que não têm fim em si mesmas e não têm senão um termo exterior: a morte e a

¹ Refere-se ao chamado falso ou mau infinito, termo familiar da teologia russa que expressa um infinito concebido sem Deus, o que é também o tormento do inferno.

putrefação. Em vez de dirigirmo-nos pedindo Àquele que existe substancialmente, em vez de dar-lhe lugar em nós e reproduzi-lo em nós, tornando-nos uma nova e viva imagem de sua plenitude, em vez disso, concentramo-nos em nós mesmos, exacerbamos todas as potências de nossa alma, tornando-as contra Aquele que existe, mas apenas conseguindo produzir a destruição e a decomposição. Nossa vontade tende a dominar e não a unificar tudo; nossa inteligência, ao invés de conhecer Aquele que existe e une tudo em Si, se entrega a controvérsias arbitrárias sobre uma infinidade de assuntos; enfim, nossa alma sensível, ao invés de renovar a matéria espiritualizando-a, apenas busca desfrutar irracionalmente dela. Se nossa alma tivesse observado seus próprios limites, tendo a perfeição divina como objeto e fim de sua existência, não precisaria de limitações exteriores de qualquer tipo e desfrutaria de uma plenitude de verdadeira liberdade e expansão ilimitada. No entanto, ao se desviar da Divindade, a alma corrompe suas qualidades inatas, enche-se de um espírito perverso, adquire hábitos absurdos e deixa-se levar por um "falso infinito", por um amor-próprio ilimitado, por raciocínios intermináveis e desejos sem medida. Portanto, antes de devolvermos nossa alma à sua verdadeira posição entre Deus e a natureza, devemos purificá-la do mal que contraiu. Essa falsa tendência de não reconhecer limites deve ser moderada e contida pela ação conjunta da graça e de nossa boa vontade. Essa ação é uma negação de nossa natureza corrompida, é um dever de abstinência ou jejum, entendendo essas palavras em sentido amplo. É nosso dever primordial e profundo para com nossa natureza. Onde quer que surja a tendência insaciável e desmedida das forças

naturais, a abstinência, a continência ou o jejum se tornam necessários.

Existe um **jejum espiritual**: consiste em abster-se dos atos inspirados pelo amor-próprio e ambição², em renunciar ao poder e à glória humana. Este jejum é particularmente necessário para aqueles que desempenham funções públicas. A lei deste jejum pode ser formulada da seguinte forma: não busques o poder; se fores chamado a ele, considera-o apenas como uma oportunidade de servir; se te aconteceres de poderes destacar-te sem benefício para o próximo, ou de mostrares a tua superioridade e força, abstém-te: não alimentes o teu amor-próprio.

Existe um **jejum da inteligência**: consiste em abster-se de uma atividade exclusiva da inteligência, de especulações vãs e intermináveis sobre noções e imagens, de questões indefinidas examinadas sem razão e finalidade. Este jejum é particularmente necessário para os sábios, que com demasiada frequência esquecem a máxima do antigo Heráclito: *muito conhecer não faz necessariamente muito instruído*. Eis a lei deste jejum da inteligência:

- não procures conhecer muitas coisas sem utilidade para o próximo e a obra de Deus;
- não persigas a novidade e originalidade do pensamento;

² Em espanhol, a palavra "jejum", além de ser um substantivo que expressa a abstenção de uma certa quantidade ou qualidade de alimentos, também é um adjetivo e expressa: "privado de algum prazer ou deleite" físico ou espiritual.

- se te surgir a oportunidade de dar a tua opinião sem benefício para o bem comum, abstém-te;
- não atribuas uma importância exagerada ao saber científico, pois a ciência tem sempre dois limites inevitáveis: as opiniões preconcebidas dos sábios e a insuficiência do material científico.
- Submete a atividade da tua inteligência às exigências morais;
- resumindo: não te entregues a raciocínios ocioso³.

Por fim, a terceira espécie de jejum, o jejum propriamente dito, é o da alma sensível: consiste em abster-se dos prazeres dos sentidos que não estejam dirigidos e temperados pela inteligência e o poder do espírito.

A abstinência de alimentos sanguíneos, da carne dos animais de sangue quente, sempre foi considerada como a forma fundamental e principal do jejum físico, porque este alimento está indiscutivelmente em contradição com o objetivo ideal de nossa atividade física: o verdadeiro propósito desta é cultivar o jardim da terra, transformar o que está morto em algo vivo, comunicar aos seres terrestres uma maior intensidade e plenitude de vida, ou seja, vivificá-los.

Agora bem, matar os seres vivos e especialmente aqueles em que a vida alcança mais força e tensão - como é o caso dos animais de sangue quente - está em contraste

³ É interessante comparar esses conselhos com o aviso de São Bernardo (Pat. lat., volume 183, col. 1199-1200, sermão 36 em Cant., n. 3): "Há aqueles que querem saber para saber, e isso é curiosidade; saber para ser conhecido, e isso é vaidade; saber para vender conhecimento, e isso é uma tolice; saber para edificar, e isso é prudência" (sabedoria).

evidente com o que acabou de ser dito. Já que não somos capazes de fazer a natureza inanimada viver, pelo menos na menor medida possível devemos fazer morrer a natureza vivente.

Assim, a primeira prescrição do jejum físico tende não só a limitar nossos prazeres sensíveis, mas também a restabelecer a ordem de nossas relações com a natureza exterior. Não podemos corrigir essas relações de uma vez, não podemos nos livrar completamente da necessidade de matar para viver, mas podemos e devemos atenuá-la e limitá-la gradualmente. Se esse mal não pode ser totalmente aniquilado, é preferível, em todo caso, reduzi-lo ao mínimo. Daí a sabedoria da Santa Igreja que não exige abstinência absoluta, mas reconhece muitos graus e categorias de jejum físico. A lei geral a respeito disso é esta: - não alimente sua sensualidade; ponha um fim a essas mortes e suicídios aos quais inevitavelmente leva a busca pelos prazeres sensíveis. Purifica e regenera o teu próprio corpo para te preparares para a transfiguração do corpo universal.

A oração, a esmola e o jejum são as três obras fundamentais da vida religiosa pessoal, as três bases da religião pessoal. Aquele que não reza a Deus, não acode em ajuda dos homens e não reprime a sua natureza através da abstinência, esse, mantém-se alheio a toda religião, mesmo que tenha meditado em temas religiosos durante toda a sua vida, mesmo que tenha falado ou escrito sobre eles durante toda a sua vida. Estas três atividades fundamentais da religião estão tão intimamente ligadas entre si que uma sem a outra carece de toda eficácia. Se a oração não nos incita à beneficência e não consegue domar a nossa natureza sensual,

tal oração, má e impotente, não é verdadeira: está misturada com interesse, com mentira ou com amor-próprio. Da mesma forma, a esmola que não pressupõe a oração e não é acompanhada de abstinência, revela mais uma fraqueza de caráter do que amor verdadeiro. A esmola sincera é a suprema justiça; por isso, deve apoiar-se na graça celestial.

Por fim, o jejum empreendido por amor-próprio, como exercício para adquirir o domínio de si mesmo, ou por vaidade, mesmo que dê forças, não as dá para o bem; e, por outro lado, o jejum, mesmo unido à oração, se a bondade não foi infundida nele, continua sendo aquele sacrifício sobre o qual foi dito: *"Eu quero misericórdia e não sacrifício"*. Pelo contrário, quando a oração, a caridade e a abstinência estão unidas é quando opera a única graça divina: esta não se limita a fazer-nos aderir a Deus (na oração), ela nos assimila à Divindade "todo-clemente" (na caridade) e à Divindade isenta de toda necessidade (na abstinência).

Estas três atividades fundamentais da vida religiosa são, ao mesmo tempo, os deveres fundamentais do homem religioso. Não estamos obrigados senão ao que podemos. Não está em nosso poder unir-nos totalmente à Divindade, nem salvar a humanidade, nem regenerar a natureza universal. Por isso, a religião não nos diz a cada um de nós: —confunde-te com a Divindade, salva a humanidade e regenera o universo. O que está em nosso poder é orar a Deus, assistir ao nosso próximo em suas necessidades e reformar por meio da abstinência nossa própria natureza. Isto está em nosso poder; ao mesmo tempo é nosso dever, nosso dever pessoal, de cada um de nós. No cumprimento destes três deveres da religião encarnam-se as três virtudes teológicas. Ora a Deus com fé, faz

o bem aos homens com amor e sê vencedor de tua natureza com a esperança da ressurreição vindoura.

E isto conclui aquilo que tínhamos que dizer acerca de nossas relações com a graça divina em nós. Mas, a graça também se revela fora de nós, na vida do mundo e da humanidade. Não pode existir separação real entre vida interior e vida exterior, entre cada indivíduo e seu meio coletivo, por isso é que devemos conhecer a essência da revelação histórica e os novos deveres, já não pessoais mas sociais, que esta revelação nos impõe.



A Oração e o Jejum

Arcebispo STYLIANOS da Austrália

Em: Revista *The Orthodox Messenger*. Ed. Março–Abril de 1998.

Ao entrar mais uma vez no período da Grande Quaresma, é natural que recordemos as características básicas que tem marcado a ascese dos cristãos ortodoxos. Entre estas características, a oração e o jejum têm lugar central.

Quando um ortodoxo fala de jejum, a oração vem imediatamente a sua mente; quando fala de oração, de igual modo o jejum vem automaticamente a sua mente. Isto porque estes dois meios de comunicação com Deus estão intimamente relacionados. É por isso que Cristo, quando seus discípulos tentaram em vão libertar um jovem dos espíritos malignos que o atormentavam, apontou este duplo meio, a oração e jejum, como a mais poderosa arma que o ser humano tem contra o diabo. «Este tipo de demônio não pode ser expulso senão por meio da oração e do jejum» (Mc 9, 29).

Contudo, as pessoas «cultas e liberais» de nosso tempo, que analisam tudo e tudo desmistificam, não encontram explicações para justificar a prática do jejum e da oração. Perguntam-se qual o significado de falar com Deus através da oração, pedindo-lhe ajuda através das petições se Ele, que é Onisciente, tudo sabe. Da mesma forma se perguntam, o que importaria para Deus o comer este ou

aquele alimento, com maior ou menor quantidade, neste ou naquele dia.

Se, a primeira vista, tais questões parecem persuasivas e justas, contudo, os que julgam o jejum e a oração desta maneira não captaram o seu significado mais profundo. Sem dúvida, o significado da oração não está somente no fato de comunicar a Deus as necessidades que temos, mas de exercitar nossa humildade diante d'Ele, abrir-lhe nosso coração e colocar nossa vida em suas mãos; sentir o calor do diálogo com Ele e declarar que nós livremente o reconhecemos como o Senhor de nossa vida.

O jejum, tão pouco, tem valor moral ou espiritual em si mesmo, como se fosse uma dieta alimentar, pois Deus não tem nosso bem-estar biológico como sua medida. É precisamente por esta razão que São Paulo, que viveu tão pouco, mas que tanto sofreu, não cessou de confessar claramente que «não perderemos nada se não comermos nem ganharemos nada se comermos; pois estas coisas não melhoram nossa relação com Deus». O jejum, portanto, adquire seu significado moral e espiritual na medida em que chega a ser o meio e o potencial para uma melhor comunicação com Deus. E, verdadeiramente, mediante o jejum o ser humano luta para controlar seus desejos e instintos biológicos irracionais para ser mais livre, para abster-se das atrações do mundo e para chegar a ser mais transparente e mais receptivo em sua comunicação espiritual. O jejum e a oração não são fins em si mesmos, mas meios de comunicação com Deus, e tal comunicação é nosso objetivo e cume. Um lindo provérbio árabe diz: «a alma não quer nem

café nem cafeteira, apenas companhia; o café é apenas um pretexto».

Poderíamos dizer que o jejum e a oração são «pretextos» sagrados para capacitar o ser humano a romper o monólogo com seu ego tornando-se humilde e assim poder comunicar-se com Deus e receber assim a bênção, a iluminação e a santificação que esta comunicação nos traz. Seguramente, as palavras da Escritura sempre terão autoridade eterna: «Deus resiste aos soberbos, e aos humildes dá a sua graça. Tg 4: 6.



O Jejum e a Abstinência

São João de Kronstadt (+1908)

Aprendestes a ver Deus, a representá-Lo para ti mesmo como sabedoria onipresente, como Palavra viva e ativa, como Espírito Santo vivificante? A Santa Escritura é o domínio da Sabedoria, da Palavra e do Espírito de Deus-Trindade; nela, Ele revela-Se claramente: "As palavras que eu vos disse são espírito e vida" (Jo. 6, 63) , disse o Senhor. Os escritos dos Santos Padres também são uma expressão da Sabedoria, da Palavra e do Espírito da Santa Trindade, na qual o espírito de uma elite (espiritual) da humanidade colaborou amplamente. As obras do homem comum deste mundo são expressão do espírito humano decaído, com todas as suas concupiscências, tendências e paixões. Nas Santas Escrituras, nós vemos Deus face a face e a nós mesmos tais como somos! Homem: conhece-te a ti mesmo, nelas, e anda sempre na presença de Deus.

Vocês sabem, o homem, em suas palavras, não morre; nelas, ele é imortal, pois elas falarão ainda depois de sua morte. Quantas palavras imortais se dizem ainda no meio de nós, que nos foram legadas por aqueles que morreram há muito tempo e que, às vezes, permanecem vivas nos lábios de todo um povo! Como é poderosa a palavra, mesmo a palavra de um homem comum! Mais ainda, então, a Palavra de Deus. Ela viverá através dos tempos e permanecerá sempre viva e efetiva.

Para que servem o jejum e a penitência? Por que fazer este esforço? Eles servem para a purificação da alma, a paz do coração, a união com Deus; eles nos preenchem de devoção e de espírito filial e nos dão segurança diante de Deus. Já há aqui, certamente, um bom motivo para nos levar a fazer jejum penitência. Uma recompensa inestimável espera o esforço consciencioso. Porém, será que ainda existem muitos no meio de nós que amam a Deus com um amor verdadeiramente filial? Existiriam ainda muitos que oram com todo abandono, com segurança, invocando o nome do nosso Pai do Céu dizendo: "Pai Nosso!"? Será que, ao contrário, esse chamado filial não cessou de ecoar nos nossos corações decaídos pelas vaidades deste mundo e seus prazeres? Nosso Pai dos Céus não estará longe de nossos corações? Não seria visto por nós mais como um Deus irritado, já que O abandonamos por um país longínquo? Sim, pelos nossos pecados, todos merecemos Sua justa cólera e o castigo, e é maravilhoso como Ele mostra-Se paciente e indulgente a nosso respeito. Ele que não quer abater-nos como figueiras estéreis.

Apressemos-nos para apaziguá-Lo com lágrimas e arrependimento. Voltemos-nos para dentro de nós mesmos; examinemos o nosso coração com honestidade e, vendo a imensidão de pecados que o torna inacessível à Graça Divina, veremos que estamos espiritualmente mortos.



O jejum e a unidade

Protopresbítero Thomás Vamvinis,

Trad.: Monges da Comunidade Monástica São João, o Teólogo
– São José, SC. Material disponível em *Diakonia Apostólica*, da
Igreja da Grécia

O jejum remonta e está associado aos períodos mais críticos da história do gênero humano. No início de todas as desgraças está a sua abolição, já no Paraíso, com os *Primeiros Homens*. Mais adiante, as manifestações mais negativas do homem face a Deus e à sua Lei, sobrevieram em consequência da saciedade e da embriaguez, enquanto a ascese e as experiências do sagrado estavam (e ainda estão) relacionadas ao jejum.

O jejum, que nos foi entregue como exercício de nossa autonomia no Paraíso, passou aos Justos e aos Profetas do Antigo Testamento como arma de liberdade face às prementes necessidades do corpo. O mais excelso dos profetas, São João Batista, jejuador por excelência, mostrou mediante sua obra o verdadeiro conteúdo do jejum, revelando a riqueza espiritual da privação voluntária, isto é, mostrou-nos que é o jejum o “precursor da graça”. É ele que abre o caminho para a entrada (em nosso interior) de Cristo. Não está possuído de negação nem de ódio pela criatura, mas pelo contrário, aspira a sua restauração e glorificação. É um combate em vista de alcançar o domínio das necessidades materiais, um intento por parte da criatura de libertar-se do

criacional. Logo, esta proeza não se alcança pelas forças puramente humanas, é obra da Graça de Deus oferecida ao homem.

A batalha do jejum, quando ocorre partindo de pressupostos ortodoxos e não com a mentalidade budista, é póstico da graça. São Basílio, o Grande é, neste ponto, bastante expressivo: “Se podes dominar o estômago habitarás o paraíso e, se não o podes, serás alimento da morte”. A morte espiritual é consequência da saciedade, enquanto o paraíso da graça é fruto da continência.

Porém, neste texto, queremos contemplar uma dimensão do jejum cristão a que, habitualmente, não prestamos a merecida atenção. É a experiência da unidade do corpo da Igreja.

Frequentemente consideramos o jejum como um feito individual de nossa vontade, sem levar em conta sua dimensão sócio eclesial. O jejum dos cristãos ortodoxos, porém, é uma obra da Igreja, de toda a Igreja. Jejuamos como membros da Igreja. É o modo de vida que nos ensinaram o próprio Cristo e seus apóstolos e que foi seguido por todos os santos. Assim, o que Cristo nos ensinou e o que os santos seguiram, constituem verdadeiramente o pilar da unidade da Igreja e, por isso, o jejum é um importante meio para se viver a unidade.

Esta verdade pode ser observada sob duas perspectivas:

1. Quando jejuamos observando a regra da Igreja, associamo-nos a todos os seus membros, num modo de vida

comum. Há, então, sociedade e unidade, de ordem talvez, no início, psicológica, devido a sensação de que a batalha que se enfrenta é comum a todos os membros conscientes da Igreja.

Obedecemos livremente à Igreja que jejua. Quando contrariamos a regra, sem razões justas, provocamos uma fissura nesta unidade. Deixamos nos levar pela “autonomia” e pelo capricho próprio, colocando em dúvida a essência e o conteúdo espiritual de suas regras.

Deve-se sublinhar aqui que a Igreja, por meio de suas regras, não intenta criar um tipo de homem determinado, reduzindo as diferenças pessoais ou individuais. Cada um tem suas próprias características. É “um” que não deve se perder entre os “muitos”. As regras da Igreja aspiram à restauração da pessoa humana, a retirá-lo da massa informe das necessidades materiais e a libertá-lo da fealdade dos vícios. Elas, (as regras da Igreja) querem restaurar no ser humano a imagem e semelhança de Deus e, por isso, delimitam a zona da morte espiritual e afastam dela os seus membros (fiéis). A “zona” da vida divina a que aspiram acender os crentes, não tem limite.

2. Segundo a oração sacerdotal de Cristo, a unidade de seus discípulos se baseia na contemplação de sua glória. “Eu lhes tenho comunicado a glória que Tu me deste, para que sejam um, como Nós somos Um” (Jo 17, 22). O jejum é, pois, o meio pelo qual vivemos a unidade da Igreja na medida em que seu exercício atrai a graça de Deus.

De acordo com a palavra de Cristo, o motivo do jejum é que perdemos o Cristo Esposo: “Dias virão em que o esposo será arrebatado e, então jejuarão” (Mt 9,15). Porém, também

segundo São Paulo, a continência (do qual o jejum de alimentos é apenas um aspecto) é fruto do Espírito Santo (Gl 5, 22). De modo que, libertar-se dos alimentos é um exercício feito durante o período em que “se busca” o Esposo e um estado físico quando seu Espírito vem habitar no coração do homem. Este percurso, da busca do Esposo até a sua entrada no coração, é um percurso que vai desde a divisão do mundo despedaçado até a sua unidade, “... para que todos sejam um, como “nós somos um”, conforme a Oração Sacerdotal de Jesus. O jejum ortodoxo é, pois, uma obra da igreja que edifica a unidade do corpo eclesialístico.



O Jejum na Igreja Ortodoxa

Por Ricardo Williams G. Santos,
baseado em texto original de John Brady

Nos dias de hoje, o ensinamento tradicional da Igreja sobre o jejum é desconhecido por grande parte de seus fiéis. Este texto visa, humildemente, tentar auxiliar os cristãos Ortodoxos que desejam seguir a regra do jejum da Igreja Ortodoxa.

Embora estas regras pareçam bastante severas para aqueles que nunca as viram antes, elas se aplicam a todos os cristãos Ortodoxos, não apenas aos monges. Como nem todos os leigos conseguem guardar essas regras em sua plenitude, o objetivo deste texto é apresentá-las sem decidir o que é “mais apropriado”, já que cada cristão deve seguir o jejum de acordo com sua disposição e situação particular, e sempre sob a orientação de seu pai espiritual.

Deve-se mencionar também que na Igreja Ortodoxa, o jejum consiste em dois importantes aspectos: o físico e o espiritual. O primeiro implica na abstinência de certos alimentos. Já o jejum espiritual consiste na prática de orações constantes e sinceras somada à abstinência de pensamentos, desejos e atos ruins e maldosos.

O principal objetivo do jejum é a obtenção de autodisciplina e de controle sobre as paixões da carne – ou seja, libertar-se da dependência das coisas mundanas para se concentrar nas coisas do Reino de Deus, a fim de fortalecer a alma para não ceder à tentação e ao pecado. Segundo São Serafim de Sarov, o jejum é “algo indispensável para se adquirir os frutos do Espírito Santo em nossa vida”.

Portanto é importante sempre ter em mente que o jejum não é um objetivo em si mesmo, nem um ato de mortificação sem um objetivo maior, tampouco uma "penitência" para agradar a Deus, e muito menos uma punição angustiante que fazemos para pagar nossos pecados.

Ao contrário, para o Cristão Ortodoxo, o jejum deve ser acompanhado de júbilo, pois jejuar é um ato de autodisciplina que impomos voluntariamente a nós mesmos para nos tornarmos pessoas melhores.

Também devemos sempre nos lembrar que para os cristãos, todos os alimentos são puros. Quando há prescrição de jejuns, nos abtemos por razões disciplinares, e não porque este ou aquele alimento é “impuro” (vide São Marcos 7:15-23 e Atos dos Apóstolos 10:9-15).

Por fim, jamais podemos esquecer lembrar que catecúmenos e pessoas em processo de conversão não têm obrigação de jejuar – e mesmo os fiéis Ortodoxos devem jejuar sempre sob acompanhamento de seu pai espiritual, para que tal disciplina não se torne algo farisaico ou não cometamos o pecado do orgulho.

Jejum semanal

Exceto quando estamos em períodos onde há dispensa (ver abaixo), todos os cristãos Ortodoxos devem manter o jejum estrito todas as quartas e sextas-feiras. Nesses dias deve-se evitar o consumo dos seguintes alimentos:

- Carnes, incluindo aves, e produtos derivados, como toucinho e caldo de carne.

- Peixes com espinha – mariscos e frutos do mar são permitidos.

- Ovos e laticínios.

- Azeite de oliva.

- Vinho e bebidas alcoólicas. Na tradição eslava, permite-se o consumo de cerveja.

Quanto?

Ao jejuar, devemos sempre nos alimentar de modo simples e sem exageros, para evitar a gula. Em dias de jejum estrito, monges consomem apenas uma refeição – ou duas, em dias que se permite o consumo de vinho e azeite. Em caso de dúvida, fale sempre com seu pai espiritual.

Dispensas

Crianças pequenas, enfermos, convalescentes, idosos, gestantes e lactantes, bem como pessoas que tenham algum problema de saúde, como diabetes ou úlcera, por exemplo, estão dispensados do jejum estrito pela Igreja.

Jejum eucarístico

Para que o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor sejam as primeiras coisas que consumimos no dia da Comunhão, praticamos o chamado jejum eucarístico, que é parte integral da preparação para a recepção da Santa Comunhão.

Essa preparação tem início com o ofício de Vésperas – realizado no sábado anterior, por volta de 18:00. Após o ofício, os fiéis devem preparar-se através de orações, como as orações preparatórias para a Comunhão e a leitura de salmos.

A partir de meia-noite, devemos nos abster de consumir quaisquer alimentos sólidos ou líquidos até recebermos a Santa Comunhão. Se a Comunhão for à noite, como ocorre com a Liturgia dos Pré-Santificados na Quaresma, por exemplo, devemos iniciar o jejum eucarístico completo a partir de meio-dia.

Alguns fiéis costumam adotar certas práticas pias individuais, como não consumir carne vermelha ou bebidas alcoólicas desde o dia anterior, e alguns casais casados se abstêm de relações sexuais. Essas práticas, porém, não estão prescritas nos cânones da Igreja, e jamais devem ser feitas isoladamente, mas sim como parte de um ato de autodisciplina, cujo objetivo é evitar qualquer coisa que atrapalhe nossa preparação. Em caso de dúvida, sempre consulte seu pai espiritual.

Jejum da Quaresma

Na Quaresma, por ser o período preparatório para a celebração da Ressurreição de Nosso Senhor, praticamos o jejum mais estrito do ano.

- Na semana anterior à Quaresma (também chamada de “Semana dos laticínios” ou “da tirofagia”): carnes e derivados estão proibidos, mas permite-se o consumo de ovos e laticínios, mesmo na quarta e sexta-feira.

- Primeira semana da Quaresma: não se consome nenhum alimento nos primeiros cinco dias da Quaresma, exceto por uma refeição diária na quarta e sexta-feira após a Liturgia dos Pré-Santificados, mantendo-se as restrições usuais. Hoje em dia, essa disciplina é mantida apenas por comunidades monásticas.

- Dias da semana durante a Quaresma: durante as seis semanas da Quaresma, mantemos o jejum estrito, ou seja, não consumimos carnes e derivados, peixes com espinha, ovos, laticínios, vinho e azeite de oliva.

- Aos sábados e domingos, o consumo de vinho e azeite é permitido.

Semana Santa: Nesse dia permite-se o consumo de vinho e azeite. Nas comunidades monásticas, a refeição da noite da quinta-feira é a última até o dia de Páscoa. Na Sexta-feira Santa praticamos o jejum mais estrito do ano, e mesmo aqueles que tiveram alguma dispensa durante o período são encorajados a jejuar neste dia.

O jejum da Quaresma encerra-se após a Liturgia de Páscoa no domingo.

Dispensas:

Permite-se o consumo de vinho, peixe e azeite nas festas da Anunciação e no Domingo de Ramos, bem como nas festas dos principais santos e do padroeiro da paróquia que o fiel frequenta.

JEJUM DOS APÓSTOLOS

Tem duração variável a cada ano, e vai da segunda-feira após o Domingo de Todos os Santos até o dia 28 de junho, véspera da Festa de São Pedro e São Paulo.

- Segunda, quarta e sexta-feira: jejum estrito.
- Terças e quintas-feiras: permite-se o consumo de vinho e azeite.
- Sábado e domingo: permite-se o consumo de vinho, azeite e peixes.

Jejum da Dormição da Mãe de Deus

Que vai de 1o. a 14 de agosto.

- Segunda a sexta-feira: jejum estrito
- Sábado e domingo: permite-se o consumo de vinho e azeite.

Advento

Período de preparação para a Festa da Natividade de Nosso Senhor. Vai de 15 de novembro até 24 de dezembro (Véspera de Natal). Divide-se em dois períodos:

Primeiro período (15/11 a 19/12)

- Segunda, quarta e sexta-feira: jejum estrito.
- Terça, quinta, sábado e domingo: permite-se o consumo de vinho, azeite e peixe.

Segundo período (20/12 a 24/12)

- Segunda a sexta-feira: jejum estrito.
- Sábado e domingo: permite-se o consumo de vinho e azeite.

Outros períodos de jejum

Também são considerados dias de jejum:

- Véspera da Teofania (05/01);
- Festa da Exaltação da Santa Cruz (14/07);
- Comemoração da Decapitação de São João Batista (29/08).

Nesses dias permite-se o consumo de vinho e azeite.

PERÍODOS DE DISPENSA

Nos seguintes períodos não praticamos jejum em nenhum dia (incluindo quartas e sextas):

- De 25 de dezembro até 04 de janeiro.
- Na semana do Domingo do Fariseu e do Publicano (segunda semana do Triódion).

- Na semana da Páscoa.
- Na Semana da Santíssima Trindade (do Domingo de Pentecostes até o Sábado de Todos os Santos).
- Quando uma das festas de Nosso Senhor e da Mãe de Deus caírem durante um período de jejum, permite-se o consumo de peixe, vinho e azeite. Nas festas dos principais Santos, permite-se o consumo de vinho e azeite – e também de peixe, se o(a) Santo(a) for o padroeiro de sua paróquia.

Principais fontes consultadas:

- ✓ OCA (*Orthodox Church in America*) – *Fasting and Fast-free Seasons of the Church*
- ✓ *The Meaning of Fasting in the Orthodox Church*, by Fr. Milan Savich
- ✓ *The Fasting Rule of the Orthodox Church*, by John Brady
- ✓ Agradecimentos especiais ao Pe. John Matusiak (OCA – Diocese do Meio-Oeste)



Regras para a vida cristã-ortodoxa

Publicação do Consistório da Igreja Ortodoxa Ucraniana nos
EUA, pp. 6, 7 e 8 do Diretório/2005.

Trad. do inglês por: Natalia Waszczynski.

1. Sobre o Sacramento do Matrimônio

Nosso Senhor declarou o casamento como sendo um estado de honra por causa da Sua presença na festa do casamento em Caná da Galileia, quando ele realizou seu primeiro milagre. A santa coroação de um homem e de uma mulher somente é julgada válida quando celebrada na Igreja Ortodoxa.

A fé comumente partilhada é que o casal e crianças serão os mais beneficiados pois Deus confiará aos seus cuidados como sendo os primeiros mestres e modelos de fé. Por esta razão a Igreja Ortodoxa encoraja os cristãos ortodoxos a casarem com cristãos ortodoxos. A realidade que ocorre na maior parte do mundo e, especialmente nos Estados Unidos, é que a maioria dos cristãos ortodoxos se casam com membros de outras Comunidades de Fé Cristã. Tais casamentos são abençoados se o casal demonstra ao sacerdote a compreensão das dificuldades que podem surgir de um casamento misto, e expõe a boa vontade para aderir à Tradição ortodoxa na sua vida conjugal e familiar.

Aqueles que vão aderir a este tipo de casamento devem obrigatoriamente, antes de fazer qualquer preparativo, consultar-se pessoalmente com seu sacerdote para informá-lo de sua intenção e procurar sua opinião no que tange ao aconselhamento pré-conjugal, regulamentos da Igreja e data da celebração religiosa do casamento. O padre precisa orientar o casal para uma clara compreensão do que o casamento requer e qual é a responsabilidade cristã de ambos, do homem e da mulher. Examina a intenção do homem e da mulher e certifica-se de que:

- Se não há impedimento para a celebração do sacramento;

- Se ambos são batizados e se, incontestavelmente, nenhum dos dois foi casado anteriormente. No caso de um ou ambos serem divorciados, são providenciadas as devidas explicações e documentos. No caso de um ou ambos serem viúvos, as certidões de óbito deverão ser apresentadas. No caso de um ou ambos não pertencerem à suas próprias paróquias, o sacerdote deve solicitar uma carta de seus respectivos párocos atestando que são membros com boa reputação (em boa situação ou seja, idôneos);

- Os comprovantes do casamento civil;

Que, no mínimo, um dos padrinhos (testemunhas) seja cristão ortodoxo, e que todos os demais sejam cristãos batizados

Se necessário, as seguintes circunstâncias especiais devem ser observadas:

— No caso de divorciados, o pároco deve solicitar a autorização de seu Bispo para a realização do matrimônio, provendo-o de todas as informações pertinentes à situação, bem como seu parecer sobre o caso, baseado em informações previamente obtidas em entrevistas com os noivos.

— O rito do segundo Matrimônio é celebrado no caso de ambos, ou um dos dois, terem sido anteriormente casados.

— No caso de casamento misto, ou seja, entre um ortodoxo e um não ortodoxo, a cerimônia religiosa deve, obrigatoriamente, ser celebrada numa igreja ortodoxa por um sacerdote ortodoxo de acordo com os costumes e a tradição da Igreja Ortodoxa.

O casamento religioso entre um cristão ortodoxo e um não-cristão não pode ser celebrado em nenhuma circunstância.

O celebrante próprio do rito da Coroação Matrimonial é o pároco da paróquia onde ocorrerá a celebração. Se houver clero ortodoxo convidado de outra paróquia ortodoxa ucraniana ou alguma jurisdição ortodoxa em comunhão com a Igreja Ortodoxa Ucraniana, ele deve obrigatoriamente ser convidado pelo pároco celebrante a participar da cerimônia.

Os cristãos ortodoxos que se casam fora da Igreja Ortodoxa e persistem neste estado são considerados como tendo se separado da Igreja. Eles não podem receber os sacramentos, incluindo a Eucaristia, e não podem ser padrinhos de batismo ou testemunhas de casamento.

Não podem receber o sacramento do matrimônio:

- Pais com seus próprios filhos, netos ou bisnetos;
- Irmãos com suas próprias irmãs;
- Cunhados com cunhadas;
- Tias e tios com sobrinhas e sobrinhos;
- Primos e primas em primeiro grau;
- Pais adotivos com filhos adotivos;
- irmãos com irmãs adotivos, ou seja, que tenham os mesmos pais adotivos;
- Padrinhos com afilhados;
- Padrinhos com pais de afilhados.

2. Dias em que o casamento não é permitido

- Na véspera de quarta e sexta-feira durante o todo o ano.
- Na véspera de domingo e principais dias santos.
- Uma semana antes da Páscoa até uma semana após a Páscoa, ou seja, até o Domingo de São Tomé.
- Durante a Grande Quaresma, Jejum de São Pedro e São Paulo, Jejum da Dormição, Jejum de Felipe (jejum da chegada do Natal) - Durante os dias santos de Natal - de 7 a 18 de Janeiro.

— Na véspera da Decapitação de São João e na véspera da Elevação da Santa Cruz. (em circunstâncias excepcionais a dispensa do bispo deve ser obrigatoriamente obtida).

3. Sobre o Sacramento da Penitência

Nosso Senhor instituiu o sacramento da Penitência ou Confissão quando disse aos seus discípulos: *“Aquele, cujos pecados perdoardes, ser-lhes-ão perdoados. Aquele, cujos pecados retiverdes, ser-lhes-ão retidos”* (Jo 20: 23)

O Bispo, como sucessor dos apóstolos, designa o sacerdote a ouvir a confissão dos fiéis, incumbindo-o de seu cuidado espiritual na vida paroquial. É importante observar que todo cristão ortodoxo deve ter seu próprio pai (diretor) espiritual, à sua escolha, e com ele manter contatos frequentes de modo a sentir-se mais à vontade e confortável. No caso de seu confessor ou pai espiritual não ser o próprio pároco, deve informar a ele, de maneira que esteja consciente de que suas necessidades espirituais estão sendo atendidas. Qualquer pároco entenderá que uma pessoa pode escolher seu próprio diretor espiritual com quem ele ou ela sintam-se mais à vontade.

Aqueles que se preparam para o sacramento da Penitência ou santa Confissão, devem fazer uma preparação, ou seja, um exame geral de sua consciência e de sua vida antes de se aproximar deste sacramento. A Confissão não pode ser feita de modo leviano, mas com toda a sinceridade e honestidade possível. Um cristão ortodoxo nunca deve temer, fechando seu coração ao seu diretor espiritual,

representando o próprio Deus, procura guiá-lo em em todas as circunstâncias de dificuldade ou problemas espirituais.

4. Sobre a Unção dos Enfermos

Os cristãos ortodoxos devem entender que o sacramento da Unção dos Enfermos não tem exclusivamente caráter de “viático”, ou seja, “último rito” para o fiel cristão. É, mais propriamente, administrado “para a cura da alma e do corpo.”

A solicitude pastoral para os enfermos é manifestada na celebração do da Santa Unção aos Enfermos, e tem base nas escrituras: em Mc 6, 13 e na Epístola Católica de São Tiago, 5, 13. Quanto à celebração deste sacramento, note-se o seguinte:

- O óleo consagrado para uso durante o ritual é o óleo puro de oliva sem quaisquer outros aditivos.

- O sacramento é ministrado a todos aqueles que estão doentes.

- Quando não é possível reunir sete sacerdotes, como requer este ritual, o sacramento pode ser ministrado por um único sacerdote.

- A recepção deste sacramento é precedida pela Confissão seguida da recepção da Santa Eucaristia, se os que a recebem puderem fazê-lo.

- Este sacramento pode ser administrado tanto na Igreja, como na casa do enfermo ou no hospital.

— Deve ser administrado somente aos cristãos de Fé Ortodoxa.

Àqueles em perigo de morte, no entanto, não importando sua condição espiritual, em hipótese alguma, lhe poderá ser negado, contanto que manifeste algum sinal de arrependimento.

5. Sobre as Exéquias ou Ofício Fúnebre

Com exceção do primeiro dia da Páscoa/Ressurreição de nosso Senhor e a Natividade do Senhor, os ofícios fúnebres são permitidos em qualquer dia do ano. A menos que, em casos absolutamente necessários, entretanto, funerais não devem ser feitos nos domingos.

As formalidades dos serviços fúnebres devem sempre refletir o espírito da Tradição ortodoxa na leitura dos salmos, orações e hinos. O Serviço Fúnebre deve ser celebrado na morte de um cristão ortodoxo. Pode ser celebrado juntamente com a Divina Liturgia, caso a família do falecido queira participar da Eucaristia. A clara compreensão do mistério da morte e o destino final do homem é comunicado através do serviço fúnebre propriamente dito. Os benefícios proporcionados na leitura das orações do serviço fúnebre podem ser de significativo consolo àqueles que choram seu mortos.

O serviço fúnebre é normalmente realizado numa Igreja, mas a decisão final cabe ao pároco que conhece melhor a alma e o estado espiritual do falecido, e se era membro plenamente participativo da comunidade daquela paróquia. É

costume da Igreja Ortodoxa Ucraniana que o caixão onde está o falecido seja aberto durante o serviço fúnebre. Regra geral a ser observada é que, se o caixão foi aberto no funeral em casa deve também estar aberto na Igreja.

6. Ofícios em intenção dos falecidos

Os falecidos podem ser lembrados na Proskomídia nas comemorações durante a Liturgia Eucarística e durante a Liturgia dos Dons Pré-santificados, quando necessário. Tais serviços podem ser feitos na Igreja ou no túmulo do falecido.

7. A Cremação

A Igreja Ortodoxa, atenta a que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e é Templo do Espírito Santo, considera mais apropriado e aceitável o sepultamento de seus restos mortais. A Igreja mantém hoje as santas tradições, tais como praticadas no Velho Testamento, no Novo Testamento e nas primitivas comunidades cristãs. Embora a Igreja Ortodoxa não possa sancionar a cremação como norma, ela está atenta a que, muitos casos não estão, atualmente, relacionados com motivos religiosos. Os pastores estão obrigados a levar este ensinamento àqueles fiéis, de cujo cuidado espiritual estão incumbidos.

A menos que determinado de outra maneira pelo Bispo próprio, a celebração do Ofício Fúnebre de um cristão ortodoxo deve, obrigatoriamente, acontecer na presença de um corpo intacto, com os restos mortais enterrados num túmulo selado, como convém para a dignidade do falecido,

seguindo o exemplo do sepultamento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

8. O Suicídio

Na preservação do princípio da santidade da vida humana, de sua concepção até a morte natural, a Igreja Ortodoxa não absolve, e não pode nunca absolver, a destruição premeditada e voluntária de uma vida. Isto é visto como assassinato e considerada uma grave transgressão da Lei Divina.

Quando se depara com um suicídio, o sacerdote deve providenciar orientação espiritual e conforto para a família desolada durante e depois do funeral. Ele deve apurar os fatos que precipitaram na tragédia, apresentar suas descobertas e recomendações ao Bispo próprio e obter sua orientação e autorização para o tipo de serviço fúnebre a ser conduzido e no local considerado mais apropriado e espiritualmente benéfico para aqueles que choram seus mortos.

9. O Aborto

Certa de que a vida humana tem início já no momento da concepção, e que toda vida humana é santificada desde o ventre materno – sendo a imagem de Deus, a Igreja vê o aborto intencional, em qualquer estágio do desenvolvimento do ser humano, como assassinato de uma vida inocente e, conseqüentemente, uma grave transgressão da Lei Divina.

10. O Suicídio assistido - eutanásia

A Igreja Ortodoxa considera o suicídio/eutanásia clinicamente assistida como um assassinato intencional de outra pessoa que está fisicamente ou mentalmente julgada incapaz.

Convencida de que somente o Criador pode tirar a vida e que o sofrimento não nos faz menos humanos, a Igreja Ortodoxa condena energeticamente qualquer ato de suicídio, assistido ou eutanásia, por um profissional da saúde ou qualquer outra pessoa. Onde há vida há esperança e, em todos os seres humanos, independentemente de sua condição física, a imagem de Deus permanece intacta.

11. Sobre os Sacramentos do Batismo e da Crisma

Os cristãos ortodoxos mais observadores concebem o Batismo não apenas como um mero ritual ou evento social, mas como um renascimento espiritual através da água e do Espírito Santo. Participam deste feliz evento espiritual os pais – primeiros mestres da fé e da moral e os primeiros modelos de fé a quem Deus Todo-Poderoso confiou o dom da vida – o Padrinho (ou de acordo com o costume local, os padrinhos), que exercem também o papel de modelos de fé e moral durante o amadurecimento físico e espiritual do(a) afilhado(a).

A Igreja Ortodoxa, de forma geral, e a Igreja Ortodoxa Ucraniana particularmente, celebra o dom da nova vida e dá ênfase à santidade e dignidade da vida através dos seguintes ritos pré-batismais:

– Um Ofício de Ação de Graças pela mãe que recentemente deu a luz. Neste ofício, suplica-se ao Autor da vida que a mãe seja preservada de toda aflição, realizado apropriadamente na presença da nova mãe, no hospital ou, se não for possível, em casa. Os benefícios pastorais advindos desta primeira visita por parte do padre não pode ser subestimada e promove a união daquela família com a grande família paroquial, que através da presença do pároco, alegra-se, com o novo nascimento.

– O Rito da Imposição do Nome que, seguindo o exemplo de nosso Senhor, foi nomeado no oitavo dia depois do seu nascimento. É usualmente celebrado no oitavo dia depois do nascimento da criança. Este ritual, durante o qual a santa Cruz é traçada sobre a testa, lábios e peito do bebê, e a ele ou ela é dado o nome de um santo cristão ortodoxo, é celebrado mais apropriadamente na paróquia, mas pode também ser celebrado em casa. Mais uma vez, este rito celebrado na presença dos pais, família e membros da paróquia, serve para aprofundar nossa relação com Cristo e fortalecer nossa identidade com Ele, e a identidade espiritual da criança com o santo onomástico – a vida espiritual virtuosa daquele, cujo nome ele ou ela possui.

– Quando possível, após 40 dias do nascimento, imitando a apresentação de Menino Jesus, a criança é levada à Igreja para o Rito da Apresentação e do Batismo. A mãe, então, já poderá voltar a uma vida ativa na fé da comunidade. O Batismo, Crisma, Tonsura, Apresentação e Primeira Recepção da Santa Comunhão pela criança, faz agora da dela herdeira do Reino de Deus, membro pleno do Corpo de Cristo, sendo por isso, recebida com alegria e ação de graças no seio

da Comunidade de Fé. Os membros da paróquia são obrigados a agir como modelos e mestres da fé, fidelidade, moralidade e virtude. O Batismo não pode ser negado a qualquer pessoa ou pai que o requeira.

São as seguintes regras que se referem ao Batismo e que são obrigatórios acima de tudo:

— O primeiro padrinho (masculino para um menino e feminino para uma menina) deve obrigatoriamente ser um cristão ortodoxo, membro de uma paróquia ortodoxa. O primeiro padrinho renuncia satanás em nome da responsabilidade espiritual e recita a Profissão da Fé Ortodoxa.

O privilégio de escolha para a sagrada função de padrinho é negado a:

- Qualquer pessoa que tenha sido excomungada pela Igreja ou que tenha se auto excomungado da Igreja.

- Qualquer cristão ortodoxo que tenha se casado fora da Igreja ortodoxa, cujo casamento não foi, portanto, abençoado na Igreja Ortodoxa.

- Qualquer cristão ortodoxo que não seja membro de uma paróquia Ortodoxa.

— É necessário somente um padrinho podendo, conforme costumes locais, aceitar-se que a criança tenha dois ou mais. Os padrinhos secundários devem, obrigatoriamente, ser cristãos batizados na Igreja Ortodoxa ou ter o batismo reconhecido pela Igreja Ortodoxa.

— A relação espiritual que o batismo imprime proíbe o casamento de padrinhos com seus afilhados e padrinhos com os pais dos afilhados.

— Em circunstâncias normais, o local apropriado para a celebração do santo sacramento do Batismo é a Igreja.

— Batismos podem ser celebrados em qualquer dia do ano, mesmo nos dias prescritos para jejum e penitência, mas as festividades e atividades após o batismo, que contradizem o espírito do dia ou época da penitência, são normalmente postergados até um outro dia.

— Como está evidenciado na Liturgia da Igreja Ortodoxa, os dias a seguir são tradicionalmente dias de batismo:

- ✓ O Sábado de Lázaro;
- ✓ O Sábado Santo - (da semana Santa);
- ✓ O Domingo de Páscoa;
- ✓ A Festa da Natividade do Senhor;
- ✓ A Festa da Santa Teofania.

— Vale lembrar ainda àqueles que são convidados a serem padrinhos de uma criança, membro da família ou amigo, a tremenda responsabilidade que tal relação impõe. Não ousem, portanto, aceitá-la de maneira superficial. De acordo com Tradição, chega a ser pecaminoso recusar a aceitar tal responsabilidade quando requisitado a fazê-lo, mas, ele ou ela deve recusar-se com toda a honestidade se não se sentir comprometido com Cristo e sua Santa Igreja e não estiver retamente intencionado(a) a proporcionar a

orientação espiritual cristã para seus afilhados ao longo de sua vida.

— Como padrinho ou madrinha, deve-se zelar pela vida espiritual, rezando diariamente pelo(a) afilhado(a), preparando-o para o dia da Primeira Confissão e para outros eventos espirituais na vida cristã ortodoxa do(a) afilhado(a).



CONTRACEPÇÃO: O que nos ensina a Igreja Ortodoxa

Em: 28 de junho de 2022.

Com a recente revogação de *Roe v. Wade*, muitos estados (americanos) em breve proibirão abortos eletivos. Diante disso, muitos homens e mulheres podem pensar em recorrer à contracepção ou controle de natalidade para evitar uma gravidez "indesejada". Infelizmente, muitos cristãos têm comprometido a posição tradicional da Igreja sobre o controle da gravidez e do parto. É óbvio: **a Igreja Ortodoxa não aprova o uso de contraceptivos ou controle hormonal de natalidade para quem não é casado**; cristãos solteiros devem permanecer celibatários até o casamento. No entanto, dentro do contexto de uma união conjugal abençoada, métodos naturais para controlar a concepção são aceitáveis. O que queremos dizer com "métodos naturais"? E por que esses são os únicos aceitáveis de controle de natalidade aos olhos da Igreja?

Controle de natalidade vs. Contracepção

Primeiramente, uma clarificação: *Contracepção* refere-se a métodos artificiais que atuam contra a concepção

de uma criança (ou seja, a pílula do dia seguinte, DIUs); controle de natalidade, por outro lado, refere-se a ações que limitam o número/tempo de filhos naturalmente, como o Planejamento Familiar Natural e a abstinência.

Exceto por razões médicas, a contracepção, geralmente, não é aceitável aos olhos da Igreja. A abstinência e o Planejamento Familiar Natural, por outro lado, estão em conformidade com o ensinamento da Igreja.

O propósito do sexo

Está correto para um casal cristão casado ter relações sexuais sem o objetivo de conceber uma criança? Poderiam um marido e uma esposa "estar juntos" dessa forma sem cair em pecado?

O propósito da união sexual desempenha um papel importante na compreensão da posição da Igreja. A posição ortodoxa sobre contracepção e controle de natalidade apenas espelha parcialmente a da Igreja Católica Romana, que historicamente entendia o sexo como um ato puramente procriativo. Com o tempo, o catolicismo também abraçou os aspectos unitivos do casamento. Mas até hoje ainda insiste que a possibilidade de procriação é essencial sempre que um marido e uma esposa se envolvem em relações sexuais.

A Igreja Ortodoxa Oriental, por outro lado, vê a sexualidade humana como bela quando ordenada de acordo com o designo de Deus. Ela também sempre destaca múltiplos propósitos para o sexo. Para os ortodoxos, a união íntima e a proteção contra o abuso egoísta do sexo são tão importantes

quanto a procriação. E embora possa ser ideal que todos os três propósitos estejam presentes em cada ato sexual conjugal, em nenhum lugar somos ensinados que devemos sempre ter os três. A Igreja Ortodoxa na América (OCA) afirma: *"Casais casados podem expressar seu amor na união sexual sem sempre pretender a concepção de uma criança"*. Pense assim. Quando comemos, fazemos isso para nutrir nossos corpos e para desfrutar do que Deus nos deu. Se você come um pedaço de chocolate, você está cumprindo o segundo propósito, mas não o primeiro. E isso está bem. Desde que não abusemos a ponto de prejudicar nossa saúde e minar o outro propósito dos alimentos. Assim é com o sexo dentro do casamento.

Ensinaamentos da Igreja Ortodoxa sobre contracepção

Recentemente, a GOARCH começou a permitir o uso de contraceptivos não abortivos no casamento *para "espaçar os filhos, melhorar a expressão do amor conjugal e proteger a saúde"*. No entanto, muitas outras jurisdições da Igreja continuam a manter a Tradição e condenam contraceptivos como preservativos, espermicidas, pílula do dia seguinte etc. Como tal, essas jurisdições só permitem métodos naturais como o planejamento familiar natural (PFN) e a abstinência para casais casados.

A igreja condena o controle de natalidade hormonal se houver uma razão médica?

Em geral, sim; mas isso pode não ser verdade em circunstâncias particulares. Se um médico prescreveu controle de natalidade hormonal por razões médicas, a Igreja geralmente emprega a *economia* (*oikonomia*). Ela será assim misericordiosa e tolerante com a mulher que está necessitando fazer o controle de natalidade. No entanto, pode haver uma alternativa para tratar a condição médica de uma mulher que não exija que ela recorra ao controle de natalidade como solução. E se essa alternativa estiver acessível à paciente, esse deve ser o caminho a seguir em vez do controle de natalidade artificial, especialmente abortivos que matam o feto. Em última análise, você deve falar com seu sacerdote/pai espiritual sobre sua situação particular. Em resumo, a Igreja Ortodoxa permite tanto o controle de natalidade quanto algumas formas de contracepção dentro do casamento, sujeitas às seguintes condições:

1. A vida humana não pode terminar como resultado

A vida humana, de acordo com a ciência moderna e a teologia antiga, começa no momento da concepção (fertilização). Neste momento, um ser humano tem todas as informações genéticas de que precisa para ser um indivíduo único. É por isso que a Igreja considera o aborto uma forma de assassinato e sempre condenará a contracepção abortiva.

2. Você tem a bênção do seu pai espiritual

Em segundo lugar, você deve ter a aprovação e a bênção do seu pai espiritual se desejar usar contracepção não abortiva. E isso é tipicamente incomum, já que a maioria dos padres aconselhará abstinência ou Planejamento Familiar Natural primeiro, a menos que você tenha uma razão médica para precisar do contraceptivo.

Conclusão

Em última análise, a posição da Igreja Ortodoxa sobre a contracepção se resume a entender o casamento como um exercício de amor *ágape*. Se uma pessoa decide usar contracepção dentro do casamento puramente por motivos egoístas, isso viola esse princípio. Desde que essas decisões sejam mútuas entre ambos os parceiros do casamento e sejam abençoadas pelo seu padre, o amor *ágape* ainda é o foco do seu casamento.



O Batismo

Diakonia Apostólica da Igreja da Grécia

O nome

Os nomes, desde sempre, tiveram uma especial importância para a comunicação e o entendimento humano, visto que têm desempenhado o papel daqueles elementos mediante os quais era possível distinguir pessoas, animais e objetos. O nome se converteu rapidamente num meio pelo qual se põe de manifesto uma pessoa ou coisa. Se isto tem importância para o mundo vegetal e animal, muito mais para o homem no qual o caráter pessoal é mais marcante e suas características peculiares aparecem em diversos homens de modo diferente e irrepetível. O nome e o ato de dar o nome não se desenvolveram separadamente da vida e dos avatares históricos dos povos. Através dos nomes podemos seguir os rumos históricos de uma nação inteira. Frequentemente, os nomes exercem sobre nós atração e poder, porém, também repulsão. Isto ocorre porque as pessoas que trazem estes nomes se associam com boas recordações do passado, no primeiro caso, e com experiências e situações negativas, no segundo. Muitas vezes os nomes são distintivos da religião da pessoa e se relacionam às convicções filosóficas e sociais dos homens.

Nos gentios

Os gregos se distinguiram mais que nenhum outro povo pela riqueza de seus nomes próprios. A alegria e o orgulho dos gregos era seu nome próprio mais que a sua profissão ou os seus títulos. A ausência de nomes ou do ato de dar o nome por parte de algum povo era, geralmente, considerada ausência de civilidade. Contrariamente ao que ocorria com os povos pré-históricos, nos povos civilizados os homens levam nomes próprios que lhes são outorgados num ato especial. Entre os antigos gregos, o nome era dado ao bebê ao nascer, mais precisamente no oitavo dia de seu nascimento.

No Antigo Testamento

No antigo testamento vemos que o homem, como a mais perfeita das criaturas, desde o primeiro momento tem seu próprio nome que manifesta a sua individualidade e o seu caráter único, pelo qual se distingue das demais pessoas que se convivem com ele. O Criador chama ao primeiro homem ADÃO por seu nome e este, por sua vez, dá nome ao à sua mulher e aos animais.

Os judeus davam o nome aos bebês imediatamente após seu nascimento e, mais tarde, passaram a fazê-lo no oitavo dia de nascimento. Precisamente, o fato de dar o nome no oitavo dia estava relacionado com a circuncisão. Este costume, da circuncisão, foi praticado na antiguidade pelos egípcios e etíopes, Deles o tomaram os hebreus. A circuncisão é uma prática religiosa ordenada pelo próprio Deus para que fosse um sinal visível da sua pertença, assim como, sinal da

aliança estabelecida por Deus com Abraão. A relação da circuncisão judia com o ato de dar o nome mostra, talvez, a enorme relevância que os judeus atribuem ao nome e à sua importância para a vida do homem.

Na doutrina cristã

A importância do nome humano foi também assumida pelo cristianismo que a pôs de realce e a elevou, ao libertá-la das asfixiantes amarras espaço-tempo do mundo presente, situando-a na dimensão ultraterrena.

Quando se dá o nome

O nome, segundo as leis da Igreja Ortodoxa, é dado no oitavo dia do nascimento do bebê. Por quê? Na revelação bíblica, o número “sete” é o símbolo do mundo criado por Deus, “todo bom”, do mundo que foi corrompido pelo pecado e entregue à morte. O sétimo é o dia no qual o Criador descansou e o abençoou; é o dia que expressa a alegria e o regozijo do homem pela criação como comunhão com Deus. Porém, este dia é um descanso do trabalho, não seu autêntico fim. É o dia da aspiração, da esperança do mundo e do homem na redenção, no dia que está mais além do “sétimo”, mais além da permanente repetição do tempo. Esta situação sem saída veio a ser abolida pelo novo dia inaugurado por Cristo com sua Ressurreição. A partir do único dos sábados teve início um novo tempo que, ainda que, exteriormente, permanece dentro do tempo antigo deste mundo e continua sendo medido com o número “sete”, o crente sente que é um novo

tempo. O “oito” se converte desde já no símbolo deste novo tempo.

Por que se dá o nome no oitavo dia?

A Igreja, ao estabelecer o oitavo dia do nascimento como o dia da imposição do Nome, quer fazer com que o recém-nascido participe e comungue desta nova realidade, indicando-lhe o rumo dinâmico da vida humana cuja meta é o Reino dos Céus. Vemos aqui que a Igreja considera o recém-nascido uma pessoa íntegra, tratando-a com a mesma atenção com que trata todas as outras pessoas. O nome identifica o ser humano como pessoa e certifica sua unicidade. Por isso vê como importante dar um nome à criança. A Igreja não considera o bebê simplesmente um homem, genérico e indefinido, nem como portador de natureza abstrata e impessoal. É realmente impressionante o fato de que muito antes de que se reconhecessem às crianças os direitos humano, antes mesmo que se fundassem as organizações internacionais para a proteção da infância, a Igreja, aplicando há séculos a sua filantropia (amor pela humanidade) por mais ignorada que tenha sido, prática com todos os homens, com a bênção no ato de imposição do nome, confessara concretamente a unicidade da criança e reconhecera o dom divino de sua personalidade.

A bênção no «Rito de Imposição do Nome»

A Bênção é assim chamada porque a Igreja, oito dias depois de nascimento da criança, a chama pela primeira vez por seu próprio nome. Isto ocorre não porque seja a primeira

vez que a Igreja o abençoa – pois isto já aconteceu no primeiro dia – mais porque as bênçãos do primeiro dia são dirigidas especialmente à mãe e, em segundo lugar, à criança. Esta bênção tem por finalidade assinalar a meta do homem, qual seja, a união com Deus. Por isso, não se esquece de expressar a solicitude de seu acesso à Igreja e sua culminação, por meio dos santos sacramentos de Cristo. Somente como membro da Igreja, que se dá mediante o batismo, a criança superará a ruptura do pecado. Deste modo fica evidente que a Bênção da Imposição do nome indica o Sacramento do Batismo e da Confirmação (crisma) e a participação do homem na Santa Eucaristia.

O «Ofício de Imposição do Nome»

No ofício que se celebra na igreja ou na casa, a bênção é o momento marcante da imposição do nome. A criança é recebida pelo sacerdote, não no templo, mas no pórtico, isto é, na entrada. Ali tem lugar o ofício. A origem desta disposição pode ser encontrada na prática da antiga Igreja, segundo a qual as cerimônias pré-batismas aconteciam, não no templo principal, mas no pátio do batistério. Depois da leitura da bênção do ato de dar o nome, a que temos examinado, o sacerdote traça o sinal da cruz sobre a boca, a fronte e o coração da criança. Isto se faz não só para abençoar estas partes do corpo, mas também as suas respectivas funções: a da palavra (boca); a intelectualidade (fronte); e a função vivificadora (coração). Deste modo a criança, como entidade psicossomática conjunta, é literalmente integrada a Cristo. Esta é a razão pela qual, na continuação do rito, se canta o

apolítikion (canto religioso) da Festa da Purificação de Maria: “Salve, ó Cheia de Graça, Virgem Mãe de Deus” ...

Hoje, frequentemente e por diversos motivos, como a ignorância, ou porque os pais não decidem antecipadamente os nomes que darão ao filho, ou por outras razões práticas, o ato de dar o nome está associado à cerimônia do batismo.

Por que celebramos as festas

O homem, criado à imagem de Deus, está por sua natureza destina a celebrar as festas, a recordar a Deus. São Gregório, o Teólogo, diz expressamente: “o valor principal da festa é a recordação de Deus”. Deste modo, a festa cristã não é uma situação teórica, abstrata e irresponsável. Pelo contrário, constitui realmente esgotável caminho do homem de volta a Deus, ao Arquétipo não criado do qual procede. Por isso, a festa cristã, como vivência da alegria e do regozijo, não pode ser entendida fora da glorificação das obras de Deus e a experiência da glória divina, fora da nova realidade criada no mundo pelo atos da economia divina, da encarnação do Verbo, da Cruz, da Paixão e da Ressurreição de Cristo. Atos que deram um novo sentido ao tempo, ao espaço, ao homem, ao mundo e à própria vida.

O conteúdo da festa cristã na Igreja

O homem celebra porque celebra Cristo. São João Damasceno diz que: “Cristo institui as festas para nós”. O conteúdo da festa é a alegria do homem: a alegria da salvação. Uma experiência vivida dentro do Corpo de Cristo, a Igreja, que é caracterizada pelos padres como “Igreja (=reunião) dos

que celebram de modo digno do Espírito”. Uma experiência que adquire dimensões eternas, se converte “cópia da alegria do alto”, já que Cristo, Igreja e vida ultraterrena, isto é, o Reino de Deus, são inseparáveis. Deus não é honrado já em determinados grandes acontecimentos, senão, que é ponto de referência e recordação para o homem a cada momento, a cada hora, a cada dia, a cada festa. O tempo na vida eclesial no qual se desenrola a revelação, se realiza a salvação do homem e cobra valor mediante o mistério da Humanização do Filho e Verbo de Deus. O homem pode já superar a barreira do tempo e viver o eterno e verdadeiro. Podemos todos fazer de nossas vidas uma Páscoa contínua.

As festas distribuídas ao longo do ano eclesial, constitui precisamente centros que organizam o tempo em uma nova dimensão: a Páscoa, a Natividade, a Ascensão, a Festa dos Santos Apóstolos, as memórias diárias dos Mártires e dos Santos, o ciclo semanal e anual dos ofícios, as demais festas com as vigílias e seus ofícios, dão ao tempo uma nova direção e dimensão. A festa, pois, é a própria existência da Igreja de onde a Ressurreição segue ativando-se como realidade histórica e situa sacramentalmente o crente no mundo da vida divina. É a sensação ontológica do oitavo dia, o ato universal, por excelência, da Igreja.

A dimensão eucarística da festa

A Transfiguração do tempo, a renovação do mundo, a alegria que Cristo dá ao homem, porém, também a imitação da vida de Cristo, a nova vida exigida pela festa cristã, se vivem por meio da Igreja, da Eucaristia e da vida sacramental. A

Igreja, diz São Nicolau Cabasilas, “é significada pelos Sacramentos”, isto é, vive nos Sacramentos. Isto significa que as festas e as cerimônias da Igreja emanam do único mistério de Cristo.

Na Santa Eucaristia, dentro da Divina Liturgia, a festa por excelência, está presente toda a Igreja. Cristo está presente revelando ao homem a verdade de Deus. Os santos estão também presentes na Santa Eucaristia. A Divina Liturgia é também oferecida “em favor dos que repousaram na fé, dos ancestrais, dos pais, dos patriarcas, dos profetas, dos apóstolos, dos mártires, dos confessores e, especialmente, da Bendita e Imaculada Virgem Maria”. Porém, não como súplica nossa a Deus pelos santos, mas como ação de graças. A Santa Eucaristia não é oferecida como agradecimento ao santo por uma graça alcançada, mas porque os fiéis se alegram e esperam em sua intercessão durante a sua festa. Por isso, quando celebramos vamos à Igreja. Celebrar significa ir à Igreja, participar da Santa Eucaristia, comungar do Corpo e do Sangue de Cristo, comungar com Deus. Celebrar significa não estar só, mas com Deus e meus irmãos.

Por que honramos aos santos

Honramos aos santos não como heróis religiosos, pois isto seria idolatria, mas como exemplos de vida renovada do homem em Cristo, como luzes “*teúrgicas*”, como verdadeiros amigos de Deus, como co-partícipes da paixão e glória de Cristo e como guias dos fiéis “a toda verdade no Espírito Santo”.

Os ícones de nossos santos

A prostração reverencial ante os santos emana do fato de que foram eles mesmos honrados por Deus. Os ícones dos santos testemunham esta honra que lhes foi rendida por Deus e, deste modo, nos convidam à imitação de uma fé semelhante. São Basílio o Grande diz que “a reverência aos ícones é dirigida ao modelo”. A honra que rendemos ao ícone passa à pessoa representada e, finalmente, se remete a Deus.

«Seguindo a doutrina, ditada por Deus, de nosso santos Padres e a Tradição da Igreja católica, pois a reconhecemos como doutrina do Espírito Santo que nela habita, determinamos com toda a exatidão e unanimidade que se ponham junto à Santa e Vivificante Cruz também os veneráveis e sagrados ícones, elaborados com cores e mosaicos ou qualquer material adequado, nos sagrados templos de Deus, nos utensílios e paramentos eclesiásticos, nas paredes e nas tábuas, nas casas e nas ruas, a saber, as imagens de Nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo, de Nossa Imaculada Senhora, a Santa Mãe de Deus, dos Santos Anjos e de todos os Santos e homens veneráveis.» (VII Concílio Ecumênico)

Referências bibliográficas:

- ✓ Georgios Ch. Chrysostomos, *El acto de dar el nombre*, ed. Pournará, Salónica 1991
- ✓ S. Demoiros, *La forma de otorgar nombre al hombre entre los antiguos griegos y los griegos cristianos*, Atenas 1976.

- ✓ K. Montzouranis, *Los principales nombres de los griegos y las griegas con su breve historia y su etimología y valor simbólico*, Atenas 1951.



Sobre o casamento na Igreja

Há muitas perguntas que os casais devem fazer a si mesmos ao se prepararem para se casar na Igreja Ortodoxa. Estão qualificados para se casar na Igreja em primeiro lugar? Têm os documentos legais necessários? Têm tudo o que precisam para a cerimônia em si? Aqui, vamos explorar muitas dessas questões.

Quem pode se casar na Igreja Ortodoxa?

Antes de considerar casar-se na Igreja Ortodoxa, você deve garantir que você e seu cônjuge atendam a certos requisitos. Embora algumas jurisdições possam ter diretrizes adicionais para os casais, existem duas que todos as jurisdições têm em comum. São bastante simples e autoexplicativos:

1. Ambos devem ser batizados em nome da Santíssima Trindade¹ e pelo menos um (de preferência os dois) deve ser cristã(o) ortodoxo. Em outras palavras, isso significa essencialmente que a Igreja não abençoa ou realiza casamentos entre cristãos ortodoxos e não-cristãos (por exemplo, muçulmanos, judeus, ateus etc.). Isso ocorre

¹ Cf. Mt 28:19

porque a natureza sacramental do vínculo matrimonial requer que o casal não apenas prometa amor mútuo, mas também suas vidas a Cristo. Se metade do casal não crê, como podem prometer juntos suas vidas a Cristo?

*Nota: o sacerdote pode solicitar certificados de batismo para assegurar que o batismo em nome da Trindade realmente ocorreu. Também pode solicitar certidões de nascimento válidas.

2. Nenhum dos dois pode estar atualmente casado com outra pessoa. Isso se aplica a casamentos abençoados pela Igreja Ortodoxa e a casamentos civis. Se um dos noivos for civilmente divorciado, deve primeiro receber uma bênção do seu bispo reconhecendo o divórcio e permitindo o novo casamento. Além disso, se você ou seu futuro cônjuge forem viúvos, você deve apresentar uma certidão de óbito legal do cônjuge falecido.
3. Restrições adicionais de casamento

QUANDO PODE OCORRER UM CASAMENTO NA IGREJA ORTODOXA?

Outra consideração importante para casais que se casam na Igreja é a data real da cerimônia de casamento. Ao longo do ano, a Igreja não celebra casamentos durante certas estações ou em certas datas. Se você tiver acesso a um calendário litúrgico, aqui está uma boa regra prática: a Igreja não pode celebrar casamentos em qualquer dia que exija jejum (marcado em vermelho no calendário). Ocasionalmente, essas datas variam em diferentes jurisdições; no entanto, em geral,

igrejas ortodoxas não celebram casamentos nas seguintes datas:

- a. Quartas-feiras e sextas-feiras (a menos que sejam durante períodos de festa);
- b. Qualquer noite que anteceda uma das *Doze Grandes Festas*;
- c. Durante qualquer um dos quatro períodos prolongados de jejum: o Jejum de Natal (15 de novembro - 24 de dezembro); a Grande Quaresma (datas mudam a cada ano); o Jejum dos Apóstolos (segunda-feira após o Dia de Todos os Santos até o dia da festa de São Pedro e São Paulo em 29 de junho); o Jejum da Dormição (1º a 14 de agosto).
- d. 28/29 de agosto (a Decapitação de São João Batista);
- e. 13/14 de setembro (a Exaltação da Santa Cruz).

Somente em circunstâncias graves a Igreja permitirá casamentos durante esses períodos. Nesse caso, o Metropolitano deve conceder permissão para que o casamento ocorra.

Além disso, ao planejar seu casamento, tente se comunicar com o padre assim que puder. Leve em consideração sua agenda e a disponibilidade das instalações da igreja também.

Onde pode ocorrer o casamento?

Felizmente, esta é uma das perguntas mais fáceis de responder! Casamentos ortodoxos devem ocorrer em um prédio de igreja ortodoxa, não em uma casa particular, jardim botânico, praia etc. Como o casamento é um sacramento intimamente ligado à vida da Igreja, ele deve ser administrado dentro da Igreja, o reside em edifícios físicos sob a autoridade de bispos.

A Igreja Ortodoxa proíbe os seguintes casamentos:

- a. Pai com filho(a)/neto(a);
- b. Cunhado com cunhada;
- c. Primos em primeiro ou segundo grau;
- d. Tia/Tio com sobrinho(a);
- e. Padrinho/madrinha com afilhado(a);
- f. Padrinho/madrinha com pai/mãe do afilhado(a);
- g. Pais adotivos com filho(a) adotivo(a);
- h. Pessoas do mesmo sexo. .

Escolha do grupo do casamento

De todos os membros do grupo de casamento, o *Koumbaros/Koumbara* é talvez o mais importante. Todo casal que se casa na Igreja deve ter um, e ele/ela deve ser membro em situação regular na Igreja Ortodoxa. Em outras palavras, apenas aqueles batizados na Ortodoxia podem desempenhar esse papel. Você só precisa ter um *Koumbaros* ou uma

Koumbara, não ambos. No entanto, se desejar ter ambos, isso é perfeitamente aceitável. Na Tradição Ortodoxa, o homem, mulher ou casal escolhido eventualmente se tornam os padrinhos de quaisquer futuros filhos. Na interpretação estrita da Igreja, o *Koumbaros/Koumbara* não é o mesmo que o padrinho/dama de honra. Enquanto este serve apenas como testemunha legal, aquele serve como testemunha eclesiástica, ou testemunha diante de Deus e da Igreja, atestando a realidade do seu casamento.

Em algumas tradições, ele também pode trocar as alianças e as coroas, e segurar a fita enquanto o casal dá a volta na mesa cerimonial juntos como marido e mulher. Como parte desse papel, ele compra as coroas, a bandeja de prata, as amêndoas, as velas etc., usadas durante a cerimônia. Mas se preferir, pode ter a mesma pessoa desempenhando ambos os papéis no seu casamento. Se planeia ter mais padrinhos, damas de honra, acompanhantes etc., eles não precisam ser ortodoxos. No entanto, devem concordar em observar a prática e etiqueta da Tradição Ortodoxa ao participar no seu casamento. Além disso, certifique-se de falar com o seu padre, para que ele esteja ciente das pessoas que estarão na festa de casamento.

Documentos legais necessários para um casamento ortodoxo

Após escolher uma data e selecionar a sua festa de casamento, precisará consultar o padre. Durante o decorrer dessas conversas, receberá um pedido de licença matrimonial

eclesiástica (casamento na Igreja). Deverá obter os seguintes documentos para completar esse pedido:

- a. Certificados de batismo, tanto para si como para o seu futuro cônjuge;
- b. Uma cópia do seu Certificado de Casamento civil (se já estiver casado civilmente);
- c. Documentos de divórcio civil (se já esteve casado num serviço civil);
- d. Certificado original de divórcio eclesiástico (se já esteve casado na Igreja Ortodoxa);
- e. Uma breve nota sobre licenças de casamento civil.

Para um padre poder casar você na Igreja, por lei você deve obter uma licença de casamento civil. Ambas as partes devem estar presentes para obter a licença de casamento.

Itens necessários para um casamento ortodoxo

Por último, se você quer ter certeza de que tem tudo o que precisa para o ofício do casamento, aqui está uma lista geral de itens, embora isso possa variar de acordo com a jurisdição ou paróquia. Consulte o seu padre para uma lista mais abrangente.

- a. As alianças;
- b. Um par de coroas de casamento;
- c. Dois candelabros brancos;
- d. Um cálice comum.

Algumas outras coisas a considerar

Lembre-se de que o serviço de Noivado e o serviço de Casamento (Coroação) são um único Sacramento. Portanto, eles devem ser celebrados ao mesmo tempo e nunca podem ser separados. (Isso contrasta com a prática católica romana e protestante, na qual alguns casais ficam noivos antes do serviço de casamento. Além disso, o clero não pode officiar no casamento de múltiplas noivas e noivos ao mesmo tempo. Um casal, um serviço.

Por último, se você e seu futuro cônjuge forem ortodoxos, vocês devem planejar receber os sacramentos da Confissão e Comunhão antes da cerimônia de casamento. Mesmo que apenas um de vocês seja ortodoxo, esse deve fazer o mesmo.

Em resumo:

Certifique-se de cumprir todos os requisitos que apresentamos acima se deseja se casar na Igreja Ortodoxa.

Certifique-se de que você e seu cônjuge estão de fato prontos para este compromisso;

Escolha uma data apropriada;

Faça uma lista de possíveis convidados para padrinhos e testemunhas de seu casamento com muito cuidado e obtenha todos os documentos legais importantes para entregar ao padre.

E, é claro, não se esqueça de obter todos os itens que você precisará para a cerimônia em si.

O Santo Sacramento do Matrimônio

St. Paul the Apostle Orthodox Church, Disponível em
Lasvegasorthodox.com/

“Ó, Senhor, coroaí-os com glória e honra!”

(Liturgia do Matrimônio da Igreja Ortodoxa)

Deus declarou o matrimônio honrável por sua presença nas Bodas de Caná na Galileia. Só é justo, assim, que os casamentos que sejam realizados na Igreja tenham seus casais dedicado juntos suas novas vidas a Deus. (...)

Há muitas partes diferentes da cerimônia com muitos símbolos para expressar o amor de Deus à sua criação e sua benção ao casal.

A cerimônia começa na parte detrás da Igreja onde o casal troca as alianças e entram juntos na Santa Casa de Deus. Há uma série de orações chamada “*Litania*” que pede a benção de Deus ao casal, ao povo e à Igreja. As alianças são então trocadas pelo casal três vezes em lembrança da Santíssima Trindade, e colocada no quarto dedo da mão direita. É tradicional casal portar suas alianças na mão direita, uma vez que é ela a mão da benção na Bíblia. Segue-se outra oração que cita os muitos exemplos de casamentos divinos da

Bíblia e incentiva o casal a segui-los. O sacerdote conduz os noivos para o centro da Igreja.

No centro da Igreja há uma mesa onde são colocados os itens litúrgicos usados na cerimônia. Há um par de coroas que o sacerdote coloca nas cabeças do casal para abençoá-los e os lembrar das coroas que os mártires vestiram por testemunhar o Cristo. Há um cálice comum de o casal bebe para simbolizar sua unidade. Há um par de velas que o casal segura para mostrar que a luz de Cristo brilha em suas vidas. Há um lenço com o qual o sacerdote amarra juntas as mãos do casal para simbolizar sua unidade. Finalmente, há o Evangelho que o sacerdote lê e com o qual benze em forma de cruz o casal.

A liturgia começa com o canto do Salmo 127/8 que lembra o casal da benção de Deus sobre Jerusalém. O sacerdote acende as velas ao casal e pergunta a cada um sobre suas intenções. Há novamente uma litania e orações de benção que lembram o casal de sua obrigação perante a Deus e ao outro. Em seguida, o sacerdote abençoa o casal com uma coroa e coloca uma em cada cabeça. Lê-se a Epístola aos Efésios (5: 20-33), que fala da obrigação do matrimônio e o compara a Cristo e à Igreja. Há depois a leitura do Evangelho de São João (Jo 2: 1-11), que fala da benção de Cristo nas Bodas de Caná.

Seguindo as leituras, há outra litania e mais orações. O casal então partilha do mesmo cálice três vezes para uni-los. O sacerdote amarra juntas as mãos dos noivos e lhes entrega a cruz. Há uma procissão feita três vezes em torno da mesa enquanto o coro canta um belo hino. Interessante o fato de

que trata-se do mesmo hino que é cantado na ordenação do clero. O sacerdote agora abençoa o casal, desata suas mãos e remove suas coroas. Usualmente, há um sermão, e depois a benção final. Assim, o casal é unido a Cristo e a cada um no Santo Matrimônio.

O Matrimônio não é uma simples troca de votos ou um contrato, mas um sacramento da Igreja, como todos os outros, que nos unem a Cristo. Os recém-casados não são unidos apenas entre si, mas são unidos a Cristo e à sua Santa Igreja. Não é meramente um *affair* privado, mas algo testemunhado pela Igreja como Corpo de Cristo, levando-os a uma comunhão mais próxima com todos. Pelo casamento, suas vidas são transfiguradas, pois juntos buscam a salvação neste mundo.



Amor, sexualidade e casamento

Sophie Stavrou, Tradução do francês pelo Dr. Martín E. Peñalva
Tradução para o português por Pe. André [Sperandio]. Em
Contacts, Nº 213, 2006, pp. 85-89. Mosteiro da Transfiguração
de Nosso Senhor Jesus Cristo

Observando os dois primeiros termos propostos - amor e sexualidade -, impressiona a sua assimetria. Por um lado, amor, *ágape*, uma palavra magnífica, um epíteto divino, uma virtude, um sentimento celebrado por todos os poetas; por outro lado, sexualidade, termo técnico, palavra médica em sua origem, surgida apenas no século XIX. Essa disparidade é o sinal de um hiato que separa esses dois termos, que, no entanto, deveriam estar unidos se víamos na sexualidade a linguagem dos corpos para expressar o amor.

Esse desajuste é duplo. Provém de uma certa visão da Igreja que suspeitou que a sexualidade estava marcada pelo pecado e deu como modelo a abstinência monástica, onde a ascese tem como objetivo dominar e sublimar o desejo sexual. Certas tendências caricatas, que fizeram dos fiéis casados cristãos de segunda categoria, deixam à Igreja uma imagem um pouco atraente que preconiza o casamento e proíbe o prazer dos esposos, em desajuste com os modelos de vida da sociedade contemporânea.

No entanto, encontra-se ali a mesma tensão: o amor, fim absoluto, busca de grande felicidade: a literatura com água de rosas onde a pastora encontra seu príncipe encantado. De fato, alguém sempre se casa e se divorcia muito ... O reencontro amoroso, por mais fugaz que seja, é um abraço de corpos. Se uma certa moral cristã quis fazer calar a linguagem dos corpos, hoje em dia faz-se eles falarem, mesmo quando não têm nada a dizer. Finalmente, a sexualidade torna-se um prazer: amar torna-se um absoluto, sem a necessidade de outro a quem dar seu amor, a quem se entregar, mas sim o amor se identifica com o prazer que se tem ao fazer amor.

Como resolver essa dupla tensão? Como criar uma harmonia entre amor e sexualidade? Como, em um relacionamento amoroso, ser ao mesmo tempo cristão e plenamente na sociedade contemporânea?

1. Encontro do ser amado e encontro de Cristo

A descoberta do amor e do desejo é frequentemente a ocasião do primeiro questionamento existencial para todos os jovens. Eles mantiveram a fidelidade infantil à Igreja ou, pelo contrário, a rejeitaram como tudo o que parece lhes ser imposto pelos pais, ou ainda não ouviram falar dela. Mas a força do amor questiona as divisões confortáveis: impossível relegar essa força a um canto do coração. Que sentido dar a esse amor? Que lugar ele ocupa em sua vida? Que olhar fixar sobre o ser amado? Maravilhados por este mistério do amor que descobrem, podem pressentir além outro mistério,

através da beleza do ser amado, a fonte de toda beleza. Amando, abrem-se de uma maneira nova ao amor de Deus.

Neste momento a Igreja tem que desempenhar um papel crucial para acolhê-los. Se ela aparece como uma instância religiosa que legisla sobre o permitido e o proibido, e consequentemente acolhe ou rejeita, se apresentará como uma picota moral desprovida de significado que mata o amor com a lei. Esses jovens ainda frágeis se afastarão dela por muito tempo, até mesmo para sempre.

Pelo contrário, se a Igreja, a paróquia, é um ambiente acolhedor, se irradia o amor do Pai por seus filhos adotivos, se nos ensina o amor absoluto de Cristo, se nos consola com a doçura do Espírito Santo, dará ao amor humano outra perspectiva, fonte de uma grande alegria e de uma exigência nova.

De fato, crer no amor infinito de Deus, em Cristo que se fez homem, que morreu e ressuscitou, transforma a visão que temos do ser amado. Ver o outro à luz da Ressurreição e do Reino vindouro torna impossível considerá-lo unicamente como um corpo que vai envelhecer e morrer, e nos oferece ultrapassar a dualidade entre *eros* e *thanatos*. Não é mais a embriaguez do prazer carnal que nos oferecerá uma escapada fugaz ao desespero da morte, nem mesmo a continuidade familiar através dos filhos que aliviará nosso fim. Ver no ser amado uma pessoa, com seu mistério irreduzível, criado à imagem de Deus e chamado a ressuscitar, dá novo impulso ao amor humano que o abre ao amor de Deus.

Tal impulso abre um caminho cujo termo sempre se esconde, um caminho em direção a Deus graças ao ser amado

e com ele. Então, todas as imagens da jornada podem ser usadas: tropeços, desvios, quedas frequentes; mas quaisquer que sejam as vicissitudes, se olharmos para aquele a quem amamos, corpo, coração e alma unidos na luz da Ressurreição, saberemos que amar não é possuir, mas entregar-se com infinita ternura e respeito ao mistério insondável daquela outra pessoa que nos conduz ao mistério de Deus.

É um caminho difícil, insuportável; constantemente se deforma, se perverte, tal impulso amoroso. Existe o desgaste diário, a exigência ascética da fidelidade, todas as tentações de capturar o outro: ciúmes, possessividade, instrumentalização ... Seria preciso ceder ao desânimo se esquecêssemos do amor da Trindade de Deus, se esquecêssemos a parábola do filho pródigo.

2. Por que ainda se casar?

Tarefa difícil falar sobre o casamento que, na literatura, é, junto com a morte, um dos desfechos convencionais das aventuras dos heróis. De fato, o casamento transmitiu por muito tempo a imagem de uma instituição convencional e conservadora, burguesa, mais relacionada ao contrato social do que ao amor. Portanto, por que se casar? *"Nosso amor diz respeito apenas a nós, dirão os jovens, é nosso segredo e não importa o conformismo social."*

A possibilidade de nossa época, a liberdade e a exigência que dela derivam, vêm do fato de que a Igreja não desempenha mais o papel de guardião da moralidade social: não mais casamento obrigatório: coabitar já não implica mais o exílio familiar e social. O casamento, libertado de seu papel

de estado civil, retoma toda a sua dimensão de sacramento. Para um casal que avança pelo caminho estreito e exigente do qual falamos, o casamento, "sacramento do amor" (expressão de São João Crisóstomo, retomada por Paul Evdokimov como título de seu livro sobre o casamento), é a santificação de seu amor em sua totalidade pela graça do Espírito Santo. A sexualidade é uma das linguagens do amor humano. No sacramento do casamento, ela é abençoada. Não há, portanto, dicotomia entre o amor espiritual e carnal, mas também aqui uma marcha em direção à harmonia e para alguns em direção a uma superação daquela divisão para se aproximar de Adão e Eva no Paraíso: *"Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne. E ambos estavam nus, Adão e sua mulher, e não sentiam vergonha"* (Gn 2, 24-25). Daqui em diante, as ensinamentos e regras morais da Igreja começam a adquirir sentido, progressivamente, para cada um dos esposos ao longo de sua jornada.

Gostaria de me deter um momento sobre o ritual do casamento para mostrar como os gestos da celebração conferem aos corpos dos esposos toda a sua dignidade. Os trajes festivos, o anel no dedo, as cabeças coroadas exaltam sua beleza real. Da mesma forma, o cálice de vinho compartilhado pelos esposos se derrama em seus corpos, e dando três voltas na mesa colocada no meio da nave, dançam na igreja. Assim como o batismo, o casamento celebra um nascimento para uma nova vida onde o corpo, cheio da presença do Espírito Santo, tem o seu lugar. Tudo está sob o signo da troca e partilha entre os dois esposos, mas eles giram à mesa três vezes: a passagem de dois para três manifesta esse impulso em direção a Deus.

Pelo sacramento do matrimônio, os esposos são chamados a descobrir outra beleza, uma beleza de comunhão com os outros e com Deus, uma beleza que é carnal, mas também luminosa, que alcança os sentidos para transcendê-los, despertá-los para uma outra ordem, uma ordem espiritual, à imagem de Maria Madalena, a prostituta, que se converteu a Cristo por gestos cheios de ternura (cf. Lc 8, 36-50).

Para concluir, gostaria de me deter sobre o termo castidade, ingrato, manchado e frequentemente mal compreendido como sinônimo de continência, fazendo simplesmente duas observações etimológicas: *castus* em latim significa *inteiro, íntegro, sem divisão*; para o termo grego *sophrosyne*, Paul Evdokimov propõe o sentido de "*sabedoria total*", que integra todos os elementos da existência. Assim, o *eros*, a *energia sexual*, é chamado a libertar-se da animalidade, a humanizar-se e a entrar no espiritual pela dinâmica ascendente da conversão.



A oração oficial da Igreja Ortodoxa

Edição: Pe. André Sperandio

Parte I

Ofícios Divinos da Igreja Ortodoxa

Os ofícios divinos ortodoxos, ou seja, a adoração divina da Ortodoxia, são as orações organizadas que se recitam, consecutivamente, pelos livros de ordem eclesiástica, ou seja, da igreja. O principal é o *Tipikon* ou "*Regulamento*". Nestes ofícios, os cristãos ortodoxos apresentam e oferecem a Deus louvores, agradecimentos e súplicas pedindo os dons do Espírito Santo e os bens celestes e terrestres.

Divisões dos Ofícios Divinos

Os ofícios divinos ortodoxos dividem-se em particulares e públicos. Os particulares são os que se realizam por uma ou mais pessoas na Igreja ou em outro lugar. Os públicos são os que se realizam por pessoas indicadas e geralmente na Igreja. Estes últimos são permanentes como a Divina Liturgia, que se celebra por todos os cristãos, e os ocasionais que se celebram, quando os fiéis necessitam e pedem, como o Batismo e o Matrimônio. Os mais importantes

dos ofícios permanentes são a Divina Liturgia e o Ofício das Horas; em seguida os ocasionais, que são os santos Sacramentos.

Oração Pública da Igreja

1. Ofício das Horas (Ofício Canônico);
2. Divina Liturgia (Santa Missa);
3. Ofícios Ocasionais (Administração dos Sacramentos).

Local dos Ofícios Divinos

O local onde celebramos os ofícios divinos é chamado Templo, uma construção dedicada às preces e ofícios divinos. Ele tem forma retangular ou de uma cruz com uma ou mais abóbadas, fixada uma cruz no centro da abóbada central. A entrada fica no Ocidente e nunca no Oriente obedecendo a dois preceitos:

1. Que Jesus veio, de acordo com as profecias, do Oriente;
2. Que o cristão já se afastou da escuridão da ignorância e da servidão de satanás e chegou a Cristo que é a Luz verdadeira que surge no Oriente. (Alguns templos têm portas laterais na esquerda e na direita).

O templo é ornamentado com ícones, a cruz, as lâmpadas e as velas acesas. O interior é dividido em duas partes - Oriental e Ocidental. A parte ocidental do templo é

destinada ao povo, leitores e cantores. Ela se separa do santuário por uma divisão que se chama Iconostase, isto é, a parede dos ícones. É chamada assim, pois está recoberta de ícones. O ícone da santa ceia, ou da cena de Emaús, é posto bem no centro do Iconostase no alto da abertura central. No lado direito dominam os ícones do Salvador e da Mãe de Deus, respectivamente. Outros ícones de apóstolos, doutores, mártires e titulares da Igreja, revestem os lados e o alto da Iconostase.

As Portas Santas

No Iconostase existem três portas que dão acesso ao santuário da parte ocidental. A abertura central da Iconostase, mais larga, possui uma porta de duas folhas, daí recebe o nome de *Portas Santas*. Elas chegam até meia altura. Por detrás delas corre uma cortina. Na pequena porta de duas folhas estão representadas as cenas da Anunciação e os quatro evangelistas, isto porque a porta central, também chamada de *Porta Real* (pois, por ela entra o Rei celestial no santo sacrifício) simboliza a Boa-Nova, o início da obra salvadora de Cristo e o seu ensinamento, que introduz os fiéis nos mistérios de Deus. Pela Porta Régia passam somente os celebrantes revestidos de seus paramentos durante os atos litúrgicos. Os ajudantes e demais ministros utilizam as portas laterais. A Porta Santa fica aberta durante quase toda Liturgia. É só nestes momentos que o fiel pode avistar o altar e o celebrante.

PORTA NORTE E PORTA SUL

As duas aberturas laterais da Iconostase, com as respectivas portas, recebem o nome de *Porta Norte* e *Porta Sul*, isto porque, segundo a Tradição, a igreja devia ser construída de forma que o santuário ficasse voltado para o Oriente, de onde nos veio a salvação, enquanto o Norte e o Sul lhes ficariam respectivamente à esquerda e à direita. Por essas portas passam os ajudantes e demais ministros. Simbolizam as portas do paraíso terrestre, fechadas após o pecado do primeiro homem e guardadas por um anjo. Os ícones de arcanjos ou de santos diáconos (escolhidos para o ministério do "serviço") aparecem pintados nas portas Norte e Sul. Os principais ícones ficam dispostos entre as portas, obedecendo ao seguinte critério: o ícone do Salvador fica à direita da porta Régia e o da Mãe de Deus à esquerda.

O local dos leitores e cantores fica o mais próximo possível da porta Régia, à esquerda e à direita e chama-se o coro. Em algumas Igrejas coloca-se uma tribuna alta, à esquerda de quem entra na Igreja onde o diácono lê o Evangelho. De um modo geral a parte Ocidental ou nave possui:

- Púlpito ou Predicatório: local de onde o sacerdote realiza a homilia.
- Coro: local onde ficam os leitores e cantores;
- *Proskinetáron* ou *Analoí*: estantes onde é colocado o santo Evangelho para ser beijado pelos fiéis ao entrarem na Igreja e ícones do padroeiro da igreja e das comemorações periódicas;

- Nártex ou Vestíbulo: local em que, na Igreja primitiva, ficavam os penitentes, pecadores e catecúmenos - (pessoas que estavam se preparando para receber o batismo). Próximo à entrada principal do templo e cercado de assentos laterais.
- A Oriental chama-se santuário ou santo dos santos. O santuário é reservado ao clero - bispos, padres, diáconos e outros auxiliares que celebram os ofícios divinos e dirigem as orações diante do altar principal.

Características do Santuário

O santuário é o espaço mais sagrado do templo e onde ficam o altar e os celebrantes. É o santo dos santos, lugar inacessível aos fiéis. O nível do santuário é um pouco mais elevado que a nave, por meio de alguns degraus. Só os membros do clero podem entrar no santuário.

Altar Principal

No interior do Santuário encontramos o altar ou santa mesa ou ainda altar-mor (do sacrifício). situa-se no centro do santuário, tem forma quadrada ou retangular e pode ser tanto de madeira como de pedra. Possui cinco colunas de sustentação que simbolizam os quatros evangelistas (as colunas laterais) e o Cristo a pedra Angular a coluna central. Recoberta de uma dupla toalha e o seu simbolismo nos faz lembrar o mesmo Cristo. O altar é visível aos olhos dos fiéis durante quase toda a Divina Liturgia, mas nos momentos em que se fecham as portas santas e a cortina, ele fica oculto.

OBJETOS QUE SE DEVEM COLOCAR NO ALTAR:

Santo Evangelho: é o livro dos quatro evangelhos para o uso litúrgico, em geral de confecção nobre e artística. Fica dia e noite sobre o antimissão, no altar.

Antimissão: lenço retangular em cujo centro é estampada a cena do sepultamento de Jesus Cristo depois de tirado da cruz e envolto pelos panos de linho. Nos quatro cantos do lenço são estampados os quatro evangelistas. Nele se coloca um pequeno pedaço de relíquia da santa cruz ou dos santos. O antimissão é necessário para completar a celebração da Divina Liturgia, a ponto de não se poder celebrar sem ele.

Crucifixo: sustentado por um pedestal, fixado atrás da santa mesa com o ícone do crucificado pintado.

Cruz de Bênçãos: costuma permanecer sempre sobre o altar, deitada ao lado do evangeliário. Em geral é de metal precioso, mas pode ser também de madeira. A haste vertical possui um cabo para segurar a cruz na mão. É usada na Liturgia e outros ofícios divinos para abençoar o povo.

Artofóron ou Tabernáculo: é um pequeno compartimento, para guardar a sagrada Eucaristia para os doentes.

Ripídias: são dois leques ou *flabelos* de cabo comprido e que levam pintada a cabeça de um serafim de seis asas. Durante a oração eucarística o diácono agita lentamente a ripídia sobre as oblatas consagradas, querendo com isso significar o bater das asas das legiões angélicas que "concelebram" com o sacerdote, e a ação do Espírito Santo.

Santo Mantel ou Sanguíneo: lenço de cor vermelha usada para secar a boca após a comunhão.

Castiçais: onde são postas as velas que são queimadas nos ofícios, simbolizando a consumação em sacrifício da criatura ao seu Criador.

Altar da Proskomídia

À esquerda de quem olha o altar-mor está um pequeno altar (mesa) destinado à preparação das oblatas durante o rito da proskomídia, e à consumação das espécies eucarísticas, depois da liturgia, chamado *Altar da Prótese*. Os objetos colocados sobre ele são:

Cálice: destinado a conter o preciosíssimo Sangue de Cristo e, para comunhão dos fiéis, também as partículas do Pão Consagrado. A copa do cálice deve ser grande e profunda, e a base sólida.

Diskos: é uma patena ampla e possui uma beirada alta; entre os eslavos é comum que o disco tenha um pequeno pedestal. O disco é destinado a conter o Cordeiro (Pão Eucarístico) e as partículas de pão para as comemorações.

Asteriskos ou Estrela: é composta de duas lâminas metálicas semicirculares, unidas no meio por um parafuso sobre o qual está uma pequena cruz e do qual pende uma estrelinha que nos lembra a estrela que guiou os reis magos até a gruta de Belém. O *asteriskos* serve para preservar as partículas do contato com o *kalima* pequeno que recobre o *diskos*.

Kálimas: são três: dois menores servem para recobrir o cálice e o *diskos*. O grande *kalima*, chamado *aéras*, cobre tanto o cálice como o disco. Simboliza, o *aéras*, a pedra que selou o sepulcro de Jesus.

Lança: é uma pequena faca em forma de lança e serve para recortar o pão oferecido e as partículas necessárias para o sacrifício. Simboliza a lança que transpassou o lado de Jesus.

Colher: é uma pequena colher, cujo cabo comprido termina em forma de cruzinha, usada para distribuir a comunhão aos fiéis. Simboliza a tenaz com o que o serafim pegou o carvão ardente e tocou os lábios do profeta Isaías. O carvão ardente para os orientais, é uma figura que designa a partícula consagrada.

Esponja: é um pequeno triângulo de esponja prensada que serve para reunir as partículas consagradas e colocá-las dentro do cálice. Serve também para purificar o disco e as mãos do celebrante de qualquer fragmento de pão. Este acessório simboliza a esponja com a qual deram de beber ao Cristo na Cruz.

Prósfora: é o pão eucarístico na Liturgia. Conforme o antiquíssimo costume oriental o pão da eucaristia é fermentado e não ázimo como na igreja latina. A *prósfora* traz impresso na sua parte superior um selo quadrado onde está inscrita uma cruz com as abreviaturas gregas **IS CS NIKA** que quer dizer, "*Jesus Cristo vence*". A parte delimitada por esta impressão, cortada durante o rito da preparação (*Proskomídia*), é colocada no disco na forma de um cubo. Recebe então o nome de "*Cordeiro*": este é o pão que será

consagrado durante a Liturgia. Outras quatro prósforas são utilizadas para extrair delas umas partículas em memória da Virgem Mãe de Deus, dos santos, dos vivos e dos mortos. O pão que sobrar é cortado em pedaços e, após ter sido abençoado (não consagrado) será distribuído no fim da Liturgia sob o nome de *antídoron*.

Zéon ou Teplotá: é a água quente que, ainda fervendo, será derramada no cálice após a fração do pão enquanto o sacerdote pronuncia as palavras: "*Fervor da Fé cheia do Espírito Santo*". Por extensão, também o recipiente que contém o *zéon* recebe o mesmo nome.

Dípticos: normalmente, folha de papel na qual foram escritos, dos dois lados, as intenções da missa, dos vivos e dos mortos.

Trono e assentos: No fundo da ábside central está, em lugar um pouco elevado, o trono episcopal e, de um lado e do outro do trono, no nível do chão, estão os assentos para o clero concelebrante.

Diakonikón: À direita de quem olha o altar-mor fica o *diakonikon*, lugar reservado para a paramentação dos ministros que corresponde, nas igrejas latinas, à sacristia.

Comportamento no templo

Sendo o templo a casa de Deus, devemos nos comportar de acordo com a grandiosidade do Senhor (Dono) da casa.

Entrando no templo, devemos fazer logo o sinal da cruz.

Tomamos uma vela e acendemos no candelabro.

Reverenciamos e beijamos o santo Evangelho e os ícones que se encontram nas estantes (*Proskenitáron*), na parte ocidental do templo. (Podemos também, reverenciar os ícones do Iconostase através de orações e recitação de tropários).

Procuramos nos colocar em oração, interiorizando e preparando-nos para as celebrações litúrgicas, sempre em profundo silêncio e respeito.

Sobre a Bênção

Ao abençoar, o sacerdote coloca o polegar da mão direita apoiado ao dedo anular, o indicador erguido e os outros dois dedos ligeiramente inclinados. Esta posição dos dedos representa a abreviação grega do nome de Jesus Cristo: IC XC. O fiel, ao pedir a bênção ao sacerdote, deve colocar a mão direita sobre a esquerda em formato de uma concha. Ao receber a bênção deve em seguida inclinar-se, fazer uma metânia, beijando a mão do sacerdote e fazendo o sinal da cruz.

Sobre o canto na Liturgia

Nas celebrações, a profundidade da expressão e o desejo de estar perto de Deus, são representados com extrema clareza no canto. Deus, Senhor de todo o Universo, em toda sua magnificência, torna-se para nós, pecadores,

difícil de ser compreendido e, encontramos extrema incapacidade de nos expressar a Ele em nossas orações. Assim a Igreja encontrou na poesia inspirada, a suprema forma de louvar a Deus. E essa forma poética é expressa através do canto. A Divina Liturgia e as demais ações litúrgicas são sempre cantadas, mesmo em dia de semana.

Também se conserva o uso antiquíssimo de não fazer uso de instrumentos musicais, pois, só a voz dos fiéis é adequada para exprimir a sensação espiritual e os sentimentos religiosos. Só ela pode formular com palavras aquilo que brota do mais íntimo do coração do fiel. Na voz se refletem a alma dos fiéis e os sentimentos dos que rezam. A força e fervor do canto, a pura naturalidade das vozes pode nos comover profundamente e manifestar a viva e real presença de Deus.

Das pessoas que celebram os Ofícios Divinos

Para celebrar os divinos ofícios encarregam-se os diáconos, os presbíteros e os bispos. (os bispos e os patriarcas são equânimes nos direitos e obrigações eclesiásticas. O seu grau é um, a diferença é apenas na política eclesiástica, pois todos são presbíteros ou bispos). Todos eles são celebrantes dos santos sacramentos e cada um tem as obrigações próprias a seu grau.

O bispo é o principal na sua diocese no ensino e direção dos divinos ofícios. Ele deve ser testemunho, iluminando os seus diocesanos e clero. Ele celebra todos os divinos ofícios e tem o direito de ordenar o clero, consagrar o antimíssion e o santo myron.

O sacerdote celebra todos os divinos ofícios, salvo os que são privativos ao bispo e com cuja licença, ele ensina aos fiéis a fé cristã dentro ou fora da Igreja, observando a sua conduta.

O diácono auxilia o presbítero na celebração dos divinos ofícios e, com a permissão do presbítero ou do vigário local, pode fazer a pregação dentro da Igreja e ensinar fora dela.

Paramentos litúrgicos e vestes eclesiásticas

Ao celebrar os ofícios divinos dos sacramentos, os celebrantes vestem paramentos especiais dignos das cerimônias divinas e que fazem lembrar as suas obrigações. Esses paramentos são entregues solenemente durante a ordenação.

O diácono veste *esticháron*, orárion, *epimaníkias*.

Esticháron: é uma túnica comprida até os pés que regula o andar do diácono e indica a pureza que deve observar na sua vida.

Orárion: é um pano comprido e estreito enfeitado com pequenas cruzes que ficam no ombro esquerdo do diácono e representa as asas de anjo por ser o seu cargo a execução do serviço dos anjos. Com ele anuncia ao povo a hora da oração e ao coro a hora de entoar os hinos.

Epimaníkias: ficam atadas aos pulsos para lembrar ao diácono que a força de Deus é que anima e fortalece o homem auxiliando-o a servir a Deus.

O sacerdote veste *esticháron*, *epitrachílion*, *epimaníkias*, *zone*, *felônion*.

ESTICHÁRION (longa túnica): o *esticháron* do sacerdote tem mangas estreitas, sendo, em geral, confeccionado de seda e de cores claras. O *esticháron* usado pelo diácono e pelos ministros de graus inferiores tem mangas curtas e amplas. O tecido costuma ser igual, ou parecido, ao paramental usado no dia sendo ornado com galões.

Epitrachílion: é semelhante ao orário do diácono, porém, mais larga e se coloca no pescoço e desce sobre o peito e, originalmente, até os pés. Ela indica que o sacerdote tomou a si todo o serviço da Igreja e obteve na ordenação uma graça maior que a do diácono.

Epimaníkias: não diferem, no feitio e na indicação das do diácono.

Zone: indica que Deus ampara o sacerdote com seu poder divino.

Felônion: é uma capa arredondada sem mangas sendo a frente curta e tendo no centro uma abertura para enfiar no pescoço. Ela faz lembrar ao sacerdote que deve ter a vida revestida e indica a púrpura que os soldados puseram no Cristo.

O bispo veste os mesmos paramentos do sacerdote, salvo o *felônion* que é substituída pelo *sakkos* que se assemelha à túnica curta. Além disso, ele leva o *homofórion*, o *hipogonation* que é usado pelo sacerdote, também uma coroa,

uma cruz e, do lado direito da cruz, uma medalha de Jesus Cristo chamada *engópion*. Do lado esquerdo da cruz usa uma medalha da Mãe de Deus denominada *Panaghia* (toda santa) e o báculo.

Homofórion: é uma peça de pano comprida e estreita usada no pescoço, sobre os ombros, tendo uma ponta na esquerda para as costas e a outra ponta da esquerda, também, sobre o peito. Ele lembra a autoridade do bispo e a sua obrigação de cuidar da vida dos cristãos e particularmente dos pecadores. Ele simboliza a ovelha perdida e o dever do bispo de ir ao encontro desta ovelha.

Hipogonátion: é um pedaço de pano quadrado com uma cruz no centro e usada do lado direito como uma espada e representa a espada espiritual que é a palavra de Deus com a qual deve armar-se o bispo.

Coroa: representa a coroa de espinhos que foi colocada sobre a cabeça do Senhor na sua Paixão.

Báculo: é usado pelo bispo durante a Divina Liturgia para indicar os seus direitos e deveres pastorais.

Há ainda uma particularidade que pertence ao bispo: é um pequeno tapete redondo denominado "*aeto*" que possui a figura de uma águia voando sobre uma cidade, serve como tapete para o bispo durante a Divina Liturgia. Essa águia (bicéfala) era usada como símbolo do antigo Império Bizantino, que estendia seu poder do Oriente e Ocidente e, mais tarde, passou a ser símbolo de universalidade da Igreja de Cristo, simbolizando que ela está acima de tudo, existe de uma extremidade a outra da terra. E, em particular ao bispo,

lembra-lhe que, mais que todos os cristãos, deve buscar a santidade e a sabedoria, assim como a águia voa acima de todas as aves.

Paramentos e insígnias

ESTICHÁRION: (Longa Túnica): o *esticháron* do Sacerdote tem mangas estreitas, sendo, em geral, confeccionado de seda e de cores claras. O que é usado pelo diácono e pelos ministros de graus inferiores tem mangas curtas e amplas. O tecido costuma ser igual ou parecido ao paramental usado no dia e é ornado com galões.

EPITRACHÍLION: é a estola sacerdotal cujos dois lados descem unidos no peito até quase os pés. É do mesmo tecido dos paramentos e está ornada com seis cruzinhas.

ORÁRION: é a estola diaconal: uma longa faixa ornada com várias cruces ou com a palavra "santo" escrita três vezes. Fica presa por um botão no ombro esquerdo do diácono, tendo uma extremidade que desce livre pelas costas e a outra é habitualmente segurada pela mão direita do diácono.

ZONE: O *esticháron* e o *epitrachilion* são fixados e ajustados na cintura por uma faixa usada como cinto, denominada zone. É do mesmo tecido dos paramentos e no meio está ornada com uma cruz.

EPIMANÍKIAS: são duas sobremangas (sobrepunhos) do mesmo tecido dos paramentos, ornadas com uma cruz. Servem para segurar e prender as mangas do *esticháron*.

HIPOGONÁTION: losango de tecido bordado, usada pelos bispos e sacerdotes revestidos de alguma dignidade eclesiástica. Usa-se a tira colo, descendo livre até a altura do joelho direito. Simboliza a espada da Palavra.

FELONION: é a casula oriental que se coloca sobre o *esticháron*. O *Felônion*: tem, nas costas, uma cruz grega como ornamento e, mais embaixo, uma estrela de oito pontas. Ele simboliza a luz e a força com as quais Deus envolve o sacerdote.

SAKKOS: os bispos, em lugar do *felônion* sacerdotal, usam um paramento chamado *sakkos*.

MITRA OU COROA: cobre a cabeça dos bispos nas celebrações pontificais. Tem forma esférica ou ligeiramente quadrilobada; ricamente bordada, a coroa tem na sua parte superior uma pequena cruz. Entre os russos, além dos bispos, também sacerdotes com insígnias de alguma honrificação usam a coroa. Sua origem deriva da coroa usada pelos imperadores bizantinos.

HOMOFÓRION: larga faixa que o bispo leva em torno do pescoço, ornamentada com cruzes, tendo bordada a figura de um cordeiro ou do Redentor. Simboliza a ovelha tresmalhada que o Bom Pastor (Jesus) traz de volta para o aprisco (a Igreja).

DIQUIROTRIQUIRA: palavra composta de *Dikirion* e *Trikirion*, são dois pequenos castiçais, um de duas velas e outro de três. O primeiro simboliza as duas naturezas em Jesus Cristo e, o segundo, as três pessoas da Santíssima Trindade. São usados pelo bispo nas liturgias pontificais.

BÁCULO PASTORAL: tem dois braços formados por duas serpentes que se defrontam, alusão à prudência com que o pastor deve guiar o seu rebanho.

ANDERI: Batina com mangas estreitas, de cor preta, que é o uniforme do sacerdote em suas atividades não litúrgicas.

RIASSON: é um hábito coral de cor preta com mangas amplas e os eclesiásticos a usam também para aquelas celebrações onde não é exigido o uso do *esticháron*.

MANDYAS: ampla capa com a qual se revestem os bispos para as entradas solenes. Também os monges usam um tipo de *mandyas*, mas é completamente preta.

KALIMAFIOS, EPANEKALIMAFIOS, SKUFIA: é uma espécie de chapéu cilíndrico com o diâmetro superior ligeiramente maior que o de baixo. É usado pelo clero e pelos monges. As diversas formas peculiares dão a cada modelo um nome diferente. Os monges e outros dignitários usam, por cima do chapéu, um longo véu preto que cai dobrado pelas costas. Os metropolitas russos e alguns patriarcas de Igrejas Ortodoxas costumam usar o véu de cor branca.

CRUZ PEITORAL: é usada pelos bispos e outros dignitários eclesiásticos. Entre os russos a cruz peitoral é usada por todos os sacerdotes indistintamente.

PANAGHIA OU ENGOPION: medalhão com a efígie do Cristo *Pantokrátor* ou da Virgem Mãe de Deus (*Panaghia*). É usado pelos bispos e arcebispos em número de um ou dois.

Parte II

Diversas partes dos Ofícios Divinos públicos fixos

Os ofícios divinos públicos permanentes dividem-se em comuns - que se realizam todos os dias - e dominicais e festivos - que se celebram aos domingos e nos dias de festa. Ambas as partes se compõem da Divina Liturgia, Vésperas, Completa, Oração da Meia-noite, Matinas e as Orações da Primeira, Terceira, Sexta e Nona horas. Essas nove orações realizam-se em três tempos:

1. Oração de Vésperas: consta das orações da Nona Hora, de Vésperas e da completa. **2. Oração das Matinas:** consta das orações de Vigília, das Matinas e da Primeira Hora. **3. Divina Liturgia:** consta da oração da Terceira e da Sexta hora e do Sacrifício Eucarístico.

Ofício de Vésperas

Oração da Nona Hora, Oração de Vésperas e Oração das Completas.

Ofício da Nona Hora: é um breve ofício que se realiza em memória da Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo na Cruz, momento de seu último suspiro que se deu na nona hora do dia, ou seja, às três da tarde. Consta da leitura de três salmos, 83, 84 e 85, do tropário do dia, dois trechos da Sagrada Escritura (leituras), do triságio, do tropário da hora, uma oração geral que se recita nas orações de todas as horas - "O

que em todo tempo e em toda hora..." e a oração final: "Ó Senhor Jesus Cristo nosso Deus, bondoso ..."

Ofício de Vésperas: é realizado no fim do dia - antes do pôr-do-sol, em ação de graças ao Criador por ter passado o dia e pela santificação da noite que se aproxima. Representa, resumidamente, a Criação do mundo e do homem, sua queda e redenção que é descrita pela leitura do salmo 103, que abre o ofício exclamando: "Bendize, ó minha alma ao Senhor, Senhor meu Deus Tu és grandioso". A queda é representada pela grande ladainha "*Iriniká*" ou Grande Súplica da Paz, que se recita após a leitura deste salmo. Ladainha, em grego, "*Ecteni*", é uma longa oração intercalada pelo diácono e o coro e consiste em algumas súplicas ou petições. O coro, a cada súplica, responde: "Kyrie Eleison" - que significa, "Senhor tem piedade, ou "Atende, Senhor".

A ladainha possui quatro formas:

Grande, também chamada "*Iriniká*", recitada no início do ofício e que consta de doze petições, às quais o coro responde "*Kyrie eleison*", sendo a primeira petição: "*Em paz oremos ao Senhor*".

Pequena, também chamada "*Sinapti*", que é um resumo das principais petições da "*Iriniká*";

Trina, também chamada "*Ektênia*", recitada antes de terminar o ofício, e consta de sete petições às quais o coro responde com o triplo "*Kyrie Eleison*". Inicia com a petição: "*Digamos todos com toda a nossa alma, e com todo nosso espírito, digamos*", ou "*Tem piedade de nós, ó Deus, segundo a*

tua grande misericórdia, nós te pedimos, escuta-nos e tem piedade de nós".

Suplicante ou *Insistente*, também chamada "Ekticis", que é recitada antes do término do ofício e consta de seis petições às quais o coro responde: "*Concede-nos, Senhor*". Tem início com a seguinte aclamação: "*Completemos nossa oração ao Senhor*". Segue o ofício com as leituras dos salmos indicados, -"*Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios*", após o qual se entoam quatro salmos, 140, 141, 129 e 116, ou quatro versículos dos mesmos. Em geral são lidos doze salmos que intercalam em três baterias de quatro com as *Pequenas Litanias*. No ofício, a redenção do homem é representada pela *Entrada Vespéral*, em grego, "Isozon", acompanhada do tropário vespertino: "Ó luz *Jubilosa*". Em seguida, recita-se a *Ladainha Trina* e a oração: "*Torna-nos dignos, Senhor, de nos conservarmos sem pecado*". Segue a *Ladainha Insistente* e, por último, a *Oração do Velho Simeão*: "*Agora, Senhor, deixa ir em paz o teu servo ...*". O ofício é concluído com as orações finais, entre as quais o *Triságio*, o *Tropário*, a *Oração à Mãe de Deus*.

Oração da Completa (menor), é um ofício divino resumido que nos prepara para dormir. Consta de três salmos, 50, 69 etc., a *Grande Doxologia*, a *Profissão de Fé* ou *Credo* e o ofício pessoal antes de se deitar.

Ofício de Matinas (Orthros)

Oração da Vigília, Oração das Matinas, Oração da Primeira Hora

Oração da Vigília: é um ofício divino resumido que deve ser realizado à meia noite e refere-se à Segunda Vinda de Cristo que, segundo a tradição, será a "meia noite" e inesperadamente. Consta da leitura dos salmos, tropário do Noivo e de algumas orações pelos mortos.

Oração das Matinas: é um ofício divino que se realiza de manhã bem cedo em ação de graças a Deus por nos ter concedido que passássemos a noite salvos e tranquilos e por poder ver a luz do dia. Divide-se em quatro partes:

ORAÇÕES E SÚPLICAS PELOS GOVERNANTES:

Salmos e orações de arrependimento e esperança na salvação, (3, 37, 62, 87, 102 e 142); *Grande Ladainha* (doze petições lidas pelo sacerdote, secretamente) e, "O Senhor Deus a nós se revelou ...", bem como alguns outros salmos indicados para a ocasião.

O Louvor do santo do dia ou ao acontecimento celebrado nesse dia e consta da leitura do cânone e do Evangelho.

Os Salmos de louvor, 148, 149 e 150, e a *Grande Doxologia* (Glória a Deus nas alturas), e as petições.

Oração da Primeira Hora: é um sucinto ofício divino pelo qual santificamos o início do dia, recordando a entrega do Senhor à Pilatos. Consta dos salmos 5, 89 e 100, do tropário do dia, do triságio, do cântico e oração final "Ó Cristo, Luz verdadeira"..., do tropário "Nós, teus servos, ó Mãe de Deus"....

Ofício antes do meio-dia ou Divina Liturgia

A Divina Liturgia consta das seguintes orações:

a) **Oração da Terceira Hora:** ofício resumido realizado em memória do julgamento de Jesus por Pilatos e do dia de Pentecostes. Consta dos salmos 16, 24 e 50, do *tropário* do dia, do *triságio*, do *tropário da terceira hora*, da oração: "*Em todo tempo e lugar ...*", complementando com a *Oração Final*.

b) **Oração da Sexta Hora:** é um resumido ofício realizado em memória da Paixão de Cristo na Cruz ocorrida, segundo as Escrituras Sagradas, na terceira hora do dia. Consta do *tropário* do dia, do *triságio*, da oração "*Em todo tempo e lugar ...*" e da *Oração Final*.

A Divina Liturgia

No Ocidente costuma-se chamar de "*Santa Missa*". Para nós ortodoxos é a *Divina Liturgia* ou simplesmente, *Liturgia*, palavra derivada do grego que quer dizer "ação de graças", "atividade do povo", "ação pública do povo em direção a Deus". É o ofício no qual se realiza o santo Sacrifício e o sacramento da Comunhão em memória de nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo.

A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

A *Divina Liturgia*, ou a Eucaristia, foi instituída por nosso Senhor Jesus Cristo durante a Santa e Mística Ceia na tarde da quinta-feira antes da sua Paixão. Estava Jesus com seus discípulos celebrando a Páscoa (judaica). Tomou então o pão, abençoou-o, partiu-o e deu aos seus apóstolos dizendo:

"Tomai e comei, isto é o meu corpo ...". E, em seguida tomou o cálice, agradeceu e deu-lhes dizendo: "Bebei dele todos vós; este é o meu sangue, o sangue da nova Aliança que será derramado por vós e por muitos para a remissão dos pecados". (Mt 26: 26-29).

E, neste mesmo sentido, escreveu o santo apóstolo Paulo: *"Pois eu recebi do Senhor o que também vos entrego agora; que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão, e havendo dado graças, o partiu e disse: 'Tomai e comei, isto é o meu corpo ...' e, 'bebei dele todos, isto é o meu sangue ...'; fazei isto em minha memória". (1Cor 11: 23-25).*

A HISTÓRIA DO OFÍCIO DA EUCARISTIA OU DIVINA LITURGIA

Séculos I e II: Os apóstolos, em cumprimento a ordem do seu Divino Mestre e seguindo seu exemplo, realizavam a Eucaristia na presença dos fiéis desde que subiu ao Céu. Das santas Escrituras, nota-se que a cerimônia dos apóstolos constava da leitura das Santas Escrituras, da pregação da Palavra, salmos, hinos, orações e da santificação do pão, seguindo a comunhão geral nas duas espécies: o pão e o vinho e a ação de graças depois da comunhão. (At 2: 42; 20, 7; 1Cor 10: 16; 11: 20-21; Cl 4: 16; Ef 5: 19)

Séculos III, IV e V: Aumentou, durante este período, o número das orações no ofício da Eucaristia, surgindo também um grande número de ofícios que se variavam nos detalhes e combinavam na essência, porque o fundamento era o mesmo, isto é, apostólico. Os mais velhos e mais reputados eram dois: o primeiro atribuído a São Tiago, primo do Senhor, e o segundo ao apóstolo São Marcos. São Basílio, o Grande,

arcebispo de Cesareia da Capadócia, falecido no ano 379, reassumiu o ofício de São Tiago e, depois dele, São João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, falecido no ano 407, reassumiu o ofício de São Basílio, o Grande. A partir deste tempo, (sec. IV), ficou comum o uso destes dois ofícios que são mantidos até os nossos dias.

Século VI: São Gregório, o Teólogo, bispo de Roma, falecido no ano 604, preparou um terceiro ofício conhecido com nome de "*Progiazmani*" ou "*Liturgia dos Pré-Santificados*". Esta liturgia é realizada em alguns dias da Quaresma e, mais propriamente, é um ofício de comunhão solene que se une à celebração das Vésperas e é celebrado dezenove vezes durante todo o ano. Existe ainda cerca de vinte e três dias, especialmente durante a Grande Quaresma, dias a-litúrgicos, isto é, em que não se celebra a Divina Liturgia, pois, a alegria espiritual da celebração não condiz com tempo penitencial. Nestes dias celebra-se, por isso, a Liturgia de São Gregório.

O SIGNIFICADO DA DIVINA LITURGIA E O TEMPO DE SUA CELEBRAÇÃO

A Divina Liturgia representa a vida de Jesus Cristo na terra, iniciando com os profetas que predisseram seu nascimento, seguindo com pregação de seus ensinamentos (Palavra), Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão aos céus. Deve ser celebrada da manhã até o meio-dia, exceto na grande Liturgia Pascal, celebrada ao romper do domingo da Ressurreição. Os três ofícios acima mencionados têm dias marcados para a sua celebração. A Liturgia de São Gregório, o Teólogo, celebra-se nas quartas e sextas-feiras da

Quaresma, como também na quinta-feira da quinta semana da Quaresma e nas segundas, terças e quartas-feiras da Semana Santa.

A Liturgia de São Basílio, o Grande, é celebrada dez vezes durante o ano: nos cinco primeiros domingos da Grande Quaresma, na Quinta-feira Santa e no Sábado Santo; na festa de São Basílio (1º de janeiro), e no dia que precede as festas de Natal e da Epifania. A estrutura é a mesma da Liturgia de São João Crisóstomo, mas apresenta as orações sacerdotais (que são rezadas em voz baixa) muito mais desenvolvidas. A Liturgia de São João Crisóstomo celebra-se no resto do ano, cerca de 312 dias.

A DIVINA LITURGIA DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Por ser a mais usada e, particularmente, a nossa Liturgia, vamos nos ater somente a ela.

A Divina Liturgia divide-se em:

Sacrifício: no sentido de que realiza de modo incruento o mesmo sacrifício da Cruz;

Sacramento: no sentido de que, manifesta-nos como sinal vivo a presença real do Senhor Jesus, através das espécies do pão e do vinho.

O Sacrifício da Divina Liturgia: Como já foi dito, a Eucaristia não é somente um sacramento, mas também um sacrifício, no qual Jesus é oferecido como vítima pelos nossos pecados. É o mesmo sacrifício da Cruz, pelo qual Cristo correspondeu ao desejo do Pai eterno, redimindo a humanidade dos seus pecados, realizado agora nos altares,

pelos sacerdotes, de maneira incruenta (sem derramamento de sangue), contudo real. Necessariamente, é o mesmo sacrifício da Cruz.

Durante a celebração é feita a consagração do pão e do vinho que são transformados no Corpo e no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta consagração não se dá só pelas palavras de Cristo na Última Ceia: "*Tomai e comei ... Bebei dele todos ...*", mas ainda, pela sua condição essencial que é a *Epiklesis* ou, invocação ao Espírito Santo para que a transmutação seja realizada. Portanto, a consagração é realizada com a invocação das Três Divinas Pessoas, de toda a Santíssima Trindade.

Como acontece a transmutação? Só sabemos que é um mistério. Não é "transsubstanciação", é transmutação, metábole e, como foi dito, é um mistério. Seguindo fielmente os ensinamentos do Evangelho e as práticas e tradições do cristianismo primitivo, a Igreja Ortodoxa admite e ensina a transmutação do pão e do vinho na Sagrada Eucaristia, por virtude do Espírito Santo, no Corpo e no Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. Observa, porém, que é um mistério impenetrável e incompreensível ao entendimento humano, tanto quanto o da Criação, o da Encarnação e o da Trindade.

A Eucaristia é a base de toda a vida cristã e litúrgica e dos ofícios religiosos celebrados em louvor a Santíssima Trindade. Desde os tempos apostólicos seu culto foi cercado de ritos e cerimônias, dos mais solenes aos mais espirituais. Diremos, resumindo, que a Santa Liturgia é o sacrifício de nosso Senhor Jesus Cristo, cujo Corpo e Sangue são oferecidos nos altares e em memória do sacrifício da Cruz.

Celebramos a Liturgia por quatro motivos:

1. para glorificar a Deus;
2. para render-Lhe ação de graças pelos dons e favores recebidos;
3. para suplicar suas Graças;
4. para obter seu perdão, para os vivos e os mortos.

Para melhor compreendermos, podemos configurar a Divina Liturgia em 3 partes principais:

1. Preparação da oferenda ou Liturgia da prótese (Proskomidia);
2. Liturgia dos Catecúmenos ou Liturgia da Palavra;
3. Liturgia dos Fiéis ou Liturgia Eucarística.

SIMBOLISMO DA DIVINA LITURGIA

Os ritos da Divina Liturgia são cheios de simbolismo. E não é de estranhar, pois o próprio Cristo, como vimos, quis que a Eucaristia fosse um memorial da sua Paixão, Morte e Ressurreição. E a Igreja ordenou a Divina Liturgia de modo a nos recordar da pessoa do Salvador e os mistérios da sua vida sobre a terra.

Quanto ao simbolismo, divide-se a Divina Liturgia em quatro partes:

1. Da preparação até a procissão do Santo Evangelho, e simboliza a vida oculta de Cristo.
2. Da procissão do Evangelho até a procissão da *Grande Entrada* e simboliza a vida padecente de Cristo.

3. Da procissão da *Grande Entrada* até depois da Comunhão e simboliza a vida padecente de Cristo (sua Paixão e Morte).
4. Da Comunhão até o fim e simboliza a vida gloriosa de Cristo.

A celebração de frente para o povo: na Liturgia latina renovada, o celebrante preside a assembleia e, portanto, é seu presidente, o anfitrião dos comensais na mesa do Senhor. Por isso lhe é recomendado (não prescrito) celebrar de frente para o povo. Na Liturgia Bizantina o celebrante é considerado mais como o guia, o introdutor dos fiéis ao Divino Banquete Eucarístico e seu porta-voz na sua audiência com Deus. É como o pastor que "caminha diante do seu rebanho" para conduzi-lo às fontes da Graça e da salvação. Ele é Cristo caminhando adiante de seus discípulos quando subia a Jerusalém ao encontro de sua Paixão e Morte, (Mc 10:32), que vai renovar misticamente sobre o altar. A Liturgia não é unicamente *Ceia*, é também sacrifício. Frequentemente, porém, o celebrante volta-se para a assembleia para transmitir-lhe os ensinamentos e os preceitos do Divino Mestre e lhe desejar a paz. Duas vezes anda no meio dela como fazia Cristo (procissão do Evangelho e procissão da *Grande Entrada*).

I PARTE: A «PROSKOMÍDIA» OU PRÓTESE

A primeira parte da Divina Liturgia remete ao antigo costume dos cristãos de oferecer o pão e o vinho para a celebração da Eucaristia. O sacerdote, cortando o pão, representa o sacrifício de Jesus na Cruz. O sacrifício dos sacrifícios foi realizado na Cruz e é representado na oferenda.

Os cristãos, oferecendo o pão e o vinho (alimentos básicos e essenciais para a vida), retribuem o sacrifício de Cristo, oferecendo através destes alimentos (símbolos de suas vidas) o sacrifício de suas próprias vidas. A parte que é separada do pão (*Prósfora*) chama-se Cordeiro e deve ser assinalado por uma cruz, escrito em sua superfície as palavras: "Jesus Cristo, vence". Segundo o costume, cinco pães são necessários para a prótese, no entanto, basta um para completar a oferenda. O apóstolo São Paulo refere-se a isto: "*Visto que nós, que somos um só pão, um só corpo; pois todos participamos de um único pão*". (1Cor 10: 17). As demais oferendas são recebidas e postas sobre o altar. O sacerdote separa com a lança a primeira parte, a do centro na qual está assinalada em forma de quadrado "*Cristo Vence*", toma-a com a mesma lança e a coloca no disco enquanto recita uma belíssima oração extraída do Profeta Isaías:

«Como uma ovelha foi levado ao matadouro. E como um cordeiro sem mancha diante de quem o tosquia não abriu sequer a sua boca. Na sua humildade, o seu julgamento foi exaltado. Quem contará a sua descendência? Porque a sua vida foi tirada da terra.» (Is 53: 7s)

Esta oração diz respeito a Jesus na Cruz que, como um cordeiro foi levado ao matadouro. Por isso essa parte quadrada chama-se "*Cordeiro*". O sacerdote, ou o diácono se estiver presente, mistura em seguida o vinho e água no cálice lembrando do sangue e da água que verteram do lado de Jesus quando o perfuraram com uma lança.

Em seguida toma o segundo pão e tira dele uma partícula em forma de triângulo em memória da Santa Mãe de Deus, a "*Panaghia*", colocando-a à direita do Cordeiro.

De um terceiro pão (quando necessário, do mesmo pão), retira mais nove pequenas partículas, lembrando de todos os santos, distribuindo-as em três fileiras de três, à esquerda do Cordeiro, lembrando, respectivamente, os anjos, o profeta e precursor São João Batista, os profetas, apóstolos, os santos bispos e padres da Igreja, os mártires, os ascetas, os santos anárgiros, São Joaquim e Sant'Anna, avós do Senhor, o padroeiro da igreja e o autor da Liturgia, no caso, São João Crisóstomo. Suplica a Deus que aceite as orações pela intercessão da Mãe de Deus e de todos os santos.

Retira depois do quarto pão partículas em memória dos vivos, mencionando seus nomes e, da mesma forma, dos falecidos, principalmente por aqueles em cuja intenção a Liturgia será celebrada. Essas partículas são colocadas na parte inferior do Cordeiro. Resplandece assim em nossas mentes a belíssima passagem do livro do Apocalipse em que se acham reunidos ao redor do Cordeiro os seus membros místicos que formam a Igreja na terra e no céu. A Igreja realiza, portanto, através dessa Liturgia, a união mística de toda a Igreja, vivos e falecidos.

Coloca depois a estrela (*asteriskos*) sobre o disco, cobrindo-o em seguida com o *kalima* - pequeno véu em forma de cruz. Faz assim também com o cálice e, a ambos, cobre com o *kalima* maior. Suplica finalmente a Deus para que aceite as oferendas apresentadas, mencionando os nomes de todos os que a ofertaram.

Neste ofício, o altar da prótese simboliza ao mesmo tempo a Gruta de Belém e a Cruz do Gólgota.

II PARTE: «A LITURGIA DOS CATECÚMENOS»

Os catecúmenos eram aqueles que estavam se preparando para receber o batismo e, esta parte da Liturgia lhes era permitida para a sua instrução. Antigamente, só podiam permanecer com os fiéis durante esta primeira parte, pois ainda não eram cristãos.

A Liturgia dos catecúmenos tem início com a principal aclamação: *"Bendito seja o Reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos"*, e consta das seguintes orações:

a) Grande Ladainha ou Iriniká: na qual elevamos a Deus nossas súplicas para que nos conceda os bens da terra e do céu.

O **Kyrie eleison**, resposta a cada súplica, é a oração que mereceu elogio do próprio Cristo, na parábola do Fariseu e do Publicano. Não devemos, pois, cansar-nos de repeti-la. É o grito do homem humilde, pecador e necessitado que implora a misericórdia de seu Senhor. E Deus, diz-nos o salmista, *"atende à oração dos humildes e não despreza a sua prece"* (Sl 101: 18).

Comemorando a Mãe de Deus: para marcar a impotência de nossas orações às quais faltam a pureza da consciência, convida-nos a dirigir o olhar para a Mãe de Deus e todos os santos, a comemorar, isto é, a recorrer àqueles que sabiam rezar melhor do que nós e que, agora, rezam por nós

no céu; e a nos recomendar, *nós mesmos, uns e outros e toda a nossa vida a Cristo, nosso Deus.*

b) Antífonas ou Hinos são cantados entre as pequenas ladainhas (*antífonas, tipika e sinaptes*); *Sinapte* - isto é, resumo, que une, sintetiza as principais petições da *Iriniká*, formando pequenas ladainhas.

Antífonas - aclamações ou preces cantadas pelo coro, intercaladas com versículos de certos salmos escolhidos de acordo com a festa celebrada e lidos pelo leitor no meio do coro.

Típika - cânticos durante a Liturgia dominical, o mais usado é o das *Bem-aventuranças*, em grego, *Macarismi*, que quer dizer, bem-aventurados.

c) Pequena Entrada: realiza-se com a saída do sacerdote pela porta Norte com o Evangelho, precedido processionalmente por diáconos ou acólitos portando velas acesas, entrando em seguida no santuário pela porta Régia. Essa pequena entrada lembra-nos da aparição de Cristo para a pregação, o início de sua vida pública. O coro entoa o hino seguinte nos domingos:

«Vinde, adoremos e prostemo-nos ao Cristo. Salva-nos ó Filho de Deus, que ressuscitaste dentre os mortos, a nós que a Ti cantamos, aleluia!»

E, nos dias de semana, substitui-se *«que ressuscitaste dentre os mortos»* por: *«que és admirável nos teus santos»*.

A luz que vem à frente do Evangelho indica o ensino do Cristo que ilumina as mentes e aquece os corações humanos.

d) Tropários: hinos ou composições poéticas sobre a festa do Senhor, da Mãe de Deus ou dos santos que a Igreja comemora naquele dia. Podem ser comparados com uma pregação feita pelo exemplo e precedem a pregação pela palavra.

e) Triságion: do grego, três vezes santo:

«Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal, tem piedade de nós!».

Foi extraído da visão do profeta Isaías e introduzido a partir de uma lenda sobre um milagre ocorrido na cidade de Constantinopla. Ele é substituído nos dias de Natal, Epifania, Páscoa, Pentecostes, Sábado de Lázaro e Sábado de Aleluia pelo hino do Batismo:

«Vós que fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes. Aleluia»

Nos tempos antigos, a Igreja saudava com este hino os que eram batizados neste dia, conforme o costume da época.

No dia da *Exaltação da Santa Cruz*, 14 de setembro, e no Terceiro Domingo da Quaresma, é cantado o hino:

«Adoramos a tua Cruz, ó Mestre, e glorificamos a tua santa Ressurreição».

f) Liturgia da Palavra ou Leituras: epístola dos santos apóstolos, do livro Apóstolos, e o Santo Evangelho: a epístola e o Evangelho seguem o louvor trino e tem por fim preparar os fiéis para a Eucaristia, pois lembram o ensinamento de Jesus Cristo, as suas obras, os ditos dos apóstolos e as suas boas-novas. Informam os fiéis sobre a santa vida dos cristão

primitivos, alertando-os para os seus deveres cristãos. Todos os presentes na Igreja ficam atentos à leitura da Epístola e do Evangelho. O coro, depois da Epístola, entoia o "Aelua" e, antes e depois do Evangelho, "Glória a Ti, Senhor, glória a Ti", como prova da gratidão dos fiéis a Deus que nos entregou os Livros Santos para a nossa edificação e salvação. Com a inclinação das cabeças mostramos a nossa devoção, como se ouvíssemos o próprio Senhor Jesus Cristo em pessoa e os seus apóstolos.

g) Homilia ou Sermão: os fiéis ouvem a proclamação do Evangelho de pé com atenção e respeito, como fariam os discípulos dedicados, ouvindo os ensinamentos de seu Mestre, e como servos fiéis recebendo as ordens de seu senhor, dispostos a colocá-las em prática. Em seguida, o sacerdote, fazendo a ligação de ambas as leituras, unindo-as à Tradição da Santa Igreja, transmite os preceitos para o fiel viver durante a semana que se inicia.

h) Orações Secretas pelos Catecúmenos: a maioria delas foram abolidas com o decorrer dos séculos, devido ao fato de atualmente não existirem mais catecúmenos. Resta apenas alguns pequenos resquícios, pelo fato de haver ainda alguns países pagãos onde os missionários preparam os catecúmenos para o sacramento do Batismo.

III PARTE: «A LITURGIA DOS FIÉIS»

A terceira parte da Divina Liturgia chama-se **Liturgia dos Fiéis**, isto é, dos crentes batizados que podem participar de toda a celebração deste santo Ofício. Tem início com

orações e súplicas em favor de todos os fiéis e consta das seguintes partes:

a) Grande Entrada: ato pelo qual os santos dons são transportados do altar da prótese para o altar principal, também denominada de *Entrada Solene*. O sacerdote toma o *diskos*, coberto com a estrela e o *kálíma* e entrega ao diácono que o segura com as duas mãos acima da cabeça. Toma em seguida o cálice e o eleva. (na ausência do diácono o sacerdote leva o cálice na mão direita e a patena na mão esquerda). Saem pela porta Norte, o diácono na frente e o sacerdote logo atrás, com o cruciferário e o turiferário seguindo na frente com a cruz e as velas, respectivamente. Passam pelo meio do povo, entram no santuário pela porta Régia, O sacerdote deposita sobre o antimíssion que já estará preparado sobre o altar, o cálice e o *diskos* que recebe das mãos do diácono. No percurso, o sacerdote suplica ao Senhor para que se lembre em seu Reino da hierarquia eclesíastica, das autoridades civis e de todos os cristãos.

Esta entrada solene lembra-nos Jesus em direção aos sofrimentos, a cruz, a morte e o sepultamento. O sacerdote e o diácono representam então, José e Nicodemos. Um pouco antes de iniciar a procissão, o coro canta o *Hieruvikón*, ou seja, o «Hino dos Querubins»:

«Nós que, misticamente, representamos os Querubins e que cantamos o hino triságio à Vivificante Trindade, afastemos de nós neste momento toda a mundanidade, a fim de acolhermos o Rei de todos, escoltado invisivelmente pelas legiões angélicas. Aleluia, Aleluia, Aleluia!»

b) Preparação para a Consagração: os preparativos para consagrar a oblata inclui a Ladainha pelos dons apresentados; a bênção do sacerdote pela paz e o amor: *"A paz esteja convosco!"* E o diácono proclama: *"Amemo-nos uns aos outros para que com comunhão de espírito professemos:"*. E o coro responde: *"O Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade Consubstancial e Indivisível"*.

Segue a recitação do Credo depois que o sacerdote (ou o diácono) anuncia: *"As portas, as portas, com sabedoria, estejamos atentos"*. Essas palavras significam que nos tempos antigos era costume guardar a porta do templo, para impedir a entrada dos catecúmenos ou dos penitentes na hora de realizar a Liturgia dos Fiéis. Era, pois, um aviso que lembrava aos guardiões da porta os seus deveres. Agora, porém, lembra aos fiéis o dever de manter os corações atentos guardando-os da infiltração dos maus pensamentos e desejos e, principalmente, para que estejam devidamente atentos para o que se passa diante deles na Igreja.

Consagração: induzindo os fiéis a ficarem de pé e manterem-se condignamente no momento da celebração da Eucaristia, o sacerdote admoesta:

«Permaneçamos respeitosa e de pé! Elevemo-nos com temor! Estejamos atentos para oferecer em paz a santa oblação».

O povo responde, ou o coro:

«A misericórdia da paz, o sacrifício de louvor»

Que significa estarem todos preparados para oferecer a oblata a Deus que é caridade para os homens e o louvor a Deus. O sacerdote então saúda os fiéis:

«A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco!»

E, para poderem oferecer dignamente a misericórdia de paz e o sacrifício de louvor, eles precisam da ajuda do Deus Trino. Conclama-os então o sacerdote, para que se desprendam de toda a mundanidade e elevem os pensamentos a Deus.

«Elevemos para o alto os nossos corações!»

Quando ouvir a resposta: «Já os temos no Senhor», isto é, já elevamos os nossos corações até o Trono de Deus, então os convida para agradecer:

«Demos graças ao Senhor Nosso Deus!»

Neste momento o coro entoia por todo o povo, o hino de louvor e glória:

«É digno e justo adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível!»

O sacerdote reza secretamente e, ao terminar a oração, anuncia publicamente em voz grave:

[...] «que entoam o hino da vitória cantando, clamando, bradando e dizendo»

E o coro canta em resposta cantando o «Hino Angelical».

*«Santo, Santo, Santo, Senhor, Deus do universo.
Céus e terra proclamam a tua glória. Hosana nas
alturas! Bendito o vem em nome do Senhor. Hosana
nas alturas!*

A elevação e consagração dos santos dons se realizam na seguinte ordem: o sacerdote lembra em primeiro lugar, a mandato divino dado pelo Senhor na Mística Ceia, recitando, baixinho, uma oração que conclui em voz alta:

*«... Tomai e comei! Isto é o meu Corpo que é partido
por vós para a remissão dos pecados...»*

E, em seguida:

*«... Bebei dele todos! Isto é o meu Sangue, o da Nova
Aliança, que é derramado por vós e por muitos para
a remissão dos pecados ...» (Mt 26: 26-29)*

Os fiéis, ouvindo estes dois anúncios lembram a Ceia do Senhor, certos de estarem eles na Divina Liturgia para comungar das duas espécies, o pão e o vinho, o Corpo e o Sangue de Cristo, reais tal qual os discípulos receberam. A sua fé fica provada pela resposta do coro: "Amém", a cada um dos anúncios. Depois o sacerdote eleva a patena e o cálice dizendo:

*«O que é teu, recebendo-o de Ti, nós te oferecemos
em tudo e por tudo»*

Isto é, oferecemos esta oblata (o pão e o vinho), em nome de todos os bens recebidos de Ti. O coro então responde:

*«Nós te louvamos, te bendizemos, te damos graças,
Senhor e te suplicamos, ó nosso Deus!»*

Enquanto isto, o sacerdote, no santuário, realiza o maior e o mais importante ato de toda a Divina Liturgia, a consagração e a transmutação dos santos dons no Corpo e Sangue de Cristo. Ele suplica três vezes para que o Espírito Santo desça sobre a oferenda presente e transforme o pão no Corpo e o vinho no Sangue de Cristo, fazendo o sinal da cruz sobre cada um dos santos dons em separado e sobre os dois juntos - oração chamada "*Epiklese*", do grego, invocação. Naquele instante realiza-se então a transmutação, invisível e inexplicavelmente, com a descida do Espírito Santo. Segue então as orações que fazem memória dos membros da Igreja celeste e terrestre, pois a Eucaristia é o sacrifício pelos vivos e pelos mortos. Por isso, depois de consagrados os santos dons, o sacerdote menciona, com gratidão, os santos, pedindo a Deus que aceite o sacrifício por sua intercessão,

*«... especialmente pela nossa santíssima, puríssima,
bendita e gloriosa Senhora, a Mãe de Deus e sempre
Virgem Maria».*

Neste momento, enquanto incensa os santos dons sobre o Altar, os ícones e o povo, o coro canta de pé o *Hino à Santíssima Mãe de Deus*:

*«Verdadeiramente é digno e justo que te
bendigamos, ó bem-aventurada Mãe de Deus. Tu,
mais venerável que os Querubins e
incomparavelmente mais gloriosa que os Serafins,
deste à luz o Verbo de Deus, conservando intacta a*

glória de tua virgindade. Nós te glorificamos, ó Mãe de nosso Deus!»

Durante este cântico, o sacerdote recita a oração:

«Lembra-te em primeiro lugar, Senhor, de nosso santo pai, o patriarca [N...], de nosso metropolitano [N...], de nosso bispo [N...]. Concede às tuas santas Igrejas que eles possam pregar retamente a tua Palavra de verdade, em paz, na santidade, honra, saúde e numa vida longa e fiel».

O sacerdote roga a Deus para que conceda repouso às almas dos adormecidos no arrependimento e na esperança da ressurreição para a vida eterna, depois pela saúde e salvação dos vivos. E o coro responde à súplica do sacerdote. "E de todos e por tudo", isto é, lembra-te, Senhor, dos homens e das mulheres, vivos e mortos.

c) Preparação para Comunhão: em seguida, os fiéis preparam-se para a comunhão: primeiramente, pela Ectênia que pede:

«Tendo comemorado todos os santos, ainda e sempre em paz, oremos ao Senhor!»

Nesta ladainha, pedimos, antes de tudo, que o Senhor aceite o sacrifício místico e envie-nos a Graça do Espírito Santo. Em seguida vem a *Oração Dominical*, ou seja, o Pai-Nosso que é precedido pelo anúncio do sacerdote que diz:

«E concede-nos, Senhor, que com toda confiança e sem condenação, ousando chamar-te Pai, a Ti, que és Deus celestial, dizer:»

Em seguida, o anúncio do sacerdote, «As coisas Santas aos santos!» , isto é, a oblata é oferecida aos santos e, por isso, não deve se aproximar para participar dela, senão os santos, respondendo então o coro:

«Um só é Santo, um só é Senhor, Jesus Cristo, na glória de Deus Pai. Amém.»

Significa que nenhum de nós é santo, mas só Deus é Santo, porém nós desejamos santificar-nos e por isso vamos à Eucaristia a fim de obter a santificação.

d) Comunhão: depois do canto «Um só é Santo...» , o sacerdote e todo o clero que estiver celebrando em sua companhia, comungam no santuário os Santos Sacramentos, sob as espécies do pão e o vinho separadamente. Enquanto isso, o povo ouve cantar um versículo dos salmos que se chama «Kinonikón», ou seja, canto da comunhão, ou lê-se um sermão.

Depois da Comunhão do sacerdote e do clero, abre-se a cortina da porta Régia (existe um antigo costume, de no momento da comunhão do clero fechar-se a cortina da porta Régia) e elevando o cálice exclama:

«Com temor de Deus, fé e amor, aproximai-vos!»

Os fiéis que realizaram sua preparação espiritual aproximam-se agora com fé e respeito para comungar dos Santos Sacramentos. Quando o cálice aparece para o povo, lembra-nos a aparição daqueles que se levantaram do túmulo após a Ressurreição do Senhor. Assim o coro canta:

«O Senhor Deus, a nós se revelou, bendito o que vem em nome do Senhor!»

E os fiéis participam dos Santos Mistérios da Eucaristia.

e) Ação de Graças após a comunhão: depois da Comunhão dos fiéis, o sacerdote abençoa com o cálice os fiéis, dizendo:

«Salva ó Deus o teu povo e abençoa a tua herança!»

Esta benção lembra-nos a benção do Senhor Jesus ao subir aos céus (Ascensão). O coro responde à esta benção que é realizada com as sagradas espécies:

«Vimos a verdadeira Luz, recebemos o Espírito celeste, encontramos a fé verdadeira adorando a indivisível Trindade, pois, foi ela que nos salvou!»

Em seguida, volta o sacerdote com o cálice dizendo secretamente: "Bendito seja, o nosso Deus"; e publicamente: "... eternamente agora e sempre e pelos séculos dos séculos." E, desta vez, lembramos a Ascensão do Senhor aos céus e da promessa que o Senhor fez antes: "E, eis que estarei convosco, todos os dias, até a consumação dos séculos". Reagindo a esta aclamação do sacerdote, pedem os fiéis:

«Estejam os nossos lábios cheios do teu louvor, para cantarmos, Senhor, a tua glória, porque nos tornaste dignos de participar dos teus divinos imortais e vivificantes mistérios. Guarda-nos no teu santuário, a fim de que, durante todo este dia, pratiquemos a tua justiça. aleluia!»

Agradecem assim ao Senhor que os ajudou a serem dignos de participar do santo Sacramento. Em seguida, o sacerdote entrega a cada fiel um pedaço do pão bento chamado *Antídoron*, que, recebendo-o, beija a mão do sacerdote que lhe entregou pedindo sua benção.

ANTÍDORON: pequenos pedaços do pão abençoado durante a Divina Liturgia, e que são distribuídos aos fiéis e àqueles que por algum motivo não puderam participar da Comunhão.

A Estrutura da Celebração

A forma normal de celebração da liturgia bizantina requer a presença do diácono. O sacerdote, de pé diante do altar, pronuncia em voz baixa as orações sacerdotais, enquanto o diácono, do lado de fora da Iconostase, canta as ladainhas correspondentes (o diácono, na liturgia ortodoxa, tem a função de pedagogo, é responsável por levar o povo à oração que, segundo São João Crisóstomo, é a melhor forma de ensino. A cada pedido ou intercessão o coro responde: *Kyrie, eleison* (*Senhor tem piedade*) ou *atende-nos Senhor*. Terminada a ladainha o sacerdote conclui em voz alta com uma doxologia (também chamada, *Ekcfónesis*) em louvor a Santíssima Trindade, à qual o povo responde: *Amém*.

Este esquema repete-se várias vezes durante a Liturgia e se presta muito a que todos participem. Quando o diácono não está cantando as ladainhas, entra no santuário e se coloca à direita do sacerdote, pronto a servi-lo. Se não houver diácono é o sacerdote mesmo que canta as ladainhas, assumindo as demais funções do diácono. Quando mais

sacerdotes participam da celebração, todos recitam as preces sacerdotais, cantando, por turno, as *ekfônesis* e, na ausência do diácono, se alternam no canto das ladainhas. A função dos acólitos é a de portar as velas, a cruz e o turíbulo nas duas procissões da *Pequena* e *Grande Entradas*, manter sempre pronto o turíbulo para as incensações, abrir e fechar as cortinas das portas santas nos momentos apropriados. Importante é a função do leitor, *Anagnóskonde*, o qual, além de cantar a primeira leitura com a sua introdução (*Prokímenon*) e com o *Aleluia* que precede a leitura do Santo Evangelho, terá também que desempenhar a função do coro quando este faltar.

As Festas

A Divina Liturgia nos dias festivos é celebrada com mais brilho. As festas celebradas conforme o calendário eclesiástico, foram instituídas pela santa Igreja para glorificar a Deus e honrar a memória dos eventos mais importantes da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, de sua Santíssima Mãe, dos Anjos e dos Santos. As principais Festas da Ortodoxia se dividem em Festas com datas móveis e Festas com datas fixas:

GRANDES FESTAS DA ORTODOXIA

1. Natividade da Mãe de Deus - (08 de setembro)
2. Entrada da Mãe de Deus no Templo - (21 de novembro)
3. Anunciação da Mãe de Deus - (25 de março)
4. O Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo - (25 de dezembro)

5. Batismo de Nosso Senhor Jesus Cristo ou Santa Teofania (06 de janeiro)
6. Apresentação de Nosso Senhor Jesus Cristo no Templo (02 de fevereiro)
7. A Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo, no Monte Tabor (06 de agosto)
8. Entrada triunfal de Nosso Senhor Jesus Cristo em Jerusalém ou Domingo de Ramos (Hosana) (Seis dias ou uma semana antes da Páscoa)
9. Páscoa Gloriosa ou Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo (Domingo entre 22 de março e 25 de abril)
10. Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo (40 dias depois da Páscoa)
11. Pentecostes (50 dias após a Páscoa)
12. Dormição da Santa Mãe de Deus (15 de Agosto)
13. Exaltação da Gloriosa e Vivificante Cruz (14 de Setembro)

FESTAS MÉDIAS DA ORTODOXIA

1. A Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo (1º de Janeiro)
2. Festa dos Três Hierarcas ou Santos Padres: São Basílio, o Grande, São Gregório, o Teólogo e São João Crisóstomo (30 de janeiro)
3. Natividade de São João Batista (24 de junho)
4. Festa dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo (29 de junho)

5. Decapitação de São João Batista (29 de agosto)
6. *Omofórion* (Proteção) da Santa Mãe de Deus (31 de agosto)
7. Festa do(a) padroeiro(a) da Paróquia é também considerada uma Festa média.

FESTAS PEQUENAS DA ORTODOXIA

1. Festa do Megalomártir São Jorge, o Vitorioso - (23 de abril)
2. Festa de São Nicolau, o Milagroso, Bispo de Mirra na Licia - (6 de dezembro)
3. Festa do Santo Profeta Elias - (20 de julho)
4. Festa do Megalomártir Dimitrio, o Derramador de Aromas - (26 de outubro)
5. Festa de São Miguel Arcanjo - (8 de novembro).

DIAS DE JEJUM

Os ofícios divinos, nos dias de jejum, distinguem-se pelos sentimentos devocionais e pela confissão dos pecados. Os dias de jejum são os dias determinados pela Igreja para distinguir-se dos outros dias por orações especiais, a abstinência de certos alimentos e bebidas, a devoção, a confissão dos pecados e pela prática das virtudes, imitando os santos como Moisés, Elias e outros do Antigo Testamento, e Nosso Senhor Jesus Cristo, que jejuou quarenta dias no deserto, cumprindo o seu divino ensinamento que nos recomenda jejuar, não somente pela aparência, mas

purificando o coração e limpando a consciência. Os dias de jejum, determinados são quatro:

1. A **Grande Quaresma**: seguindo o jejum de Nosso Senhor Jesus Cristo fisicamente, no deserto, depois de seu Batismo no Jordão. É anexa à Quaresma a Semana da Paixão que foi designada em memória da Paixão de Cristo, precedendo a Páscoa Gloriosa. Durante este período abstém-se os fiéis dos alimentos gordurosos como a carne, o leite, e os ovos. Alguns abstém-se do azeite também e deixam de comer, salvo no sábado e domingo, antes do meio-dia, alguns até após o meio-dia.
2. **Antes do Natal** de Nosso Senhor Jesus Cristo: com início no dia 15 de novembro e término no dia 24 de dezembro. Os fiéis abstém-se neste período de carne, leite e ovos.
3. **Festa da Dormição da Mãe de Deus**: de 1º a 14 de agosto. Abstém-se os fiéis nesse período de todo alimento gorduroso e, alguns, também do azeite.
4. Jejum dos Apóstolos: segundo o costume dos apóstolos que jejuavam em preparação para o Evangelho. Começa no oitavo dia depois de Pentecostes e termina no dia 28 de junho, precedendo a Festa de São Pedro e São Paulo. Nesse período faz-se abstinência de carne, leite e ovos.

Além destes quatro períodos, a santa Igreja determinou outros dias que são:

1. **29 de agosto**, Festa da Decapitação de São João Batista;
2. **14 de Setembro**, Festa da Exaltação da Gloriosa e Vivificante Cruz;
3. **Quartas e sextas-feiras de cada semana**, durante todo o ano, exceto o alimento indulto que se pode comer que é o alimento gorduroso, quartas-feiras designadas em memória da prisão do Senhor Jesus e as sextas-feiras em memória de sua Morte na Cruz;
4. **Véspera da Teofania** do Senhor, 6 de janeiro.



Sobre o Dízimo

*Creio em um só Deus, Pai todo poderoso,
Criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis.*

Esta afirmação é a primeira proclamação de Fé contida no *Símbolo de Fé* da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica. A fórmula do Símbolo de Fé da Igreja foi definida nos Concílios Ecumênicos de Nicéia (325) e Constantinopla (381). Há séculos a Igreja guarda, defende, e proclama esta doutrina sagrada.

Esta doutrina foi revelada aos homens pelo próprio Deus, o Deus de Abrão, Isaac e Jacó. O conteúdo desta revelação é fundamento de nossa fé comum. É para nós um tesouro de valor incalculável. Tanto mais não fosse por sua origem divina. Enquanto verdade - verdade revelada - esta fé é atuante e dinamizadora da vida no interior da Igreja. Igreja que não é apenas o local do diálogo entre o Deus criador e a criatura. É o próprio diálogo em si mesmo.

Trata-se, na verdade, de um diálogo de natureza espiritual, pessoal, entre o Criador e a criatura. Este diálogo, necessariamente, se dá na forma de uma sinergia, um encontro de vontades. Ou seja: a fé que temos - o que no fundo de nosso ser sabemos ser verdadeiro - informa nosso entendimento sobre o mundo, nossas esperanças pelo futuro e conseqüentemente, nosso comportamento presente. Com as atitudes que tomamos, em Igreja, encarnamos - tornamos visível - a Verdade que nos foi revelada. Em contrapartida, o prática das obras da fé leva o fiel à descoberta da dimensão

espiritual de sua pessoa, e o prepara, pela purificação de sua alma, para o encontro definitivo com Deus.

Como conclusão imediata, verificamos que é fundamental haver, da parte do homem, um esforço pessoal no sentido de conduzir a sua vida de uma forma coerente com o que acredita ser o fundamento de sua vida. É então o momento de fazermos uma pergunta: o que leva uma pessoa a converter-se à Ortodoxia? Muitos motivos e situações particulares poderão ser utilizados para explicar esta decisão, de suma importância. Cada um há, certamente, de se lembrar como foi este momento tão feliz em sua vida. É capaz até de encontrar nesta lembrança alguns bons motivos que o levaram a querer ser cristão ortodoxo. Mas serão, obviamente, sempre motivos subjetivos. Olhando a questão pela ótica do homem ... está tudo certo. Afinal, não se diz: "Deus aproveita-se de tudo"?

Mas, provavelmente, quase ninguém estará preparado para identificar em si o "algo", no fundo de sua alma, que o põe em movimento. Este "algo" tem um nome: é vocação, o chamamento que Deus faz, no fundo do coração, a cada um de nós.

"Muitos serão chamados, mas poucos serão escolhidos". Todos conhecem sobejamente estas palavras das Sagradas Escrituras. De fato, todos (a humanidade inteira) são chamados à salvação. Mas apenas a alguns Deus escolhe para o serviço (construção) da Igreja de Cristo. Igreja esta que, evidentemente, será porta de salvação para muitos outros.

O surgimento de uma Igreja, encarnada e atuante no mundo, pressupõe a existência: de amor a Deus, de uma fé

verdadeira, de fidelidade a Tradição, de um território a evangelizar, de fiéis que orem, de sacramentos, de hierarquia, de clérigos. E o Senhor Nosso Deus vai chamar cada um, de acordo com a sua vocação, para preencher e realizar o seu lugar na Igreja. Portanto, a Igreja é uma sociedade divino-humana, porque feita com os homens. A Igreja é um convite de Cristo aos homens. A Igreja é o lugar do encontro objetivo, através de Cristo, com Deus. A Igreja é a *Nova Jerusalém*.

Considerando o estreito vínculo espiritual que existe entre Igreja e Tradição, podemos dizer que, se quisermos levar ao extremo, a Igreja é já anterior ao Pentecostes. Desde os tempos do Patriarca Abraão Deus dá início ao surgimento de um "Povo eleito". Povo que deveria estar preparado para viver na presença do seu Filho unigênito, quando chegasse a hora do primeiro Advento. Verdadeiramente o Senhor Altíssimo conduziu, amorosamente pelo convite, o homem, a sua criatura bem-amada, para a convivência pessoal com o Verbo Encarnado. Exatamente como deveria ter acontecido no Paraíso caso o ser adâmico tivesse permanecido em comunhão com Deus.

Tal como a legislação da Antiga Aliança, os preceitos, as regras, rubricas, cânones, e até mesmo, os dogmas da Nova Aliança têm o mesmo objetivo: conduzir, de uma forma pedagógica, o homem do seu estado decaído até a condição de homem salvo e ressuscitado diante de Deus.

Os relatos contidos nos livros do Êxodo, Levítico e Números mostram o Deus Altíssimo, libertar uma multidão do cativeiro, conduzi-los pelo deserto, instituí-los como um

povo dando-lhes uma Lei e depois ordenar, em minúcias, à este povo que:

- ✓ *«Tragam ofertas para a construção de uma Tenda com seu Tabernáculo.*
- ✓ *Façam uma Arca com madeira de cetim.*
- ✓ *Façam um propiciatório, um castiçal e dois querubins de ouro puro.*
- ✓ *Façam uma mesa de madeira de cetim. Costurem 10 cortinas para o Tabernáculo.*
- ✓ *Costurem um véu para o Tabernáculo.*
- ✓ *Construam um Altar para os Holocaustos.*
- ✓ *Construam um Pátio para o Tabernáculo.*
- ✓ *Costurem vestes sacerdotais.*
- ✓ *Façam o Altar do incenso e uma pia de cobre.*
- ✓ *Tragam especiarias, azeite, incenso».*

Para a feitura de todas estas coisas há uma determinação direta do Altíssimo, referente às medidas e aos formatos e ainda sobre quem deveriam ser os artífices.

Também dá ordens específicas do quê, de como e para que, celebrar sacrifícios e holocaustos.

Deus, além disso, escolhe Aarão e seus filhos para sacerdotes e ordena que se façam os sacrifícios e as cerimônias da consagração. Exclui da partilha de Canaã a tribo dos levitas que doravante não tomarão posse da terra. Viverão exclusivamente para o serviço do Tabernáculo e serão mantidos, unicamente, com parte do que fosse oferecido ao Tabernáculo. E, para Aarão, Deus determinou:

«Porque o peito movido e a espádua alçada tomei dos filhos de Israel dos seus sacrifícios pacíficos, e

os dei a Aarão, o sacerdote, e a seus filhos, por estatuto perpétuo dos filhos de Israel. Esta é a porção de Aarão e a porção de seus filhos das ofertas queimadas do Senhor, no dia em que os apresentou para administrar o sacerdócio ao Senhor» (Lv 7: 34-35).

O pacto entre IAHWEH e o povo, relativo à *Tenda da Congregação* reduz-se na prática a que o povo ficaria encarregado de construir, carregar e manter a *Tenda da Aliança*; e o Deus de Abraão, Isaac e Jacó nela habitaria. Habitando-a, o Senhor conduziria o seu povo à Terra Prometida:

«[...] encheu o Tabernáculo... Quando a nuvem se levantava sobre o Tabernáculo, então os filhos de Israel caminhavam em toda as suas jornadas» (Ex 40: 34).

Manter a *Tenda* significava suprir todas as necessidades práticas para a celebração dos sacrifícios que o povo oferecia. Isto incluía farinha, azeite, incenso, água, lenha, sustento dos sacerdotes e tudo mais que fosse necessário para as celebrações dos sacrifícios.

A *Tenda da Congregação*, com os sacrifícios nela celebrados será, portanto, o testemunho vivo da Aliança celebrada entre Deus e o seu povo:

«Tomarás o dinheiro do resgate dos filhos de Israel e o entregarás para o serviço da Tenda da Reunião; ele será para os filhos de Israel um memorial diante

de IAHWEH, para o resgate de vossas pessoas».
(Ex30, 16)

Este espírito de participação mútua, entre o homem e o sagrado, para a construção de um lugar de encontro e diálogo com Deus permanece em todas as gerações do povo de Deus. Nas Sagradas Escrituras podemos ler:

«Impusemo-nos como obrigação: dar a terça parte de um siclo por ano para o culto do Templo do nosso Deus: para o pão da oblação, para a oblação perpétua e o holocausto perpétuo, para os sacrifícios dos sábados, das neomênias, das solenidades, e para as oferendas sagradas, para os sacrifícios pelo pecado que garante a expiação em favor de Israel; em suma, para todo o serviço do Templo do nosso Deus; e levar cada ano ao Templo de IAHWEH as primícias de nosso solo e as primícias de todos os frutos de todas as árvores, bem como os primogênitos de nossos filhos e de nosso rebanho, como está escrito na Lei – os primogênitos de nosso gado graúdo e de nosso gado miúdo, ao Templo de nosso Deus, sendo destinados aos sacerdotes em função no Templo de nosso Deus. Além disso, a melhor parte de nossas moeduras, dos frutos de toda árvore, do vinho novo e do azeite, levaremos aos sacerdotes, nas dependências do Templo de nosso Deus; e o dízimo de nossa terra, aos levitas – são os próprios levitas que recolherão o dízimo em todas as nossas cidades agrícolas; um sacerdote, filho de Aarão, acompanhará os levitas quando forem recolher o dízimo para o Templo de nosso Deus, para as salas do Tesouro». (Neemias 10:

32-38) «O povo se alegrou com o que haviam feito, pois foi de todo coração que eles assim fizeram ofertas voluntárias a IAHWEH; o próprio rei Davi teve grande alegria». (I Crôn 29: 9).

Natural haver tal alegria, afinal o povo sempre teve a certeza da promessa:

«Trazei o dízimo integral para o Tesouro, a fim de que haja alimento em minha casa. Provai-me com isso, disse IAHWEH dos Exércitos, para ver se eu não abrirei as janelas do céu e não derramarei sobre vós bênção em abundância». (Mal 3: 10).

«Honra a IAHWEH com a tua riqueza, com as primícias de tudo o que ganhares; e os teus celeiros estarão cheios de trigo, os teus lagares transbordarão de vinho novo». (Prov 3: 9-10).

O Patriarca Abraão acreditou nesta promessa:

†Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho, ele era sacerdote do Deus Altíssimo. Ele pronunciou esta bênção: 'Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que criou o céu e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo que entregou teus inimigos entre tuas mãos'. E Abrão lhe deu o dízimo de tudo». (Gen 14: 18-20).

O Patriarca Jacó fez apelo à esta promessa:

«Se Deus estiver comigo e me guardar no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupas para me vestir, se eu voltar são e salvo para casa de meu pai, então IAHWEH será meu Deus e esta

pedra que ergui como uma Estela será uma casa de Deus, e de tudo o que me deres eu te pagarei fielmente o dízimo». (Gen 28: 20-22).

Na verdade, acreditar, se alegrar e fazer apelo ao cumprimento desta promessa são comportamentos coerentes com o dado da fé: «*Creio em um só Deus, Criador de todas as coisas ...*». O verdadeiro cristão, fiel a sua fé, sente no fundo de sua alma que, de fato, tudo quanto ele possui na vida, não é unicamente uma conquista individual. Afinal tudo o que existe não foi criado por Deus? Na verdade, não é que o Senhor Nosso Deus tenha permitido ao homem ter alguma coisa, porque de fato não há posse de nada nesta vida. Há apenas participação nos bens da criação. Na Sagrada Liturgia o celebrante exclama:

«Aquilo que é teu, recebendo-o de Ti, nós te oferecemos por todos e por tudo». (Liturgia de São João Crisóstomo)

Neste contexto fica mais claro compreender o Apóstolo quando diz: «*...Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas (comer, beber, vestir) vos serão acrescentadas*». (Mt 6: 33).

O cristão ortodoxo, sabe que o Senhor nosso Deus apenas concedeu que o homem usufruísse alguns dos bens presentes em sua Criação. Portanto quando um filho de Deus se aproxima do Santuário para fazer uma oferta, de fato, não é oferta nenhuma; é, de legítimo direito, uma partilha. De fato, um momento de comunhão da criatura com o Criador.

«Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens—. (Lc 12: 15).

Um exemplo: no momento que o fiel paga o dízimo, está confirmando que se submete a partilha que Deus lhe oferece. Ele, o criador de todas as coisas, oferece ao homem tudo o que lhe é necessário, e o homem oferece, como memorial deste estatuto, 10% deste tudo à Deus e sempre terá 90% para desfrutar.

Com o advento da Encarnação do Verbo a Lei mosaica não foi abolida, foi aperfeiçoada. As ofertas e os dízimos que antes eram resultantes de uma obrigação jurídica; em Cristo tornam-se marcas da concordância (sinergia) entre o amor do crente e o AMOR do Senhor seu Deus.

«Pois sabeis que não foi com coisas perecíveis, isto é, com prata ou com ouro, que fostes resgatados da vida fútil que herdastes dos vossos pais, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeitos e sem mácula». (I Pd 1: 18).

O Amor, em Cristo, torna-se a mola motora da vida do fiel. Não é mais, apenas, o cumprimento ou não da Lei o que verdadeiramente importa. A parábola do fariseu o do publicano nos mostra claramente que o fariseu cumpria toda a Lei, inclusive pagava o dízimo. O outro Apóstolo nos deixa um alerta:

«Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da Lei: a

justiça, a misericórdia, e a fidelidade. Importava praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas-. (Mt 23: 23).

Assim sendo o que é determinante, não é mais a submissão em si. Determinante é o que leva o homem a submeter-se. O mero cumprimento dos mandamentos não é garantia que haja o amor, no entanto, a não aceitação dos mandamentos divinos é certeza garantida que não há amor. É simples: quando algo, em Igreja, não está funcionando lá muito bem, é porque a capacidade de amar, também, não está lá muito bem.

Na Antiga Aliança o homem estava submetido aos rigores da Lei. A certeza objetiva das bênçãos de IAHWEH era o cumprimento estrito da legislação de Moisés. Na Nova Aliança ele, o homem, goza e participa no amor, em Cristo, pela livre concordância e cumprimento dos preceitos e exortações da Igreja de Cristo. Nosso Deus e Salvador Jesus Cristo modificou a forma e a qualidade da submissão aos preceitos da Lei, mas não aboliu o conteúdo da Lei. Nem tampouco aboliu as necessidades que a antiga Lei atendia.

Nas Sagradas Escrituras vemos nos relatos dos quatro evangelistas (a bolsa de Judas, Marta e Maria, o imposto à César, o jumentinho para a Páscoa, a compra de alimentos para saciar ao povo, a preparação da Ceia, o óleo aromático em seus pés, a compra dos bálsamos para o túmulo, um local para o sepultamento do Mestre etc.) o Mestre ensina aos seus discípulos com qual espírito deveriam resolver algumas das necessidades práticas do dia a dia da comunidade.

O milagre da multiplicação dos pães e dos peixes foi uma exceção que, entre outros motivos, serviu para o Senhor mostrar que, se fosse da vontade do Pai, o homem seria sempre alimentado miraculosamente, não precisaria trabalhar - o que seria uma contradição com a ordem divina expressa quando da expulsão do Paraíso. Deus quer participação, quer comunhão e comunhão com Ele! Mas, atenção! Participação, partilha e comunhão para atender as necessidades do próprio homem, não de Deus!

Na Igreja Ortodoxa, herdeira e guardiã dos ensinamentos do Deus Criador dos Céus e da Terra, hoje, são raros os casos de igrejas locais que recebam algum tipo de subvenção ou ajuda do Estado. Na sua grande maioria a Igreja é mantida pelos recursos dos seus fiéis. A Igreja, mesmo na sua dimensão física, será sempre a imagem visível e real do amor partilhado pela comunidade.

O pão, o vinho, o óleo, o azeite, o carvão, o incenso, a vela e os pavios substituíram, nos dias de hoje, os animais oferecidos em sacrifício pelo povo. O sacrifício não é mais com animais, é incruento. Mas continuam sendo ofertas para o sacrifício (que agora é o de Cristo). Mas ainda é o povo quem oferece sacrifícios ao Senhor seu Deus. O celebrante apenas oficia o sacrifício oferecido pela comunidade paroquial. Para esse *myster* a Igreja disponibilizou, aos fiéis, a mesa de Dons.

Os sacrifícios têm de ser oferecidos em determinado local. Este local também (como na antiga *Tenda da Congregação*) tem de ser providenciado e mantido (aluguel ou compra, impostos, luz, água etc.) pelo povo. Para esse fim a Igreja conta com coletas, doações, bazares, festas etc.

Para celebrar o Sacrifício Eucarístico é necessário que haja um sacerdote validamente consagrado para tal ofício. Os clérigos necessitam, para o exercício do seu ministério sacerdotal, de conhecimento e estudo, de paramentos, de transporte e talvez mais alguma coisa. Para este objetivo a Igreja conta com a arrecadação de dízimos.

O dinheiro apesar de ser uma questão básica e fundamental na vida de qualquer cristão é, ao mesmo tempo, uma questão muito séria e de difícil equilíbrio. É uma questão espinhosa desde os tempos apostólicos. São Paulo já labutava com ela:

«Não sabeis que aqueles que desempenham funções sagradas vivem dos rendimentos do Templo, e aqueles que servem ao Altar têm parte no que é oferecido sobre o Altar? Da mesma forma o Senhor ordenou àqueles que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho» (I Cor 9: 13-14).

E ainda:

«Somente eu e Barnabé não temos o direito de ser dispensados de trabalhar? Quem vai alguma vez à guerra com seus próprios recursos? Quem planta uma vinha e não come do fruto? Quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho? Digo isto, baseado apenas em consideração humanas? Ou a Lei não diz também a mesma coisa?» (I Cor 9: 6-8).

Estas questões não são meramente questões financeiras. São questões de uma profundidade espiritual muito grande. Referem-se diretamente ao Amor Divino e a

capacidade de amar do fiel, à salvação e a comunhão com Deus. Não interessa se é mil ou um, o valor da oferta que se faz. O que importa é que, como sinal de fidelidade, sempre se faça as ofertas necessárias.

Que elas sejam expressão de um amor verdadeiro. As ofertas são espiritualmente necessárias. A Igreja necessita delas para manter-se encarnada e atuante no mundo. O fiel necessita oferecê-las para assegurar pela prática sua comunhão com o Deus Criador dos Céus e da terra.



O «Demônio» nos textos das Escrituras Sagradas e na Santa Tradição

Mons. Irineo Tamanini

Tal como conhecemos, os demônios já eram objeto de estudo e de especulações desde os povos Sumérios e Acádios, que influenciaram por sua vez a Mesopotâmia, os povos Hebreus, os caldeus e o mundo helênico. Na Mesopotâmia, os males que não constituíam grandes catástrofes naturais eram atribuídos a influência dos demônios. Os demônios, acreditavam os mesopotâmicos, eram numerosos, divididos em legiões encarregados de espalhar o mal aos homens e à natureza, segundo cada espécie. Havia o grupo que cuidava de espalhar as doenças contagiosas (lepra e malária), o grupo que influenciava na natureza (vendavais, maremotos) e o grupo que influenciava o comportamento do homem (raiva, ódio, fúria, epilepsia, distúrbios). Para cada grupo específico havia os “sacerdotes”, homens estudados e preparados para enfrentá-los e exorcizá-los com rituais, magias, sacrifícios e chás preparados com ervas próprias. Havia, entretanto, o maior de todos, que nenhum sacerdote conseguia derrotar: o demônio da morte que atemorizava principalmente as gestantes e crianças recém-nascidas. O índice de mortalidade infantil era muito elevado nesta região e época, e isto era

atribuído a um ser espiritual horrível que não poupava as crianças de viverem. Este demônio era concebido sob a forma de uma serpente.

Tais pensamentos chegaram ao povo de Israel e a superstição a respeito do assunto fez crescer as especulações e o temor. O judaísmo do período neotestamentário demonstrava uma crença forte nos poderes do demônio, derivada em muitos aspectos da Mesopotâmia como também dos gregos. A cultura helênica colocava o demônio como um ser intermediário entre os deuses e os homens. E, também lá era forte a crença de que o demônio fosse a causa de muitas doenças e desgraças.

Para os judeus e cristãos, a origem dos demônios se explica pela exegese bíblica: nos livros apócrifos eles são descritos como anjos decaídos. No livro dos Gênesis, teriam eles surgidos da união entre os filhos de Deus e as filhas dos homens (Gn 6: 1-4). Nesta passagem observamos que os demônios são filhos de Satanás (que se apresentou sob a forma de serpente no Paraíso) com as filhas de Adão, dando origem aos gigantes da mitologia e do folclore judaico. No livro da Sabedoria, vemos refletida a ideia de que o demônio é o gerador da morte e das desgraças, no versículo 24 do capítulo 2: “é por inveja do diabo que a morte entrou no mundo”. (cf Jó 1,6; Gn 3,1; Sl 72,9) A tentação do pecado, além de doenças e desgraças, após o pecado dos primeiros pais, também era atribuída aos demônios. Os Judeus, como os mesopotâmicos, acreditavam que os demônios estavam organizados em grupos chamados legiões sob a chefia de Satanás, Mastema ou Belial. No Livro de Judite, Capítulo 6, são denominados “anjos que não conservaram o seu principado,

abandonando a sua morada e estão, por isso, presos em cadeias eternas à espera do grande juízo”.

A presença dos demônios no Novo Testamento, é fruto de crenças trazidas do judaísmo e das religiões mesopotâmicas. As possessões demoníacas que aparecem nos Evangelhos, Atos e nas Cartas de Paulo, ilustram a forte crença de que os demônios agem sobre os homens, manifestando seu poder através de doenças e mortes; as escrituras a partir daí, os chamam de “espíritos”:

“Quando um espírito impuro sai do homem, perambula por lugares áridos, procurando repouso, mas não encontrando diz ‘voltarei para minha casa, de onde saí’. Chegando lá, encontra-a varrida e arrumada. Diante disto, vai e toma outros sete espíritos piores que ele para habitar aí. E com isso a condição final daquele homem torna-se pior que antes. Eis o que vai acontecer com esta geração má”. (Mt 12 e Lc 11)

As passagens que se referem à possessão demoníaca trazendo doenças graves e contagiosas, como a epilepsia e a lepra, as privações físicas como cegueira, mudez e aleijamento corporal são inúmeras: (Mt 12: 43; Lc 8: 31; Mt 8: 29; Lc 4: 6; Jo 13: 2; 1Cor 2: 6; 1Jo 3: 8; Jo 12: 31; 1Cor 5: 5 etc.).

Os demônios são frequentemente chamados de “espíritos”, especialmente com o acréscimo de “impuros”:

“Certa vez veio ao nosso encontro uma escrava que era possuída por um espírito impuro que fazia

adivinhações trazendo muito lucro para seus donos” (At 16, 16).

São também chamados de “anjos de Satanás” por São Paulo:

“Para que eu não me encha de soberba e orgulho foi me dado um aguilhão na carne, um anjo de satanás, para me espancar...” (2Cor 12: 7).

Possessão diabólica

Por possessão diabólica se entende a posse de uma pessoa humana por um espírito do mal, de maneira que tal espírito assuma a personalidade do ser humano, controlando todos os seus movimentos físicos, inclusive a fala. A crença na possessão diabólica não aparece no Antigo Testamento, nem em qualquer obra literária anterior ao judaísmo. Os antecedentes da crença do poder dos demônios em serem os causadores de catástrofes, doenças e morte, não era visto como necessariamente uma possessão, mas apenas como uma manifestação do poder do mal. Neste caso, o demônio não estava na pessoa, mas somente o seu poder.

Já nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos, são mencionadas muitas possessões propriamente ditas, com direito a exorcismos, alguns, inclusive, feitos por Jesus. (Mt 8: 16; Mc 1: 34; Lc 11: 19; At 5: 16) De particular interesse são os episódios em que o comportamento da pessoa possesa e a expulsão são descritos com alguns pormenores. Pessoas são agitadas e sacudidas pelos demônios (Mc 1: 23-27); o demônio de Gerasa vivia em cemitérios e era possuidor de força extraordinária e após a expulsão vai habitar numa vara de

porcos que se precipita no mar (Mt 12: 22; Lc 11: 14). Em Mt 17: encontramos um caso explícito de epilepsia atribuída a uma possessão demoníaca de quem os discípulos não tiveram poder de expulsar. Em At 16, São Paulo expulsa um demônio de uma escrava que adivinhava o futuro.

Muitos escritores modernos explicam os relatos de possessão, nos Evangelhos, dizendo que as pessoas daquela época permaneciam com a ingênua crença dos antigos pais para os quais os males de causa desconhecida eram obras do demônio. As pessoas que eram chamadas de possesas apenas sofriam de desordem psíquica que não podiam ser reconhecidas como tais. Não podemos generalizar, supervalorizar ou menosprezar a presença do Mal no mundo. O bom senso e a prudência em tais afirmações parece que passaram ao largo. Esses escritores dizem que Jesus se acomodou à crença popular e usou a linguagem que todos estavam familiarizados para anunciar o reino de Deus. Eles não desmerecem os poderes de Jesus e a sua divindade, pois de fato as curas eram realizadas, os pecados eram perdoados. Jesus realizava tais milagres usando da linguagem parabólica e simbólica da tradição que estava enraizada naquele povo há muito tempo.

Quando Jesus efetuava a cura, a pessoa toda era renovada. Não era uma cura somente corporal, mas espiritual. Jesus sempre pedia aos curados, mudança de vida e de atitudes: era uma cura do coração.

Parece que Jesus compartilhava da fé de seus contemporâneos naquilo que se refere à existência e à atividade dos espíritos maus. Os relatos evangélicos de

exorcismos, incluem com frequência, algo mais do que uma enfermidade. É o que se acha implícito nos sinais não naturais de violência:

“Quando Jesus descia do barco, veio até Ele um homem possuído por um espírito impuro que habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo. Muitas vezes era acorrentado e algemado, mas sua força era tanta que arrebatava com as algemas e grilhões”; (Mc 5: 4-5).

... e no conhecimento religioso manifesto pelos expulsos:

“Que queres de nós, Jesus de Nazaré. Sei quem tu és, és o Santo dos Santos, o Santo de Deus” (Mc 1: 24).

O importante é que em todas as ocasiões, Jesus vence o poder do mal; a manifestação do poder do demônio seja nas doenças ou nas deficiências torna-se secundária quando nos atemos ao poder de Jesus frente ao mal. Não importa como o demônio se manifeste, Jesus sempre o vencerá.

“Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados e ele, com uma palavra expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos a fim de se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘levou-nos nossas enfermidades e carregou nossas doenças’” (Mt 8: 16-17).

Jesus nos faz conhecer que não basta somente o exorcismo. É preciso substituir o poder demoníaco pelo poder do bem e por uma iluminação interior do indivíduo. O

exorcismo é o primeiro passo no processo de cura. O espírito impuro é exorcizado para que seja substituído pelo Espírito Santo.

A tentação

Um dos aspectos do domínio de Satanás é o seu poder de manipular (e de tentar) as mentes dos homens. Semelhante poder supõe nele profunda compreensão da alma humana, das vontades e das inclinações dos filhos de Deus. Satanás é descrito como o tentador em Mateus: *“Então, aproximando-se o tentador disse: transforme estas pedras em pão”* (Mt 4: 3); como o pai da mentira em João:

“Vós sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade. Porque nele não há a verdade. Quando mente fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8,: 4);

É enganador e usa de formas inocentes para ludibriar o homem: *“O próprio Satanás se transfigura em anjo de luz”* (2Cor 11: 14).

São Justino, no discurso *“O Verbo e suas Sementes”*, comenta:

“Os malvados demônios estenderam um véu sobre os divinos ensinamentos de Cristo, com a finalidade de apartar os homens [...]. Usa de estratégias para tentar o homem a separá-lo da graça de Deus, desejando separar o Criador de sua criatura, o Pai

de seus filhos. Esta separação constitui o traço essencial do pecado. O pecado de Adão é o pecado do rompimento da unidade, do rompimento da harmonia, rompimento da verdade. Em Adão a humanidade se afastou de Deus” [...]. “Nossos primeiros pais eram puros, mas concebendo a palavra da serpente, geraram a desobediência, a divisão e a morte” (São Justino).

O demônio usa a divisão para enfraquecer o homem. Quando a alma do homem está dividida pelo pecado, o egoísmo se instala e a inveja toma seu trono no coração humano. A inveja de Caím, fruto de um coração dividido e egoísta, levou a assassinar seu irmão.

Além da separação, a Satanás é atribuído tradicionalmente o domínio do mundo secular. Ele é descrito como o “príncipe deste mundo”: *“É agora o julgamento deste mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado fora, e quando eu for elevado atrairei todos a mim”*. (Jo 12: 31) Paulo o chama de “o deus deste mundo”:

“Se o nosso Evangelho permanece velado, está velado para aqueles que se perdem, para os incrédulos, dos quais o deus deste mundo obscureceu a inteligência a fim de que não vejam brilhar a luz do Cristo”. 2Cor 4: 3-4).

Santo Inácio de Antioquia, na Patrística, usa também a expressão “príncipe deste mundo” para falar do demônio, e nos adverte:

“O príncipe deste mundo quer arrebatarmos e corromper meus sentimentos em relação a Deus.

Não sejais como os que invocam Jesus Cristo, mas desejam o mundo! Na habite entre vós a inveja!”¹

Quando o diabo tentou Jesus O levou para uma alta montanha e lhe mostrou todos os reinos do mundo dizendo: “Eu te darei tudo isso se, prostrando-se me adorares” (Mt 4: 8). O ter, o ser e o poder são os alvos preferidos do demônio para tentar separar o homem de Deus.

“O demônio é uma criatura que seduz, apresentando-se muitas vezes como tentação da carne e da beleza”. Assim acreditavam os padres do deserto. Às vezes se apresenta sob forma humana, possuidor de uma beleza sedutora, como um anjo de luz. Assim é descrito o demônio pelos primeiros cristãos gregos que o pintaram como sendo jovem e encantador, dizendo com isso que o mal é tão atraente e poderosamente sedutor, que os homens cedem ou consentem com o mal diante de sua tentação.

“De diversas maneiras o demônio mostra sua hostilidade para com a verdade. Pretende por vezes golpeá-la simulando defendê-la. Faz-se defensor do único Senhor para extrair da divina unidade uma heresia”.²

O exorcismo

O Primeiro Concílio de caráter local que assumiu uma atitude solene e decidida sobre a questão do diabo foi o Concílio de Praga (Portugal), em 561, numa declaração contra

¹ Sermão aos Romanos

² Tertuliano, ao defender o dogma da Santíssima Trindade, contra heresia da Praxeias.

os priscilianos, que acreditavam que o diabo não havia sido criado por Deus. A Igreja então afirmou que Deus criou-os anjos perfeitos e por causa de seu livre arbítrio rebelaram-se. Mais tarde, outras afirmações foram consolidadas pelo Magistério e a Tradição a respeito da origem, obras e tentações demoníacas. Por isso o exorcismo deve ser visto dentro do contexto da Igreja. Para os cristãos, o exorcismo não se trata de um ritual gnóstico, nem do domínio de uma técnica, nem da habilidade mística de um sacerdote. O exorcista é ministro de Cristo e da Igreja. É Cristo quem exorciza. É o seu poder que subjuga e lança para fora o mal através do sacerdote, em nome da Igreja. Porque é a Igreja, corpo místico de Cristo, quem capacita, pelo Sacramento da Ordem, a realizar a obra de Cristo em nome d'Ele.

Na Igreja Primitiva, o exorcismo era feito sempre por um sacerdote cuja vida espiritual era intensa, e sempre na companhia de outros membros da Igreja, que se uniam ao sacerdote na oração, recordando que, onde dois ou três estivessem reunidos em nome do Cristo, Ele estará no meio deles. Sendo assim, era garantida a presença de Cristo num ritual de exorcismo, pois esta promessa saiu da própria boca do Senhor. O exorcismo é uma oração dirigida a Deus, a fim de afastar os demônios ou os espíritos maus das pessoas, lugares ou coisas que estejam infestados por eles, que correm o perigo de se converterem em vítimas ou instrumentos de sua maldade. O exorcismo é uma oração da Igreja que reza unida pelo afastamento da presença do mal. A fé, a vocação e a integridade espiritual do sacerdote desempenham um papel importante no êxito do exorcismo: *“E constituiu doze para que*

ficassem com Ele, para enviá-los a pregar e terem autoridade para expulsar os demônios”. (Mc 3: 14; Mt 10: 1)

Também no Sacramento do Batismo as forças do mal são exorcizadas pelo sacerdote, purificando assim a alma da criança para receber o Espírito Santo pelas águas batismais. Três grandes orações são elevadas a Deus para que qualquer tipo de mal seja afastado daquele que receberá o Batismo.

As orações que se elevam a Deus em nome do Senhor Jesus para obter a libertação do mal, seja ele qual for, está presente no culto cristão desde o princípio. A fé cristã se caracteriza pela convicção invencível de que Cristo é Senhor e de que o pecado, a morte e Satanás não terão a última palavra sobre o destino definitivo do homem. O cristão autêntico está seguro de que Cristo já venceu o mal embora suas manifestações ainda sejam sentidas no mundo.

Bibliografia:

1. MACKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Ed Paulinas, 1983.
2. STEFANO, de Fiores, *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Ed Paulinas, 1989.
3. GOMES, C Folch, *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Ed. Paulinas 1979.



O «Diabo», segundo a Doutrina da Igreja

Agathángelos, Bispo de Fanariegún,

Na tradição bíblico-patristica, o diabo não é a personificação das paixões, mas uma pessoa criada por Deus como anjo e que, ao perder sua comunhão com ele, se tornou um espírito tenebroso. O diabo, como pessoa, tem livre arbítrio, ou seja, liberdade, pois Deus não força nem suprime a liberdade de sua criatura.

O mistério da iniquidade se manifesta na História, o diabo continua gerando o mal e realizando sua obra destrutiva desde o surgimento da Igreja. A tradição bíblica e patristica, além de toda visão teórica e moral do bem e do mal, fala do astuto rival de Deus e inimigo do homem. É o diabo, em quem só há negação e que destrói e paralisa tudo, porque é espírito de morte por rejeição à vida essencial.

Portanto, o diabo é uma entidade concreta, uma existência determinada. Ele entra na história através da soberba, arrogância e engano, como deicida e homicida, como fraude e mentira, como parasita que parodia e zomba da criação e do homem. O pecado, as paixões, a morte, são o mal que ele gera com sua perversão e ódio, e sobre o qual exerce seu poder e autoridade. O mal não é a soma de ações humanas, mas uma tentação ativa que tem suas raízes no

princípio demoníaco, em um princípio, portanto, alheio ao homem e sua natureza, e que a liberdade humana pode aceitar ou rejeitar.

O diabo veio por vontade e ato de Deus. Os demônios não foram criados como demônios por Deus desde o princípio, porque Deus não criou o mal, pois tudo o que fez foi bom. Foram criados livres do mal em sua essência e natureza, livres, independentes e autônomos em relação à sua vontade e desejo, assim como aconteceu com os anjos. Mas a partir de sua queda voluntária devido à sua soberba, seus corpos delicados, etéreos e imaculados se tornaram sombrios e escuros, materiais e passionais.

Considerando que na sua criação os demônios constituíram uma ordem inteira, considera-se que são numerosos e se dividem em grupos e ordens. A multidão de demônios e sua divisão em grupos e escalas baseia-se em sua *polinomia* e sua obra. Sendo assim, numerosos e *polinômicos*, os demônios lutam incessantemente para invalidar a obra redentora de Cristo. Não podendo prejudicar diretamente a Deus, voltam-se contra os homens e os combatem com sua sabedoria demoníaca, turvam nossas vontades, nos provocam criando tentações, fazem todo o possível para ferir o homem, operam através das paixões, nos combatem com as penas, colocam obstáculos na oração. Operam de tantas maneiras que, se Deus é o Ser, o diabo pode ser caracterizado como *"aquele que se transforma"*.

A tentação e a guerra do diabo nunca estão acima das forças do homem, não violam sua autonomia nem afetam sua

razão natural, que Deus permitiu que mantivesse através de seu desejo e liberdade.

O poder do diabo não é vinculante, mas sempre depende de nossa liberdade. Sucumbir às tentações é uma questão nossa. Que Satanás domine e exerça seu poder está conectado com a decisão ativa do homem que, pervertendo sua liberdade, diz não a Deus e sim ao diabo.

Os Padres da Igreja insistem que o homem nunca fica sozinho. Se ele se afasta da graça de Deus, torna-se vulnerável à influência satânica. Se o corpo do homem não é usado como arma por Deus, diz São Simeão, o Novo Teólogo, ele é manejado pelo diabo, com o consentimento e cooperação do homem.

O crente é chamado a ser o homem da purificação e da oração, porque Satanás não deixará de zombar, enganar, corromper e deturpar o Evangelho de Deus e a liberdade da Cruz de Cristo, prometendo conforto e felicidade. E corremos o risco de chegar à completa humilhação entregando-nos às tentações demoníacas, como as encontramos hoje nas "Igrejas" e no culto de Satanás. Se o diabo tem a capacidade de se transformar em anjo de luz, percebemos até que ponto ele pode tentar e humilhar o homem hoje com coisas inocentes, felizes e úteis. Conseguindo nos armar a armadilha mais astuta: o aparente triunfo da independência humana.



Sobre a Maçonaria

Declaração oficial do Santo Sínodo da Grécia – 1933
Tradução de Ricardo Williams

O Sínodo da Igreja da Grécia reuniu-se no dia 12 de outubro de 1933 em sessão especial para tratar do estudo e investigação da organização secreta internacional conhecida como “Maçonaria”. Os bispos ouviram com diligência a exposição introdutória da Comissão formada por quatro Bispos indicados pelo Santo Sínodo em sessão anterior, bem como a opinião de estudiosos da Faculdade de Teologia da Universidade de Atenas e a opinião particular do professor Panag Bratsiotis, que contribuiu com este estudo. O Sínodo também analisou uma ampla gama de materiais relacionados a este assunto publicado na Grécia e no exterior. Após o debate, chegou-se à seguinte conclusão, unanimemente aceita por todos os Bispos:

A Maçonaria não é simplesmente uma organização filantrópica ou uma escola filosófica e, sim, um sistema mistagógico com raízes nas antigas seitas e religiões de mistério dos pagãos – dos quais descende, é sucessora, e aos quais dá continuidade. Professores proeminentes das Lojas não apenas admitem como confirmam este fato, ao afirmar com orgulho e de modo literal que: *“somente na Maçonaria sobrevivem os antigos mistérios, dos quais ele é considerada guardiã”*. A Maçonaria é fruto direto dos mistérios egípcios:

“As humildes oficinas das Lojas Maçônicas nada mais são do que as cavernas e a escuridão das florestas de cedros da Índia, as profundezas obscuras das pirâmides e as criptas dos magníficos templos de Ísis; nos mistérios eleusinos da Maçonaria, transmitidos através das vias luminosas do conhecimento e, sob os mistagogos hierarcas Prometeu, Dionísio e Orfeu, foram formuladas as leis eternas do Universo!”

Tais elos entre a Maçonaria e os antigos mistérios idólatras também se manifestam em tudo aquilo que se faz e representa durante seus ritos de iniciação. Assim como nos rituais dos antigos mistérios idólatras, repete-se a dramatização do labor e da morte de um “deus misterioso”, e na repetição iniciática deste drama o iniciado morre com o patrono da religião – sempre uma personagem mítica que simbolizava o sol ou a natureza, que perece no inverno e ressurge na primavera.

Isso ocorre, por exemplo, na iniciação do *Terceiro Grau*, onde se homenageia Hiram, o patrono da Maçonaria – em uma espécie de representação teatral de sua morte, o iniciado compartilha do sofrimento de Hiram, ao ser golpeado e “morto” do mesmo modo que seu patrono. De acordo com a confissão de um eminente professor da Maçonaria, Hiram é “como Osíris, como Mitra e como Baco, uma das personificações do Sol”.

Portanto a Maçonaria é, sem dúvida, uma religião de mistério, completamente diferente, estranha e contrária à fé cristã. Isso fica bem claro ao vermos que ela possui seus

próprios templos dotados de altares, definidos por seus membros como “*oficinas onde não há menos história ou santidade do que na Igreja*”, e como templos de virtude e sabedoria onde se adora o Ser Supremo e se ensina a verdade.

A Maçonaria possui suas próprias cerimônias religiosas, como a cerimônia da adoção ou “batismo maçônico”; a cerimônia do reconhecimento conjugal ou “casamento maçônico”; o serviço fúnebre maçônico; e o ofício de consagração de um templo maçônico, dentre outros. Possui, ainda, seus próprios ritos de iniciação, suas cerimônias ritualísticas, sua própria hierarquia e uma disciplina definida. Portanto podemos concluir, através dos ágapes maçônicos e das festas dos solstícios de inverno e de verão, com suas celebrações e banquetes religiosos, que a Maçonaria é uma religião fisiolátrica¹.

É verdade que à primeira vista a Maçonaria parece compatível com qualquer outra religião, pois não importa a religião que seus iniciados professam. Isso ocorre devido à sua natureza sincrética que prova que, também neste aspecto, a Maçonaria é produto e continuação de antigos mistérios idólatras, que aceitavam dentre seus iniciados adoradores de todos os deuses.

Mas assim como as religiões de mistérios – que apesar do aparente espírito de tolerância e aceitação a todos os deuses – produziram um sincretismo que minou e abalou outras religiões, a Maçonaria hoje, que busca cingir toda a humanidade e promete nos levar a perfeição moral e ao conhecimento da verdade, se apresenta como um tipo de

¹ Derivado de fisiolatria, palavra que designa o culto dos fenômenos naturais.

“super-religião”, vendo outras religiões – incluindo aí o cristianismo – como inferiores a si mesma. Assim ela incute em seus iniciados a ideia de que apenas nas lojas maçônicas pode-se dar forma e brunar as pedras desbastadas e ásperas. E o próprio fato de que a Maçonaria forma uma irmandade que exclui de seu seio todas as outras irmandades – as quais considera “ignorantes”, mesmo quando se refere ao cristianismo – é prova cabal de sua pretensão de tornar-se uma “super religião”. Isso significa que através da iniciação maçônica um cristão torna-se irmão de um muçulmano, de um budista ou de qualquer tipo de racionalista, enquanto o cristão não-iniciado na Maçonaria lhe é um estranho.

Por outro lado, ao exaltar notoriamente o conhecimento e ao apoiar o livre exame, com a justificativa de “*não impor limites à busca da verdade*” – segundo seus rituais e constituição – e de adotar uma suposta ética natural, vemos que a Maçonaria está em veemente contradição com o cristianismo. Pois o cristianismo exalta a fé acima de tudo, e restringe a razão humana aos limites traçados pela Revelação Divina que levam à santidade através da ação sobrenatural da graça. Em outras palavras, enquanto o cristianismo, como uma religião de revelação que possui seus dogmas e verdades racionais e transracionais, requer primeiramente a fé e fundamenta sua estrutura moral na Graça Divina sobrenatural, a Maçonaria possui apenas a verdade natural e oferece aos seus iniciados o livre-pensamento e a busca pela verdade somente através da razão. Ela baseia suas estruturas morais somente nas forças humanas, possuindo objetivos exclusivamente naturais.

Portanto, a contradição incompatível entre o cristianismo e a Maçonaria é claríssima, e obviamente várias igrejas de outras tradições cristãs se posicionaram contra a Maçonaria. Não apenas a igreja romana, por seus próprios motivos, condenou o movimento maçônico através de inúmeras encíclicas papais, mas as tradições luterana, metodista e presbiteriana também a declararam incompatível com o cristianismo. E também a Igreja Católica Ortodoxa, que mantém o tesouro da fé cristã em sua plenitude, condenou a Maçonaria nas inúmeras vezes em que esta questão veio à baila.

Recentemente, uma Comissão Interortodoxa composta por representantes de todas as Igrejas Autocéfalas, reuniu-se no Monte Atos e definiu a Maçonaria como um “sistema falso e anti-cristão”.

A assembleia dos Bispos da Igreja da Grécia ouviu com satisfação e anuiu às seguintes conclusões resultantes das investigação e debates de seu primaz, Sua Graça Arcebispo Crisóstomo de Atenas, e proclamadas na sessão supramencionada:

“A Maçonaria é incompatível com o cristianismo porque é uma organização secreta, que age em segredo, ensina mistérios e exalta o racionalismo. Ela aceita como membros não apenas cristãos, mas também judeus e muçulmanos. Portanto, não permitimos que membros do clero façam parte de tal associação – qualquer membro do clero que se associar será destituído de sua dignidade clerical.

Faz-se necessário que todos aqueles que se associaram sem refletir ou examinar o que realmente é a

Maçonaria rompam tais vínculos, pois o cristianismo é a única religião que ensina a verdade absoluta, e completa todas as necessidades morais e religiosas do homem. Unanimemente e a uma só voz todos os Bispos da Igreja da Grécia aprovaram esta decisão, declarando que todos os filhos da Igreja devem desligar-se da Maçonaria.

Com fé inabalável em Nosso Senhor Jesus Cristo, em quem ‘pelo seu sangue, temos a Redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas de sua graça que derramou profusamente sobre nós, em torrentes de sabedoria e prudência’ (Efésios 1: 7-8), e de posse da verdade por Ele revelada e pregada pelos Apóstolos não “na eloquência persuasiva da sabedoria” (I Cor 2:4), mas ao partilharmos dos Divinos Sacramentos, através dos quais somos santificados e salvos pela vida eterna, não devemos rejeitar a graça de Cristo ao partilhar de outros mistérios. Não é lícito pertencer a Cristo e ao mesmo tempo buscar a redenção e a perfeição moral fora d’Ele. Por esses motivos, o verdadeiro cristianismo é incompatível com a Maçonaria.

Portanto, todos aqueles que se envolveram ou foram iniciados nos mistérios maçônicos devem, a partir deste momento, romper todos os vínculos com as lojas maçônicas e abandonar todas as atividades ali praticadas, com a certeza de estarem renovando seus laços com nosso único Senhor e Salvador, laços estes que se enfraqueceram por ignorância ou por um senso distorcido de valores.

O Sínodo dos Bispos da Igreja da Grécia espera isso, em espírito de caridade, especialmente de todos aqueles que receberam a iniciação maçônica sem consciência de que

estavam adentrando em outra religião, e ao invés disso, criam que não estavam indo contra sua fé. E em espírito de solidariedade o Sínodo dos Bispos pede aos fiéis da Igreja que orem com sinceridade e amor cristão que o Senhor Jesus Cristo, que é “o caminho, a verdade e a vida”, possa iluminar e trazer de volta à verdade aqueles que, em ignorância, perderam-se no meio do caminho.

Declaração oficial da OCA

(Orthodox Church in America) – 1960

Sua Eminência Reverendíssima Leônicio, Arcebispo de Nova Iorque e Primaz da Metrópole Ortodoxa Russa da América

9 de maio de 1960

Encíclica no. 18.649

A todo o clero e comitês paroquiais da Metrópole Ortodoxa Russa na América.

O Santo Sínodo dos Bispos da Metrópole Ortodoxa Russa na América, em sua sessão de 29 de março de 1960, decidiu: anunciar novamente a todos os seus membros sua resolução acerca da Maçonaria, sancionada pelo Santo Sínodo dos Bispos em 25 de outubro de 1949, que diz:

a) Todos os membros da Igreja Ortodoxa Russa na América, especialmente os párocos, devem estar cientes da incompatibilidade de ser, simultaneamente, membros da Igreja de Cristo e de lojas maçônicas, que mesclam rituais

pagãos e outras religiões com certas “iniciações” secretas praticadas pela organização;

b) É necessário esclarecer aos fiéis que nossa Igreja concorda plenamente com o ensinamento da Igreja Ortodoxa Grega a respeito da Maçonaria e aceita a resolução de seu Primaz, Sua Eminência Reverendíssima Crisóstomo, Arcebispo de Atenas, publicada em 12 de outubro de 1933, com relação a:

- Nenhum dos fiéis da Igreja deve ter vínculos com a Maçonaria. Com fé inabalável em Nosso Senhor Jesus Cristo, e de posse da verdade por Ele revelada e pregada pelos Apóstolos, ao partilharmos dos Divinos Sacramentos, através dos quais somos santificados não devemos rejeitar a graça de Cristo ao partilhar de outros mistérios. Não é lícito pertencer a Cristo e ao mesmo tempo buscar a redenção e a perfeição moral fora D’Ele.

- Todos aqueles que se envolveram ou foram iniciados nos mistérios maçônicos devem, a partir deste momento, romper todos os vínculos com as lojas maçônicas e abandonar todas as atividades ali praticadas, com a certeza de estarem renovando seus laços com Nosso único Senhor e Salvador, laços estes que se enfraqueceram por ignorância ou por um senso distorcido de valores.

c) Reiteramos a declaração das Igrejas Ortodoxas de que àqueles que se tornaram membros sem perceber que estavam adentrando outra religião comparável aos cultos gnósticos do Egito, Síria, Ásia Menor, Pérsia e Grécia, a Igreja espera em espírito de caridade a contrição daqueles que deixaram a Cristo por ignorância, e convoca aos fiéis da Igreja

para que orem com sinceridade e amor cristão que o Senhor Jesus Cristo, que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”, possa iluminar e trazer de volta à verdade aqueles que, em ignorância, perderam-se no meio do caminho.

d) Advertimos a todos os fiéis, especialmente os jovens, que sigam as orientações de nosso Episcopado a respeito da Maçonaria. Que a graça de Deus esteja com eles, com seus pais e parentes, para que permaneçam leais à Igreja Ortodoxa.

Esta resolução deve ser divulgada a todos os interessados e publicada no órgão de imprensa da Metrópole e, se possível, circular por todas as paróquias para orientação de todos”.

Ao informarmos a todos os membros da Igreja Ortodoxa na América da resolução acima, o Santo Sínodo dos Bispos recomenda a todos os párocos que admoestem seus paroquianos que são membros de lojas maçônicas e usem de sua influência como pais espirituais, durante esta época de penitência, para que se arrependam e deixem a maçonaria. Os paroquianos que se recusarem a deixar a maçonaria serão proibidos, como pecadores que não expressam arrependimento, de receberem a santa comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo, a quem louvamos e glorificamos. Amém.

Deve-se manter um registro paroquial com os nomes daqueles que estão impedidos de receberem a Comunhão como evidência de sua exclusão dos conselhos paroquiais e diocesanos e do impedimento de se tornarem representantes do Sínodo.



O que separa ortodoxos e católicos-romanos?

Hieromonge Máximo Davies, do Mosteiro da Sagrada Ressurreição (Comunidade católica oriental da Eparquia São Jorge em Canton, Ohio), extraído de: *La Foi Transmise*, 5 Abril, 1970, Tradução por Rodrigo Virtuoso.

Quando os ativistas de Belgrado se dirigiram à sede patriarcal da Igreja Ortodoxa Sérvia em abril passado, estavam incomodados com relação à proposição de reformas litúrgicas. As reformas incluíam a instrução dos sacerdotes que deviam recitar em voz alta algumas orações que até agora se faziam em silêncio, e que as portas sagradas do iconostásio entre o altar e a congregação permaneçam abertas durante a celebração da Eucaristia. Uma foto em um jornal sérvio mostra uma ativista que segurava em uma mão um ícone de São Savas, o santo mais importante da Igreja Ortodoxa Sérvia, enquanto na outra levantava um cartaz com os seguintes dizeres: “Mestre: não nos transformes em católicos romanos!” O que motivou este sérvio produzir um cartaz de protesto não foi uma disputa doutrinária, mas sim o temor da invasão de uma cultura percebida como estrangeira. Aprofundando nos questionamentos, os ativistas poderiam ter argumentado: “os católicos são hereges!”

Entretanto, para muitos cristãos ortodoxos, esse é um argumento secundário, que assinala o ponto principal: os

católicos romanos e os ortodoxos simplesmente são diferentes. Para muitos ortodoxos, as supostas heresias de Roma são inevitáveis pelas diferenças na perspectiva e tradições. Embora se possam solucionar questões teológicas, o profundo sentido de autoridade seria um obstáculo muito sério atrás da união. Não obstante, não está claro quantos católicos pensam da mesma maneira sobre os católicos ortodoxos. As atitudes católicas provavelmente refletem a típica aceitação casual da cultura dominante.

Em um documento recente sobre a natureza da igreja, a Congregação para a Doutrina da Fé reiterou o ensinamento católico que os ortodoxos pertencem às igrejas verdadeiras, às quais faltam apenas a comunhão com Roma para que seja completa. O porta-voz para assuntos exteriores do Patriarcado de Moscou, o metropolita Kirill de Smolensk, respondeu a este documento declarando: “*nos ajuda ver quão diferentes somos*”. Inclusive quando Roma trata de ressaltar a relação próxima entre ortodoxos e católicos, seus correspondentes orientais interpretam estas declarações como sinais de distância. São católicos e ortodoxos realmente diferentes? Durante meio século ambos os lados se referiram oficialmente ao outro como “igreja irmã”. Uma lista de diferenças teológicas é relativamente curta e há consciência de que a concepção católica sobre a supremacia do Papa é a principal dificuldade. Sobre as antigas disputas relativas à cláusula *Filioque* do Credo Niceno (“o Espírito Santo procede do Pai e do Filho”) e os dogmas romanos modernos da Imaculada Conceição e Assunção, ambos sobre Maria, em geral há acordo entre os teólogos especialistas que são subespécies de problema das declarações papais.

Ninguém acredita que esta divisão possa se solucionar completamente no nível teológico. Existem feridas políticas que também devem sanar, especialmente sobre o que se vê como proselitismo católico, e especialmente no caso das Igrejas orientais católicas “*uniatas*”. Estes problemas políticos e teológicos são o pão de cada dia dos diálogos ecumênicos oficiais, mas as profundas diferenças culturais sobre as quais a ativista sérvia protestava são muito raramente discutidas. Não me refiro a “cultura” em um sentido étnico, mas sim como uma maneira de descrever o modo de ser cristão, e tais diferenças são mais profundas no que se refere à cultural eclesial. As culturas eclesiais desenvolvem ideias teológicas distintas, mas estes aspectos teológicos não só são pensados, também são vividos profundamente no nível da prática e devoção populares.

Há uma tendência a subvalorizar os temas da cultura eclesial. Talvez isto não seja surpreendente, já que encontrar um terreno teórico comum que seja defensável intelectualmente, pode ser mais fácil na prática que ajudar a centenas de milhões de fiéis a receber esta resolução.

Diferenças culturais

Podem-se detectar duas diferenças culturais maiúsculas na maneira que ortodoxos e católicos vivenciam suas visões sobre o cristianismo. A primeira inclui atitudes sobre a liturgia, uma área onde as diferenças são surpreendentemente difíceis de definir, porque vão bastante mais além das diferenças no rito. Existe um erro comum no sentido que os ortodoxos valorizam mais a “reverência” que

os católicos ocidentais contemporâneos, mas isto não é necessariamente certo; uma missa de palhaços também é reverente em seu particular estilo. Não obstante, importa precisamente o que se está reverenciando. Aproximamo-nos da verdade se dissermos que os ortodoxos veem a liturgia como a atividade primária dos cristãos, da qual toda outra atividade flui. Os católicos, por outro lado, tendem a ver a liturgia como um dos muitos ofícios cristãos; é importante e obrigatória, mas é uma entre muitas atividades importantes. Se bem que é impossível fazer tais declarações sem cair em generalizações massivas, esta diferença entre as duas tradições é, não obstante, uma fonte de alienação. Uma maneira como esta diferença cultural se manifesta, pode ser encontrada na visão de cada tradição sobre as orações privadas e o ascetismo. Alguém pode legitimamente apresentar o caso de que no catolicismo romano estes tiveram um processo de privatização considerável. As igrejas ortodoxas, por outro lado, conservaram preferencialmente o sentido que o ascetismo é um trabalho comunitário. Mais de uma vez, sacerdotes ortodoxos, que têm uma mentalidade bastante ecumênica em outros temas, me disseram que eles estariam contrários a apoiar uma reunião imediata das igrejas porque acreditam que é uma falta de respeito em relação à disciplina do jejum de parte dos católicos. Como, se perguntam, podem dizer à sua gente que jejuem da meia-noite da noite antes de receber a eucaristia quando poderiam ir a uma missa católica uma hora depois de ter tomado o café da manhã? Na raiz desta atitude se encontra o temor de que sem os resguardos necessários, a ortodoxia sucumbirá aos cantos de sereia do individualismo ocidental. Católicos de tendência mais conservadora podem se sentir animados com

isto, crendo poder contar com os ortodoxos como aliados na batalha contra o liberalismo e o secularismo, mas isto é certo só parcialmente. Muitos conservadores católicos falam de “ofertar” atos ascéticos para as vítimas de abortos ou algum outro objetivo digno. É difícil imaginar que um cristão ortodoxo pensasse desta maneira, e a divisão ortodoxos-católicos é bastante mais complexa que qualquer conflito interno dentro da Igreja Católica. Para muitos ortodoxos, o que hoje em dia se chama devoção “tradicional” católica pode parecer tão estrangeira em algumas formas como as expressões mais “liberais” da fé.

Outra diferença maior entre estas culturas eclesiais pode se resumir no princípio da *oikonomia*, esta palavra grega deriva para “uso doméstico” ou “administração”, que com frequência é usada em relação a temas de ordem da igreja e suas regulamentações. O conceito não é inteiramente alheio para os católicos, especialmente aqueles que estão fora da tradição anglo-germânica mais legalista, mas o princípio de *oikonomia* regula a práxis ortodoxa de maneira que para muitos católicos parecerão surpreendentes, inclusive perturbadoras. Por exemplo, o princípio de *oikonomia* pode ser usado em igrejas ortodoxas para responder questões não apenas relacionadas à igreja, mas também morais. Podemos encontrar dois exemplos desta prática em controvérsias sobre o casamento após um divórcio e sobre o uso de métodos contraceptivos artificiais, que a ortodoxia acomoda dentro de sua visão moral em certas circunstâncias. Milhões de católicos comuns e correntes se sentiram intimamente afetados pela insistência de sua igreja na absoluta indissolubilidade do casamento (portanto, não pode haver

sacramento de outro casamento após o divórcio) e a maldade intrínseca do controle artificial da natalidade. Desde a perspectiva católica, que ingenuidade pastoral permitiria uma reunião com uma igreja que (como seguramente se veria), “admite” o divórcio e a contracepção?

As igrejas ortodoxas, entretanto, estão perfeitamente conscientes da porcentagem de solicitações de nulidade outorgados em países ocidentais. Também não estão tão cegos acerca de quão ignorados são os preceitos da igreja católica com relação à contracepção. Se os católicos insistissem que seus ensinamentos são mais verazes à mensagem de Cristo, como poderiam convencer os cristãos ortodoxos comuns e correntes que o processo de nulidade vigente não é mais que uma versão custosa, lenta e psicologicamente invasiva de um divórcio eclesiástico? E por que os sacerdotes ortodoxos arriscariam alienar seus próprios fiéis ao interferir em assuntos de planejamento familiar?

Viver de acordo ao que se diz crer

Como pode uma igreja chamar a outros a se unir sobre a base de práticas e crenças que seus próprios membros tratam com aparente desdém? A pergunta vai em ambos os sentidos, já que a pretendida liberdade e princípio de *oikonomia* depende da santidade pessoal dos que determinam os cânones da fé. Onde falham a santidade e a justiça, tudo o que, tanto os fiéis católicos quanto os ortodoxos vejam, será a sombra do caos e da venalidade. Para que qualquer dos dois lados apresente uma boa causa para sua própria visão eclesial,

deve viver essa visão, não só argumentá-la. A verdadeira chave para o progresso ecumênico – a conversão do outro – começa com a conversão de si mesmo.

A ideia de que a conversão pessoal é a base da empresa ecumênica não é nada nova. Em seu “Decreto sobre o Ecumenismo”, o Concílio Vaticano Segundo se referiu à “conversão interior” e à “santidade de vida” como “ecumenismo espiritual”, chamando de “a alma de todo o movimento ecumênico”. Em *A Handbook of Spiritual Ecumenism* [Manual de Ecumenismo Espiritual], o Cardeal Walter Kasper escreveu:

«Só no contexto de conversão e renovação da mente podem se curar as feridas dos laços de comunhão. Esta conversão se pode fomentar dentro das comunidades de fé: paróquias, grupos de oração, casas religiosas, mosteiros ou organizações juvenis, onde o vínculo orgânico entre santidade pessoal e ecumenismo pode ser ensinado e expressado de maneiras práticas. Só nas bases poderão católicos ou ortodoxos começar esse longo e lento processo de reaprendizagem sem o qual os mais otimistas anúncios dos diálogos ecumênicos não terão nenhum resultado».

Eu pertencço a uma Igreja Oriental unida a Roma e fundamentalmente creio que as visões católica e ortodoxa são capazes de comunhão mútua. Porém, como católico oriental, também posso falar com certa autoridade sobre as tensões que se suscitam quando tratamos de fazer dessa comunhão algo tangível. Em relação a essas tensões, o grupo católico é excessivamente otimista. A reação tóxica que os católicos orientais (especialmente na Europa oriental) com frequência

provocam por sua só existência deveria alertar a nossos irmãos e irmãs de Roma sobre um sentimento geral entre ortodoxos de que as diferenças entre nós são muito grandes para que se resolvam no papel. Qualquer tentativa de fazê-lo pode aparecer como falta de autenticidade e até falso. Inclusive quando os líderes ortodoxos tratam de dar conta desta moléstia de formas mais moderadas, tendem a provocar uma ansiosa perplexidade aos católicos mais ecumênicos. Um perfeito exemplo disso é a reação negativa que o Patriarca Ecumênico Bartolomeu de Constantinopla recebeu na Universidade de Georgetown em 1997, quando disse de ortodoxos e católicos:

«A forma na qual existimos se transformou em ontologicamente distinta. Se nossa transfiguração e transformação ontológica rumo a um modelo de vida comum não se realiza, não só a forma, mas o conteúdo, a unidade e sua concretização resultam impossíveis».

Aquela ativista em Belgrado teria estado plenamente de acordo com o sentido subjacente de que católicos e ortodoxos são diferentes em coisas fundamentais. É compreensível que os teólogos ecumênicos e os diplomáticos eclesiais queiram conduzir o ecumenismo pelo caminho que nos une, mas desafortunadamente, nossas diferenças permanecem. Para curar estas divisões, em especial as que existem no nível cultural, os teólogos e os diplomáticos têm um campo de ação limitado. Nós, os ecumenistas espirituais, fiéis cristãos, devemos fazer o resto.



Por que católicos romanos e ortodoxos celebram a Páscoa em datas diferentes?

Por: Mons. Irineo Tamanini

Em: Chams - Revista mensal informativa das comunidades de
idioma árabe no Brasil, Edição de Maio - ano VII - nº 67/II -
REDEV, John. Londres: BBC, 23/9/2004.

Durante os 300 primeiros anos da Era Cristã, no período entre a morte de Jesus Cristo e o Concílio de Nicéia, o Cristianismo permanecia tão somente como uma seita do judaísmo tal como os Fariseus, os Saduceus ou os Essênios (os cristãos eram inicialmente conhecidos como "Nazarenos"). Cristãos e judeus tinham muito em comum. Os autores do Novo Testamento eram judeus, bem como os apóstolos e os primeiros discípulos. Ambos os grupos observavam o *Shabbat*, as mesmas festividades, e todos visitavam a Sinagoga. Até 135 (d.C.), todos os líderes da Igreja eram judeus. Até o Concílio de Nicéia, em 325 (a.D.), os cristãos e os judeus celebravam o *Pesakh* (Páscoa) no mesmo dia.

No entanto, os gentios (cristãos sem origem judaica) começaram a ver a necessidade de diferenciar o "seu" *Pesakh*

do dos judeus. As igrejas concordaram em mover o dia da celebração do *Pesakh*, pois o significado da celebração da Páscoa judaica era diferente da dos cristãos. O assunto de como estabelecer a data de modo definitivo permaneceu, no entanto, em aberto. Até que, em 325 (a.D.), no Concílio de Nicéia, foi determinada a nova data.

Outra decisão deste Concílio de Nicéia consistiu na transferência do dia santo e de descanso semanal, de sábado para domingo. Antes do Cristianismo obter o reconhecimento oficial de Império Romano, judeus e cristãos tinham tradições e festejos em comum. Hoje, nos países cristãos, o domingo é considerado dia de descanso, enquanto, para os Judeus, o sábado permaneceu sempre o dia de repouso. Atualmente, em Israel, o fim de semana inclui a sexta-feira e o sábado.

Existe também diferença entre as datas em que as Igrejas Católico-Romana e as Igrejas Ortodoxas celebram a Páscoa. O cálculo é baseado, neste caso, em critérios da astronomia e, não é, como muitos pensam, uma questão simplesmente religiosa.

Desde os primeiros anos do Cristianismo este assunto foi motivo de divergências, de pesquisa e estudos. No ano 325 (a.D.), o Concílio de Nicéia, convocado pelo Imperador Constantino, resolveu, por unanimidade, que a Páscoa fosse comemorada por todos os cristãos no mesmo dia. As resoluções deste Concílio determinaram que a data da Páscoa fosse comemorada sempre no domingo seguinte à lua cheia do equinócio da primavera, isto é, após o dia 21 de março e, portanto, sempre depois da Páscoa Judaica.

O equinócio é a época em que o dia e a noite têm a mesma duração em todos os países do mundo.

O Patriarca de Alexandria foi incumbido, pelo referido Concílio, a preparar um calendário das Páscoas futuras e divulgá-lo para todas as Igrejas cristãs do mundo, sempre após a festa da Epifania. Mesmo após a separação de Roma da Pentarquia Ortodoxa, continuou a Igreja do Ocidente a celebrar a Páscoa conforme o Concílio de Nicéia determinava. A unificação das datas seguiu seu curso normal até 1582 (a.D.), quando a Igreja Romana adotou o calendário Gregoriano, elaborado pelo Papa Gregório XIII, que teria constatado "erros" no ano solar, adiantando-o em 13 dias.

A Igreja Ortodoxa não aceitou a nova data, pois estava em desacordo com o que fora estabelecido no Concílio de Nicéia. A partir daí, a Páscoa Ortodoxa e Latina (Católico-romana) passaram a ter datas diferentes, coincidindo apenas de 4 em 4 anos.

A Igreja Ortodoxa, fiel às decisões deste Concílio, continua seguindo este calendário, observando fiel e retamente os cânones deste concílio, não aceitando reformas e inovações no que diz respeito à Grande Quaresma e às festividades Pascais até o dia de Pentecostes, 50º dia após a Páscoa.



Temos o mesmo Deus que os não-cristãos?

Padre Basile Sakkas,
Trad.: Pe. Pedro Oliveira Junior

«OS POVOS HEBREU, ISLÂMICO E CRISTÃO... essas três expressões de um idêntico monoteísmo, falam com as vozes mais autênticas e antigas, e mesmo ousadas e confiantes. Porque não seria possível que o nome do mesmo Deus, ao invés de engendrar uma oposição irreconciliável, viesse, isso sim, a conduzir ao respeito mútuo, compreensão e coexistência pacífica? Não deveria a referência ao mesmo Deus, o mesmo Pai, sem prejuízo de discussões teológicas, nos conduzir a descobrir o que é tão evidente, apesar de tão difícil – que somos todos filhos do mesmo Pai, e que, portanto, somos todos irmãos?»¹

Na quinta-feira, 2 de abril de 1970, uma grande manifestação religiosa teve lugar em Genebra. Dentro do quadro da Segunda Conferência da "Associação das Religiões Unidas," os representantes das religiões alvo foram convidados a se reunir na Catedral de São Pedro. Essa "oração comum" foi baseada na seguinte motivação: "Os fiéis de todas

¹ Papa Paulo VI, La Croix, 11 Ago. 1970.

essas religiões foram convidados a coexistir no culto do mesmo Deus"! Vejamos se essa afirmação é válida à luz das Sagradas Escrituras.

Para melhor explicar o assunto, nos limitaremos às três religiões que se seguiram uma à outra nessa ordem: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo. Essas três religiões alegam, de fato, uma origem comum: como adoradores do Deus de Abraão. Essa é uma opinião largamente espalhada já que todos reclamam ser a posteridade de Abraão (os judeus e islâmicos segundo a carne e os cristãos espiritualmente), nós todos temos como Deus o Deus de Abraão e todos nós adoramos (cada um a seu modo, naturalmente) o mesmo Deus! E, esse mesmo Deus constitui de alguma forma nosso ponto de unidade e de "mútuo entendimento," e isso nos convida para uma *"relação fraternal,"* como o grande rabino Dr. Safran enfatizou, parafraseando o Salmo: *"Ó, como é bom ver os irmãos sentados juntos..."*

Nessa perspectiva é evidente que Jesus Cristo, Deus e Homem, o Filho Co-eterno com o Pai sem início, sua Encarnação, sua Cruz, sua gloriosa Ressurreição e sua Segunda e Temível Vinda — tornam-se detalhes secundários que não podem impedir que "confraternizemos" com aqueles que O consideram um "simples profeta" (de acordo com o Corão) ou "o filho de uma prostituta" (de acordo com certas tradições talmúdicas)! Assim colocaríamos Jesus de Nazaré e Maomé no mesmo nível. Eu não posso crer que cristão digno do nome poderia admitir isso em sua consciência.

Pode-se dizer que nessas três religiões, olhando sobre o passado, pode-se concordar que Jesus Cristo foi um ser

extraordinário e excepcional e que foi mandado por Deus. Mas para nós cristãos, se Jesus Cristo não é Deus, nós não podemos considerá-Lo nem como um "profeta" nem como alguém mandado por Deus, "mas somente um grande impostor sem comparação" que se autoproclamou "Filho de Deus," fazendo-se assim igual a Deus!" (Mc 14: 61-62). De acordo com essa solução ecumênica de nível supra confessional, o Deus Trinitário dos cristãos seria a mesma coisa que o monoteísmo do Judaísmo, do Islã, dos antigos heréticos seguidores de Sabélio, dos modernos anti-trinitários, e de certas seitas Iluministas. Não haveria três Pessoas em uma Única Divindade, mas uma única Pessoa, imutável para alguns, ou mudando sucessivamente de "máscara" (Pai, Filho, Espírito Santo) para outros! E não obstante pretende-se que esse é o "*mesmo Deus*".

Nesse ponto alguém pode propor ingenuamente: "*No entanto, para as três religiões há um ponto comum: todas as três confessam o Deus Pai!*" Mas de acordo com a santa fé ortodoxa, isso é um absurdo. Nos confessamos sempre: *Glória à Santa, Consubstancial, Vivificante e Indivisível Trindade*. Como poderíamos separar o Pai do Filho quando Jesus Cristo afirma Eu e o Pai somos Um (Jo 10: 30); e São João o Apóstolo, Evangelista e Teólogo, o Apóstolo do Amor, afirma claramente: "*Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou*". (Jo 5: 23).

Mas mesmo se todos chamarmos Deus Pai: de quem ele é realmente o Pai? Para os judeus e os islâmicos ele é o Pai dos homens no plano da criação; enquanto para nós cristãos é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por adoção (Ef 1: 4-5) no

plano da redenção. Que semelhança há, então, entre a Divina paternidade no cristianismo e nas outras religiões?

Outros podem dizer: *"Mas é tudo o mesmo, Abraão adorava o verdadeiro Deus; e os judeus através de Isaac e os islâmicos através de Hagar são descendentes desse verdadeiro adorador de Deus"*. Aqui é preciso deixar claro: Abraão adorou Deus não na forma do monoteísmo impessoal dos outros, mas na forma da Santíssima Trindade. Nós lemos nas Santas Escrituras: *"Depois apareceu-lhe o Senhor nos carvalhais de Manre... e ele inclinou-se à terra"* (Gn 18: 1-2). E sob que forma Abraão adorou Deus? Sob a forma impessoal, ou sob a forma da Divina Tri-Unidade? Nós ortodoxos veneramos essa manifestação da Santíssima Trindade no Velho Testamento, no Dia de Pentecostes, quando nós adornamos nossas igrejas com galhos representando os antigos carvalhos, e quando nós veneramos no meio deles o ícone dos Três Anjos, justamente como nosso pai Abraão os venerou! Descendência carnal de Abraão pode não ter uso se nós não formos regenerados nas águas do Batismo na Fé de Abraão. E a Fé de Abraão era a Fé em Jesus Cristo, como o próprio Senhor disse: *"Abraão, vosso Pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se"* (Jo 8: 56). Essa foi também a fé do profeta rei David, que ouviu o Pai celestial falando para seu Filho Consubstancial: *"Disse o Senhor ao meu Senhor"* (Sl 109: 1; At 2: 34). Essa foi a fé dos três Jovens na fornalha quando eles foram salvos pelo Filho de Deus (Dn 3: 25); e do Santo Profeta Daniel, que teve a visão das duas naturezas de Jesus Cristo no mistério da encarnação quando o Filho do Homem se dirigiu ao Ancião dos Dias (Dn 7: 13). Eis porque o Senhor, dirigindo-se para a (biologicamente incontestável) posteridade de Abraão, disse: *"Se fôsseis filhos*

de Abraão, faríeis as obras de Abraão" (Jo 8, 39), e as "obras de Deus são para que creiais naquele que ele enviou" (Jo 6, 29).

Quem são então os que constituem a posteridade de Abraão? Os filhos de Isaac segundo a carne, ou os filhos de Hagar a egípcia? É Isaac ou Ismael a posteridade de Abraão? O que as Escrituras ensinam pela boca do divino Apóstolo? Ora as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz, *e às posteridades*, como falando de muitas, mas como de uma só: *E à tua posteridade, que é Cristo* (Gl 3:16). *"E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa"* (Gl 3: 29). É então em Jesus Cristo que Abraão se tornou o pai de muitas nações (Gn 17: 5; Rm. 4: 17). Depois de tais promessas e tais certezas, que significam as descendências carnis que Abraão teve? De acordo com As Sagradas Escrituras, Isaac é considerado como a descendência ou posteridade, mas somente como a imagem de Jesus Cristo. Oposto a Ismael (o filho de Hagar; Gn 16: 1 ss.), Isaac nasceu na miraculosa "liberdade" de uma mãe estéril, que estava em idade avançada e contra as leis da natureza, similar a nosso Salvador, Que nasceu miraculosamente de uma Virgem. Ele escalou o monte de Moriá assim como Jesus escalou o Calvário, carregando em seus ombros o madeiro do sacrifício. Um anjo liberou Isaac da morte, assim como um anjo rolou a rocha para nos mostrar que a tumba estava vazia, que o Ressuscitado não mais estava lá. Na hora da oração, Isaac encontrou Rebeca na planície e conduziu-a para a tenda de sua mãe Sara, assim como Jesus encontrará sua Igreja nas nuvens para levá-La para as mansões celestiais, a Nova Jerusalém, a mui desejada pátria.

Não! Nós, no mínimo, não temos o mesmo Deus que os não-cristãos! O *sine-qua-non* para conhecer o Pai, é o Filho: ... *quem Me vê a Mim vê o Pai; ... Ninguém vem ao Pai, senão por Mim* (Jo 14: 9ss.). Nosso Deus é um Deus encarnado, que vimos com nossos olhos, e quem as nossas mãos tocaram (1 Jo 1: 1). O imaterial tornou-se material para nossa salvação, como diz São João Damasceno, e ele se revelou em nós. Mas quando se revelou entre os atuais judeus e islâmicos, de modo que possamos supor que eles conhecem Deus? Se eles têm conhecimento de Deus fora de Jesus Cristo, então Cristo encarnou, morreu e ressuscitou em vão!

Não, eles não conhecem o Pai. Eles têm concepções a respeito do Pai; mas todas as concepções acerca do Pai são ídolos, porque concepção é um produto de nossa imaginação, a criação de um deus à nossa imagem e semelhança. Para nós cristãos, Deus é inconcebível, indescritível e imaterial, como diz São Basílio o Grande. Para nossa salvação ele tornou-se (contanto que estejamos unidos a ele) concebido, descrito e material, por revelação no mistério da encarnação de seu Filho. A ele glória pelos séculos dos séculos. Amém. E eis porque São Cipriano de Cartago afirma que quem não tem a Igreja como Mãe, não tem Deus como Pai!

Que Deus nos preserve de apostasia e da vinda do Anticristo, de quem os sinais estão se multiplicando dia a dia. Que ele nos preserve da grande aflição que mesmo os eleitos não terão condição de suportar sem a Graça daquele que "abreviará" esses dias. E que nos preserve no "*pequeno rebanho*" o "*remanescente de acordo com a eleição da Graça*" para que como Abraão possamos rejubilar à luz de sua face, pelas orações da Santíssima Mãe de Deus e Sempre-Virgem

Maria, de todas as hostes celestes, a nuvem de testemunhas, profetas, mártires, hierarcas, evangelistas e confessores que foram fiéis até a morte, que derramaram seu sangue por Cristo, que nos geraram pelo Evangelho de Jesus Cristo nas águas do Batismo. Nós somos filhos deles - fracos, pecadores, e indignos, seguramente; mas não elevaremos nossas mãos para um deus estranho. Amém.



Os Ortodoxos e os Calendários - Juliano e Gregoriano

O Calendário juliano

O calendário juliano foi implantado pelo líder romano Júlio César, em 46 a.C., como uma importante e substancial alteração no calendário romano. Foi modificado ainda mais em 8 d.C., pelo imperador Augusto, e os nomes dos meses sofreram ainda várias mudanças ao longo do Império Romano. O calendário juliano acabou sofrendo sua última modificação em 1582, pelo Papa Gregório XIII, dando origem ao calendário gregoriano que foi adotado progressivamente por diversos países, e hoje é utilizado pela grande maioria dos países ocidentais.

O calendário juliano, com as modificações feitas por Augusto, continua sendo utilizado pelos cristãos ortodoxos em vários países. Nele os anos bissextos ocorrem sempre de quatro em quatro anos, o que hoje acumula uma diferença para o calendário gregoriano de 13 dias.

O Calendário gregoriano

O calendário gregoriano é o calendário utilizado na maior parte do mundo e em todos os países ocidentais. Foi

promulgado pelo Papa Gregório XIII a 24 de Fevereiro do ano 1582 para substituir o calendário juliano.

Gregório XIII reuniu um grupo de especialistas para reformar o calendário juliano e, passados cinco anos de estudos, foi elaborado o calendário gregoriano, que foi sendo implementado lentamente em várias nações. Oficialmente o primeiro dia deste calendário foi 15 de outubro de 1582.

O calendário gregoriano é o que hoje em dia se usa e distingue-se do juliano porque:

- a. Omitiram-se dez dias (5 a 14 de Outubro de 1582).
- b. Corrigiu-se a medição do ano solar, estimando-se que este durava 365 dias solares, 5 horas, 49 minutos e 12 segundos, o equivalente a 365,2424999 dias solares.
- c. Acostumou-se a começar cada ano novo em 1 de janeiro.
- d. Nem todos os anos seculares são bissextos. Para um ano secular ser bissexto tem de ser múltiplo de 400. Deste modo evita-se a diferença (atraso) de três dias em cada quatrocentos anos existente no calendário juliano.

A mudança para o calendário gregoriano deu-se ao longo de mais de três séculos. Primeiramente foi adotado por Itália, Portugal, Espanha e, de modo sucessivo pela maioria dos países católicos europeus. Os países onde predominava o luteranismo e o anglicanismo tardariam a adotá-lo, caso da Alemanha (1700) e Inglaterra (1751). A adoção deste calendário

pela Suécia foi tão problemática que gerou até o dia 30 de fevereiro. A China aprova-o em 1912, a Bulgária em 1917, a Rússia em 1918, a Roménia em 1919, a Grécia em 1923 e a Turquia em 1927.

As Igrejas ortodoxas do Oriente continuaram a usar o calendário juliano até 1923, quando muitas adotaram o seu próprio calendário juliano revisto, em vez do gregoriano. Utilizam ainda o calendário juliano para determinar a data da Páscoa.



Quaresma

São Máximo de Turim (séc. V)

... E nós, meus irmãos, nós que recebemos do Invencível Combatente as sagradas práticas da Quaresma, saibamos repelir os desejos da carne e mortificar o corpo com jejuns, a fim de que cresçam as virtudes na nossa alma. Jejum das funestas paixões e prazeres, jejum de toda a injustiça, jejum do odioso espírito de rivalidade.

Renunciemos, meus irmãos, aos festins. mas renunciemos mais ainda aos nossos vícios. Saibamos escolher a temperança. Abster-nos do vinho, a fim de que saibamos resistir à embriaguez dos prazeres.

De que nos servirá, com efeito, jejuar durante quarenta dias se não respeitarmos a lei do jejum? De que nos serve fugir aos banquetes, se ocuparmos em discórdias os nossos dias? De que nos serve não comer o pão que nos cabe, se tirarmos a comida da boca do pobre?

O jejum para o cristão que escolhe as privações deve ser alimento espiritual. O jejum para o cristão deve preparar a paz e não as lutas. De que te serve não comer carne, se da tua boca se soltam injúrias piores que qualquer alimento? De que te serve santificar o estômago com jejuns, se as mentiras te mancham a boca? Em verdade te digo, meu irmão, que não tens o direito de entrar na Igreja se continuas enredado e nas

malhas mortais da usura voraz, que não tens o direito de invocar o teu Senhor se as tuas orações vêm do teu coração invejoso; que não tens o direito de bater no peito se nele se escondem os teus maus desejos. A moeda que deres ao pobre só será justa, quando fores pobre também.

Eis, irmãos muito amados, a verdadeira fome religiosa, eis o alimento das almas tementes a Deus. As almas que santificaram o jejum pela castidade, que o tornaram alegre pela caridade, que o aformosearam pela paciência, que o acalentaram pela bondade, que lhe deram o seu justo preço pela humildade.

Meus irmãos, vivamos a Quaresma de Cristo com todas as nossas forças e, pela prática daquelas virtudes, façamos que seja nossa, pelos dois gêmeos jejuns do corpo e do espírito, a graça divina. Amém.



QUARESMA: Outono do Tempo Litúrgico

Pe. Mons. Irineo Tamanini

Na natureza há quatro grandes estações que, de modo emblemático, caracterizam os dias, as noites, a temperatura, as temporadas de chuvas ou a falta delas. Cada uma destas estações é marcada por singularidades que fazem diferir uma das outras e traz benefícios a toda a Criação. A primavera, dita como a estação mais linda, nos presenteia com os aromas das flores que despontam das mais diferentes espécies. Os pássaros compõem a sinfonia da natureza, cada qual com seu acorde específico, dando aos nossos ouvidos a doce sensação de encantamento. No verão, a temperatura é mais elevada, o ciclo das chuvas é ocasional, o sol se levanta mais cedo e se põe tardiamente. O outono é quando as plantas deixam cair suas folhas velhas ao chão para dar lugar, mais tarde, às novas que virão. Os galhos secos, sem vida, adormecem ao solo depois de terem cumprido sua função singular. A chegada do inverno é anunciada pelo silenciar dos pássaros, pela ausência do verde nas árvores, já quase sem folhas. A temperatura vai bruscamente declinando, principalmente à noite, e assim permanece até perto do meio-dia. O anoitecer dá o ar de sua graça mais cedo e as chuvas finas são acompanhadas pelo assoviar dos ventos gélidos.

A Igreja, da mesma forma, tem seus grandes ciclos, cada qual com suas características e finalidades. Usando desta metodologia, talvez imitando a Natureza, a Igreja nos ensina as verdades da fé, sobre a qual devemos guiar nossa vida espiritual. Por analogia, diria que estamos vivendo o Tempo da Quaresma, como a natureza vive seu outono. É o momento do desvencilhar-se, é o momento de nos libertar e de deixar cair por terra o “homem velho” para dar lugar ao “homem novo”. Homem novo este que virá acompanhado com o perfume da ressurreição e os cantos dos anjos que entoam o solene “Aleluia primaveril”.

É preciso ter coragem para abandonar nossas “folhas velhas” e nossos “galhos secos” que teimam em permanecer em nós, mesmo sem vida. Estão agarrados a nós como se nos pertencessem de maneira definitiva. Lutam por ficar e não se deixam facilmente vencer. Na natureza, entra em cena o vento que ajuda as plantas a se libertar daquilo que não é mais necessário. Ventos fortes, às vezes, é preciso, para levar as folhas e os galhos secos que “insistiam” em permanecer agarrados à árvore.

Nós cristãos, como na natureza, temos um forte aliado: é o Espírito Santo de Deus. Ele nos auxilia na tarefa tão árdua de discernir o momento certo de nos desprender das coisas antigas para que haja em nós possibilidade de regeneração. É necessário rezar e pedir a Deus que envie, nesta Quaresma, o seu Espírito Santo para cumprir a missão de levar para longe o que nos atrapalha e nos suga. Da mesma forma que as folhas e os galhos secos não resistem à força dos ventos, não há pecado em nós, não há vício em nós que resista à força do Espírito de Deus em nossas vidas.

As folhas secam e os galhos, com elas, perdem a vitalidade, pois os nutrientes já não lhes chegam. A planta faz uma “abstenção”, pratica um “jejum. O jejum, neste tempo de Quaresma, tem seu papel primordial: ele fará com que somente o necessário em nós seja o bastante. A Quaresma é o tempo do “basta-me o necessário”; na Quaresma não deve existir lugar para a fartura, para o excesso, para o exagero. Pelo contrário, é o tempo marcado pela modéstia, pelo comedimento, pela prudência. Onde há exagero há risco da ostentação. Onde a ostentação se instala os vícios e os pecados se fartam e se alojam. O Jejum e a abstenção de determinados alimentos, antes mesmo de serem vistos como “privações” ou “proibições” que nos vem do exterior, devem ser considerados como preciosos indícios da presença de Deus na vida do fiel que tem a sincera intenção de se libertar do “homem velho”, mas não encontra força para isso. Deus age, em sua providência, nas mais diversas maneiras e, no jejum, que fazemos de forma livre e consciente, a Providência Divina age e dá condições para que o fiel se fortifique espiritualmente e seja um vencedor em seu intento. O jejum e abstenção podem até enfraquecer nosso corpo, contudo fortalece nosso espírito e dá a ele o sustento indispensável para vencermos o pecado.

Contemplemos a Natureza e aprendamos dela as mais belas lições de vida que ela nos revela a cada instante. Ela espera seu tempo certo para agir; tem paciência e confia. Assim também, o Espírito Santo nos tornará pessoas mais pacientes e confiantes, pela Graça que nos vem do Alto. É preciso estar atento às vozes de Deus em nosso cotidiano. Ele nos fala de maneira paterna e amorosamente. Não esbraveja e

muito menos altera sua voz. Para ouvir a voz de Deus é imprescindível calar, é necessário emudecer. A Quaresma é o momento do ouvir Deus e cessar a “tagarelice” de nossa língua; é o momento de cessar a inquietude dos afazeres e nos colocar em atitude de oração. Observemos as plantas como agem no outono: parecem estar adormecidas, parecem contemplar o Criador numa postura silenciosa e ouvinte. Uma das maneiras mais eficazes de se ouvir Deus é deixar somente que Ele fale, através do suave vento que toca o ouvido de nossas almas.

As plantas, obedientes à natureza, deixam que se cumpram nelas a fase do desapego às folhas velhas; elas não relutam, não vão contra seu destino. É preciso que aprendamos isso também das árvores: sejamos obedientes à vontade de Deus em nossas vidas sem que haja resistência de nossa parte, frente à ação da Providência. Sejamos obedientes à vontade do Pai e confiemos em seu amor e em sua ação restauradora.

Por mais que caiam as folhas e os ramos secos das árvores, ainda lhe restam o caule e as raízes. O caule permanece de pé, “olhando” para o céu, recebendo do sol a luz e os elementos necessários para sua vida. As raízes continuam a retirar do solo o substrato para alimentar a planta. Por mais que caiam por terra nossos vícios, nossos pecados; por mais que vão para longe aquilo que não faz parte de nossa essência de Filhos de Deus, permanecem em nós, intocáveis, a imagem e semelhança divinas que olham para os céus, retirando do sol de nossa fé, as luzes necessárias para a vida espiritual. Por mais que as “folhas” e os “galhos” sejam levados de nossa existência, por graça e obra de Deus, nossas

raízes continuarão a tirar da Tradição da Igreja, dos Santos Padres, da Vida dos Santos e da Sagrada Escritura, os elementos nutritivos elementares para permanecermos firmes, confiantes e cheios de vida. Nós somos cristãos, contudo, não somos os únicos. Antes de nós muitos testemunharam sua fé, levando uma vida cheia de Deus, testemunhando a Ressurreição d'Aquele que é Verdade e Vida. Construíram sua história baseados na fé e deixaram o seu legado para as gerações que depois vieram. Foram exemplos de vida a serem seguidos, pelo seu testemunho de coragem, solidez e perseverança. É nesses modelos de vida que nossas “raízes” buscam nutrientes para alimentar o “caule” de nossa existência. É também permanecendo fiel à Igreja, conhecendo os preciosos escritos dos Padres e lendo as páginas da Sagrada Escritura que permaneceremos firmes, apesar das tempestades da vida. As raízes não buscam somente nutrientes sólidos, mas a água que é condição indispensável para sua sobrevivência. Precisamos beber da fonte, saciando assim nossa sede de Deus. A água é a oração. Assim como sem ela uma planta não sobrevive, nossa fé sem oração, não resistirá. Um cristão sem oração é inconcebível. Uma planta que não se nutre de água é impensável. Mesmo aquelas que vivem em ambientes de deserto, retiram do ar, durante a noite, sua água. A quaresma é o tempo propício para a oração e não devemos ignorá-lo.

As raízes cumprem outro papel preponderante: fixar a planta no chão. Um cristão é alguém que vive no mundo, apesar de não pertencer a ele. É neste mundo, no espaço de sua casa, de sua família, de sua vizinhança que ele dá testemunho de sua fé. A árvore é mais fiel que nós. Uma vez

fixada à terra, permanece ali, enfrentando as mais torrenciais das chuvas, os mais impetuosos dos ventos; ali ficará até sua morte. Nós, ao contrário, por motivos variados, sentimos necessidade, vez por outra, de fugir de nosso ambiente, quando as coisas parecem ficar difíceis. É nas maiores dificuldades que somos convidados a testemunhar nossa fé em Deus. O ato de fugir não deve fazer parte das atitudes de um cristão, ante as intempéries da vida.

A Natureza é um dos sinais visíveis e sensíveis da constante e permanente ação providencial de Deus que continua a nos ensinar grandes verdades. Basta-nos sermos discípulos atentos ao que o Mestre nos ensina, também através da sábia natureza.



Perdão e Semana Santa

Artur da Távola,
Publicado no jornal «O Dia»
RJ, 28/03/2002

Como é difícil perdoar!

Pouca gente, mesmo entre cristãos, compreende o sentido profundo do perdão. A maioria pensa que é forma de anistia do sentimento, ato interno capaz de compreender o ofensor e desculpá-lo no fundo do coração misericordioso. Este primeiro degrau do perdão já é difícil de ser galgado. E a propósito da Semana Santa, quero dizer o seguinte: O verdadeiro sentido da revolução cristã do perdão, porém, é outro, e bem mais radical: mais que ausência de ódio no coração do ofendido, o *perdão é ação de amor na direção do ofensor*. O cristianismo é tão revolucionário que exige do ser humano não apenas a grandeza de compreender e desculpar o ofensor, mas a capacidade de amá-lo. Perdoar é *per+doar*, isto é, "*doar amor através (per) do ofensor*".

Perdoar é doar amor através do ofensor

Quem doa amor ao ofensor dá-lhe as condições profundas de contrição, compunção, compaixão e arrependimento, os quatro caminhos através dos quais o ser humano pode renascer de si mesmo e das trevas, trocando a morte pela vida. Por ser o gesto mais difícil e elevado, o

perdão é a única forma de permitir ao ofensor a entrada de amor no seu coração. Qualquer forma de cobrança, punição e vingança aferra a crueldade do ofensor e, de certa forma, fá-lo sentir-se justificado.

A doação objetiva e concreta de amor poderá não ser eficaz, adiante, porém é a única forma através da qual o ofensor tem a chance de se arrepender sinceramente e reencontrar um caminho que lhe faz falta e é a única maneira de se redimir, crescer como pessoa, transformar-se.

Ser bom, fazer-se seguidor das religiões, sentir-se justo, fraterno, solidário, honesto, tudo isso - embora exija esforços - é relativamente fácil e em geral alimenta o ego. Difícil é perdoar o ofensor, não apenas desculpando-o, mas sendo capaz de amá-lo na integralidade do seu ser. Por isso, aliás, o cristianismo em essência encontra tanta dificuldade de se implantar entre os homens: exige a descoberta da grandeza humana, da virtude no sentido de exercício da única força capaz de mudar o mundo: o amor real.

Não há revolução maior.

Quem é capaz?



Luz e Ressurreição

Mons. Irineo Tamanini

Tornou-se frequente noticiar pela mídia que na noite do Sábado Santo, em Jerusalém, na Igreja do Santo Sepulcro, muitos hierarcas ortodoxos celebram o rito da Bênção do Fogo e a sua distribuição aos fiéis que para lá acorrem todos os anos. Os meios de comunicação mundial divulgam o fato, pois perceberam que a quantidade de pessoas que lá vão buscar o “fogo santo” cresce a cada ano. Talvez porque se têm lá, registros de curas, de verdadeiros milagres realizados na Noite da Ressurreição.

A luz que brota do sepulcro é o sinal sensível do milagre da vida. É a prova cabal da derrota da morte frente ao Doador da Vida. *“Cristo havia de padecer e seria o primeiro que, pela ressurreição dos mortos, havia de anunciar a luz ao povo judeu e aos pagãos”* (At 26: 23). Ele é o primogênito dos mortos. A morte foi vencida, regozijemo-nos e alegremo-nos n’Ele!

“Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8: 12). Jesus, nesta passagem do Evangelho revela-se como sendo Luz do mundo. Ora, Ele mesmo um dia advertiu que *“ninguém acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa”*. (Mt 5: 15)

Assim, como poderia então, a verdadeira Luz do Mundo permanecer escondida no interior de um túmulo?

Foram apenas três dias. Dias estes que os discípulos amedrontados se recolheram no cenáculo, apavorados pela situação. Estavam sem seu Mestre, estavam acéfalos, e sem respostas frente às tantas perguntas que nasciam de seu coração quase sem fé naquele que dissera ser a Luz. Os apóstolos estavam reclusos no mesmo lugar em tinham celebrado, na noite anterior, o *Mandamento Novo*. Certamente as lembranças daquela noite santa e do flagelo criminoso de seu Senhor povoaram suas mentes, buscando explicações estéreis. Eles estavam se sentindo sós.

Jesus também se encontrava em um lugar escondido, onde nada parecia lembrar vida, somente abandono, escuridão e morte. Estava ali, pois ali o puseram. Os discípulos, ao contrário, correram para o cenáculo, escondendo-se, por vontade própria, com medo e desespero.

O corpo de Jesus estava inerte, seus sinais vitais eram nulos. Parecia que a morte, finalmente, tinha trazido para junto de si o Filho de Deus. Tudo isso se modificou: no silenciar da madrugada, eis que a Luz ressurgiu, mais forte do que nunca, flamejante. Luz esta que brotou do túmulo de Cristo, rodeando o Corpo Santo d'Aquele que é Ressurreição e Vida Plena.

Da mesma forma que a luz não pode estar escondida, sob o alqueire, pois se assim acontecer inutiliza sua função, Cristo, sendo a Luz do Mundo, não poderia permanecer encoberto, no interior de uma tumba fechada por uma pedra. A luz, para iluminar, como disse o Senhor, deve se posicionar

em lugar alto, assim a escuridão se dissipa em um diâmetro muito maior.

Para nós cristãos, o candeeiro é a cruz. “*E quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim*” (Jo 12: 32). É por ela que podemos enxergar a Luz do Ressuscitado. É ela que é o novo candeeiro; é ela que mostra ao mundo o vencedor da morte; é ela que ostenta ao mundo Aquele que venceu a morte pela morte. Com ela, a luz ganha altitude, seus raios penetram toda a escuridão.

Lembremo-nos, entretanto, que foi graças à Cruz que a pedra do sepulcro foi removida pelo Ressuscitado, abrindo as portas do Paraíso, para todos nós, antes fechadas desde a queda dos primeiros pais.

A claridade proporcionada pela luz nos facilita a visão, nos dá certeza do lugar onde pisamos, amplia nosso espaço de movimentação, faz-nos enxergar os detalhes, aproxima da vista aquilo que se distanciava por causa da pouca luminosidade. Igualmente, para nós, sob a luz do Ressuscitado, caminhemos na estrada da vida guiados pela certeza de que Deus nos acompanha passo a passo, todos os dias de nossas vidas (cf. Mt 28: 20).

O que acontece na noite do Sábado Santo, no Santo Sepulcro, em Jerusalém, repete-se em cada igreja ortodoxa espalhada pelo mundo. A bênção do Fogo Novo e sua distribuição aos fiéis, seguida de luminosa procissão, faz parte dos Ritos Pascais celebrados com fé e devoção, desde as grandes Catedrais até a mais longínqua igreja. O sacerdote acende o círio pascal do fogo abençoado. O círio está

amarrado por uma fita vermelha à cruz de bênção, testificando que a cruz é parte integrante da Ressurreição.

O cristão é o homem da esperança e da eternidade. *“Tenho esperança em Deus, como também eles esperam, de que há de haver a ressurreição dos justos e dos pecadores”* (At 24: 15). Com a Ressurreição do Senhor, sabemos que a morte não é o fim, é apenas uma passagem, rumo à eternidade. Somos cidadãos dos céus e não do mundo. Como cidadãos da eternidade vivemos para a eternidade, não depositamos nossa esperança última nas coisas perecíveis, mas naquelas que não passam. Vivemos no mundo, mas não somos do mundo. Trilhemos as veredas que conduzem a Deus, guiados pelo Espírito Santo, sob à luminosidade da Luz que brota do túmulo de Cristo. Esta é a nossa fé, é por ela vivemos.



A Festa da Páscoa

Pe. Jacques Goettmann

Páscoa de 1994 – Igreja Ortodoxa San Martin de Tours
Buenos Aires – AR

A Grande Semana ou a Semana Santa, ressonância e réplica dos sete dias da Criação se aproxima. Se, durante estes sete dias concentrarmos nosso olhar sobre o Filho do Homem, sobre cada um dos seus gestos e palavras, de sua Paixão, e se ao mesmo temos descobriremos em nós mesmos as atitudes contraditórias de Pedro que O negou, dos discípulos que tiveram medo, dos sacerdotes que O condenaram, dos soldados que O torturaram sem nada entender e também, de João que O seguia em silêncio, de Maria e das outras mulheres que Lhe davam sua amorosa presença, então vamos penetrar e permanecer em um espaço e em um tempo novos. Tempo e espaço do Mistério deslumbrante da Vida Nova que sai da morte amarga e velha: Mistério da transfiguração do homem e da criação.

«Destruís este Templo e em três dias eu o reconstruirei», dizia Jesus. São João comenta em seu Evangelho: «Ele falava do templo do seu Corpo... e, quando se levantou dentre os mortos, seus discípulos se recordaram de suas palavras» (Jo 2: 19-22). O templo do homem, nosso corpo, nossa alma, nosso espírito, nossa pessoa, tantas vezes «desumanizado», frequentemente, é transformado em casa de comércio ou em covis de ladrões; a arquitetura da Criação, a sinfonia do

Universo, tão arruinada, tão desafinada, tão corrompida. É este o templo que Jesus Cristo está levantando conosco, seus discípulos, em três dias que são os dias mais longos e decisivos da história de nossa vida.

A Sexta Feira Santa

Cristo se enfrenta voluntariamente com a morte. Não morre por acidente ou enfermidade, por velhice ou desespero, mas por uma força maior, a força do amor. Manifestou-a algumas horas antes em sua última Ceia com palavras jamais ouvidas (Jo 13: 17) e pelo dom de seu Corpo e Sangue. Não suprime nossa morte física, mas por sua vitória na Árvore da Cruz, nos dá poder sobre a morte: podemos agora encará-la de maneira nova e concebê-la como porta de um novo nascimento que já começou, abrindo-nos o caminho para uma nova vida. É o «dia das dores do parto».

O Sábado Santo

Cristo desce aos Infernos, à região dos mortos que esperam nas trevas, ao inferno de nossos terrores inconscientes, ao inferno de nosso mundo violento, angustiado e frustrado. Seu Corpo descansa silencioso no sepulcro e seu Espírito se abandona às mãos do Pai. Deste silêncio nos grita: *«Venci o mundo, derrotei o Inferno e venho ressuscitar-vos comigo»*. É o dia da espera e da esperança.

A Noite Pascal

A Noite Pascal inaugura o *Terceiro Dia*, o Domingo da Páscoa. Entre todas as noites, é a noite mais misteriosa, deslumbrante e criadora: «Cristo ressuscitou! Em verdade ressuscitou!». Este grito se multiplica e repercute mil vezes entre os que se dão o beijo pascal. Tudo é perdoado, tudo é renovado, tudo é possível, pois nossa carne humana venceu a morte e recebeu já o gérmen da transfiguração na Luz Incriada. Se queremos seguir o caminho do Cristo e lhe dar nossa fé pessoal, não seremos enganados, mas transformados, e não morreremos jamais de uma morte sem saída. O Cristo volta a seu Pai e junto a Ele nos envia o Espírito Santo para nos comunicar as energias divinas, a Vida Nova.

Que esta Páscoa, estes dias de Morte e Ressurreição, esta Festa única entre todas as festas, seja para todos nós um tempo novo e novo espaço. «Este é o *dia que o Senhor nos fez, dia de alegria e de júbilo*».



O Sinal da Cruz

Por que dizem que nós, os ortodoxos, nos benzemos «ao contrário»?

De fato, a Igreja Ortodoxa ensina os seus fiéis a benzerem-se de acordo com a Tradição que nos foi legada pelos nossos Pais na Fé. E o fato de nos benzermos desta ou de outra maneira também não é questão sem importância: é um conjunto de gestos cheios de significado e de simbolismo. Senão vejamos:

Quando nos benzemos, começamos por unir os três primeiros dedos da mão direita (a mão nobre), simbolizando a Trindade.

Depois, dizendo «*Em Nome do Pai*», tocamos com esses três dedos unidos primeiro a testa e, seguidamente, na zona da cintura, simbolizando que o Pai é o Criador do Céu e da Terra; em seguida, dizemos «*e do Filho*» e tocamos com os três dedos unidos no ombro direito - porque o Filho, Jesus Cristo, ressuscitou e sentou-se à direita do Pai; finalmente, dizemos «*e do Espírito Santo*», tocando com os três dedos unidos no ombro esquerdo - o Filho e o Espírito Santo são os dois «*braços*» do Pai agindo na Criação.

Deste modo, traçamos uma cruz sobre o nosso próprio corpo, afirmando, simultaneamente, a nossa fé na Santíssima Trindade e na essência de Cristo.

Convém ainda salientar que até o século XI todos os cristãos, no Oriente e no Ocidente, se benziavam como nós, ortodoxos, o fazemos.





A Cruz Ortodoxa

Trad.: pe. André Sperandio, de artigos disponível em:
www.orthodoxworld.ru/

A cruz mais difundida na Ortodoxia é a de oito braços, que recebe também o nome de crucifixo. Sobre a haste central (vertical) se encontram três travessões horizontais. O maior, que se encontra no centro, é onde os braços de Jesus ficaram estendidos. O superior lembra a pequena tábua com a inscrição: «*Jesus Nazareno, Rei dos Judeus*», escrita em três línguas: grego, latim e hebraico, e colocada sobre a Cruz de

Jesus por ordem de Pilatos. Era um costume romano escrever a culpa do réu nestas tabuinhas. Na tradição ortodoxa, os pés de Jesus não estavam atravessados por um só cravo, como é representado pelos católicos latinos, mas por dois: um para cada pé. O que é confirmado pelas investigações sobre o santo Sudário de Turim.

A haste inferior serviu como apoio aos pés do Crucificado. Um de seus extremos está um pouco mais elevado, apontando para o céu, para onde se dirigiu o Bom Ladrão, crucificado com Jesus. O outro extremo, ao contrário, está direcionado para baixo, o lugar destinado ao outro ladrão que não se arrependeu.

Muitas vezes, debaixo da Cruz, vê-se a imagem de uma caveira: é a cabeça de Adão que, segundo a Tradição, foi sepultado sob o Gólgota, embaixo do lugar onde Jesus foi crucificado. Na rachadura da rocha, sob a Cruz, cai sobre a cabeça de Adão uma gota do Sangue de Jesus Cristo, significando assim que a vida está sendo devolvida à Adão - ao homem e à humanidade.

Ao lado da Cruz está representada a Virgem Maria e o Discípulo Amado, o apóstolo João. Com frequência, aparecem também os instrumentos da morte: a lança, com a qual lhe atravessaram as costas, e a cana com a esponja embebida em vinagre que um soldado romano deu a Jesus Cristo.



Sobre a «Metanóia»



Metanóia" é uma palavra grega que significa "arrependimento", "conversão". Arrependimento e conversão que nos abrem as portas da Graça de Deus, a Graça que nos dá acesso ao caminho da santidade.

A Metanóia ajuda-nos a receber o dom das lágrimas, de que falava São Simeão o Novo Teólogo: *"É impossível limpar uma veste suja na ausência de água e, sem lágrimas, mais impossível, ainda, é limpar e purificar a alma das suas manchas e impurezas". "O arrependimento faz jorrar lágrimas das profundezas da alma: as lágrimas purificam o coração e fazem desaparecer os grandes pecados"*.

Metanóia é, também, o nome dado a dois gestos rituais transmitidos pela Santa Tradição: a "pequena Metanóia", que

é o gesto que fazemos diante de um Ícone, antes de o beijarmos, ou de um Bispo, antes de lhe pedirmos a bênção; a "*grande Metanóia*", que é a prostração que fazemos no "*grande perdão*", nas nossas orações particulares ou durante o Ofício de Vésperas e da Divina Liturgia (quando celebrada em dias feriais).





Por que acendemos velas?

ARBEX, Mons. Pedro. Teologia Orante na Liturgia do Oriente. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1998.

Por que se acende uma vela a Deus ou a um santo? Para comprá-los a fim de alcançar uma graça? Ou para apaziguá-los a fim de ficarmos livres de um mal que nos atormenta ou de uma desgraça que nos ameaça? Nem um nem outro. O sentido da vela acesa é muito mais nobre e mais profundo.

Símbolo de consumação

Deus é nosso Criador e nós, suas criaturas; quer dizer que tudo o que somos e tudo o que temos nos foi dado de

graça por Deus. Por conseguinte, seu poder sobre nós é absoluto e seus direitos ilimitados. Pode até exigir a nossa própria vida em sacrifício.

Os povos pagãos reconheciam esse direito a seus deuses. Por isso ofereciam-lhe sacrifícios humanos (crianças, geralmente, por causa de sua inocência), para acalmar a sua ira ou conseguir o que desejavam.

A Bíblia nos diz também que o Deus verdadeiro exigiu uma vez um sacrifício humano; pediu a Abraão que lhe sacrificasse seu filho único Isaac. Abraão obedeceu. Mas no instante em que segurava a faca para matar o filho em cima da fogueira, Deus enviou seu anjo que reteve a mão do pai e substituiu o filho por um carneiro (Gn 22). Deus mostrava assim que os sacrifícios humanos não são agradáveis a seus olhos e que só quis pôr à prova a fidelidade e a obediência de seu servo.

Na história da humanidade houve um só sacrifício de seu próprio Filho feito homem, nosso Senhor Jesus Cristo, na cruz, para a salvação e a redenção do gênero humano. Esse sacrifício continua renovando-se misticamente, de modo incruento, onde houver um sacerdote e um altar.

Que relação pode haver entre um sacrifício e uma vela acesa? A vela acesa substitui diante de Deus a pessoa que a acende: Fica se consumindo, como se fosse um holocausto oferecido a Deus. O holocausto era, na Antiguidade e na lei mosaica, o sacrifício mais perfeito, porque por ele a vítima era oferecida a Deus e queimada por inteiro em reconhecimento a seu poder e direitos absolutos sobre quem a oferecia. A vela acesa é um holocausto em miniatura. A pessoa compra a vela

que passa a lhe pertencer, a ser sua. Acende-a para ser consumida em seu lugar.

Uma vela acesa a Deus simboliza, portanto, a adoração e a entrega total de quem a acende ao Deus Todo Poderoso, Senhor e Criador de todos os seres. Uma vela acesa a um santo tem o mesmo simbolismo, só que este sacrifício é oferecido a Deus por intermédio deste ou daquele santo.

É claro que está longe de ter o mesmo valor do sacrifício eucarístico, cujo valor é infinito, visto que por ele é o próprio Homem-Deus que se oferece a seu Pai. Mas nem por isso deve ser desprezado ou abolido.

Deve-se, sim, evitar a má interpretação e o exagero, isto é, evitar dar-lhe maior valor do que ele tem. Vela acesa é, pois, símbolo de consumação.

Símbolo de Cristo, Luz do mundo

A vela acesa tem também outro simbolismo. Irradiando luz iluminadora, simboliza Cristo «Luz do mundo», conforme ele próprio se qualificou. Por isso, nos ofícios litúrgicos, usam-se frequentemente velas acesas, sobretudo durante a Semana Santa e o Tempo Pascal. Mas o dia da luz é o Sábado Santo, de noite, Vigília da Páscoa (os fiéis, aliás, chamam este dia de Sábado da Luz). Nele, antes da divina liturgia, procede-se à bênção solene da luz: o sacerdote benze, atrás do altar, uma vela acesa e, depois, de frente para os fiéis, convida-os a acender dessa vela benta, suas velas, dizendo:

«A luz de Cristo ilumina a todos!... Bendito seja o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que ilumina e santifica nossas almas».

E com as velas acesas faz-se uma procissão dentro da igreja ao canto do Salmo 147.

No domingo da Páscoa, ao iniciar a cerimônia da entrada triunfal de Cristo que precede a liturgia da ressurreição, o sacerdote, segurando o círio pascal aceso, convida os presentes a acender dele os seus círios, dizendo:

"Vinde, tomai luz da Luz sem ocaso e glorificai o Cristo que ressuscita dos mortos".

E todos saem da igreja em procissão com velas acesas, para o anúncio da ressurreição de Cristo, pela leitura do evangelho próprio e o canto, várias vezes repetido, do hino da ressurreição:

*«Cristo ressuscitou dos mortos;
venceu a morte pela morte,
e aos que estão nos túmulos Cristo deu a Vida».*

Depois, o celebrante bate na porta fechada, exigindo sua abertura e entra primeiro, seguido dos fiéis, sempre com velas acesas, ao canto do *Cânon da Ressurreição*. É claro o simbolismo das velas acesas: Cristo ressuscitado, luz sem ocaso.

Esse simbolismo, encontramos-lo também no sacramento do batismo, chamado também sacramento da iluminação. Depois de batizar a criança, que passa, assim, das trevas do pecado para a luz da graça, o sacerdote manda,

acender as velas que os presentes seguram na mão e proclama:

«Bendito seja Deus que ilumina e santifica todo homem que vem a este mundo».

Em qualquer cerimônia litúrgica, em especial na Divina Liturgia, acendem-se velas no altar para simbolizar de um lado a consumação da criatura diante do Criador, o sacrifício de Cristo em substituição à humanidade; e de outro, porque é Cristo que está se sacrificando, ele que é a «Luz do mundo».

A exemplo de seu fundador, que usou coisas materiais (pão, vinho, água, óleo) para significar coisas imateriais e até para transformá-las em seu corpo e sangue, a Igreja usa também o material para esse fim (velas, incenso, ícones etc.); nossa natureza, que é um misto de matéria e de espírito, o requer. Não sendo o homem nem anjo nem simples animal, só pode alcançar o espiritual e o sobrenatural por intermédio do sensível e do natural. Sejamos humildes e aceitemos nossa natureza como ela é.





Por que acender velas?

«Seara Ortodoxa», 1999

O costume de acender velas tem origem nas prescrições do Antigo Testamento: «O Senhor disse a Moisés:

«Ordena aos israelitas que te tragam óleo puro de olivas esmagadas para manter, continuamente acesas as lâmpadas do candelabro. Disporás as lâmpadas no candelabro de ouro puro para que queimem continuamente diante do Senhor» (Lv 24: 1-4).

A vela acesa, enquanto rezamos, tem um significado muito especial. A ideia básica da Luz como oposição às trevas está nas suas raízes: por exemplo, o profeta Simeão falou da vinda de Cristo como «Luz para revelação dos gentios». Simeão refletia consigo mesmo a profecia do profeta Isaías sobre a vinda do Messias: «O povo que andava nas trevas viu

uma Grande Luz; sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa resplandeceu uma Luz» (Is 9: 1).

Esta profecia cumpriu-se no Novo Testamento, quando a Virgem Maria apresentou seu filho Jesus no templo de Jerusalém. (Lc 2: 22-32:). Este acontecimento comemorase com a Festa da Apresentação do Senhor no templo, no dia 15 de fevereiro, ou, pelo antigo calendário, no dia 02 deste mesmo mês. Após a Liturgia nesta festa, faz-se benção das velas que são usadas nas orações particulares durante todo ano. Na festa de Apresentação do Senhor no templo, os paroquianos, antes de começar o jejum da Quaresma, acendem as velas abençoadas e, visitando seus vizinhos, pedindo-lhes perdão pelas ofensas feitas durante o ano.

Também Jesus identificou-se a si mesmo com estas palavras: *«Eu Sou a LUZ do mundo, aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a Luz da Vida» (Jo 8: 12).*

Um dos mais antigos hinos da Igreja, que cantamos nas Vésperas, inicia-se fazendo referência Cristo: *«Ó Luz Jubilosa da Glória de Pai Celestial Imortal ...».*

Acender velas nas igrejas é, portanto, uma tradição muito antiga. Claramente, a prática individual de acender a vela quando entramos na igreja, é um meio poderoso de unir a nossa oração individual com a oração da Igreja e com Cristo, a Luz do mundo. Mas atenção: as velas não devem substituir nossas orações nem devemos esperar efeitos mágicos de seu uso. Mas, como expressão de nossa presença diante do Altíssimo, a suplicar a luz que ilumina as trevas de nossos

pecados fazendo-nos deles tomar consciência para uma contínua conversão a que somos todos chamados.

Durante a perseguição do comunismo na Ucrânia, introduziu-se, pouco a pouco, o costume de pedir às pessoas que iam à igreja, que acendessem velas por si, impedidos por alguma razão de fazê-lo, de modo a significar sua presença espiritual na igreja.

A vela no batismo

Para os cristãos ortodoxos, a vela usada no batismo tem um significado muito especial. Como disse o Patriarca Sofrônio:

«Hoje saímos das trevas e fomos iluminados pela Luz do conhecimento de Deus. No batismo nós pedimos a Jesus Cristo, que nos envie o Espírito Santo, conforme sua promessa, para iluminar os olhos de nossas almas, a fim de podermos ver Cristo 'a Verdadeira Luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo'» (Jo 1: 9)

A vela do batismo deve ser mantida pelos pais e apresentada à criança quando alcançada a idade do entendimento. Neste momento, os pais deverão explicar que, pelo batismo, a criança recebeu a Luz, que é Cristo: «Eu Sou a Luz do mundo» (Jo 1^o: 5) e pela crisma o Dom do Espírito Santo. Esta Luz ilumina nossos passos para ver por onde devemos trilhar no decurso de nossa existência. Mostra-nos que somos os filhos de Deus, amados, cuidados e redimidos por Ele. Faz-nos pensar que Ele caminha conosco Ele, o

verdadeiro caminho, o único meio que nos une (religa-nos) ao Pai e dá-nos a Vida eterna no paraíso (Jo 14: 1-6, 16-17, 26-28).

Jesus é a real e única Luz para os cristãos, revelando-nos a nossa identidade e o nosso destino.

Nos primeiros tempos da Igreja a vela batismal era sempre mantida pelo batizado. Acendia-se todos os anos no aniversário de Batismo e nos dias dos Santos Maiores. Na Festa da Epifania era trazida para a Igreja e usada para a Renovação das Promessas do Batismo, quando se reafirmava a renúncia ao demônio e a nossa fé em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. (Epifania era o dia em que se realizava muitos batismos nos primeiros tempos da Igreja, como também na Festa da Ressurreição). De igual modo, era acesa, esta mesma vela, durante a cerimônia de casamento ou ordem, simbolizando a presença da Santíssima Trindade: a cera simboliza o Pai; o pavio, Jesus Cristo e o fogo simboliza o Espírito Santo. Finalmente no momento da morte, para expressar nossa fé na nova Vida: *"Aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a LUZ da vida"*, (Jo 8: 12) para iluminar as trevas da morte na espera da Luz do Cristo Transfigurado, a iluminar-nos com a Luz da Vida Eterna.

Os pais cristãos ortodoxos devem reviver esta tradição de preservar a vela batismal de cada criança e acendê-la constantemente na festa de Epifania para lembrar sua filiação divina, motivando assim os pequenos a fazer o mesmo nos momentos mais importantes de suas vidas, como nos aniversários de batismo, ao receber os demais sacramentos ou numa festa especial, vivendo sempre sob a Luz de Cristo.

Todas as famílias ortodoxas, na festa de Epifania ou Domingo após, ou ainda na festa da Ressurreição do Senhor, deveriam reviver esta tradição, renovando os votos do batismo que nos revigora na verdadeira Vida que é Cristo.





O uso do véu na Igreja Ortodoxa

Por: Arcipreste Alexis Peña-Alfaro
(Igreja Ortodoxa Sérvia no Brasil)

A Igreja Ortodoxa, ou Oriental, como é chamada aqui no Ocidente, preservou tanto a doutrina como o rico ritual litúrgico elaborado durante os primeiros tempos do cristianismo. Seria este um mero capricho, ou um excessivo apego a um formalismo ritual? Temos aqui exatamente duas posturas, duas visões diferentes do mundo e da própria Igreja,

e, portanto, do seu ritual. São praticamente duas atitudes básicas diante do sagrado. Da compreensão deste problema vai depender exatamente a verificação que o ritual ortodoxo é cheio de sentido e significado, visto que o universo simbólico da Sagrada Liturgia é preservado em todos os seus detalhes e em todo o seu rico conteúdo espiritual.

Neste sentido, podemos afirmar que o véu tem necessariamente um sentido e dimensão que ultrapassam o uso cultural ou qualquer distinção discriminatória para com o sexo feminino.

Por que reduzir o mistério a simples categoria sociológica, histórica, sexual ou cultural? Por que se adotam interpretações racionalistas e materialistas a uma dimensão que ultrapassa o tempo e o espaço? Ou o sagrado está para além do concreto ou não existe? O sagrado evidentemente se expressa e manifesta no mundo, mas está para além dele! Aqui começa a distinção entre a recusa do véu, numa interpretação simplista e exterior ou a segunda opção apresentada pela Ortodoxia: viver o significado do véu dentro do universo do rito litúrgico, cujo sentido está evidentemente para além do uso do objeto "véu", fazendo deste um mero fim sem sentido.

O véu seria então um símbolo, portanto um sinal através do qual somos remetidos para um outro significado além dele; é um meio para ir a outra dimensão; chamemo-lo então: o sagrado. Por outro lado, o véu como elemento isolado não tem nenhum atributo especial ou mágico em si mesmo. Isto seria um erro grosseiro. Ele representa muito mais, é uma atitude, uma disposição, uma escolha.

Neste ponto se abre uma porta por onde podemos contemplar outra realidade, porque sendo uma atitude, isto significa escolha. Se há escolha, há liberdade, então é possível compreender. Aqui entram em jogo dois atributos dados especialmente ao homem: liberdade (de escolher) e inteligência (para compreender).

Tem importância para a mulher o uso do véu na Igreja durante a liturgia? A prática ortodoxa afirma que sim.

O jogo litúrgico vai depender da liberdade de ir até ele e além dele, como da participação por meio da compreensão. Aqui chegamos à questão principal. Tem importância para a mulher o uso do véu na Igreja durante a liturgia? A prática ortodoxa afirma que sim - como se dá e porque é importante. O primeiro ponto é que reconhecendo o véu como símbolo, não se pretende esgotar todos os seus significados, porque não tem apenas um significado, mas vários, muitos ... Podemos aqui sugerir alguns:

1. DEUS CRIOU O HOMEM E A MULHER, MACHO E FÊMEA OS CRIOU!

Deus criando o mundo como uma coisa unida, integrada; dentro da criação, no entanto, há duas polaridades que vão realizar uma unidade. O homem complemento da mulher e vice-versa, um precisa do outro. Como pode então um ser superior ao outro, se cada um precisa do outro? Na criação há outras dualidades: céu e terra, dia e noite, que correspondem também ao homem e à mulher numa relação

integrada, harmônica. Portanto dentro da criação cósmica, cada polaridade tem seu lugar próprio, o equilíbrio do próprio universo depende disso! ...

Se a liturgia é uma celebração cósmica, esta vai conter os elementos que o próprio Deus estabeleceu e são chamados à Liturgia da maneira que Deus os criou: homem e mulher, cada um na plenitude do seu próprio sexo, porque cada um à sua maneira reflete a própria unidade da Criação. Esta distinção deverá ficar bem clara e estabelecida na Liturgia, onde cada um é chamado a assumir sua posição no mundo como homem ou mulher.

2. CRIOU O CÉU E A TERRA

Céu e terra se complementam, o céu está em cima e a terra embaixo, o homem "cobre" a mulher; isto não significa superioridade de um sobre o outro, apenas lugares diferentes. Se a mulher vai representar a própria terra que é fecundada e coberta pelo céu, na Liturgia, a mulher vai cobrir sua cabeça pois está diante de Deus, não diante dos homens!

3. A VIRGEM MARIA

Na saudação do anjo Gabriel à Maria, para comunicar-lhe que seria a Mãe de Deus na terra, Deus escolhe uma mulher, claro! E aqui fica definido qual é a relação da humanidade, e especialmente da mulher, diante de Deus. O anjo lhe diz: *"O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra"*. A mulher, portanto, diante de Deus, é receptiva e não passiva, posto que ela aceita, a vontade dela disse sim. *"Faça-se em mim conforme sua*

palavra". O véu vai significar claramente a aceitação da palavra de Deus.

A mulher é naturalmente mais receptiva que o homem. Tem já o dom de gerar filhos; isto a torna coparticipe na criação do mundo. Ela recebe o filho, isto não é nada passivo, muito pelo contrário. A mulher, portanto, é coberta por Deus, é um ser potencialmente mais "espiritual" que o homem.

4. A VIRGEM MARIA E A MATERNIDADE DE JESUS

Uma mulher e não um homem é a pessoa que vai conhecer melhor o Cristo. Ela já o recebe no *sim* ao anjo! A partir disto Jesus vai crescendo dentro dela, é no seu interior que vai se desenvolvendo; ela então tem uma relação íntima, estreita como ninguém jamais a teve. O Espírito Santo a cobriu e ela concebeu; tudo se passou dentro dela, no maior mistério. Vemos sua barriga, sabemos que está grávida, mas não sabemos como é. É um mistério, está oculto - o mundo moderno quer descobrir tudo, nada escapa a isso, mesmo o sagrado tem que ser exposto.

Na Liturgia ortodoxa, o santuário é separado dos fiéis e em dois momentos fecha suas portas aos olhos dos fiéis: na *Proskomídia* (Preparação das oferendas) que representa a vida oculta ou anterior de Cristo no mundo, e na comunhão do clero. O véu nas mulheres é a lembrança permanente dentro da Igreja daquilo que não vemos, que é mistério, está perto, mas está encoberto por um véu.

5. O VÉU DO SANTUÁRIO

O Santuário e sua porta representam a entrada (a *Porta*, o Cristo) ao Céu, que é coberto por um grande véu. Aqui na terra, portanto, um véu nos separa – do mistério da vida que está para além da *Porta* que é o Cristo. Só o Espírito Santo nos faz enxergar para além do véu e do mistério; é necessário muita fé, a fé que a Virgem Maria nos ensina, a fé da mulher que espera um filho e vê nele um futuro distante.

A mulher representa a espiritualidade, ou seja, a receptividade a Deus para entrar com Cristo para além do véu e da porta do santuário.

Portanto, o véu não é impedimento algum, mas confiança, fé e esperança de ir além dele para encontrar o Cristo. A mulher com véu vai representar a fé em algo que não vemos, está simplesmente encoberto!

6. MARIA, A PRÓPRIA IGREJA

Deus escolhendo Maria para Mãe de Cristo e Maria aceitando, se torna ela mesma o modelo de todos os cristãos, homens e mulheres. A Igreja é uma mulher, é o Corpo que recebe o Cristo. Encarnando aqui na terra, Cristo se faz homem. Ele é concreto. Em Maria, a Mãe-Igreja, é que recebemos o Cristo, gerado pelo Espírito Santo. A Igreja santificada e pura vai conhecer o Cristo intimamente. Isto só é possível pelo mistério, não pode ser explicado, analisado, apenas vivido de dentro, como uma Mulher-Mãe-Maria o vive.

Se Maria é a Igreja onde Cristo nasce, o Cristo é a cabeça da Igreja, dirigida espiritualmente por ele; é a mulher

com a cabeça coberta, porque coberta por Cristo, vai nos ensinar a fazer todos a sua santa vontade.

O véu será submissão a Cristo, e não aos homens [...] Então a mulher aceita amorosamente se entregar a Cristo, aceitando que ele a cubra.





Por que os cristãos ortodoxos ficam de pé durante os ofícios litúrgicos?

Arcipreste G. S. Debolsky, Revista *Orthodox Life*, Vol. 33 No. 6,
páginas 48-49. Trad.: Mons. Irineo Tamanini

Ao participar dos ofícios divinos, de um modo similar aos santos a quem os santos profetas Isaías, Miquéias, Daniel e São João o Teólogo viram “*de pé nos céus junto ao trono de Deus*” (Is 6: 2-1; I Reis 22: 19; Dn 17: 10 Ap 7: 11), os cristãos, igualmente, não devem se sentar, mas estar de pé.

O costume dos cristãos ortodoxos de permanecer de pé, tanto na oração pessoal como nos ofícios litúrgicos da Igreja, não só representa sua participação espiritual na Igreja celestial, senão que também reflete a prática da igreja do Antigo Testamento.

Na descrição da dedicação do Templo de Salomão está escrito: “E os levitas cantores [...], vestidos de fino linho, estavam de pé, com címbalos, saltérios e harpas ao oriente do Altar (II Crônicas 5: 12); e *“toda a comunidade de Israel estava de pé”*. (II Crônicas 6: 3)

Outro exemplo bíblico ocorre na descrição do reinado de Josafat. Para proteger sua pátria dos Amonitas e dos filhos de Moab, *“se puseram de pé na Assembleia de Judá e de Jerusalém, na casa do Senhor, diante do Átrio Novo; [...] e toda Judá estava de pé, diante do Senhor, com seus filhos e mulheres”*. (II Crônicas 20: 5-13)

Esdras e Neemias, dizem acerca dos ofícios dos judeus depois do cativeiro babilônico: “Os sacerdotes vestidos com seus ornamentos estavam de pé com trombetas, e os levitas, filhos de Asaf com címbalos, para louvar o Senhor segundo a ordem de Davi, rei de Israel” (I Esdras 3: 10); e, *“logo estavam de pé os levitas e clamaram em alta voz, ao Senhor seu Deus”* (Neemias 9,4). Também diz que os levitas *“faziam entender ao povo a lei e o povo estava de pé em seu lugar”*. (Neemias 8: 7)

Portanto, orar de pé era o costume dos judeus, como vemos nas Sagradas Escrituras. De um modo similar à Igreja celestial e à do Antigo Testamento, os cristãos ortodoxos mantêm o costume de estar de pé durante os ofícios

litúrgicos, desde os tempos apostólicos. Que esta prática seja correta, fica evidenciado no Novo Testamento, onde encontramos as palavras do Cristo; *“Quando estiverdes de pé orando ...”* (Mc 11: 25) e na Tradição Apostólica que proclama frequentemente: *“Estejamos de pé com reverência”*.

De acordo coma doutrina apostólica, todos os cristãos deviam estar de pé durante a leitura do Evangelho e na Liturgia dos fiéis. Durante outras leituras e homilias, alguns estavam de pé enquanto outros se sentavam.

Tertuliano, no ano 190 A.D., menciona a prática de estar de pé, durante os Ofícios:

“Alguns, preparando-se para a oração, se despojam de suas túnicas, e consideram que não é seu dever estar de pé, mas sentados; não devemos imitar a estes. É particularmente inapropriado, rezar sentado entre multidão de Anjos que estão de pé diante do Senhor, com temor e tremor; o sentar-se mostra que de algum modo oramos contra nossa vontade, descuidadamente e com pressa”.

Santo Agostinho, discutindo a postura do fiel na Igreja, diz:

“Movido por amor paternal, aconselho aos que estejam doentes das pernas ou afligidos por outras enfermidades a se sentarem silenciosamente e que escutem atentamente as leituras maiores. Mas, muitos pensam, incluindo algumas de nossas saudáveis filhas, que se possa fazer isto a todo tempo [...] Pior ainda, se ocupam de conversas inúteis, não escutando elas mesmas, nem deixando

que os outros escutem. Portanto, vos peço, nobres filhas, e as imploro, com solicitude paternal, que nenhuma de vós se sente durante as leituras ou homilia, a não ser que uma profunda debilidade do corpo as force a fazer.

Nas obras dos Santos Padres se explica que o ter uma atitude reverente durante os ofícios litúrgicos é um dever sagrado e importante. Um destes escritos diz:

“Deve-se estar de pé e não ficar olhando ao redor, nem se encostar à parede ou coluna, nem mesmo trocar o apoio de seu peso de um pé ao outro.”

O estar de pé durante os ofícios da Igreja é a única postura aceitável para os fiéis, tanto para os que celebram como para os que oram. Acaso se senta um servo diante de seu Senhor? E os fiéis são todos servos do Senhor, redimidos por seu Sangue (Lc 17: 10; I Cor 6: 19-20).

De acordo com as Escrituras, a vida inteira do cristão ortodoxo deve ser de contínua retidão espiritual em atenção a Deus. O Apóstolo Paulo nos diz: “*Vigiai, estejais firmes*” (grego = *Stekete* = estar de pé) na fé. (I Cor 16: 13). Estejam firmes (grego = *stekete* = de pé) portanto, cingidas suas cinturas com a verdade. (Ef 6: 14); Estejam firmes (gr. *Stekete* = de pé) no Senhor, amados (Fl 4: 1).

Se o cristão deve velar de pé por sua salvação, deve fazê-lo mais ainda nos Ofícios Divinos da Igreja, que servem como expressão e enriquecimento do serviço pessoal e diário a Deus. Se o espírito de quem serve e ora se esforça para

chegar ao Altíssimo, acaso não levantará o corpo a quem está unido?

Estar de pé durante os Ofícios Litúrgicos da Igreja ensina-nos a sermos servos humildes, prontos, atentos e dispostos a servir a Deus. De um modo semelhante aos sacrifícios do Antigo Testamento, os fiéis, mediante o cansaço do estar de pé, se converte simbolicamente em oferenda a Deus, como disse o Apóstolo: *“Apresentem seus corpos como sacrifícios vivos, santos e agradáveis a Deus que é vosso culto razoável.* (Rm 12: 1)





O Incenso

Centro Rússia Ecumênica – Vicolo Del Farinone 30 – 00193 –
Roma, Itália. Tradução: uma Oblata do Mosteiro da
Transfiguração

O incenso é uma resina gomosa que brota na forma de gotas da árvore *Boswellia Carteri*, arbusto que cresce espontaneamente na Ásia e na África. Durante o tempo de calor e seca (nos meses de fevereiro e março) são feitas incisões sobre o tronco e ramos, dos quais brota continuamente a resina, que se solidifica lentamente com o

ar. A primeira exsudação para nada serve e é, pois, eliminada; a segunda é considerada como material deteriorável; a terceira é a que produz o incenso bom e verdadeiro, do qual são selecionadas três variedades, uma de cor âmbar, uma clara e a outra branca.

Na Antiguidade

Era uso antigo espalhar resina e ervas aromáticas sobre carvões acesos para purificar o ar e afastar o perigo de infecções.

Num primeiro momento, a fumaça tinha um valor catártico (de purificação, de relaxamento) e apotropaico (o de afastar ou destruir as influências maléficas provenientes de pessoas, coisas, animais, acontecimentos).

O uso desta resina perfumada não era exclusivo do culto religioso. O incenso não era queimado somente nos templos, mas também nas casas; as incensações exalavam perfume e, ao mesmo tempo, tinham um fim higiênico.

O incenso foi sempre considerado como algo muito precioso. Era utilizado em todas as cerimônias e funções propiciatórias, porém, era sobretudo queimado diante de imagens divinas nos ritos religiosos de muitos povos e, ao se sublimarem as concepções religiosas, as espirais de incenso, em quase todos os cultos, converteram-se em símbolo da oração do homem que sobe até Deus.

No culto aos mortos, a fumaça que subia para o alto, era considerada como uma forma de atingir o além e, ao mesmo tempo servia para afastar o odor proveniente da

decomposição, uma necessidade premente nos países de clima mais quente. O incenso era também utilizado como expressão de honra para os imperadores, o rei e as pessoas notáveis.

Nas Sagradas Escrituras

Conta-se na Bíblia que a Rainha de Sabá chegou a visitar Jerusalém e o Rei Salomão, levando-lhe, entre outros presentes, uma quantidade extraordinária do mais precioso incenso que, naquela época, era vendido num centro de comércio muito importante. De fato, ao longo da história do incenso prosperam povos e reinos míticos, como se lê na Bíblia, no Alcorão e no Livro etíope dos reis.

O incenso fazia parte da composição aromática sagrada destinada unicamente a Deus (Ex 30: 34) e se transformou em símbolo de adoração. Em linhas gerais é símbolo de culto prestado a Deus e de adoração: *Ouçam-me, filhos santos ... Como incenso exalem bom odor* Sl 39,14). A oferta do incenso e a oração são intercambiáveis, ambos são sacrifícios apresentados a Deus, como diz o salmo 141, que proclama: *Suba até vós minha oração, como o perfume do incenso*. E é com estas palavras que, na Igreja Oriental, o celebrante ora durante as Vésperas e Laudes matutinas dos dias de festa espalhando em torno de si o perfume do incenso.

Com a oferta do incenso os magos do Oriente adoraram o menino Jesus como o recém-nascido Salvador do Mundo (Mt 2: 11).

No último livro do Antigo Testamento, o Apocalipse, João vê vinte e quatro anciãos que estavam diante do Cordeiro de Deus, com arpas e taças de ouro cheias de incenso: São as orações dos santos (Ap 8: 3-4).

Entre os cristãos

Os cristãos não utilizaram o incenso na liturgia desde o início porque queriam se distinguir, o mais claramente possível, do paganismo. Extinto o paganismo, o rito do incenso encontrou logo seu lugar na liturgia cristã.

A partir do século IV, a tradição cristã adotou o incenso em seus rituais de consagração e ainda hoje o queima para honrar o altar, as relíquias, os objetos sagrados, os sacerdotes e os próprios fiéis, e para propiciar a subida ao céu das almas dos falecidos no momento das exéquias.

Primeiramente, foram colocados turíbulos na igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, e em seguida também nas grandes basílicas do Ocidente, junto aos altares e diante dos túmulos dos mártires.

Graças à benção propiciada pelo incenso antes de seu uso, ele chega a ser um sacramental (sinal sagrado, que possui certa semelhança com os sacramentos e do qual se obtém efeitos espirituais).

Desde o século IX, instaurou-se o uso do incenso no início da Divina Liturgia e desde o século XI o altar se transformou no centro da incensação. O turíbulo era também levado na procissão junto com o evangeliário. Em seguida, a incensação estendeu-se às oferendas do pão e do vinho, que

são incensadas três vezes em forma de cruz, da mesma maneira como se procede com o altar e a comunidade litúrgica. Desta forma, nasceu a tríplice incensação durante a Liturgia, praticada também hoje de maneira regular no Oriente e, no Ocidente, somente nas festas solenes.

O incenso deve envolver toda uma atmosfera sagrada de oração que, como uma nuvem perfumada, sobe até Deus. O agitar do turíbulo em forma de cruz recorda principalmente a morte de Cristo e seu movimento em forma de círculo revela a intenção de envolver os dons sagrados e de consagrá-los a Deus.

O incenso é muito utilizado na liturgia fúnebre. Os falecidos permanecem como membros da Igreja, já santificados pelos sacramentos. Portanto, seu corpo morto é honrado com o incenso, como as santas mulheres, na manhã de Páscoa, queriam honrar o corpo de Jesus, ungindo-o com óleos preciosos.

Na reforma litúrgica, depois do Concílio, em muitos lugares renunciou-se ao símbolo tradicional do incenso, da mesma forma como ocorreu com outros símbolos mais antigos.

Na consagração solene de um altar, depois da unção da mesa, queima-se incenso e outros aromas sobre os cinco pontos do altar. O bispo interpreta esse gesto com as palavras:

“Suba até vós, Senhor, o incenso de nossa oração; e como o perfume se espalha por este templo, assim possa tua Igreja expandir para o mundo o suave perfume de Cristo”.

Nos diversos povos

No templo, junto aos ídolos, os romanos, bem como os gregos, tinham um altar para o incenso (*foculus*), em sinal de homenagem e adoração. No culto ao imperador, a incensação possuía valor de reconhecimento da religião e do estado do imperador enquanto *deus*.

Entre os etruscos, o sumo sacerdote, o único que podia conhecer os sinais dos acontecimentos, anunciava com um toque de trombeta o final de um período e pronunciava o novo tempo queimando o incenso sagrado em braseiros preciosamente decorados.

Na Grécia se incensava a vítima do sacrifício para torná-la mais aceitável à divindade. O incenso era deixado a arder perenemente em braseiros como oferta aos deuses, protetores da família, e aos antepassados e era queimado nas casas dos enfermos, com fins terapêuticos. Hipócrates, o famoso médico grego (600 a.C.), o utilizava para curar a asma e para aliviar as dores do parto.

Em Israel o incenso era de grande importância no culto divino. Com incenso, misturado a outras substâncias odoríferas, o sumo sacerdote entrava uma vez por ano no *Santo dos Santos*, ou seja, no espaço mais sagrado e reservado do templo.

No Egito o uso do incenso remonta há uns quinze séculos antes de Cristo. Os egípcios utilizavam este perfume dos deuses como o chamavam, para os rituais do templo, convencidos de que o incenso podia fazer chegar à divindade

os desejos dos homens. Também o definiam como o “*suor dos deuses que cai sobre a terra*”.

Na Índia é queimado durante as meditações de yoga, a fim de facilitar o encontro com a divindade; perfuma os fornos crematórios, como rito de passagem da vida terrena à ultraterrena e, além disso, era também utilizado contra reumatismos e enfermidades nervosas.

Na África o incenso é ainda hoje utilizado para acalmar as dores de estômago, para melhorar o funcionamento do fígado e circulação do sangue.

Na Europa, em alguns povoados da Áustria e da Suíça, é queimado nas casas no período compreendido entre o Natal e a Epifania para garantir a boa saúde de todos que ali moram.

É considerado de bom agouro queimar incenso durante banquetes de casamento e em bodas de prata, de ouro e de diamante.

Na América central os maias associavam esta resina à lua, símbolo feminino portador de vida, como o sangue, a linfa, a chuva; também queimavam incenso para exorcizar a seca.

Relaxa, embriaga, purifica

Pesquisas científicas têm demonstrado que, ao ser queimado o incenso desprende *tetraidrocanabinol* (THL), substância com notável poder desinfetante, porém também inebriante e anestésica, capaz, por exemplo, de atenuar dor de cabeça e de dente. O fenol exalado pela fumaça do incenso de fato atua no córtex cerebral (sede da consciência e da

elaboração de informações) e sobre o sistema neurovegetativo (que controla a respiração, o ritmo cardíaco, as funções digestivas e intestinais). Foi comprovado que o THL estimula a serotonina (substância produzida pelo cérebro, pertencente ao grupo biológico das aminas). Doses básicas, como por exemplo as equivalentes as exalações de incenso durante uma cerimônia religiosa, aumentam o nível de serotonina que, por sua vez, atenua os impulsos nervosos e baixa a frequência das ondas cerebrais, criando um estado psicofísico que facilita a capacidade de concentração. A serotonina é também dotada de ação anti-hemorrágica, sendo protetora dos capilares. Supõe-se que o incenso, com seu poder inebriante, é capaz de ajudar na concentração, despertando a vontade psíquica, levando paz ao coração, aplacando as tensões, predispondo à meditação e acendendo nos ânimos aquele fervor que permite entrar em contato com a divindade. Também estimula favoravelmente o olfato do homem, exalta o caráter solene de uma celebração e, finalmente, desinfeta e purifica os ambientes.





Ψαλτολόγιον

O Canto Litúrgico Bizantino

CANDÉ, Roland de; História Universal da Música (Vol. I).
São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1994. (pp. 188-190).

A cidade de Bizâncio, que se tornara Constantinopla desde que Constantino a fizera capital do Império (330), é um verdadeiro conservatório da cultura helênica e dos novos costumes cristãos, de onde renascerá o Ocidente cristão culturalmente esmagado pelos bárbaros. Capital do Império do Oriente (ou Império bizantino) até sua conquista pelos turcos em 1453, principal centro religioso e político da cristandade até o advento dos carolíngios (a Igreja romana se separa então do Império e se coloca sob a proteção dos francos), Constantinopla permanecerá por muito tempo o foco irradiante do helenismo cristão, a pedra angular entre o

Oriente e o Ocidente, o cadinho em que se fundem as culturas.

A verdadeira eclosão da música bizantina deve situar-se depois de 398, quando São João Crisóstomo, que se tornou patriarca de Constantinopla, encarrega o mestre da música imperial de compor novos hinos, adaptados à liturgia de que é promotor, juntamente com Basílio, o Grande.

O canto bizantino, essencialmente monódico, pratica uma *heterofonia* simplíssima, cujas formas mais características são os floreios vocalizados sobre um tema em valores longos e nas grandes sustentações do som fundamental, qualificadas de *ison* (“igual”), cujo equivalente encontramos na música da Índia e, provavelmente, também na da Grécia.

A liturgia musical bizantina sobreviveu ao Império; ela é, hoje, a da Igreja grega (gregos, servos, albaneses, búlgaros, romenos) e da Igreja russa (que adotou no fim do século X a liturgia musical búlgara, distinguindo-se mais tarde por um estilo especificamente russo, que evolui de forma diferente). Outros ritos do Oriente conservaram em sua música litúrgica o testemunho de seus vínculos bizantinos, mas evoluíram sob a influência da música árabe e das tradições autóctones: são os ritos maronita, sírio, armênio e copta.

O Canto Bizantino influenciou fortemente o Canto Gregoriano.





A Procissão

ARBEX, Mons. Pedro. Teologia Orante na Liturgia do Oriente.
São Paulo, Ed. Ave Maria – 1998.

O homem gosta de ser exaltado, durante a vida e após a morte. Reis e generais vencedores de batalhas eram recebidos em triunfo, quando voltavam depois das suas conquistas. Grandes cortejos os precediam em meio a cantos e aclamações.

O mesmo cortejo, dessa vez triste e com lamentações, levava os mortos ilustres à sua última morada. Quanto mais ilustre for o defunto, maior o cortejo.

O que os antigos faziam a seu modo e com os meios a seu alcance, os modernos não aboliram, só que o fazem de

outro modo e com outros meios aperfeiçoados pelas descobertas científicas. Não foram, porém, dispensados os cortejos de pedestres, carros ou carruagens.

O cristianismo adotou muitos dos costumes puramente humanos e até pagãos, dando-lhes um sentido espiritual e um valor sobrenatural. Um desses costumes é a procissão que, apesar de não se constituir em elemento essencial da vida religiosa, não deixa de ser um incentivo para a piedade.

O próprio Cristo não hesitou em recorrer a ela: aceitou e, talvez pudéssemos dizer, provocou a sua Entrada Triunfal em Jerusalém, uma semana antes da sua morte, montado num jumentinho e precedido e seguido por imensa multidão que segurava palmas e ramos de oliveira e gritava: *Hosana! Bendito seja o que vem em nome do Senhor!* Logo que entrou em Jerusalém, toda a cidade se pôs em alvoroço (Mt 21: 10).

Há procissões triunfais, procissões fúnebres e procissões penitenciais. Há procissões litúrgicas, isto é, que fazem parte dos ofícios litúrgicos, como as duas procissões da Divina Liturgia: a da Pequena Entrada feita com o santo Evangelho e a da Grande Entrada, ou ofertório, feita com o cálice e a patena, que contêm os dons que vão ser consagrados. Temos também a Procissão do Enterro de Cristo na Sexta-Feira Santa; e as procissões do fogo sagrado no Sábado Santo etc.

Há procissões de devoções particulares como a procissão com o ícone do Padroeiro da Igreja paroquial no dia da sua festa e outras. As procissões, até de devoções particulares, têm geralmente um efeito benéfico, sobre a fé

dos fiéis. Eis um exemplo tocante a esse respeito: durante a última guerra mundial, quando, na Grécia, Atenas foi libertada da ocupação inimiga, o povo, civis e militares, governantes e governadores, entraram na capital do país em procissão triunfal, seguidos pelo arcebispo metropolitano, segurando o ícone da Mãe de Deus, a *Theotokos*, e todos cantando à Virgem Maria o seguinte hino litúrgico:

*«Nós, teus servos, ó Mãe de Deus,
te registramos os lauréis da vitória,
penhor da nossa gratidão,
como a um general que combateu por nós
e nos salvou de terríveis calamidades.
E como tens um poder invencível,
livra-nos dos perigos de toda espécie,
para que te aclamemos:
Salve, Esposa sempre Virgem!»*

A história da Igreja, no Oriente, como no Ocidente, registra muitas dessas procissões de agradecimento a Cristo e à sua Mãe por vitórias ganhas ou calamidades afastadas. Registra também procissões penitenciais para implorar a misericórdia de Deus, a fim de que envie chuva, depois de longa seca, para livrar de uma epidemia, alastrando-se e fazendo vítimas etc.

Pastoralmente tais procissões produzem um efeito salutar, maior, talvez, que o melhor sermão, pronunciado pelo melhor dos pregadores. O efeito é ainda maior quando se unem os dois: procissão e pregação. Por isso, nas missões promovidas nas paróquias, por ocasião de acontecimentos

importantes, os missionários não dispensam nos programas uma ou mais procissões.

Não se pode negar que as procissões, como qualquer ato humano, podem dar margem a abusos ou talvez ser consideradas por alguns (geralmente sem fé ou com fé adormecida) como promoções folclóricas, mas isso não constitui motivo para serem desprezadas ou suprimidas. Pelo contrário, deve-se esclarecer a sua finalidade e, por meio delas, despertar a fé, sacudindo-a de seu torpor.





O uso do Manjerição na Liturgia da Igreja Ortodoxa

Pe. Gregório Teodoro. Igreja Ortodoxa Antioquina – Catedral
Metropolitana Ortodoxa de São Paulo

O manjerição, cujo nome científico é “*ocimum basilicum*”, uma erva bem conhecida, tem sido associado, na Igreja Ortodoxa, às celebrações da Santa Cruz, especialmente à Festa da Exaltação da Santa Cruz, em 14 de Setembro. O

nome “*manjerição*” é originário de “*vasileios*”, palavra grega para “*rei*”, e seria, então, a planta chamada “*vassilicós*”, a planta do rei, do basileus, aportuguesada para manjerição.

Isto porque, de acordo com a tradição eclesiástica, foi a santa imperatriz Helena, mãe do imperador Constantino, quem encontrou o local onde estava a verdadeira Cruz, a Cruz de Cristo, na qual ele havia sido crucificado, ordenando que se cavasse num lugar onde estava crescendo uma grande quantidade de manjerição. Diz-se que as plantas surgiram onde estariam os “pés” da Cruz, onde caiu o Precioso Sangue de Jesus Cristo, assim como as lágrimas da Mãe de Deus.

Por isso, na festa da Exaltação da Santa Cruz, é costume colocar a cruz a ser venerada pelos fiéis numa bandeja com rosas e manjerição, além de, em alguns lugares, o manjerição servir também para decorar as igrejas naquela festa, além de os sacerdotes usarem comumente ramos de manjerição para aspersão de água benta.

Há quem utilize o manjerição abençoado usado na igreja, já seco, para queimar como incenso em casa, como forma de abençoá-la.





O «cantinho dos ícones» no lar ortodoxo

Fonte: www.fatheralexander.org

A primeira providência a tomar, quando uma família cristã se muda para uma nova casa, é determinar qual a parede do lado leste ou canto de parede, que poderá ser usado para colocação dos ícones. Este não será um canto imperceptível, onde os ícones podem se esconder dos olhos das pessoas. Pelo contrário, deverá ser um lugar de destaque, para ser visto por todos. O cantinho dos ícones deverá ter um ícone de Jesus Cristo e Nossa Senhora bem como ícones dos santos que a família tem especial devoção. Muitas vezes uma família escolhe um determinado santo a quem gostaria de dedicar a sua igreja familiar e colocam, a sua casa, sob a sua proteção.

O canto dos ícones terá uma mesinha ou estante onde ficarão os livros de orações, um turíbulo (pequeno recipiente para queimar incenso), um frasco com água benta, um crucifixo, as velas que o casal usou na cerimônia do seu matrimônio, santo óleo, palmas e outros objetos religiosos.

Em frente aos ícones uma lamparina deverá estar sempre acesa. Algumas famílias acendem velas diante dos ícones. Entretanto a tradição fala de lamparinas com azeite. Lâmpadas elétricas não são apropriadas. As lamparinas requerem uma certa dedicação pessoal, um esforço físico e pensamento dirigido a Deus quando, algumas vezes ao dia, precisamos acertar o pavio e acrescentar azeite. Poderá haver objeção quanto ao uso do azeite por seu custo elevado, mas Deus é beneficente aos que dão prioridade aos assuntos espirituais. Uma família que conheço tinha muitos problemas, um dos quais a falta de dinheiro para compra de alimentos. O chefe da família entregou o lar à proteção de Deus e da Virgem Maria. Com o sentimento de oferecer fé e amor ele prometeu que a lamparina só queimaria azeite, o que deixaria de fazer somente quando não houvesse comida nem dinheiro. Miraculosamente passou a haver suficiente dinheiro para compra do azeite e da comida por muito tempo.

Existem diversos tipos de utensílios destinados para queimar azeite. A boia de cortiça para manter a chama na superfície. A queima de azeite diante dos ícones, os seus cuidados e práticas são descritos abaixo:

O vidro

Qualquer recipiente baixo e largo poderá servir. Não deverá ser reutilizado depois para outro propósito. Na Grécia a maior parte dos vidros é transparente ou colorido - que poderá ser vermelho, azul ou branco. É recomendável que seja grande o suficiente para que dure pelo menos 10 ou 12 horas.

O azeite:

O uso de azeite de oliveira é uma tradição que recebemos ainda do ancestral Moisés. O óleo de oliveira queima melhor se deixado aberto (mesmo que se torne rançoso).

O pavio:

Use um barbante de algodão. Não use pavio parafinado. Se o pavio for embebido em vinagre ele queimará mais limpo e com mais brilho. Neste caso deverá ser bem seco antes de usar.

A chama:

os monges do Monte Atos ensinaram a usar uma chama bem baixa, que eles chamam de "*apathes*"- sem paixão. A chama deverá queimar direita sem piscar. A lamparina queimará durante 12 horas dependendo basicamente do óleo, do tamanho do pavio, das condições do tempo (da atmosfera). Antes de reacender, remova o excesso de carbono do pavio e torça o pavio para formar uma ponta.

Limpeza:

O guardanapo usado para limpeza deverá ser queimado, de preferência no turíbulo e não ser deitado no lixo. Tenha cuidado para não derramar o azeite da lamparina. São Teodoro, o Studita, impôs um cânone de 30 prostrações na igreja para quem derramar azeite. O vidro deverá ser lavado periodicamente e colocado azeite novo. É recomendável jogar o azeite velho não no ralo da pia, mas na terra embaixo de uma árvore ou arbusto onde não se pisa.

Os ortodoxos usam o azeite da lamparina frequentemente para se benzer, fazendo o sinal da cruz na testa.



Literatura, cultura e a alma ocidental

Extraído de: «*The Intellectual Life*» | St. Xenia Skete, *The Orthodox Word*, Vol. 19, nº 1 e 2, 1983, St. Herman of Alaska Brotherhood, Platina, CA, EUA.

No mundo atual, entrar na Ortodoxia é como se converter da mediocridade para a plenitude, da superficialidade para a profundidade, da impostura para uma realidade tão rica e tão vasta que, às vezes, ficamos na dúvida se é possível que a Igreja e o mundo “real” possam existir juntos e ao mesmo tempo.

Esta conversão ocorre não sem certo desconforto, pois a conciliação dos aspectos exteriores da vida moderna com o pensamento profundo e interior da Ortodoxia parece-nos algo impossível. A Ortodoxia se apresenta a nós como uma realidade muito mais intensa e transcendente. Esta impressão origina-se do fato de que quase sempre trazemos conosco uma parte da mediocridade, da superficialidade e da impostura da vida moderna. Esta superficialidade aos poucos corrói a vida espiritual -- a despeito de nossas boas intenções --, e em pouco tempo chegamos à conclusão de que há algo de muito errado conosco.

No entanto, quem acha que todas as coisas ocidentais são ruins está muito enganado. Viver pensando desse jeito é

simplesmente impossível. Somos ocidentais: afinal, nossas almas foram forjadas pela psicologia e pela mentalidade ocidental. O esforço frequentemente doloroso de conhecermos a nós mesmos só poderá ser bem-sucedido se compreendermos as forças que nos moldaram.

Ao invés de ficarmos fugindo de nossa própria cultura, ou de tentarmos negar o poder que ela exerce em nós, seria muito melhor se a encarássemos com honestidade e sinceridade a fim de compreendermos sua essência e origem. Este é o primeiro passo para a formação de uma cosmovisão ortodoxa, e esta é a tarefa número 1 que nos aguarda. Se logarmos êxito nessa tarefa, então seremos capazes de distinguir aquilo que é culturalmente útil daquilo que é culturalmente desprezível. Talvez ainda mais importante do que isso, seremos capazes de alcançar o autoconhecimento, ou seja, de alcançarmos a profundidade de alma que nos permitirá vislumbrar o caminho para que nos tornemos bons cristãos.

Na verdade, não herdamos a cultura ocidental coisa nenhuma. Este é o grande problema. Nós fomos educados e aculturados nas ruínas dessa cultura. Não vivemos no Ocidente, mas na memória pálida e moribunda do Ocidente. A “cultura” contemporânea é uma cultura inexistente, um vácuo que contrai a alma e asfixia o espírito. Antes de tentar mergulhar o espírito nas águas profundas da Ortodoxia, o homem contemporâneo faria melhor se primeiro nutrisse sua alma, pois a má-nutrição paralisa toda e qualquer tentativa de desenvolvimento espiritual. O homem ocidental moderno é como uma planta de raízes superficiais: ela jamais conseguirá crescer de maneira vigorosa e sustentável. O espírito do

homem moderno é incapaz de se elevar, pois um espírito elevado exige uma alma profunda, que tenha maturidade e sensibilidade suficientes para perceber a nobreza das coisas e para ser enobrecida por elas.

Os Padres sempre ensinaram que a parte mais elevada e espiritual da natureza humana funda-se sobre o primeiro nível da alma, que é justamente o nível que melhor responde aos estímulos produzidos pelas coisas virtuosas, nobres e belas. As capacidades humanas, distorcidas pela Queda, devem ser restauradas à sua normalidade, e somente depois que essa normalidade estiver restabelecida é que conseguiremos progredir nas coisas espirituais. A “percepção superior”, que São João Clímaco chamava de “atributo” da alma, é “esbofeteada” pelo pecado, e por isso temos de nos treinar melhor. O redirecionamento e a elevação da alma é a tarefa essencial de todos os cristãos ortodoxos.

Ao contemplar o belo e o nobre contidos nas obras de arte, o cristão terá a chance de restabelecer em si a sensibilidade para um tipo muito especial de ternura e de simpatia. A inclinação para o belo e para o nobre vem de Deus, mas essa capacidade foi obscurecida pela própria negligência humana. O crescimento espiritual autêntico só será possível depois que o primeiro nível da alma tiver sido elevado e purificado. Do contrário, será extremamente difícil atingir a sobriedade, a fertilidade, a autenticidade e a profundidade na vida espiritual. A alma não cultivada raramente possui o discernimento e o equilíbrio para enxergar com clareza e honestidade, nem a sensibilidade para sentir com profundidade, nem a inspiração para esforçar-se intensamente, nem o idealismo para alcançar

incondicionalmente o que há de melhor e mais verdadeiro. A sensibilidade e a intensidade não são em si atributos espirituais. No entanto, servem de prelúdio às coisas espirituais.

É psicologicamente impossível que, de uma hora para outra, nos tornemos “não-ocidentais”, mesmo que isso fosse uma coisa desejável. A rejeição pura e simples dos frutos de centenas de anos de cultura cristã, na esperança de escaparmos da mácula do “ocidentalismo”, é uma postura intelectualmente irresponsável. A recusa em nos nutrirmos daquilo que é edificante e elevado inevitavelmente implicará em nos nutrirmos daquilo que não é edificante nem elevado: a cultura pop americana, repleta de superficialidade e falsidade, infiltra-se dia após dia em nossos corações desprotegidos. Se não reagirmos, se recusarmos a escolher as coisas sublimes, então nossas almas serão inapelavelmente asfixiadas pelo artificialismo e pela baixeza. Seremos perpetuamente contaminados pela imundície mortal do mundo -- e por nossa própria imundície --, e jamais seremos capazes de tocar o fundo de nossos corações, nem responder as necessidades de nossos próximos.

Observe o exemplo da Igreja primitiva. Quando a Igreja denunciava a cultura pagã, ela denunciava somente os aspectos que se fundavam no demonismo da religião pagã e no hedonismo da arte pagã. No entanto, os aspectos da cultura helênica que eram úteis e saudáveis não foram rejeitados e denunciados pela Igreja, mas, pelo contrário, foram transmutados por ela em declarações missionárias profundamente convincentes.

Ontem como hoje, muitas pessoas negavam que a arte e a cultura seculares poderiam ser utilizadas como instrumentos para cultivar e educar a alma, e o faziam lançando mão da exortação do Apóstolo: *“Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo”* (Colossenses 2:8).

Os Padres da Igreja, ao lidarem com esta questão, formularam a resposta que se tornaria a postura ortodoxa por excelência, a resposta registrada nas obras de homens como São Clemente de Alexandria, São Basílio e São João Damasceno.

Em seu *Stromateis*, São Clemente ensina que a exortação do Apóstolo se aplica somente aos casos em que a pessoa abandona as coisas espirituais para abraçar as coisas do mundo, ou seja, quando ela abandona a verdade altíssima do Cristo para abraçar a verdade parcial da cultura secular, pois “a filosofia é extremamente rudimentar se comparada ao Cristianismo, e serve tão-somente de treino preparatório para a verdade”¹.

É bem verdade que os estudos da poesia, da história, da arte e da ficção são “extremamente rudimentares”. Não são estudos espirituais. Mas nós, inseridos na realidade do mundo moderno, precisamos demais desses rudimentos; precisamos não apenas de vida espiritual, mas de humanidade pura e simples. O Apóstolo exorta-nos a não confundirmos a vida inferior da alma com a vida superior do espírito, e pede para

¹ Stromateis, VI, 7

que não abandonemos a plenitude do Cristo para abraçarmos a vacuidade do mundo. Porém, notem que ele não pede para ignorarmos o desenvolvimento da alma.

São Clemente não foi o único que percebeu a necessidade e a utilidade de coisas tão “mundanas” como a poesia. São Basílio, em seu “Discurso aos jovens sobre o uso correto da literatura grega”, demonstra claramente a relevância da cultura secular para a vida espiritual:

"Devemos depositar nossas esperanças nas coisas transcendentais; preparem-se para a vida eterna fazendo aquilo que nós fazemos. As Escrituras apontam para a vida eterna; elas ensinam com palavras divinas. Porém, na medida em que nossa imaturidade nos impede de entender seus [das Escrituras] pensamentos profundos, exercitemos nossas percepções espirituais com obras seculares, as quais não são completamente distintas [das Escrituras] e nas quais percebemos a verdade como em sombras e espelhos... Consequentemente, devemos conversar com os poetas, com os historiadores, com os oradores, em verdade, com todos os homens que possam auxiliar a salvação de nossas almas... [Devemos] preservar os recursos, sem deixar de revirar nenhuma pedra ... de onde devemos extrair toda ajuda ... A virtude é o único e verdadeiro tesouro, o tesouro que permanece conosco na vida e na morte, [e] já que temos de alcançar a vida futura mediante a virtude, nossa atenção deve apegar-se aos trechos das obras dos poetas, dos historiadores e especialmente dos

filósofos nos quais a virtude é enaltecida, [pois] aqueles que foram instruídos nos exemplos pagãos não considerarão impraticáveis os preceitos cristãos ... Portanto, nós devemos agir com sabedoria e extrair dos livros pagãos tudo aquilo que é benéfico e aliado da verdade, e ignorar o resto".

Similarmente, São João Damasceno, na Exposição da Fé Ortodoxa, exorta aos cristãos ortodoxos que têm “sede de conhecimento” a “deleitarem-se” nas Escrituras,

“... pois [elas] contêm a graça que jamais se exaure. Porém, se somos capazes de lucrar com outras fontes, então isto não nos será proibido. Sejamos, pois, bons banqueiros: coletemos o ouro puro e genuíno e rejeitemos o que é espúrio. Aceitemos as boas doutrinas, mas atiremos aos cães os deuses ridículos e as fábulas insanas, pois daquelas extrairemos grande força contra estas”².

Adotando, pois, esta postura, a Igreja batizou a cultura pagã; os dejetos foram expurgados e o restante foi elevado. Essa cultura batizada era precisamente a cultura ocidental. Por onde a Igreja passou na Europa, ela sempre adotou esta mesma postura. Na Irlanda ou na Gália, na Bretanha ou na Espanha, a Igreja preservou tudo o que era bom e verdadeiro nas artes e na literatura popular, na natureza e na sociedade. A cultura pagã da Europa pré-cristã encontrou no Cristo a realização para suas mais sublimes aspirações, e foi assim que a Europa floresceu.

² Iv. 17

Por conseguinte, gerações de homens e mulheres desenvolveram suas mais profundas aspirações construindo, cantando, criando e vivendo. Eles regozijaram-se em Deus, nas maravilhas de Suas obras e de Seu mundo, e o legado que nos deixaram manifestam essa alegria. Eles criaram uma época cujas maravilhas e belezas estão praticamente esquecidas, onde a poesia corria solta no sangue e a castidade não era vergonhosa, mas corajosa, onde o escárnio e a superficialidade não eram sinais de fortaleza e as lágrimas não eram sinônimo de fraqueza, um mundo gentil e cortês, honrado e preciso, nobre e íntegro.

Este era o nosso mundo. A imundície da publicidade e das novelas nem sempre fez parte do mundo. Houve um tempo em que o júbilo, a nobreza e a alegria faziam parte do mundo ocidental. Se formos incapazes de enxergar esses aspectos, então jamais conheceremos a nós mesmos. Se não enxergarmos a objetividade bela e cristalina da mente medieval -- por exemplo, a visão profunda e humilde que tinham do cosmo como um grande baile real --, e tivermos olhos tão-somente para as provas de Anselmo e para a auto exaltação papal, daremos a demonstração mais cabal possível do entorpecimento de nossos corações. O homem medieval contemplava o céu noturno e chorava, sentindo-se enclausurado nas duplas trevas da separação física e moral de Deus. Mas ele também acreditava que as estrelas eram buracos no chão do céu: aqueles pontos de luz vinham de um mundo onde o dia era perpétuo e onde todas as coisas dançavam jubilando-se pela criação e brilhando na luz imutável de Deus.

O homem medieval valorizava a hierarquia porque, para ele, a hierarquia era uma lembrança de Deus. O mundo inteiro era como que um desvelamento incessante, uma alegoria intrincada da majestade e do amor de Deus. Ele exultava-se em júbilo na obediência e caminhava temeroso na humildade da autoridade, porque ambas eram imagens de profundas realidade espirituais. Ele alegrava-se pelas cores e pela beleza do mundo físico, porque elas eram prenúncios dos esplendores ainda maiores do Reino de Deus.

Ele poderia empenhar sua vida inteira na construção de uma catedral, e jamais se esquecer da transitoriedade do mundo temporal. A literatura, a didática, a moral, tudo o fazia lembrar da beleza da virtude e da nobreza e da brevidade da vida. A poesia entoava o esplendor do mundo criado e o temor de Deus. A sociedade lhe ensinava a sentir a realidade e a proximidade do reino espiritual de maneira quase tão intensa quanto o mundo físico. As igrejas – resplandecentes, delicadas, formosas – elevavam a alma e o espírito a grandes alturas.

O ímpeto apostólico impulsionou este mundo por quase mil anos. O alimento fornecido por mil anos de Ortodoxia formou a base espiritual sobre a qual cresceram tudo o que há de melhor na arte e na cultura ocidentais. Esse ímpeto permaneceu praticamente intacto até o *Iluminismo*, mas foi intensamente corroído durante a *Era Romântica* e, por fim, ruiu inteiramente em nossa época. O que de melhor foi feito, foi feito neste espírito e vem deste mundo. A comunidade de sentimentos e intenções que marcam os melhores escritores, artistas e músicos vem desta fonte. A despeito das mudanças sociais, políticas e religiosas,

Shakespeare e Dickens, Bach e Mozart, Donne e Hugo compartilham deste mundo, e é para este mundo que os cristãos ortodoxos devem se voltar a fim de moldarem suas almas. Há lições que temos de aprender com o passado antes que possamos alimentar esperanças quanto ao futuro.

Os Padres recomendavam o estudo das artes e letras pagãs como instrumentos para treinar a alma. Nós, que temos a nosso dispor os produtos da cultura ocidental fundados no Cristianismo, não apenas não devemos temer o uso destes produtos, mas não temos desculpas para ignorá-los. Pensar que tudo o que é ocidental é *ipso facto* suspeito revela uma profunda insegurança, um legalismo mais rígido do que qualquer seita, um escolasticismo mais árido do que qualquer *summa*.

Temos de recuperar os sentimentos e sensibilidades que outrora fizeram parte de todos os povos civilizados. As obras de arte, a literatura e a música pré-modernas portam valores essenciais para nós. Elas podem nos ensinar coisas que nada do que se produz hoje poderia nos ensinar: o que é nobreza, o que é virtude, o que é honra, o que é pureza, o que são sacrifício e lealdade, o que é digno e o que não é. Poesia, música, arte, ficção: nada disso é alimento espiritual, mas tudo isso é leite e pão de que precisamos a fim de ganharmos força para vivermos da carne do espírito.

A visão, o som e a sensação do sublime são coisas que perdemos. Para recuperá-las, devemos retornar a um tempo em que a moral nebulosa e arenosa ainda não havia dominado o mundo: um tempo onde a visão do homem ainda era suficientemente clara e sua alma suficientemente apurada. Se

não dominarmos os planaltos da alma, dificilmente conseguiremos alcançar os píncaros do espírito. Embrutecidos pelo zunido e pela cacofonia moral do mundo, os corações permanecem frios e as consciências entorpecidas. Estamos insensíveis à piedade, à honra, à nobreza, à pureza, porque quase nunca as vemos. Até mesmo pela beleza não somos mais movidos, uma vez que já nem mais sabemos o que é beleza. Assim como a maioria dos termos de valor, “beleza” tornou-se uma palavra vazia, sem conteúdo, desprovida de sentido absoluto. Hoje em dia, beleza é aquilo que nós gostamos, ou o que quer que nos digam que é bonito. A arte passou a ser aquilo que decidimos que é arte. Já não podemos mais dizer que um monte de calotas enferrujadas e canos retorcidos não é “arte” da mesma maneira que Rembrandt é “arte”.

A apreciação artística tornou-se algo inteiramente pessoal apenas recentemente. A beleza, assim como os demais aspectos da arte, era outrora um aspecto da Verdade absoluta, que era Deus. Portanto, uma coisa era bela proporcionalmente à fidelidade com que refletia alguma parte da imagem e da verdade de Deus. Ora, como o conceito de Verdade está totalmente perdido, não mais somos capazes de expressar o conceito verdadeiro de Beleza, e nutrimo-nos de mediocridade, feiura, de anti-beleza, anti-heroísmo, anti-arte, daquilo que zomba Deus e o homem.

Temos de reaprender o que é beleza. Temos de aprender a sermos arrebatados pelo furor de uma fuga, a sermos enebriados pela loucura de Lear, a sermos consumidos pela sanidade de Quixote. Temos de ser renovados pela saúde e caridade de Dickens, iluminados pela

clareza e pela percepção de Hugo, fortalecidos pela gravidade sóbria e pela esperteza oblíqua de Johnson, tocados pelo fogo de Donne, tranquilizados pela flora primaveril de Chaucer.

Temos de sentir de novo a dor da saudade, a alegria amarga de quase tocar, mas nunca apreender, de quase ouvir, mas nunca compreender Aquele cuja Beleza torna a arte bela. Em seu sentido mais profundo e verdadeiro, é exatamente isto o que a arte faz: precisamos dela precisamente porque ela nunca sacia. Ela sempre estimula a sede, ela sempre nos lembra da fome que nunca é saciada. Ela nos leva aos pontos mais altos da experiência humana, para depois nos deixar com saudades não sabemos exatamente do quê. Neste ponto, o espírito estará pronto para prosseguir, para encontrar seu verdadeiro lar em Deus. A alma inculta, informe, não sentirá a verdadeira profundidade e dor da saudade, nem saberá como remediá-la. Se quisermos sentir fome e sede suficientes para buscar a Deus com diligência e comprometimento, temos de moldar a alma com cuidado e persistência.

E temos de moldar as almas de nossos filhos. A criança que nasce e cresce nos dias de hoje encontra-se em desvantagem ainda maior do que seus pais. Sem o esforço e a preocupação constantes, os pais não conseguirão evitar que seus filhos cresçam aleijados de alma e atrofiados de espírito. É importante que os adultos lutem pela elevação e pela pureza de suas almas; ainda mais urgente é instilar o idealismo, a agilidade espiritual, a simplicidade e a amabilidade nas almas das crianças. As crianças que são criadas em meio à boa música, boa leitura e boa arte desenvolverão a genuinidade instintiva, a acuidade do ouvido espiritual, as quais serão valiosíssimas para suas vidas. Elas não serão enganadas pela

futilidade, e jamais se esquecerão das imagens de pureza, cavalheirismo, integridade e beleza que ganharam quando leram e ouviram aquilo que de melhor o coração e a mente humana puderam produzir. Quando suas almas forem bem formadas, elas serão capazes de resistir às muitas ilusões e divertimentos tolos que os aguardam pelo mundo afora.

Se quisermos servir a Deus de todo o coração e mente e alma, temos de garantir que nossas almas sejam verdadeiras e retas, que sejam bem treinadas para pelo menos reconhecer a nobreza e a integridade, mesmo que a debilidade da carne impeça que as pratiquemos. Portanto, é o ensinamento ortodoxo das necessidades da alma que demonstra a utilidade espiritual da cultura e da literatura.



A Tradição da Igreja

Metropolita Gabriel de Lisboa
Extraído de *Mosaicos*, p.106

A Tradição da Igreja é corretamente qualificada de oral. Entretanto, no decorrer dos tempos, ela foi também fixada por escrito. Já a Tradição Apostólica compreende tanto a pregação oral dos mesmos como a Escritura que nos legaram: São Paulo transmite o que recebeu: 1 Cor 11: 23 e 15: 3; 2 Ts.2: 15. São Judas Tadeu (Jd 1: 3) exorta a lutar denodadamente pela Fé, transmitida, de uma vez para sempre, aos santos ... Disso dão também testemunho, além da Sagrada Escritura, as obras dos Padres Apostólicos e, ulteriormente, os Doutores da Igreja Indivisa e os Símbolos da Fé, o mais utilizado dos quais é o de Niceia-Constantinopla.

Importa citar, ainda, o *Livro dos Cânones dos Santos Apóstolos*, dos *Santos Concílios Ecumênicos e Locais* e dos *Santos Padres*, que reproduzem, em primeiro lugar, os dogmas do IV, VI e VII Concílios Ecumênicos e incluem o conhecido "*Símbolo de Santo Atanásio*"; e os *Livros Litúrgicos* da Igreja Ortodoxa, em que se perpetua, até aos nossos dias, não somente a vida de oração, que foi a da antiga Igreja Cristã, mas também a sua Confissão de Fé.

Importa sublinhar claramente, uma vez mais, o fato de que na Igreja Ortodoxa a Tradição – como afirma retamente F. Heiler – "*não é a reprodução mecânica de um sistema de*

fórmulas estabelecidas e fixas, mas antes uma inesgotável fonte de vida".





O Sinaxário na Tradição da Igreja

Nos primórdios da vida da Igreja, quando os cristãos estavam organizados em pequenas comunidades locais, frequentemente clandestinas e escondidas por medo das perseguições, as festas litúrgicas não eram tão numerosas nem tão faustuosas quanto hoje em dia. A vida litúrgica era, então, centralizada na celebração semanal do *Dia do Senhor* (Domingo) onde todos comungavam os santos Mistérios. Havia, igualmente, o hábito de celebrar a Eucaristia no túmulo dos mártires da comunidade, no dia do aniversário de seu "nascimento para o céu".

Por ocasião desta Reunião (*Synaxis*), o bispo local ou o bispo de uma comunidade vizinha, conhecido pela sua eloquência, pronunciava o *panegírico* do Santo. Quando havia, lia-se os *Autos* do processo e da execução do mártir, e depois lia-se a narrativa de seus milagres póstumos piedosamente reunidos.

Cada igreja local tinha, assim, seu próprio calendário litúrgico, chamado "*Martirologio*". Porém, pouco a pouco o

culto de alguns santos expandiu-se além dos limites de sua igreja de origem: principalmente por causa dos milagres realizados por suas relíquias. Estas atraíam os peregrinos e encorajavam outras igrejas a honrarem o santo a fim de gozarem de sua proteção; sobretudo as que haviam conseguido alguns fragmentos de relíquias.

Apareceram, então, os *Martirólogos* gerais, comuns a grandes regiões eclesiásticas, que não suprimiram os regionais, mas desenvolveram-se paralelamente e progressivamente os absorveram.

Com as lutas contra as heresias e os numerosos confessores da fé que elas ocasionaram, acrescentaram-se às festas dos mártires, as dos santos bispos ou padres que deram a vida pela pureza da doutrina. Daí em diante as comunidades maiores não podiam mais se reunir em casas particulares, e por isso construíram-se vastas basílicas sobre o túmulo dos mártires e criou-se o hábito de reunirem-se não somente para a festa, mas também para as *Sinaxes* regulares, semanais ou mesmo cotidianas.

No século IV, com o fim das perseguições e, em seguida, o reconhecimento do Cristianismo como religião oficial do império romano, esta evolução litúrgica precipitou-se. Em todo o lugar construíram-se igrejas esplendidamente ornamentadas, desenvolveu-se a poesia litúrgica, instituíram-se novas festas: a do Senhor, a da Mãe de Deus, a dos santos e dos mártires universais, de maneira que cada dia do ano fosse ocupado pela memória de um ou alguns santos (mártires, confessores, ascetas etc.). A leitura dos Autos foi relegada a um plano extralitúrgico e substituída por hinos.

Acentuava-se mais o aspecto dos mistérios iniciáticos da assembleia litúrgica, considerada como "o Céu na terra", antecipação neste mundo do Reino dos Céus, o momento temível da reconciliação de todas as coisas no Corpo de Cristo, sob a forma dos preciosos Dons eucarísticos. O aspecto universal e cósmico da Igreja se sobrepõe, doravante, sobre o aspecto local e de refeição fraterna dos primeiros séculos. É por isso que, durante todo o período bizantino, o calendário dos santos tendeu constantemente à unificação com o calendário da Grande Igreja (*Santa Sophia*) em Constantinopla, sem por isso perder sua leveza ou cor local. Até o século XV, por exemplo, cada igreja e cada mosteiro de Constantinopla tinha um calendário próprio, mas cujas datas, dos principais santos coincidiam com o calendário geral.

Nos séculos VIII e IX, a heresia iconoclasta, atacando [a prática da veneração] às imagens santas, visava também o culto dos santos e em geral de todo intermediário entre nós e Deus.

Em reação a isto, os ortodoxos insistiram ainda mais no culto de veneração aos santos. Com o fim da heresia, as igrejas foram cobertas de ícones, escreveu-se com ardor a vida dos heróis da Ortodoxia, e contemplaram-se o calendário e os ofícios litúrgicos. Os santos hinógrafos do mosteiro de *Studion* (São Teodoro, São José etc.) deram aos nossos ofícios a forma que tem hoje, e deixaram em seus hinos um lugar reduzido à leitura do resumo da vida dos santos do dia - depois da 6ª *ode do cânone das matinas* - que se chama "*Sinaxário*": um artigo das primeiras assembleias litúrgicas. Do século IX ao século XI completou-se a redação destas notas curtas do Sinaxário que são mais frequentemente

resumos de vidas feitos por São Simeão Metafraste (séc. X) ou por grandes historiadores eclesiásticos (Euzébio de Cesaréia, Sócrates, Sozomenes, Theodoreto).

As notas do Sinaxário, inseridas depois em nossos menológicos, não são senão lembretes. A vida dos santos, suas citações, seus milagres eram difundidos em suas biografias e sobretudo pela tradição oral e popular, como se pode observar ainda hoje nos países tradicionalmente ortodoxos.



A participação do homem na sua salvação.

Não se pode afirmar que a salvação, o perdão dos pecados e a santificação, realizados pela obra salvífica de Cristo, não sejam aplicados ao homem senão exteriormente, mecânica ou magicamente. Não. Segundo a doutrina ortodoxa, é preciso que o próprio homem nela colabore, que se aproprie ativamente do que Cristo cumpriu objetivamente, que ele penetre por si mesmo na nova vida que surgiu neste mundo com Cristo. É necessário seguir a prescrição de São Paulo: "Assim também operai a vossa salvação com temor e tremor" (Fl.2, 12).

Em que é que consiste essa ativa participação do Homem na sua salvação?

A resposta da Igreja Ortodoxa não é outra senão a expressão do seu pensamento ascético da vida. "E desde os dias de João o Precursor (Batista) até agora, faz-se violência ao reino dos Céus, e pela força se apoderam dele" (Mt.11, 12), disse Cristo. Por outras palavras: a participação ativa do homem na sua salvação consiste em travar duros combates com as paixões, com a natureza pecadora, em arrepender-se, em desligar-se dos poderes do mal; é a purificação do pecado, a consolidação da vontade no bem, o cumprimento da vontade de Deus, dos mandamentos divinos, o crescimento na vida da virtude, no amor por Deus e pelo próximo, renunciando a si mesmo, oferecendo-se a si mesmo, para

carregar a cruz de Cristo. Tudo isto, naturalmente, requer, necessariamente, a proteção, o apoio da Graça Divina. - A salvação do homem é um processo divino-humano.

À questão: o que é que justifica o homem? - a resposta de católicos romanos e de cristãos protestantes diverge, é discordante. Vejamos o que dizem os teólogos da Igreja Romana: o que justifica o homem, são a fé e as boas obras. Quanto aos protestantes, sustentam que o que justifica o homem é somente a fé e qualificam a prática católico-romana de desprezível santidade pelas obras. Portanto, a oposição jaz na maioria do tempo nas palavras, mais do que nas coisas. Tanto católicos como protestantes encontram-se no essencial com a Igreja Ortodoxa, quando Ela responde com o Apóstolo Paulo: "... mas sim a fé que opera por caridade" (Gl.5, 6).

Dia após dia, o cristão ortodoxo repete na sua oração da manhã:

*«... Ó meu Salvador! Liberta-me pela Tua graça;
pois se Tu quisesses que eu alcançasse a felicidade
pelas minhas obras,
isso não seria nem uma graça nem um dom,
antes uma obrigação...*

*Tu disseste: Quem crê em Mim viverá
e não verá jamais a morte.
Assim a fé em Ti salva os desesperados.*

*Vê: eu creio; salva-me então
porque Tu és o meu Deus e o meu Criador.*

*Que agora, ó meu Deus,
a fé seja contada como obras:
não exijas as obras
que deveriam, por si, justificar-me:
é esta minha fé que deve ser suficiente
para tudo, responder por mim,
tornando-me participante na Tua glória eterna...»*

Em todas as orações, em todos os escritos dos Santos Padres e Doutores, a Igreja Ortodoxa confessa que o homem pecador é indigno do amor, da misericórdia e da graça de Deus, merecendo unicamente ser rejeitado e punido.

*«Eu choro e lamento-me amargamente,
ao ver a terrível retribuição da palavra;
pelas minhas obras
eu não possuo nenhuma justificação
e tenho bem poucas obras
por causa dos meus pecados,
ó infeliz que eu sou!
Também Te imploro...
envia-me o perdão dos pecados, ó Cristo, ó Deus,
e uma grande graça!»*

(Domingo, ofício da noite, 5).

Será somente salvo aquele que, em Cristo, for uma "nova criatura". Ora esse só será uma "nova criatura" quando abandone, rejeite "a conduta anterior do velho homem arrastado, perdido pela cobiça enganadora", aquele que se renova no "sentimento (de foro íntimo) espiritual", e reveste o "homem novo, criado por Deus na justiça e santidade verdadeiras" (Ef.4, 22-24). Ora, para isto também, a graça de

Deus é necessária. É por esta razão que a Igreja Ortodoxa ora nestes termos no ritual funerário:

*«Ó Salvador, pela Tua misericórdia,
salva das transgressões o Teu servo
que agora arrebataste na fé,
pois, ó Tu que amas os homens,
pelas obras humanas ninguém é justificado»*

(Ritual do Funerário dos Presbíteros)

É somente pelo Espírito Santo que, "toda a alma é vivificada, elevada ao receber a purificação e iluminada pela Trindade no santo mistério" - (Domingo, ofício da manhã).



América Latina, Justiça social e Santos Padres I

A Denúncia social e a defesa dos direitos humanos dos
«Loucos por Cristo» na Antiga Rússia

Por Vladika Gorazd¹

Trad. do espanhol por Pe. André Sperandio

[Tradução e publicação com permissão do autor]

Na história da Igreja Ortodoxa, há uma categoria de santos chamados *«loucos por Cristo»*. Algo semelhante a um São João de Deus da Igreja Latina. Esses homens eram chamados, em russo, de *«yurodivi»*, que significa alguma coisa como louco e vagabundo. Tornaram-se conhecidos especialmente nos séculos XIV, XV e XVI, e depois, nos séculos XIX e XX.

O objetivo desta loucura é a humilhação, tratando-se de uma loucura simulada por razões ascéticas, ou simplesmente a consequência de serem autênticos *«pobres em espírito»*. Em ambos os casos, o resultado é idêntico: a aspiração a uma sabedoria nova, sobrenatural, à uma *«sabedoria do coração»*, que se manifesta pela paz da alma, o amor aos inimigos, o dom da oração fervorosa e, às vezes, por

¹ NT. *Vladika Gorazd é Bispo para Argentina da Igreja Ortodoxa de Montenegro

um conhecimento profético do futuro ou dos pensamentos mais secretos do homem.

Os famosos «loucos» no século XVI, cujo profetismo político e social lhes assemelhava aos profetas do Antigo Testamento, se serviam da «loucura» para fustigar o «bom senso» e a moral farisaica dos «justos», e se atreviam a humilhar o Czar, os ricos e os poderosos. São Basílio, o «yurodivi» (em cuja memória está edificada a mais famosa catedral de Moscou), proclamando o paradoxo cristão do amor de Deus para com os pecadores, beijava os muros das casas ímpias (prostíbulos). Outros sublinhavam a sua «amizade» com as mulheres de má fama e, inversamente, insultavam publicamente os guardiões da moralidade e os representantes das forças de segurança.

Um dos «loucos por Cristo» convidou ao Czar Ivan IV, o Terrível, (admirador e amigo epistolário de Felipe II) para compartilhar com ele sua comida. Era Sexta-feira Santa e o Czar retornava da «pacificação» da cidade rebelde de Novgorod. Quando o Czar, muito supersticioso, entrou na casa do «yurodivi» e este lhe ofereceu um pedaço de carne crua e um copo de sangue, ele exclamou, assombrado:

— Mas, é Sexta-feira Santa!

— E, o que dirás da carnificina de tuas vítimas em Novgorod? – perguntou o «yurodivi».

Para o povo russo, os «loucos por Cristo» sempre foram (e ainda o são, hoje em dia) a imagem viva daqueles pequenos, daqueles «pobres em espírito» daquelas «crianças» a quem são revelados os mistérios do Reino de Deus. São portadores

da sabedoria sobrenatural, que só aparece depois de haver humilhado o que se chama de «razão natural». A «loucura da cruz» pregada por São Paulo, a sabedoria misteriosa e escondida em Deus, é o que veneram os cristãos russos nos seus «loucos por Cristo», lembrando que:

[...] «o que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes; e o que é vil e desprezível no mundo, Deus o escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são. Assim, nenhuma criatura se vangloriará diante de Deus». (I Cor :, 27-29).



América Latina Justiça social e Santos Padres II

Por Vladika Gorazd¹

Trad. do espanhol por Pe. André Sperandio

[Tradução e publicação com permissão do autor]

Este artigo nasce como fruto de uma reflexão pessoal sobre a realidade latino-americana na qual estamos inseridos e imersos, no meu caso particular, a Argentina².

Há alguns dias, logo após assistir a um ofício memorial dirigido por um sacerdote ortodoxo, dispus-me a tomar o trem em direção a minha casa, enquanto ainda ressoava em meus ouvidos os solenes e cálidos coros entoando o «*Memória eterna*», e ainda me achava envolvido do fino odor do incenso trazido de Monte Athos por um arquimandrita grego, quando de repente me dei conta da realidade que me cercava ao redor: uma fria e mal iluminada estação ferroviária, um forte e persistente cheiro de urina, e um verdadeiro exército de mendigos com seus fantasmagóricos carros de coleta de papelão e outros detritos que lhes pudessem ser de alguma utilidade; a pobreza se mostrava de uma maneira

¹ *Vladika Gorazd é Bispo para Argentina da Igreja Ortodoxa de Montenegro.

² Este artigo foi escrito em Março de 2002, poucos meses após a eclosão da crise de dezembro de 2001, que mergulhou a República Argentina no maior caos social, financeiro e político de sua história, culminando com a queda do governo do presidente De la Rúa, o que significou, de fato, o encerramento da era neoliberal no país.

impiedosa e implacável, dezenas de crianças mal agasalhadas (e, certamente famintas), corriam de um lado para o outro da plataforma, insuflando um pouco de vida àquele tão mórbido espetáculo.

Uma vez parado o trem, uma multidão de excluídos, como nunca houve em tal número no meu país, subiam alvoraçados no trem, rindo, gritando, apertando-se, subindo através das janelas dos vagões, enquanto eu, tomava todo o cuidado para não me rasgarem o *anderi*³ com os carrinhos, ou para não enganchar a minha cruz peitoral em algumas das bicicletas que viajavam em posição vertical no interior dos vagões de passageiros. Bem longe tinha ficado o meu «*glamour bizantino*». Deus, com a sua linguagem bem mais eloquente, que é a realidade, me mostrava o meu povo, o mesmo povo que, lá atrás no tempo, o moveu de compaixão na ocasião da multiplicação dos pães.

O contato com a miséria, com a doença, com a dor e a injustiça em todas as suas variantes, era moeda corrente no Oriente, onde os nossos Santos Padres desenvolveram toda a nossa tradição Teológica e, inclusive, a litúrgica; e chega-se à conclusão de que, depois de tudo, no plano social, a atual realidade latino-americana é bastante semelhante àquela que conheceram, especialmente os que viveram no Oriente Médio. Eles, como nós, conheceram de perto a opressão hipócrita dos poderosos, a usura impositiva perpetrada pelas autoridades imperiais, a morte injusta, a postergação, o frio tocando fundo os ossos dos pobres nas manhãs de inverno.

³ Anderi: Espécie de batina usada pelo clero ortodoxo que, ao contrário da batina latina, tem seus punhos mais estreitos e é abotoada do lado esquerdo.

Basta ler o seguinte parágrafo de uma homilia de São João Crisóstomo para nos dar conta de como ele percebia toda a magnitude desta verdadeira tragédia humana, já no 4º século, tal como eu agora, em pleno século 21, olhando da janela embaçada de um ônibus, numa fria manhã de inverno em Buenos Aires:

*«No inverno, ao contrário, se lhes faz a guerra por todas as partes, e o cerco lhes é fechado pelos dois lados: a fome lhes consome por dentro as entranhas, e o frio os congela por fora e lhes mata a carne. Daí a necessidade de mais abundante comida, vestes mais quentes, abrigo e cama, calçados e muitas outras coisas... Mas, ainda por cima, agora que mais necessitam do que lhes é essencial para viver, tiram-lhes o trabalho, porque ninguém dá emprego a esses pobres, nem são chamados para serviço algum, nem mesmo a baixos salários ... Esta é a nossa embaixada, para a qual tomamos como ajuda aquele que foi verdadeiramente o protetor dos pobres, o apóstolo Paulo».*⁴

Queridos irmãos, surpreende-me a agudeza com que São Basílio, como São João Crisóstomo, parece descrever a realidade atual dos nossos povos, e me surpreende ainda mais ler os jornais e ver através de suas manchetes a sapiência evangélica de São Basílio. Sem que seja preciso ir muito longe, há poucas semanas eu estava lendo um jornal, onde a Senhora Anne Krueger (vice-diretora do FMI) declarava estar preocupada pela situação de pobreza das nossas nações, e

⁴ [OC1] São João Crisóstomo

mostrava-se disposta, ao menos em suas palavras, em «socorrer» nosso povo. Lendo aquilo, não pude evitar que me viesse à mente um parágrafo de uma homilia de São Basílio que diz o seguinte:

«Tais são ricos, tais seus benefícios. Dão pouco e recebem muito. Esta é vossa humanidade. Expoliam, mesmo quando dizem que socorrem. Para vocês, até mesmo o pobre é uma fonte fecunda da vossa ganância. Impõem ao pobre a usura, (o consumismo), e sabem obrigá-lo depois a pagar caro por isso, mesmo quando não tenham sequer o suficiente para as suas necessidades básicas. Como vocês são misericordiosos! Os que vocês 'libertam', vinculam a vocês e os obrigam a que vos paguem pelas suas ganâncias, mesmo que não tenham o que comer. Pode-se imaginar ...

A busca da equidade social é um compromisso do qual nenhum cristão está isento, pois não lhe exige uma tradição, nem sequer um comportamento ético, mas trata-se antes de uma exigência que brota de maneira contundente dos lábios de nosso Senhor Jesus Cristo:

«[...] porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim».⁵

O cristão não deve ter medo de denunciar a injustiça social, tão pouco guardar um silêncio cúmplice a seu respeito, ainda que, muitas vezes, corra-se o risco de ser mal

⁵ Mt 25: 35-36

interpretado; o brilhante São João Crisóstomo também teve que defender-se de dessas acusações, como podemos ver neste fragmento:

*«Está certo, há muitos que não param de me dizer: 'estás atacando aos ricos!' Mas, são eles que atacam aos pobres! Como eu ataco aos ricos? Não aos ricos, mas aos que usam mal as suas riquezas. Eu não me canso de repetir que não condeno aos ricos, mas ao ladrão. Uma coisa é o opulento, outra o avaro. Distingue as coisas e não confunda o inconfundível. És rico? Parabéns! És um ladrão? Eu te condeno por isso. Tens o que é teu? Desfruta-o! Apoderas-te do que não é teu? Então, não calarei a minha boca! Queres me apedrejar? Pois, bem, eu estou pronto a derramar o meu sangue, desde que isso impeça que cometas pecado».*⁶

A cada dia me convenço mais da perenidade dos ensinamentos dos Santos Padres, e não apenas em um plano espiritual, já que conheciam como ninguém as profundezas da alma humana, mas também em termos sociais. Como não se recordar deste outro fragmento da homilia de São. Basílio ao sermos impactados com as manchetes dos jornais sobre a atitude francamente gananciosa de organismos financeiros internacionais!

«Mas, tu me dizes: 'Dinheiro e interesse, buscas de quem nada tem? Por acaso, isso te faria mais rico? Que necessidade teria de bater à tua porta? Veio procurar um aliado e encontrou um inimigo.

⁶ Fragmento da Homilia 2 sobre eutropio 3

Buscava um remédio e encontrou um veneno. Era teu dever socorrer a indigência deste homem, e tu a multiplicas pois, trataas de tirar dele até esgotar o pouco que tem».

Estou consciente de que este artigo pode parecer inadequado a alguns de meus leitores e, ainda para outros, os mais duros, talvez lhes pareça estranho à espiritualidade da Igreja Ortodoxa. Entretanto, é absolutamente certo que existe um claro pensamento social nos Santos Padres, da mesma forma que, indubitavelmente, a partir do próprio Evangelho se depreende uma consciência social.



América Latina Justiça social e Santos Padres III

«Pensamento Social na Igreja Ortodoxa»

Extrato de um texto de Jorge Tzebrikov
Trad. do espanhol por Pe. André Sperandio
[Tradução e publicação neste site com permissão]

Observa-se, nos últimos anos, entre as Igrejas Ortodoxas, uma maior sensibilidade para com os questões sociais. Neste sentido, destaca-se o documento elaborado pelo Patriarcado de Moscou, no ano 2000, um documento sobre a «Doutrina Social da Igreja», talvez o primeiro em seu gênero no âmbito das Igrejas bizantinas.

Como cristãos ortodoxos, nós nos achamos interpelados por realidades tão urgentes como a «globalização», a «ecologia» ou a «bioética», bem como, pelas realidades das estruturas socioeconômicas, a nível global e regional, tema muito relacionado ao da globalização; e pela primeira vez, em muitos séculos, a maioria das igrejas já não está mais submetida ao jugo turco, nem sob as diretrizes de um onisciente regime marxista, o que oferece às Igrejas ortodoxas uma oportunidade inédita de debater, livremente e sem interferências, os problemas que se apresentam em seu trabalho pastoral.

Muito provavelmente, no decurso destes anos, as igrejas ortodoxas voltem-se um pouco mais para as atividades de promoção social, como já acontece na Sérvia, na Rússia e na Polônia. Devemos nos lembrar que, se na Igreja Ortodoxa, houve pouca evolução do pensamento social nos últimos séculos, isto se deveu, em parte, ao fato de que a maioria das sedes patriarcais (e, portanto, intelectuais), da Ortodoxia, estiveram firmemente controladas pelas sucessivas autoridades islâmicas que governaram essas regiões. A Igreja Ortodoxa mal podia se dedicar ao atendimento aos pobres, criando hospitais, escolas e lares para crianças, porque isso podia ser interpretado pelos governantes como uma ação proselitista e resultar num desastroso massacre de clérigos. Entretanto, a Igreja na Rússia, de Pedro, o Grande, tão pouco teve uma melhor sorte, já que também ali se buscou submeter a Igreja ao poder estatal, suprimindo o ofício patriarcal, e não permitindo que os monges tivessem em suas celas, sequer papel e tinta. As medidas de Czar Pedro contra a Igreja poderiam constituir um precedente para as medidas que logo tomariam Lenin e Stalin contra o Patriarcado de Moscou.

Outro fato interessante de se notar é que a manifestação que culminou com a violenta repressão pelas forças de segurança Czaristas, que deu início a queda do regime, contou com a participação de alguns clérigos, o que põe em evidência um crescente interesse pelas questões sociais por parte de alguns setores da Igreja Ortodoxa Russa, nos anos anteriores à Revolução Bolchevique de 1917.

Em conclusão, podemos afirmar que a falta de desenvolvimento de atividades destinadas a promoção social e assistência aos pobres, não se deveu, na Igreja Ortodoxa, a

algo inerente à sua espiritualidade, mas a fatores nitidamente externos. Para constatar o que foi dito antes, falta-nos olhar com mais atenção a vitalidade que alguns Santos Padres mostraram pelas questões sociais, atividade que, anos mais tarde, seria truncada pela irrupção do Islã na região.



O Natal entre os ucranianos

Por: Pe. Daniel Kozlinski

O Natal representa para todos a festa do nascimento do Menino-Deus, o Messias, o Enviado, Jesus Cristo. Cada nação tem as suas particularidades, costumes e tradições nas celebrações deste evento. Na Ucrânia isto não é diferente. O Natal é uma festa muito rica, de vários costumes, populares e religiosos, que engrandecem e enaltecem o acontecimento.

Os ucranianos na pátria mãe e em alguns lugares da diáspora comemoram o Natal no dia 7 de janeiro, pois seguem o calendário juliano, que foi implantado pelo Imperador Júlio César no ano 46 a.C., distinguindo-se bastante já neste porém, em relação ao calendário da Igreja no Ocidente, de Rito Latino. Em 1582, o Papa Gregório XIII promulgou o calendário gregoriano que tem uma diferença de 13 dias. Assim, o dia 7 de janeiro do calendário «novo» equivale ao dia 25 de dezembro do calendário «antigo». Entre os ucranianos no Brasil, os Católicos seguem o calendário gregoriano e os Ortodoxos seguem o calendário juliano. Embora a diferença de calendário, os costumes e tradições, tanto religiosas como populares, são mantidas por ambos, com muito respeito.

A festa do Natal é precedida por um período de preparação.

Inicia-se no dia 27 de novembro (14 de novembro no calendário gregoriano) com a festa do Apóstolo São Felipe. Chama-se este período de «*Pelêpivka*». Este tempo é realçado por um período de jejum e penitência, na espera do tão almejado hóspede, o Filho de Deus.

Durante este tempo de preparação para o Natal, um momento importante é a celebração da Festa de São Nicolau. No calendário gregoriano, dia 06 de dezembro, no calendário juliano, dia 19 dezembro. São Nicolau é um dos santos mais populares na Ucrânia, embora seja natural do Oriente Médio (cidade de Izmirna, hoje na Turquia). Bispo da Igreja, sempre se destacou pela suas obras de misericórdia e amor fraterno ao próximo. Estes seus gestos sempre tocaram os corações, por isso, são vários os ícones que representam este constante culto a ele prestado em todo o Oriente. Entre os ucranianos, é considerado o patrono dos agricultores, defensor dos animais, patrono do inverno. Porém, acima de tudo, é o patrono das crianças. Por isso, no dia de São Nicolau, costuma-se realizar a troca de presentes entre as pessoas, e presentear, de um modo especial, as crianças. Quem entrega os presentes para as crianças? O próprio São Nicolau. Ele é representado em suas vestes de Bispo oriental, uma pessoa idosa, meiga e carinhosa para com as crianças. Geralmente é acompanhado pelos anjos, que trazem os presentes a serem distribuídos. Representa a bondade, a generosidade, o bem. Porém, na representação de São Nicolau, aparece também a representação do mal, através de uma pessoa mascarada que representa a tentação, o vício, a desordem, o pecado. No

diálogo com as crianças, as perguntas dirigem-se em forma de um questionário sobre o bem que elas praticaram ou podem praticar. O presente é a recompensa pelo bem praticado. No Ocidente, São Nicolau foi substituído pela figura do Papai Noel.

Um significado todo especial para a véspera de Natal entre os ucranianos é a realização da Santa Ceia. Ela encerra o período da «*Pelêpivka*», quaresma de preparação ao nascimento do Filho de Deus. É a festa da família. Reúnem-se todos para a ceia, na celebração de um ritual todo especial. Inicia-se a preparação com a limpeza da casa, tudo deve estar bem asseado para a visita dos familiares, pois juntos estão à espera do hóspede maior. A dona da casa deve estar, neste dia, atarefada com a preparação dos pratos do ritual que serão consumidos durante o jantar. No interior, nas colônias, o dono da casa deve cuidar da sua «*hospodarka*», a propriedade, procurando fazer a limpeza de todos os espaços de sua «fazenda», alimentar bem os animais, pois eles também fazem parte da realidade da casa.

Ao entardecer, todos os membros da família devem estar reunidos. Como deve estar preparada a casa e a mesa da ceia?

Prepara-se a «*ialenka*» – árvore de Natal. Qual o seu significado? A árvore sempre indica para o alto. Lá em cima, deve estar presente a estrela. Ela indica o caminho. Assim como foi para os magos do Oriente. Ela nos guia para o Deus que vem, que é e que será presença entre todos. A árvore é enfeitada com vários adornos, entre estes, os doces, que serão depois apanhados por todos e consumidos. São dádivas,

presentes de Deus derramados sobre a humanidade através do Filho Jesus.

Quando todos estão já reunidos, o dono da casa – *hospódar* – traz um feixe de trigo, para dentro da casa. Dá-se a este feixe de trigo o nome de «*didukh*». Representa ele os antepassados, os falecidos, bem como a fartura, a boa colheita, o progresso, o bem-estar das pessoas. O «*didukh*» é trazido para dentro de casa como um ritual sagrado, com respeito e colocado, então, em um lugar de destaque, anteriormente preparado. A mesa da ceia natalina é forrada com o feno, coberto depois com a toalha bordada. Que representa este feno? A «manjedoura» onde será colocado o Menino. Como a mesa farta, assim também o Filho de Deus trará as bênçãos para todos na família. Deve ser ele acolhido com o calor humano das pessoas, no relacionamento familiar, na unidade e bem-estar. Costuma-se colocar sobre a mesa um castiçal de 3 velas que simbolizam a Santíssima Trindade (O Pai, o Filho e o Espírito Santo). No assoalho, sob a mesa, coloca-se a palha de trigo, junto com os instrumentos do trabalho do campo: o machado, a enxada, o «*serp*» (instrumento para a colheita do trigo), entre outros. São ali colocados, pedindo, para que em toda a propriedade estejam presentes as bênçãos de Deus. A ceia está pronta. Ela deve ser servida quando a primeira estrela aparecer no céu. No início, o dono da casa convida a todos para a ceia. Todos devem estar presentes. Fazendo a oração pela família, o «*hospódar*» – o dono da casa – saúda a todos com as palavras: «*Khrestós Rodêvcia!*» (Cristo nasceu!). Todos respondem: «*Slavimo Iohó*» (Glorifiquemo-lo). Em seguida, o «*hospódar*» serve, para todos os presentes, um pequeno pedaço de pão embebido no mel.

Que a vida familiar seja sempre alegre, unida, vivida no bem estar humano e espiritual. Em algumas regiões da Ucrânia e em algumas famílias aqui no Brasil, o dono da casa convida para a ceia também as «tempestades, as enchentes, o granizo, as geadas, os ventos». Espera-se em silêncio. Como não se ouve a resposta, o dono da casa responde: «Como as tempestades, as enchentes, o granizo, as geadas, os ventos, não foram dignos de aceitar o nosso convite para a ceia, que também não apareçam durante o ano, quando não convidados».

Em seguida, serve-se a ceia. Ela é composta de 12 pratos. No passado, representavam eles, os doze meses do ano. No cristianismo, os doze apóstolos, discípulos do Divino Mestre que anunciam a sua mensagem. Cada cristão deve anunciar o bem, testemunhando a doutrina do Divino Mestre Jesus.

Eis alguns dos pratos que devem ser servidos:

1. **«Kutiá»** – grãos de trigo cozido adoçados com mel, passas de frutas (uvas) e nozes ou castanhas e sementes de papoula. O trigo representa a fartura, o progresso, o bem-estar. O mel, que a vida deve ser temperada com a alegria da saúde, do bem-estar, na amizade, na unidade familiar. Simboliza o trabalho do agricultor e das abelhas. Também representa os entes queridos que faleceram. Elo entre os vivos e os mortos.
2. **«Borchtch»** – sopa de beterraba e repolho, servida com pão de centeio.

3. **«Mlêntsi» ou «Nalêsneke»** – tipo de panquecas.
4. **«Varének»** – espécie de pastel (tipo ravióli) que antigamente era recheado com repolho, trigo sarraceno (mourisco), ameixas, geleias ou sementes de papoula. Embora o recheio de batata com requeijão tenha se tornado popular entre nós, na ceia de Natal era raramente usado, uma vez que para nossos ancestrais, há centenas e centenas de anos atrás, a batata era desconhecida, chegando à Ucrânia somente por volta dos séc. XVII e XVIII. Na região da Galícia (Ucrânia Ocidental) é chamado de «perih», enquanto na Ucrânia Oriental «perih» é uma espécie de pãozinho branco assado no forno contendo algum recheio.
5. **«Holubtsí»** – rolinhos de repolho - espécie de «charuto», com trigo sarraceno, cebola e cogumelos, enrolado com folha de repolho. É cozido no vapor ou em «banho maria». Na Ucrânia são preparados com folhas de repolho em conserva em virtude da neve, sendo que em outras estações do ano são usadas folhas frescas de repolho ou de beterraba.
6. **«Krujalkê»** – espécie de repolho cozido, temperado com água, sal e iguarias.
7. **Peixe em conserva.**
8. Várias espécies de pão, biscoitos de mel.
9. **«Kácha»** – espécie de cevada moída, preparada com iguarias.

10. **«Hrebê»** – espécie de cogumelos cozidos, preparados em forma de salada ou em forma de molho, para serem consumidos junto com os demais pratos.
11. **«Kalatch» ou «Kolatch»** – pão doce – em algumas regiões com recheio de doces de frutas. O pão representa a colheita do ano e é adornado com uma vela que iluminará a mesa e deve permanecer sobre a mesma durante 3 dias.
12. **«Kompot» ou «Uzvar»** – compota feita das mais variadas frutas guardadas em conserva desde o verão (cereja, ameixa, pêra, maçã, uva). Em algumas regiões é preparada com bastante calda de forma que pode ser usada também como suco, substituindo as bebidas alcoólicas.

E ainda temos outros pratos: **«kapusniák»** (sopa de repolho), **«perijkê»** (pasteizinhos assados recheados com repolho, ou com doces de frutas), pepinos e outros mais.

Obs.: A ceia deve ser preparada com produtos não gordurosos que possam representar a água, o ar e a terra, pois ainda nos encontramos no período de quaresma **«Pelêpivka»**. Ela só se encerra à meia noite, quando da participação de toda a família na Divina Liturgia na igreja da comunidade.

Durante a ceia, iniciam-se os cantos natalinos – **«Kolhadê»**. Eles nos falam do nascimento do Menino Jesus. A alegria deve ser contagiante neste momento da ceia. Cada um saúda os presentes, iniciando uma **«Kólhada»**. Elas continuam até o final da ceia. É comum em todas as famílias deixar

sempre um lugar a mais preparado durante a ceia. Este lugar pode representar algum familiar ou amigo que não tem a possibilidade de estar festejando o Natal em uma família, bem como representar aqueles que passaram desta terra para a eternidade: eterna é a lembrança deles entre todos.

Quando todos terminam a ceia, saem para a participação da liturgia na igreja da comunidade. Nada se retira da mesa. Ela deve permanecer assim, pois a crença diz que os «ausentes» virão tomar a sua parte na refeição da ceia.

Na Igreja, na celebração litúrgica, ouve-se muito as «kolhadê», canções natalinas. Todos cantam e saúdam-se com a saudação típica para a festa do Natal: «Khrestós Rodêvcia» – «Slavimo Iohó». (Cristo nasceu – Glorifiquemo-lo.) As canções natalinas serão entoadas nas igrejas até o dia 02 de fevereiro (calendário gregoriano).

Após a celebração na igreja, grupos de pessoas, geralmente homens, organizam-se para visitar as famílias e saudá-las com o canto das «Kolhadê». Vão de casa em casa. As famílias os recebem. São saudadas pelos cantores – «kolhadnekê» – que levam consigo uma estrela grande feita de «soloma» (palha de trigo) e um «vertép» (presépio). Nesta saudação, deseja-se o bem-estar para todos, o progresso humano e espiritual, a saúde, a boa colheita. Geralmente estes cantores são recompensados, não apenas com as guloseimas costumeiras, mas também com uma recompensa em bens materiais, que serão destinados ao bem-estar de toda a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ✓ IVAN SENKIV – «*O Natal nas tradições populares e litúrgicas*» (em ucraniano) em «*Nache Jytiá*», dez/1977.
- ✓ IULIAN KATRIY – «*Piznai svii obriad*», Padres Basilianos – Toronto.





«Foi Deus quem me escolheu»

Pe. Jorge Chainiuk¹

As nossas famílias ucranianas, tradicionalmente religiosas, sempre cultivaram o desejo de que alguém da família fosse padre. Quando os filhos são pequenos já se escolhe um para ser padre. No entanto, quando este filho

¹ Pe. Jorge Chainiuk é pároco da Igreja Ortodoxa Ucraniana da Santíssima Trindade na cidade de Canoas - RS.

resolve seguir um rumo diferente do sacerdócio, nos pais e, principalmente, nos avós, fica um sentimento de frustração, de decepção.

Na minha família não é nada diferente. Quando éramos pequenos diziam que eu e meu irmão seríamos padres, e minhas irmãs, duas delas catequistas e uma «freira».

Aprendi com a vida que as previsões familiares muitas vezes não coincidem com os planos de Deus. E que Ele, como o Senhor de toda criação, conduz o mundo à sua maneira, misteriosa para nós criaturas humanas. Não conseguimos compreender como Ele rege o mundo porque comparamos o seu modo de administrar o universo à nossa maneira humana de reger e administrar as coisas.

Do mesmo modo não entendemos a vocação sacerdotal porque sempre pensamos que Deus simplesmente aceita aquele que se dispõe ser padre e pronto. Pensamos humanamente a pedagogia da escolha divina e por isso confundimos a ação divina com o querer humano. Tiramos do Senhor o mérito da escolha e o atribuímos a nós seres humanos. Tanto é que depois que me ordenei sacerdote, muitos vieram parabenizar-me por «eu ter escolhido servir a Deus». Outros comentavam o quanto deviam estar felizes e orgulhosos os meus pais por «eu ter decidido ser padre».

Eu não escolhi e não decidi ser padre. Foi Deus, o meu Senhor, que me escolheu. Eu somente disse «sim» ao seu chamado. Não era eu que queria ser sacerdote. Era Deus que queria que eu fosse. O meu irmão, meus primos e tantos outros da minha época, que inclusive estudaram em seminários, não foram escolhidos por Deus. Dentre todos eu

fui o escolhido e incumbido de santificar o povo pelos sacramentos, bênçãos e orações e prepará-lo para o Senhor.

Todos que pensam que ser padre é uma questão de querer, se enganam. Não basta querer ser padre. Não basta decidir ser padre. Não basta gostar de rezar ou de estudar para ser padre. Tu podes querer; teus pais podem querer; a tua comunidade pode querer; mas se Deus não te escolher, tu não serás padre. E se por alguma exceção, sem ter sido escolhido por Deus, tu chegares a ser ordenado sacerdote, não conseguirás ir longe nesta sagrada missão.

Ninguém escolhe «ser padre». Os próprios discípulos foram escolhidos por Jesus. Não foram eles que escolheram Jesus. Jesus, o Senhor, os escolheu. Dizia Ele aos discípulos: *«Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi a vós e vos constituí para que vades e produzais fruto...»* (Jo 15: 16).

E o Senhor Jesus não tem tempo certo para fazer esta escolha, esta seleção. Ele escolhe onde quer e quando quer. Escolhe em diferentes fases da vida. Alguns são escolhidos já na vida adulta como foram os discípulos. Outros ele escolhe ainda no ventre da mãe, como é o caso do profeta Jeremias, para o qual o Senhor disse: *«Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes do teu nascimento eu já te havia consagrado e te havia designado profeta das nações»* (Jr 1: 5).

A minha história vocacional revela-me que, assim como Jeremias, também eu fui escolhido desde o ventre materno. Porém, a resposta a este chamado eu consegui dar somente na minha juventude.

Não há idade certa para ser escolhido pelo Senhor, nosso Deus. Ele é que sabe o momento certo de chamar. Mas há um momento certo para dar uma resposta a este chamado, a esta escolha. Cabe ao escolhido saber discernir o chamado divino e responder convictamente: *«fala Senhor; teu servo escuta»* (1Sm. 3: 10). Porque quando o Senhor põe a sua mão sobre alguém escolhendo-o, ele diz: *«eu te chamo pelo nome, és meu (...) troco reinos por ti, entrego nações em troca de ti. Estejas tranquilo, pois estou contigo»* (Is 43: 1;4;5).

Ele está comigo, está com cada vocacionado, com cada sacerdote. Por isso, aquele que é escolhido pelo Senhor, não precisa temer. É só dizer «sim» ao chamado Dele e entregar-se totalmente em suas mãos. Ele cuida dos seus escolhidos: *«Se tiveres de atravessar a água, estarei contigo, e os rios não te submergirão; se caminhares pelo fogo, não te queimarás, e a chama não te consumirá. Pois eu sou o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, teu Salvador»* (Is 43: 2-3). As águas poluídas da vida mundana não conseguirão submergir ou contaminar o escolhido por Deus. O fogo do pecado não queimará a graça santificadora e libertadora com a qual o Senhor reveste os seus escolhidos. Por que então ter medo de servi-lo? Por que ter medo de *«ser precioso aos olhos de Deus»* (Is 43: 4)?

Eu não tenho medo de ser padre; não tenho medo do mundo pecador. O meu Senhor cuida de mim e me conduz. Por isso mesmo, o mal, o pecado não abalará a graça sacerdotal com a qual o Senhor me revestiu, com a qual ele selou a minha alma.

Com certeza, em nossa paróquia muitos são os homens que queriam ser padre, mas Deus não os escolheu. Por outro

lado, muitos foram escolhidos por Ele, mas disseram não ao chamado. Ele respeitou a liberdade destes e enviou sobre eles as graças necessárias para que tivessem uma vida abençoada e de uma realização humana e cristã.

Não queira, na sua família, que alguém seja padre na marra. Peça para que Deus escolha alguém da sua família para o sacerdócio. Se o Senhor não escolher é porque Ele tem outros planos para as vossas vidas.

Por outro lado, se alguém de sua família se sentir chamado por Deus, incentive-o; encoraje-o.

Fui escolhido pelo Senhor. Quando descobri esta escolha rezei para ser digno de tamanha graça. Fui incentivado e ajudado por uma multidão de vozes e braços amigos a me apoiar.

Deus me escolheu. Eu disse sim enquanto a família e toda a comunidade rezavam por mim



Deus não negocia!

Aniss Ibrahim Sowmy
Agosto/2018

»De que me servem seus sacrifícios ...» (Is 1:11)

«Pois misericórdia quero e não sacrifícios ...» (Os 6:6)

«A fim de oferecerdes sacrifícios espirituais ...» (1Pd 2:5)

Chegando, pois, a Jerusalém, e havendo entrado no Templo, começou a lançar fora os que vendiam e compravam no Templo, e derribou as mesas dos banqueiros, e as cadeiras dos que vendiam pombos... dizendo-lhes: “porventura não está escrito que a minha Casa será chamada Casa de Oração entre todas as gentes? E vós tendes feito dela um covil de ladrões!” (Mc 11:15)

E chegaram a Ele cegos e coxos no templo; e os sarou. E quando os príncipes dos sacerdotes, e os escribas viram as maravilhas que Ele tinha feito e os meninos no templo gritando e dizendo: “Hosana ao filho de Davi!” Se indignaram e lhe disseram: “ouves o que dizem estes?” E Jesus lhes respondeu: “Sim. Nunca lestes que da boca dos meninos e dos que mamam, tiraste o perfeito louvor?” e tendo os deixados retirou-se ... (Mt 21:12)

Cuida muito em te apresentares a Deus digno de aprovação, como um operário que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade... Ora, numa casa grande há não somente vasos de ouro e prata, mas, também, vasos de pau e barro, e, uns por certo são destinados a usos de honra, outros porem, a usos de desonra. Se algum, pois, se purificar destas coisas, será um vaso de honra santificado e útil para serviço do Senhor, preparado para toda a boa obra. (2Tm 15).

Para entender o que propomos neste artigo faz-se mister compreender as diferenças básicas da interpretação humana do Cristianismo do Oriente e do Ocidente. Enquanto na doutrina oriental ortodoxa entende-se a divinização do homem – “Deus fez-se homem para que o homem possa atingir a perfeição e se possa fazer “semelhante” a Deus, nunca “igual”, o ocidente simplesmente busca a justificação do homem; o ocidente bate forte na culpa original ou o pecado original cometido por Adão e Eva na teoria criacionista e para isto veio o Cristo, enquanto a ortodoxia entende a vinda de Cristo não só para redimir o homem do pecado original, mas, de todos os pecados, porque Deus acredita na bondade potencial humana.

Outro ponto é o dualismo ocidental entre corpo e alma, é a dicotomia apresentada por Santo Agostinho e Descartes, o espírito é forte, mas a carne é fraca. Já no oriente existe a unidade da matéria, do corpo e do espírito, isto é uma interdependência, então o livre arbítrio do homem prevalece de forma inequívoca na sua ação optativa.

No Oriente o louvor correto, culto correto e verdadeira experiência de adoração são imprescindíveis ao fiel ao mesmo tempo que os dogmas têm menor importância. No Ocidente os dogmas são indiscutíveis e defendidos com ardor, Cristo se torna vítima e praticamente perde o status divino justamente a quem todo louvor e glória são devidos.

Vemos João de Antioquia convencendo Nestor a aceitar a tese da Virgem Maria ser chamada Mãe de Deus, mesmo depois da declaração de heresia do Concílio. Nestor é tácito em dizer: “se é para o bem da Igreja que se diga que Maria é a Mãe de Deus assim seja, mas que não se glorifique Maria como Deus.” Infelizmente esta passagem é pouco ou nunca divulgada e assim começaram as divisões na Igreja.

O Ocidente olha o sacrifício de Deus que tirou o pecado do homem e o “libertou” através da morte na Cruz enfatizando a morte de Jesus como redenção enquanto para o Oriente ortodoxo Cristo é o vencedor das forças do mal. Sua morte foi a consequência da ignorância do homem frente a Luz, por isso Cristo vem para ensinar e fazer o homem retornar ao Caminho da Verdade e da Luz. Seu sacrifício divino marginaliza todos os outros tipos de sacrifício, e este sacrifício é para a salvação eterna, uma nova aliança firmada entre Deus e o homem.

Finalmente quanto ao poder eclesiástico enxerga-se no ocidente, mais especificamente no papado um sistema monárquico e autoritário e consequentemente chega-se à sua infalibilidade pontifícia ou infalibilidade do papa. No Oriente, ao contrário, o poder eclesiástico tem sua autoridade investida desde o princípio na congregação dos fiéis. Não

existe no cristianismo do Oriente nenhum indivíduo revestido de infalibilidade, em qualquer circunstância. Existe sim o poder espiritual sucessório dos apóstolos entre os escolhidos pela congregação de fieis para a imposição da mão.

Todo este preambulo e as citações iniciais são para que voltemos às origens do cristianismo onde Cristo mostra aos seus discípulos e aos fiéis que o seguiam da necessidade primordial de evidenciar a “bondade” no caráter das pessoas.

Deus chama por diversas vezes a atenção dos israelitas através dos profetas mostrando-lhes que de nada servem seus sacrifícios se não retomarem o caminho da bondade e da misericórdia.

Cristo expulsa os vendilhões do Templo como relatado em Marcos e Mateus e mostra aos príncipes dos sacerdotes e outros judeus que se arrogavam títulos e posições ao mesmo tempo que oprimiam e sobrecarregavam o povo com sacrifícios inúteis enquanto o perfeito louvor verdadeiro vinha da boca dos inocentes e que era justamente sufocado pela classe sacerdotal.

O exemplo da Paulo a Timóteo coroa a virtude humana baseada na bondade e na misericórdia fazendo do verdadeiro cristão, quer fiel, quer sacerdote, um vaso puro e é neste vaso puro que se depositará o Corpo e o Sangue do Cristo Salvador, portanto, vivificante.

Não nos deixemos enganar com falsos ensinamentos e falsos cristos ou profetas, desviando-nos do Caminho da Verdade e da Luz, o verdadeiro Caminho da Salvação.

A TV e o rádio, estão cheios de falas macias ou falas iradas, falsos milagres, tentando angariar fiéis em verdade somente em busca de bens materiais, poucas são as divulgações ou requisições de donativos para obras caritativas ou bondosas. Mas, muitos são iludidos.

Aprender nestes próximos cinco dias de jejum ou abstinência dedicados à Virgem Maria, Mãe de Deus, nossa intercessora primeira, não é sacrifício para Deus, mas para que nós mesmos, purificando nossas mentes das coisas materiais, olhemos em volta e termos certeza de estar no Caminho da Salvação, então, repetimos: “de que me servem seus sacrifícios” e eu acrescentaria “e suas promessas”.

No relato de Mateus acima Cristo cura cegos e coxos, não pede nada em troca, Ele mostra que não quer sofrimento, mas, alegria espiritual, sacrifícios espirituais, atos de misericórdia e bondade entre os homens, compreensão e perdão, aceitação e louvor ao Pai Celestial – tornando todo o trabalho da humanidade santificado e útil ao Senhor.

Olhemos para o mundo atual, guerras, perseguições, ódio, imoralidade, sodomia, vulgarização, dessacralização, simonia, assassinatos e roubos, e diga se é verdade o que Cristo afirmou: “Grande é a seara e poucos os trabalhadores!



Cristianismo e Comunismo

Metropolita Filareto (Voznesensky 1093–1985)

Examinaremos agora a questão da relação do Cristianismo com o comunismo, precisamente, com esta forma particular de comunismo que apareceu hoje em dia, com a ideia de realizar os ideais do socialismo. Esta forma de comunismo surgiu na história como um inimigo jurado e severo do Cristianismo. Por sua vez, o Cristianismo se reconhece como completamente estranho e hostil ao comunismo, ao seu espírito e a todo conteúdo de sua ideologia.

A história da Igreja, durante a época dos Apóstolos, nos conta que aquela época teve seu próprio comunismo cristão, quando os fiéis tinham tudo em comum, como diz o livro dos Atos dos Apóstolos. Este comunismo cristão existe até hoje, na forma do monaquismo, que é considerado a melhor forma de vida ascética cristã. Assim, compartilhar a propriedade do ponto de vista cristão, não é apenas aceitável, é mais do que isso: é uma maneira brilhante e idealmente nobre de relação cristã, seguindo o exemplo dos que existiram e existem atualmente na vida da Igreja Ortodoxa.

Como são grandes as diferenças entre o comunismo cristão e o comunismo soviético. Estão tão longe um do outro

como o céu da terra. O comunismo cristão não é uma finalidade independente de si mesma, algo que o Cristianismo se esforce. Não, é o resultado e nascimento de um espírito de amor que respirava na história primitiva da Igreja. Além disso, o comunismo cristão era totalmente voluntário. Eles nunca disseram: "Nos dê tudo: isso nos pertence". Pelo contrário, os próprios cristãos se sacrificavam para que "ninguém dissesse que algo de sua propriedade era seu". Em relação ao comunismo socialista, a divisão da propriedade é uma finalidade em si, que necessita ser atingida a qualquer preço, sem nenhuma consideração. O comunismo alcança sua finalidade de uma maneira puramente coerciva, não se detém nos meios empregados, nem sequer em atingir os que não estão de acordo. A base deste comunismo não é a liberdade como nas comunidades cristãs, mas a coerção, não há amor que se auto sacrifica, mas a inveja e o ódio ...

Em sua luta contra o Cristianismo, o comunismo soviético chega aos excessos que excluem a justiça mais básica, reconhecida em todo o mundo. Em sua ideologia de classe, o comunismo soviético pisoteia a justiça. O objetivo de seu trabalho não é a felicidade comum de todos que estão sob o cuidado do estado, mas sim os interesses de uma só classe. Todo o resto dos grupos estatais e sociais de cidadãos são "deixados de lado", fora do cuidado e proteção do governo comunista. A classe que está no poder não se preocupa com eles.

Ao falar de sua nova ordem, de seu estado livre, o comunismo promete constantemente uma "ditadura do proletariado". Assim, com o tempo, o dito manifesto não deu nenhum sinal da prometida ditadura do proletariado, o que

existe é uma ditadura burocrática sobre o proletariado. Além de que, não há nenhuma manifestação de liberdade política sob esse sistema: nem liberdade de imprensa, reunião, nem inviolabilidade de residência. Somente os que viveram na União Soviética podem saber a violência e a intensidade da opressão que ali reina. Sobre tudo isso, impera um terror político que jamais foi experimentado antes: execuções e crimes, exílios e prisões em condições incrivelmente rígidas. Isto é o que o comunismo tem dado ao povo russo, no lugar da liberdade prometida.

Em sua propaganda política, o comunismo proclama que está alcançando a realização da liberdade, igualdade (querem dizer: justiça) e fraternidade. Já falamos da primeira e da segunda. A ideia de fraternidade foi retirada dos cristãos, que se chamam de "irmãos". O apóstolo Pedro disse: "Honrai a todos, amai os irmãos" (1 Pedro 2: 17). Na prática, o comunismo mudou a palavra "irmão" para a palavra "camarada". Isto é muito importante, já que os camaradas podem ser cúmplices (mas não irmãos) em qualquer atividade. Mas ninguém pode falar realmente a palavra "irmão" em nenhum lugar, onde impera a luta de classes, inveja e o ódio sem precedente.

Todas estas diferenças citadas entre o Cristianismo e o comunismo não esgotam a mesma essência da contradição entre ambos. A diferença fundamental entre o comunismo e o Cristianismo jaz ainda mais profundamente, na ideologia religiosa de ambos. Não é de se estranhar, que os comunistas lutam maliciosamente e obstinadamente contra a nossa fé. O comunismo é supostamente um sistema ateu que renuncia a toda religião. É na realidade, uma religião: uma religião

fanática, obscura e intolerante. O Cristianismo é uma religião celeste, o comunismo, uma religião da terra. O Cristianismo prega o amor a todos, o comunismo prega a luta de classes e a guerra baseada no egoísmo. O Cristianismo é uma religião de idealismo, fundada na Fé da vitória da verdade de Deus e de seu amor. O comunismo é uma religião de um pragmatismo seco e racional, que tem como objetivo criar um paraíso terreno (paraíso da saciedade animal e reprovação espiritual).

Isso significa, que assim como se põe uma cruz no túmulo de um cristão, o túmulo de um comunista é marcado por uma estaca vermelha. Simbólico e indicativo nos dois! Em um, a fé da vitória da vida sobre a morte e do bem sobre o mal. No outro, a obscuridade, ignorância, trevas e vazio, sem alegria, nem alívio e esperança para o futuro. Assim como as santas relíquias dos santos e ascetas da fé em Cristo florescem com incorruptibilidade e fragrância, o cadáver podre embalsamado de Lênin é o melhor símbolo do comunismo.

